

UM ROTEIRO DE
JOSÉ DONIZETTI MORBIDELLI

DA OBRA DE
DITINHA LIMA

FÚRIA E REDENÇÃO



"FÚRIA E REDENÇÃO"

Um Roteiro de

José Donizetti Morbidelli

Da obra de

Ditinha Lima

Copyright © JD MORBIDELLI

STORY LINE

"Fúria e Redenção" conta a saga e a vivência de uma família de imigrantes europeus no ambiente inóspito dos pampas gaúchos no início do século passado. Narra suas lutas, decepções e amores, cujas consequências refletiram até a terceira geração. Uma trama que se mistura com os conflitos que marcaram o Brasil e o mundo durante o conturbado período entre guerras. É, antes de tudo, uma história de amor, e muitas de suas manifestações.

PERSONAGENS
(EM ORDEM DE APRESENTAÇÃO)

Benjamim	Filomena
Joaquim	Samuel *
Freiras	Mulher Gorda
Wladek	Farmacêutico
Pedro	Emmi
Ainá	Kotiri
Urzula	Johannes
José	Bento
Tião	Índio
Dr. Hanz	Cacique
Teximbré	Índia
Iacumã	Pajé
Elga	Médico
Rafael *	Capanga
Oswaldo	Nicolau
Prostituta	Guarda
Helena	Enfermeira
Frederico	Filho de Nicolau
Margareth	Juíz
Jeremias	Jurado
Padre	João Boiadeiro
Antônio	Carcereiro
Tabelião	Madalena
Jurema	Doutor
Catarina *	Enfermeira 2
Elvira	Caçador
Carteiro	Caçador 2
Francisco	Guarda Gordo
Soldado alemão	Homem
Giovani	Homem 2
Lázaro	Homem 3
Dr. Augusto	
Bernardo	

* *fases: infância, adolescência e adulta*

"Não tenho culto algum,
não sigo nenhuma religião,
apenas acredito em Deus e em Jesus Cristo.
Acredito que nascemos muitas vezes
para consertarmos nossos erros.
Procuro aceitar as coisas ruins que acontecem.
Acho que tudo nessa vida tem um propósito,
incompreensível para nós,
mas não para o Criador.
Acho que não cairia nem mesmo uma folha
sem um propósito definido e calculado."

Ditinha Lima

PRIMEIRA FASE

WLADEK E BENJAMIM

1915 - 1920

"Os lábios da mulher estranha
destilam mel, e a sua boca é
mais suave que o azeite;
mas o seu fim é mais amargo
que o absinto, agudo como a espada
de dois gumes.
Por isso a ruína virá
sobre ele de improviso e num
momento ficará arruinado,
sem remédio."

Provérbios 5.3-4 e 6.15

1. INT. CONVENTO - DIA

O salão está praticamente despido de móveis, com apenas alguns bancos para orações e uma enorme imagem de Jesus crucificado na parede.

BENJAMIM, homem forte, moreno dos cabelos negros cacheados, está emocionado. Despede-se das freiras, com quem convive desde recém-nascido.

O amigo JOAQUIM faz o mesmo.

Não faltam recomendações e bênçãos.

2. EXT. ESTRADA - DIA

Benjamim e Joaquim acenam pela última vez para o convento e partem, brincando de dar empurrões como na infância.

O convento fica para trás.

3. EXT. RUA DE SÃO PAULO - DIA

São Paulo está no ápice da febre do café, as ruas cheias de imigrantes, comerciantes e barões, com cavalos lustrosos e carruagens sóbrias.

BENJAMIM

Então, acho que aqui nos separamos.

JOAQUIM

É. Chegou a hora de cada um seguir seu próprio caminho.

BENJAMIM

Você tem certeza de que não quer ir comigo para o Sul? Ouvi dizer que é uma região cheia de oportunidades, e os imigrantes estão indo aos montes para lá.

JOAQUIM

Não. Obrigado, meu amigo. Mas eu prefiro me aventurar pelo Norte.

Benjamim o abraça.

BENJAMIM

Prometa que um dia a gente vai se encontrar novamente.

JOAQUIM

Eu prometo.

4. EXT. ESTÂNCIA - DIA

Benjamim para em frente à porteira, observa a estância e a reserva de mata nativa.

POV DE BENJAMIM

Ele vê a casa, grande e de madeira, localizada num descampado, orlada por colunas de cipreste. Do lado direito, um galpão para ferramentas, algumas baias cobertas e um celeiro; e à esquerda, um pouco mais distante, um curral.

VOLTA À CENA

Benjamim bate palmas em frente à

VARANDA.

WLADEK, loiro, tronco musculoso, traços largos, de origem estrangeira e um pouco mais velho do que ele, aproxima, limpando as mãos nas calças.

WLADEK
Desejas alguma coisa?

BENJAMIM
Procuro trabalho, venho de São Paulo.

WLADEK
Como te chamas, rapaz?

BENJAMIM.
Benjamim.

WLADEK
Que sabes fazer?

BENJAMIM
Um pouco de tudo. Trabalho com gado, cavalos, e também posso cuidar de plantações.

WLADEK
Vamos entrar, está muito frio aqui. Meu nome é Wladek.

Eles entram.

5. INT. BIBLIOTECA - DIA

A saleta é repleta de estantes carregadas de livros, com uma escrivaninha ao centro, quadros e objetos decorativos. Wladek senta e Benjamim fica em pé, com as pernas doendo.

WLADEK
Estou precisando mesmo de mais um homem por aqui. Sou só eu e mais um, não damos conta do serviço.

Benjamim, timidamente, olha os livros nas estantes.

WLADEK
Esses livros são da minha esposa. Não sou bom leitor, prefiro as coisas mais práticas.

INSERT - LIVRO

Os olhos de Benjamim param num exemplar de Castro Alves.

VOLTA À CENA

WLADEK
Em que pensas, rapaz?

BENJAMIM
(envergonhado)
Nada não, senhor. Desculpe-me. Estava apenas olhando os livros.

WLADEK

Minha esposa vive perdida no meio deles, imaginando sabe-se lá o quê.
Às vezes tento ler algum, mas confesso que a leitura não é o meu forte, e acabo sempre desistindo nas primeiras páginas.

BENJAMIM

E quanto ao trabalho, senhor?

WLADEK

Acho que podemos tentar por alguns dias. Não posso pagar muito, mas aqui tens a vantagem de ter casa e comida por minha conta. Tenho uma cabana desocupada e podes se acomodar por lá. Se me acompanhar, poderás vê-la.

6. INT. CABANA - DIA

Há duas cabanas, uma ao lado da outra, ambas de madeira.

WLADEK

Essa está desocupada. Na outra mora Pedro, meu empregado que está nos campos agora.

Benjamim observa o interior, muito simples, com um pequeno quarto e uma sala. Fica contente ao ver a lareira. Há também um banheiro de fossa nos fundos, com torneira, água encanada e uma bacia de cobre para o banho.

BENJAMIM

É perfeita!

7. EXT. ESTÂNCIA - DIA

Benjamim encontra o patrão perto do curral.

WLADEK

Já te ajeitaste?

BENJAMIM

Sim, senhor. E já posso começar no serviço se me disser o que devo fazer.

WLADEK

Vamos dar uma volta pelos arredores. Assim, vais conhecendo a fazenda enquanto conversamos.

Eles caminham pela estância, mãos enfiadas nos bolsos e chapéus puxados sobre o rosto.

WLADEK

Não terás função definida. Assim como Pedro, farás o que eu achar necessário, a começar pela ordenha. Pedro não é muito paciente com os animais. Não tenho grandes plantações, apenas o suficiente para o consumo. A tarefa mais importante e que realmente sustenta a estância é o gado de corte, que crio solto nos pampas. A cada três meses reúno alguns homens para separar o gado que será vendido. Vacas prenhes e bezerros novos também são separados e trazidos para cá. É um trabalho penoso, e às vezes ficamos vários dias fora.

BENJAMIM

O senhor formou as pastagens?

WLADEK

Um pouco. Comprei a estância de um alemão falido que havia ganhado o lote do governo. Aos poucos, fui negociando novas terras e formando mais pastos. Fiz questão de deixar um bom pedaço de mata nativa. Na Polônia, víamos tão pouco de verde que meus olhos se deliciam com essas árvores todas.

Benjamim olha ao redor da planície.

WLADEK

Algo que me preocupa muito é que minha esposa fica sempre sozinha quando estou nos pampas. Com mais um empregado não preciso me incomodar tanto, pois ficarás aqui nesses períodos. Ela é frágil e doentia.

Benjamim consente com a cabeça.

8. EXT. TERREIRO - DIA

Wladek e Benjamim encontram PEDRO, homem alto e mais gordo, rosto comum, cabelos e olhos castanhos, sorridente e convidativo à amizade.

WLADEK

Pedro, quero que conheças Benjamim. Ele trabalhará conosco.

Eles trocam olhares por alguns instantes e apertam as mãos.
Wladek sai.

PEDRO

Veja, lá vem o almoço.

AINÁ, uma índia alta e gorda, trajando um vestido de chita barata em cores berrantes, aproxima-se com as marmitas.

PEDRO

Aquela é Ainá, que ajuda a patroa nos serviços da casa e lava nossa roupa. Não fique espantado, ela não é má, apenas grande.

BENJAMIM

Nunca vi uma índia de perto. Pensei que não se davam bem com os imigrantes.

Eles sentam em frente à cabana para comer.
Pedro limpa a boca na manga da camisa.

PEDRO

Pois vai ver muito. Há uma reserva aqui perto, que faz divisa com a estância. O patrão mantém um bom relacionamento com eles, até faz visitas e leva remédios e alimentos quando precisam, entende?

BENJAMIM

Acho que sim.

PEDRO

A esposa é bem mais jovem do que ele. A mulher mais bonita que já vi na vida, uma beleza de fada!

Benjamim come em silêncio.

9. EXT. ESTÂNCIA - DIA

MONTAGEM

A) Benjamim trabalha na ordena, no curral, troca tábuas podres por madeira nova.

B) Ainá circula pelo

TERREIRO, carregando lenha, farelo para os porcos, e recolhendo roupas do varal.

C) Benjamim olha com simpatia para a índia. Em seguida, vê URZULA na

VARANDA, mulher miúda e frágil, loira com longas tranças sobre o babado do xale de lã.

D) Debruçada na grade de madeira, ela vira e olha para o rapaz.

E) Benjamim aproxima para cumprimentar a patroa.

BENJAMIM

Boa tarde, senhora.

URZULA

(assustada)

Boa tarde. Deves ser o novo empregado de meu marido.

Benjamim retira o chapéu.

BENJAMIM

Sim, senhora. E tenho prazer em conhecê-la.

Urzula faz uma ligeira saudação com a cabeça e entra, não sem antes virar mais uma vez.

10. INT. SALA - TARDE

Urzula procura por Benjamim através da janela entreaberta e sacode a cabeça, expulsando os pensamentos.

11. INT. COZINHA - TARDE

Ainá prepara o jantar.

Urzula entra.

A cozinha é grande, com um imenso fogão ardendo em brasas e um varal de taquara com linguiças, chouriços e toucinho secando, armários e estantes com panelas de todos os tamanhos penduradas pelos buracos dos cabos e uma pia de água encanada.

AINÁ

Tá duente, senhora? Tá branca como cera.

URZULA

Estou bem, Ainá. Vamos cuidar de encher a barriga dos homens.

Wladek entra sorridente e faminto, exalando cheiro de esterco.

WLADEK

Está pronta a janta?

URZULA

Quase.

WLADEK
Então, vou me lavar.

12. INT. COZINHA - NOITE

O jantar é servido na própria cozinha, numa grande mesa de madeira tosca, com cadeiras igualmente cruas, de espaldar reto, duras e desconfortáveis.

Urzula, calada e perdida em pensamentos, olha para o marido de esquelha.

WLADEK
Estás sentindo alguma coisa, querida?

URZULA
Estou meio cansada. Vou me deitar.

Urzula sai.

13. INT. QUARTO - NOITE

Urzula veste a roupa de dormir, deita e recorda o casamento arranjado com Wladek.

14. EXT. PÁTIO - DIA

FLASH BACK

MONTAGEM

- A) A manhã de primavera está bonita, o altar enfeitado com flores e o pátio repleto de convidados.
- B) Urzula, com 15 anos, está vestida como noiva polonesa.
- C) Wladek, com 35 anos, sorri ao vê-la se aproximando do altar.
- D) Começa a cerimônia.

CLOSE UP - OS OLHOS DE URZULA

estão fixos no marido, mas antes de selar com um "sim" a união perante a Igreja, ela vê a imagem de Benjamim.

VOLTA À CENA

A porta do quarto range e Urzula desperta, assustada.

15. INT. QUARTO - NOITE

Wladek olha para a esposa em posição fetal no canto da cama. Tira as calças, a camisa e as botas, faz uma massagem nos pés cansados e deita devagar.

16. EXT. ESTÂNCIA - MANHÃ

MONTAGEM

- A) Os ipês amarelos e os campos floridos anunciam a chegada da primavera.
- B) Os pássaros saltam pelas ramagens, pequenos animais silvestres correm assustados.
- C) O moinho, movido à água, tritura o milho para a quirera e o fubá.

17. EXT. CURRAL - MANHÃ

Benjamim está na ordenha.

Wladek chega, chutando os latões de leite.

WLADEK

Odeio essas vacas, odeio esses montes de merda que vivo a pisar todos os dias. Não sei porque faço isso, Benjamim. Nunca recebi um único parabéns, um único agrado pelo trabalho.

As vacas fazem alvoroço.

WLADEK

Por favor, termine com isso. Não tenho paciência. Vou até a vila comprar alguns alimentos. Depois é preciso que raches um pouco de lenha. Ainá diz que irá queimar minhas calças no fogão.

Wladek acena e sai para o

TERREIRO, limpando as botas na grama na tentativa de tirar as pastas de esterco das solas.

POV DE BENJAMIM

Ele observa o patrão, segurando o riso.

18. EXT. TERREIRO - MANHÃ

Benjamim leva o latão de leite até a porta da cozinha. Urzula apanha o leite, serve-lhe uma caneca de café e volta apressada. Benjamim, paralisado, toma o café e sai.

19. INT. COZINHA - MANHÃ

Urzula, fadigada, deixa o leite para coalhar na chapa do fogão e vai à varanda tomar ar fresco.

20. EXT. VARANDA - MANHÃ

Urzula debruça na grade para olhar o céu azul.

POV DE URZULA

Ela vê Benjamim sair do celeiro com o machado nas costas, arrumar o tronco sobre o cepo e descer a ferramenta, que faz voar lascas de madeira.

Benjamim para, limpa o suor da testa com as costas da mão e retira a camisa. Olha para a varanda e seu olhar se cruza com o da patroa. Larga o machado, que cai ao lado da camisa, e caminha devagar sem desviar o olhar.

VOLTA À CENA

Urzula entra e fecha a porta.

21. INT. COZINHA - MANHÃ

Urzula encosta na parede áspera, levando as mãos de encontro ao peito. Fecha os olhos e sorri, ao mesmo tempo em que brotam lágrimas em seus olhos.

22. EXT. TERREIRO - MANHÃ

Benjamim olha a porta fechada. Passa as mãos pelos cabelos negros, enterrando os dedos pela raiz até sentir dor. Caminha apressado até a

BICA D'ÁGUA e molha a cabeça, o peito e as costas.

BENJAMIM

(pensando)

Meu Deus, o que estou fazendo? Deve ser falta de mulher. Não posso ver uma e me ponho a sonhar.

Benjamim sacode a cabeça e volta ao trabalho.

23. EXT. ESTÂNCIA - DIA

Wladek chega agitado da vila, descarrega umas sacas de mantimentos, encomendas para Ainá e pequenos mimos para Urzula. Encontra Benjamim no

TERREIRO, puxando dois cavalos pelo cabresto.
Wladek acaricia o flanco de um dos animais.

WLADEK

Gosto muito desse cavalo, Benjamim. É o meu preferido. Recolhas os outros também, não gosto que passem as noites fora das baias.

BENJAMIM

Sim, senhor.

WLADEK

Gostaria que viesses jantar conosco essa noite. Fui informado na vila que acontece uma guerra na Europa. Gostaria de conversar sobre isso?

BENJAMIM

Claro!

Wladek, satisfeito, sai cantarolando uma canção popular da região.

24. INT. CABANA - TARDE

Benjamim, ansioso, enche a bacia de cobre com água fria.

BENJAMIM

(pensando)

Será que ela disse alguma coisa para o patrão? Pelo que sei, ele nunca convida os funcionários para comer em sua casa.

Benjamim toma banho, troca de roupa e penteia os cabelos anelados, olhando no espelho pendurado na parede de madeira.

25. EXT. TERREIRO - NOITE

Benjamim, com cuidado para não pisar no esterco das galinhas, para em frente à

VARANDA, temendo entrar e sentindo-se mal em esperar.

WLADEK (O.S.)

Não fiques aí parado, homem. Entres. Estou aqui a tomar um aperitivo.

Benjamim, timidamente, obedece.

26. INT. SALA - NOITE

Benjamim observa a lareira e as poltronas de couro um tanto gastas. Na parede lateral, uma estante com várias garrafas de bebidas enfileiradas.

Wladek pega uma garrafa de aguardente e enche dois copos.

WLADEK

Senta-te. Tomas uma bebida?

Benjamim fica mais à vontade ao olhar em volta e não ver a patroa.

WLADEK

Sabes, às vezes me sinto solitário. Minha esposa não liga para nada a não ser o serviço doméstico e os próprios pensamentos. Pedro não serve como companhia, pois prefere os passeios à vila. Nunca o vejo no final da tarde. Mas não posso culpá-lo, é solteiro e livre.

Benjamim toma a bebida, sentindo a garganta queimar a cada gole. Sem saber o que fazer com os braços, descansa no encosto da poltrona a exemplo do patrão.

WLADEK

Ouvi comentários sobre a guerra na Europa. Não sei até que ponto são verdadeiros. Todos achavam que acabaria logo, que seria apenas uma ofensiva, mas a batalha continua. E disseram que minha querida Polônia está sofrendo. Que achas das guerras, Benjamim?

BENJAMIM

Acho que nenhuma guerra tem sentido, é um desperdício de vidas. A maioria dos soldados que estão nas frentes nem sabem porque estão lutando.

WLADEK

Estás certo, quem faz as guerras são os poderosos sentados em suas mesas, bem alimentados e bons oradores. Quem vive todo o horror são as pessoas simples como nós, camponeses e pais de família, numerados como gado, conhecidos somente quando voltam para serem enterrados em sua terra natal.

Ainá entra.

AINÁ

A janta já tá pronta.

Urzula entra, cabisbaixa, encosta na poltrona do marido, brincando com os dedos.

Benjamim fica sem graça.

Wladek levanta e coloca os braços sobre os ombros da esposa.

WLADEK

Vamos comer, Benjamim. Deixemos a guerra para eles que não sabem apreciar as coisas boas da vida, como o trabalho honesto ou o amor de uma bela mulher.

27. INT. COZINHA - NOITE

Wladek ocupa a cabeceira da mesa e indica uma cadeira para Benjamim.

WLADEK

(dirigindo-se a Urzula)

Ainá já se foi?

URZULA

Sim, eu mesma sirvo.

Urzula serve o primeiro prato ao marido, e depois ao convidado.
Eles comem em silêncio.
Benjamim sente os olhos da mulher queimando sua pele. Não resiste e a olha, querendo dizer alguma coisa.
Urzula levanta e vai até a pia.

WLADEK
Já terminaste, Urzula?

URZULA
Sim, Wladek. Estou sem apetite.

BENJAMIM
Perdoe-me, senhor. Estou cansado e gostaria de me retirar para dormir, se não se importa.

WLADEK
Claro que não me importo, eu entendo. Trabalhamos demais aqui, sempre foi assim. Gostaria muito que continuasses a jantar conosco. Estamos longe da vila e de pessoas, precisamos nos unir.

Benjamim levanta e não diz nada.
Wladek o acompanha até a porta.

WLADEK
Em minha estância somos todos iguais, trabalhamos juntos para ganharmos nosso sustento. Não há motivo para ficares constrangido, pois eu nada faria sem ti e Pedro. Aceites o convite, pois o faço por amizade.

BENJAMIM
Será um prazer, senhor.

28. EXT. ESTÂNCIA - DIA
É verão.

Wladek caminha sozinho, olha em volta da fazenda, o verde das pastagens, o gado reunido em pequenos grupos, o silêncio acompanhado da brisa suave.

29. EXT. CHIQUEIRO - TARDE

Benjamim luta para dividir a comida dos porcos em partes iguais.
Wladek chega.
Benjamim larga os baldes de farelo no cocho, e os porcos fazem alvoroço.

WLADEK
Onde está Pedro?

BENJAMIM
No curral, juntando o esterco.

WLADEK
Estava mesmo precisando. Diga a ele para deixar o estrume fermentando atrás do celeiro, só que mais longe de casa. Com esse calor as moscas incomodam muito.

Wladek arregaça as mangas da camisa acima dos cotovelos

WLADEK
(continuando)

Amanhã chegarão alguns peões que contratei para o serviço nos campos.

BENJAMIM
Farão a separação do gado?

WLADEK
Isso mesmo, percorreremos todo o limite da estância, separando bezerros desmamados, bois no ponto de abate e as novilhas de cria nova. Não é trabalho fácil, às vezes precisamos dormir no campo.

Benjamim pensa em dizer algo, mas fica calado.
Wladek sorri satisfeito ao ver os animais bonitos, e sai.

30. INT. CABANA - NOITE
Benjamim rola no colchão sem conseguir dormir. Vê imagens de Urzula.

WLADEK (V.O.)
Amanhã chegarão alguns peões que contratei para o serviço nos campos.

Benjamim levanta, toma um copo d'água e sai.

31. EXT. TERREIRO - MANHÃ
Os peões fazem a primeira refeição ao ar livre, à base de erva mate e carne assada na brasa.
Pedro e Wladek tomam uma caneca de café.
Benjamim chega.

WLADEK
Acordaste com o barulho dos peões?

Benjamim pega uma caneca fumegante das mãos de Ainá.

BENJAMIM
Sim, senhor.

WLADEK
Benjamim, quero que fiques aqui com Pedro cuidando das coisas. Tu sabes o que fazer.

BENJAMIM
(nervoso)
Sim, senhor. Mas também gostaria de ir.

Wladek aproxima-se, a ponto de falar baixo.

WLADEK
Mas preciso de ti na estância.
Não quero Ainá e Urzula só aos cuidados de Pedro, que é desligado e não dorme um só dia aqui, sempre na vila.

Urzula chega.
Benjamim olha para o patrão, que sorri ao ver a esposa.

WLADEK
Entendeste, Benjamim?

BENJAMIM
Sim, senhor.

WLADEK
E tu, Ainá. Aprontaste as coisas?

AINÁ
Tá tudo pronto, comida pra dois dia, fogarero, charque e pão.

WLADEK
(dirigindo-se a Urzula)
Ficarás bem, Urzula?

URZULA
Claro que ficarei.

WLADEK
Benjamim e Pedro cuidarão de ti.

URZULA
Sei cuidar de mim mesma, Wladek.

WLADEK
É claro.

Wladek abraça a esposa, beijando seus lábios de forma meio brusca. Monta, esporeia o cavalo e a procissão de seis cavaleiros sai, de dois em dois, levantando poeira pela estrada. Benjamim mantém a cabeça baixa.

32. EXT. CACHOEIRA - TARDE

MONTAGEM

- A) A cachoeira, que fica atrás da casa no meio da floresta nativa, forma uma bela piscina natural.**
- B) Uma roda em forma de moinho e alguns canos conduzem água para as dependências da estância.**

Urzula retira os sapatos, ergue o vestido até as coxas e mergulha os pés. Em seguida, deita para olhar o céu sem nuvens. Levanta de sobressalto ao ouvir um barulho vindo da água, e esconde atrás das ramagens.

POV DE URZULA

Ela vê Benjamim sair da água, nu, sacudindo os cabelos e vestindo as calças que colam no corpo molhado.

VOLTA À CENA

Urzula cobre a boca com a mão. Tenta sair de trás das ramagens, tropeça na barra do vestido e cai, chamando a atenção do rapaz.

BENJAMIM
(gritando)
Que faz aqui?

Urzula contorna o lago.

BENJAMIM
(continuando)
Que faz aqui, senhora?

URZULA
Só vim andar um pouco, estava muito quente.

BENJAMIM
Há quanto tempo está aqui?

URZULA
(cabisbaixa)
Há mais tempo do que deveria.
(encarando-o)
E há menos do que gostaria.

BENJAMIM
Acho melhor ir embora.

URZULA
Não vais nadar de novo?

BENJAMIM
Me viu nadando?

Urzula olha para as mãos, remexe os dedos.

URZULA
Sim, estavas nu e bonito.

BENJAMIM
Oh Deus! Vamos embora, sim? Esse lugar é isolado e não fica bem
ficarmos aqui de conversa.

Benjamim, sem se mover, olha para o rosto da mulher e desce o olhar até a cintura. Sente os pelos arrepiados. Morde os lábios, segura-lhe os braços, encostando o rosto dela contra seu peito.

BENJAMIM
Meu Deus, que faço?

URZULA
Me beijes, como nunca ninguém o fez.

Benjamim obedece.

URZULA
Deixe-me tocá-lo.

BENJAMIM
Não, não faça isso!

URZULA
Eu quero a ti, não a ele.

BENJAMIM

Pare!

Urzula afasta-se bruscamente. Embaraçada, arruma os cabelos com as mãos trêmulas e os olhos marejados.

BENJAMIM

Não podemos, entende? Quero você como nunca quis nada nessa vida, mas não podemos. Não suportaria olhá-lo se alguma coisa acontecesse.

URZULA

Alguma coisa já aconteceu, e faz tempo. Algo que não poderia.

BENJAMIM

Não, mas se continuar assim, vai acontecer. Por favor eu lhe peço, não deixe que me aproxime de você nunca mais. Se isso acontecer, grite, peça por socorro, me bata. Faça qualquer coisa, mas não me deixe tocá-la de novo.

URZULA

És ingênuo, Benjamim! Gosto quando me tocas, e sei que também gostas.

BENJAMIM

Gosto, adoro, tudo o que queria agora era deitá-la e fazer amor com você até o dia terminar, até não restar luz no mundo. Queria amá-la até saciar minha sede, mas está errado. Wladek existe e não podemos ignorá-lo.

URZULA

Tens teu patrão em alta conta?

BENJAMIM

Sim, gosto dele, admiro-o. É meu único amigo nesse fim de mundo.

Eles fazem uma longa pausa, olhos fixos um no outro.

BENJAMIM

Isso não vai acontecer de novo, vamos esquecer. Vou embora e você segue depois. Acredite, é melhor para todos.

Benjamim sai apressado, levando a camisa no ombro.

33. INT. COZINHA - NOITE

Urzula encontra Ainá preparando o jantar.

AINÁ

Tava preocupada, senhora. Já devia de tá em casa. Fiz o serviço suzinha.

URZULA

Estava andando um pouco.

AINÁ

A janta tá no fogão, agora tenho que ir.

URZULA

Está bem, Ainá.

Ainá, preocupada, olha para a patroa.

AINÁ
A senhora tá bem?

URZULA
Claro. Podes ir para casa descansar.

AINÁ
Vô memo, preciso vê as criança.

URZULA
Teus netos estão bem?

AINÁ
Tão que é uma beleza que só veno!

34. EXT. TERREIRO - NOITE

Ainá sai rapidamente, com medo de demonstrar sua desconfiança.

POV DE AINÁ

Ela observa a cabana de Benjamim iluminada pelo lampião, e sua silhueta através da janela olhando para a cozinha.

VOLTA À CENA

Ainá, resignada, balança a cabeça.

35. INT. COZINHA - NOITE

Urzula tranca a porta da cozinha e acende o lampião. Em seguida, vai até a

SALA, senta e adormece na poltrona.

36. EXT. PAMPAS - DIA

Os peões separam o gado.

Wladek olha o horizonte, as planícies verdes a perder de vista, salpicadas por grupos de árvores nativas, ipês e araucárias. É despertado pelo grito dos peões.

MONTAGEM

- A) Wladek monta o cavalo e parte em direção ao grupo.
- B) Uma dezena de garrotes a serem castrados segue ao piquete.
- C) Uma rês, enlouquecida, consegue se desgarrar.
- D) Wladek incita o cavalo e sai em disparada. Estica o braço à procura do laço e apeia ao se aproximar.
- E) A rês bufa e arranha o chão com a pata traseira.
- F) Wladek gira a corda no ar e joga diretamente nos chifres do animal, que começa a se debater.
- G) Wladek prende o laço no cabeçote da sela, contando que o cavalo sabe o que fazer.
- H) O alazão empina pela tração, mas aguenta o tranco.
- I) Os peões chegam para prestar ajuda.
- J) A rês corre desesperada tentando se libertar, a corda se retesa e afrouxa.
- K) O cavalo, empinado, quase não suporta os solavancos na sela.

L) A rês cai, levantando uma nuvem de poeira e soltando espuma pela boca.

M) Os peões correm e soltam o laço com cuidado.

JOSÉ, peão de confiança de Wladek, aproxima.

JOSÉ

Vai morrer, senhor.

A rês espuma e sangra pelas narinas, estica as patas numa convulsão e morre.

Wladek lamenta.

TIÃO, um dos outros peões, tira o facão do cinturão.

TIÃO

Vamos sangrar e tirar o couro, faremos um belo churrasco.

WLADEK

(desanimado)

Sim, um belo churrasco.

Wladek monta e vai cuidar do resto dos animais.

José o acompanha.

JOSÉ

Deves conservar esse cavalo, senhor.

WLADEK

Ele morrerá de velhice, pois jamais o venderei ou sacrificarei.

37. INT. COZINHA - TARDE

Urzula, ocupada com o jantar, ouve o tropel dos cavalos.

URZULA

Eles estão chegando, Ainá.

AINÁ

Sim, um monte de peão bruto e esfomiado.

Urzula, sorrindo, sai.

38. EXT. TERREIRO - TARDE

Wladek apeia, sujo e cansado. Enlaça a esposa pela cintura e beija seus lábios.

WLADEK

Tudo bem por aqui?

URZULA

(envergonhada)

Tudo como deixaste. Por lá correu como planejavas?

WLADEK

Sim, e trouxemos muita carne.

URZULA

Morreu alguma rês?

WLADEK

Apenas uma. A nossa parte da carne precisa ser salgada.

URZULA

Faças melhor, dê-a aos peões. Já temos muita e eles são pobres, sempre com família grande, muitos filhos.

Wladek, pensativo, olha para os homens com sorrisos desdentados e faz o que a esposa sugere.
Os peões partem felizes.

URZULA

Esses homens só fazem isso?

WLADEK

É só o que sabem fazer, pois não tiveram nossa sorte de serem donos de terra para cultivar. Moram em terras alheias, como Jeremias, nosso vizinho.

(carinhoso)

Sentiste minha falta?

URZULA

Sim.

Wladek, com olhar sedutor, beija seus cabelos e aperta seus seios.

WLADEK

Agora digas a Ainá que me chames Benjamim. Mataremos a saudade mais tarde.

Urzula, calada, entra rapidamente.

39. INT. COZINHA - NOITE

Benjamim e Urzula ficam nervosos durante o jantar.

Wladek narra o episódio da rês enfurecida.

Benjamim, discretamente, desvia o olhar para a mulher.

BENJAMIM

O jantar estava ótimo, senhor. Mas preciso me retirar.

WLADEK

Está bem. Eu também preciso de um descanso. O dia foi longo e duro.

Benjamim sai.

WLADEK

Vamos dormir, Urzula?

URZULA

Se não te importas, gostaria de lavar essa louça antes.
Podes ir, sei que estás cansado.

WLADEK

Ainá cuidará disso amanhã, está escuro e o lampião não clareia muito.

URZULA

Ainda não estou com sono, acho que vou ler um pouco.

WLADEK

Mas nós não vamos dormir, entendes?

URZULA

Faz mal de barriga cheia.

WLADEK

Urzula, deixes de fugir de mim. Que há contigo? Cada vez que me aproximo, encolhes-te toda como se fosses tocada por um animal repugnante. Não me amas mais?

URZULA

Eu te amo, mas amor não é só sexo. Tu não esperas que eu o deseje?

WLADEK

Esperar como? Acho que deverias sentir o mesmo que eu.

URZULA

Como, tu nem te importas comigo.

WLADEK

É claro que me importo. Eu te amo. Dou-te de tudo.

URZULA

Só não me dás o que preciso.

WLADEK

E de que mais precisas? Mais dinheiro?

URZULA

Tu és nojento!

WLADEK

Tu não me amas, ou então amas como amaria a um pai. No entanto sou homem, quero que me ames como tal.

Urzula, chorando, sai.

40. INT. SALA - NOITE

Wladek senta no escuro com um copo de aguardente. Olha para o corredor que dá acesso ao quarto. Torna a encher o copo e toma num gole só. Em seguida, levanta, meio incerto, e segue pelo

CORREDOR. Vira o trinco, mas a porta está trancada por dentro. Enfurecido, bate o ombro de encontro ao carvalho. Na segunda investida, a porta abre com um estrondo.

41. INT. QUARTO - NOITE

Urzula finge que dorme.

Wladek deita e a abraça pelas costas.

URZULA

Wladek, por favor, me deixes dormir. Já chega por hoje.

WLADEK

Quero-te agora, e por Deus eu a terei. Quero uma mulher, não uma massa inerte. Faça sexo comigo ao menos hoje, senão não sei o que farei.

Urzula submete-se aos seus desejos.

Wladek, ao finalizar, retorna à lucidez. Senta na beira da cama, tapando o rosto com as mãos.

WLADEK

Urzula, meu amor, por favor me perdoes. Não sei o que me deu.

Urzula permanece acordada por muito tempo, virada de costas para o marido.

42. INT. COZINHA - MANHÃ

Urzula, deprimida, senta-se à porta, encostada num canto do batente para ver o dia nascer. Cobre as pernas com as pregas do vestido. Ainá chega.

AINÁ

Já acordada, senhora?

Urzula não responde.

Ainá empilha gravetos na boca do fogão.

AINÁ

Num tá se sentino bem?

Urzula levanta e senta à mesa.

URZULA

Estou bem.

Ainá trabalha e olha constantemente para a patroa.

Wladek entra e toma uma caneca de café, sem encarar ninguém, e sai.

43. INT. COZINHA - NOITE

Wladek, Urzula e Benjamim comem em silêncio.

WLADEK

Amanhã sigo até a vila para tratar da venda do gado que separamos. Posso me demorar, pois o mercado está difícil. Talvez tenha até que seguir à capital para negociar bom preço. Os compradores reclamam que o gado perde a metade do peso até chegar em São Paulo.

BENJAMIM

Muitos pecuaristas estão mandando só a carne salgada. Por que não tenta dessa forma?

WLADEK

Sei. Sei disso, Benjamim. O charque rende mais dinheiro e o mercado de couro está crescendo. No próximo ano vamos trabalhar assim. A carne salgada dura meses e o Norte precisa do nosso produto. Essa é a melhor forma de vendê-la.

Benjamim assente com a cabeça, e em seguida se levanta.

BENJAMIM
Já vou, senhor.

WLADEK
Está bem. Amanhã saio de madrugada, portanto quero que cuides dos porcos também. Digas a Pedro para cortar mais cana, as vacas de leite estão precisando de complemento de pasto.

BENJAMIM
Boa noite, senhor. Boa noite, senhora.

Benjamim apanha o chapéu no chão e sai.

44. EXT. HORTA - TARDE
Urzula e Ainá trabalham nos canteiros de verduras.

AINÁ
Parece que o patrão num vorta mai hoje.

URZULA
Ele deve dormir na vila, na casa do Dr. Hanz.

AINÁ
Então, é mió a senhora vortá pra casa e trancá bem as porta e janela.

URZULA
Está quente ainda, Ainá. Vou ficar mais um pouco. Além do mais, o que pode me acontecer nesse fim de mundo?

AINÁ
Num sei, mas anda muita gente estranha nas estrada e o patrão num tá.

URZULA
Não te preocupes. Nada de ruim pode me acontecer.

AINÁ
Tá enganada, senhora. O pior tá dentro de cada um de nós, anjo e demônio habita nos coração. Num deve dá atenção a eles, senão pode fazê bestera.

URZULA
Que queres dizer com isso?

AINÁ
Deve sabê mió do que eu, mas num preocupe cumigo. Só num quero que a patroa sofra mai.

Ainá sai rebolando o corpo enorme, embrenhando pela mata, a caminho da aldeia.
Urzula sorri.

45. EXT. VARANDA - NOITE
Urzula caminha de um lado para outro.

POV DE URZULA

Ela observa um vulto escuro saindo do estábulo, enrolando um laço entre o cotovelo e o ombro.

46. EXT. TERREIRO - NOITE
Benjamim recolhe os cavalos e despede-se de Pedro.

POV DE BENJAMIM

Ele fica parado olhando para Urzula. Baixa a cabeça e segue para a

CABANA.

47. EXT. VARANDA - NOITE
Urzula encosta na parede e fecha os olhos. Em seguida, entra e tranca a porta.

48. INT. SALA - NOITE
Urzula está apreensiva.

POV DE URZULA

Ela olha constantemente para a cabana de Benjamim através da janela.

VOLTA À CENA
Urzula pensa um pouco, apaga a lamparina e sai.

49. EXT. TERREIRO - NOITE
Urzula caminha pelo escuro. Para em frente à porta da cabana, que está encostada. Hesita por um instante, mas toma coragem, empurra e entra.

50. INT. CABANA - NOITE
Urzula observa a saleta com curiosidade. Ouve sons de água vindo de outro cômodo. Senta-se na cama e espera.
Benjamim, assustado, fica sem graça por estar com a toalha enrolada na cintura.
Eles trocam olhares por alguns instantes, em silêncio.

BENJAMIM
Que faz aqui?

URZULA
Não sei, só sei que tinha que vir tentar esclarecer essa coisa toda.
Não faço ideia do que está acontecendo. Por favor, me ajude.

BENJAMIM
Acho melhor não falarmos, senão tudo se torna real demais. Deve ir embora, nada mais acontecerá. Esqueça.

Benjamim vira as costas.
Urzula aproxima-se.

BENJAMIM
Acho que a melhor solução é que eu me vá. Posso trabalhar em qualquer lugar, é muito mais digno da minha parte. Eu seria um porco nojento se deixasse que algo acontecesse entre nós. Ele não merece.

Benjamim vira-se.

BENJAMIM

(continuando)

Ele é meu amigo, admiro sua coragem e bondade. Não quero me sentir um traidor e estou dividido entre o que desejo e o que não posso ter.

URZULA

Ele é bom. Gostaria que não fosse, seria mais fácil. Mas ele é terrivelmente bom!

BENJAMIM

Por Deus, não diga mais nada. Vá para casa.

URZULA

Acho que devemos conversar agora, talvez não tenhamos outra chance. Não me julgues mal, só não sei o que fazer com o que sinto.

BENJAMIM

Nunca a julgaria, se é isso que teme. Mas o amanhã existe e virá. Então, será muito pior.

Benjamim toca sua face com a ponta dos dedos.

BENJAMIM

(continuando)

Quero você, não penso em outra coisa. Só não fui embora ainda porque me contento em tê-la por perto, vê-la de longe. A minha parte racional diz que devemos deixar as coisas como estão.

Benjamim vira-se novamente, ficando de costas para ela.

CLOSE UP - GOTINHAS DE ÁGUA

correm pelos ombros de Benjamim.

Urzula cola os lábios em suas costas, sugando-as.

BENJAMIM

Se não parar com isso, não sei o que farei. Saia daqui agora.

Urzula beija suas costas e corre a mão pelo seu corpo. Benjamim vira-se e a beija de forma violenta e carinhosa ao mesmo tempo. Em seguida, leva-a para a cama e arranca seu vestido.

BENJAMIM

Eu a amo, amo, amo mais do que a mim mesmo

Eles fazem amor, e ficam abraçados durante muito tempo.

URZULA

Jamais esquecerei o que aconteceu.

BENJAMIM

Nem eu. Nunca senti nada igual, e nunca sentirei.

URZULA

Que faremos agora?

BENJAMIM

Não sei, Urzula. Só espero que achemos um meio de nos vermos de novo, no momento é só o que me preocupa.

URZULA
Estás com remorso?

BENJAMIM
Não, embora pense nele. Acho que o que sinto por você é maior e diferente. É como se você fosse feita para nós dois. É estranho, não me sinto mal ao pensar nele. Gostaria que ele compreendesse esse sentimento. Acha que sou louco ao pensar assim?

URZULA
Também penso assim, pois gosto dele. Acho que o amo, de forma diferente. Não tenho remorsos. O que fizemos foi só o que estava escrito que faríamos mais cedo ou mais tarde. Foi bonito e sincero.

Urzula senta-se na cama, e começa a se vestir.

URZULA
(continuando)
Tenho que ir. Logo Ainá chegará e quero estar no meu quarto antes disso.

BENJAMIM
Eu a amo.

URZULA
Eu também.

Urzula deita-se.
Eles se abraçam novamente.

51. INT. COZINHA - MANHÃ
Passam-se dois meses.
Wladek aproxima-se de Ainá, que cuida dos afazeres.

WLADEK
Ainá, tenho percebido que Urzula está diferente.

AINÁ
De que desconfia, senhor?

WLADEK
De nada, mas ela está mais estranha do que de costume.

AINÁ
Tá mai feliz, só isso.

WLADEK
Mas por quê?

AINÁ
Num posso dizê porque tamém num sei. Devia se alegrá com isso e num ficá acabrunhado como tá.

WLADEK
Estou feliz, muito feliz!

Wladek sai.

52. INT. COZINHA - DIA

Wladek e Urzula almoçam, sob os olhos atentos da empregada, que prepara a marmitta dos empregados.

WLADEK

Precisamos decidir o que faremos no Natal. Faltam apenas duas semanas.

Urzula, pálida e suando frio, passa a mão pela testa.

URZULA

Wladek, não me sinto bem.

WLADEK

O que foi? Que sentes?

Urzula desmaia.

Wladek levanta e corre, a tempo de impedir que ela caia no chão. Ainá larga as marmitas e ajuda.

WLADEK

Vamos levá-la para o quarto, Ainá.

53. INT. QUARTO - DIA

Wladek coloca Urzula na cama.

AINÁ

Vô fazê um chá.

Wladek acaricia a testa da esposa.

WLADEK

Andes depressa.

Ainá reaparece com uma caneca de chá.

Eles forçam sua garganta, sem resultado.

Urzula permanece desmaiada, branca e gelada.

WLADEK

Ainá, acho melhor chamar o Dr. Hanz. Peças a Benjamim para selar meu cavalo.

Ainá sai, apressada.

54. EXT. CHIQUEIRO - DIA

Ainá encontra Benjamim castrando os leitões.

AINÁ

Sele o cavalo do patrão. A senhora tá desmaiada e ele vai buscá o doutô.

BENJAMIM

Calma, Ainá. Me conte devagar, senão não entendo.

Ainá conta o ocorrido.

Benjamim obedece, preocupado e apressado.

55. EXT. TERREIRO - DIA

Benjamim entrega o cavalo a Wladek à frente da varanda.

WLADEK

Ainá, Benjamim, cuidem dela. Tentem despertá-la. Vou à vila buscar o Dr. Hanz e volto o mais rápido possível.

Wladek dá meia volta e sai com o rebenque a bater nas ancas do animal.

56. EXT. CASA DO MÉDICO - DIA

Wladek bate palmas em frente à casa do médico. Como ninguém atende, abre a maçaneta e entra.

57. INT. CASA DO MÉDICO - DIA

O DR. HANZ, homem baixo e gordo, de olhos azuis, aproxima-se ao ouvir o barulho da porta.

DR. HANZ

Wladek, como vais meu amigo?

Eles apertam as mãos.

WLADEK

Estou bem, Hanz. É Urzula, ela caiu sem sentidos na hora do almoço e desmaiou.

DR. HANZ

Que tens dado a ela para comer?

WLADEK

Por favor, não é hora para brincadeiras.

DR. HANZ

Calma, homem. Já vamos vê-la, mas venha tomar um café antes.

WLADEK

Não quero café, estou preocupado.

O Dr. Hanz limpa os óculos na frauda da camisa e apanha uma maleta de couro.

DR. HANS

Então, vamos.

58. EXT. CASA DO MÉDICO - DIA

O Dr. Hanz atrela um velho e cansado cavalo à charrete, também velha. Eles partem para a estância.

59. INT. QUARTO - DIA

Urzula, desperta, está pálida e com olheiras profundas. Ainá e Benjamim permanecem ao lado da cama.

DR. HANZ

Deixem-me a sós com ela. Quero fazer alguns exames.

Wladek sai de má vontade, acompanhado de Ainá e Benjamim, que tenta disfarçar a aflição olhando de soslaio para a cama.

60. INT. SALA - DIA

Wladek, nervoso, caminha de um lado para outro, fazendo menção de ir para o quarto.

DR. HANZ (O.S.)
Te acalmes, homem.

Dr. Hanz entra.

WLADEK
Senta-te, Hanz. E me digas o que tem minha mulher.

DR. HANZ
Fiques tranquilo, não é nada de grave. O que acontece é que vais ser pai, somente isso.

**CLOSE UP - OS OLHOS DE WLADEK
brilham. Sem pronunciar uma palavra, ele abre um sorriso que se transforma numa gargalhada.**

WLADEK
Pai! Serei pai depois de anos de casado? Isso é maravilhoso, já havia perdido as esperanças, te daria um charuto se tivesse. Daqui a quanto tempo?

DR. HANZ
Faltam ainda sete meses.

WLADEK
Como é possível, Hanz? Faz mais de cinco anos que nos casamos e somente agora teremos um filho. Por que demorou tanto?

DR. HANZ
Nunca se sabe. Agradeça a Deus e reze para que tudo corra bem.

WLADEK
Por quê?

DR. HANZ
Urzula é miúda e está muito magra, a bacia é estreita.

O Dr. Hanz fica sério.

DR. HANZ
(continuando)
Terá que fazer repouso durante toda a gestação. Os recursos aqui são precários.

WLADEK
Os médicos têm esse defeito, primeiro as boas notícias e depois soltam o resto sem piedade. Urzula corre algum risco?

DR. HANZ

Nada acontecerá, acredites. Os índios têm seus filhos no meio do mato, sem assistência nenhuma, e tudo corre bem. Será assim também com ela. Virei vê-la todos os meses, quero acompanhar de perto o desenvolvimento da criança.

Wladek fica insatisfeito.

DR. HANZ
(continuando)

Wladek, sei que é difícil, mas deves evitar as relações ao menos até os quatro meses. Apenas para garantir.

WLADEK
É claro, meu filho merece qualquer sacrifício.

O Dr. Hanz levanta.
Wladek retira umas notas do bolso.

WLADEK
Quanto te devo, Hanz?

DR. HANZ
Esqueça a consulta, estou aqui como amigo.

O Dr. Hanz caminha até a porta e vira.

DR. HANZ
(continuando)
Aqueles leitões estão gordinhos?

WLADEK
Estão no ponto.

DR. HANZ
(bem-humorado)
Então, me mandes um para a ceia de Natal. Isso compensará o trabalho que tive em aturar tua impaciência.

Wladek o acompanha até a

VARANDA.

61. INT. QUARTO - DIA

Wladek entra timidamente, encostando a porta devagar. Beija a testa da esposa.

WLADEK
Estás melhor?

URZULA
Estou bem agora, e tu? Estás feliz?

WLADEK
Muito, nunca senti nada igual.

Urzula sorri, feliz pelo marido.

WLADEK

Quero que fiques de repouso. Ainá cuidará de ti.

URZULA

Amanhã estarei melhor, apesar do enjoo e do mal estar.
Wladek, o doutor te explicou que não podemos... bem, não podemos... tu
sabes bem o quê.

WLADEK

Sim, não te preocupes que não te perturbarei. Quero o melhor para
nosso filho, quero-o muito.

Urzula sorri e desvia o olhar, pensativa.

62. EXT. CHIQUEIRO - TARDE

Benjamim, com a ajuda de Pedro, termina a castração dos porcos.
Wladek chega, radiante.

BENJAMIM

E Urzula, como está?

WLADEK

Está descansando. Tenho um boa notícia, podes perceber pelo meu
semblante?

BENJAMIM

Vejo que está contente. Qual é a boa notícia?

WLADEK

Benjamim, eu vou ser pai. Urzula está grávida de dois meses. Depois de
cinco anos de casados, nós teremos um filho.

CLOSE UP - OS OLHOS DE BENJAMIM

**brilham. Ele sente ímpetos de pular de alegria e aperta a mão do
patrão.**

BENJAMIM

Parabéns!

Pedro faz o mesmo.

63. INT. COZINHA - DIA

Ainá e Urzula charqueiam um leitão para o almoço de Natal.
Wladek entra com um cordeiro.

URZULA

Quem virá para a ceia?

WLADEK

Nós aqui, mais Benjamim, Pedro, o Dr. Hanz e família.

AINÁ

O senhor vai me descurpá, mas eu vou passá o dia com o meu povo.

URZULA

Ainá, mas por quê?

AINÁ

É que tenho passado pouco tempo com eles.

WLADEK

Está certo, Ainá. Mas diga ao chefe Teximbré que venha buscar um garrote. Será o meu presente.

AINÁ

Ele num vai recusá a oferta, senhor. Vai ficá é muito contente.

64. EXT. TERREIRO - MANHÃ

É véspera de Natal.

O chefe TEXIMBRÉ para em frente à varanda acompanhado de duas índias jovens, seminuas.

Urzula assusta com a altivez dos Kailang.

TEXIMBRÉ

Teximbré vem buscar garrote.

URZULA

Podes esperar um pouco. Vou chamar meu marido.

65. EXT. CURRAL - MANHÃ

Urzula encontra Wladek e Benjamin no curral, terminando a ordenha.

URZULA

(dirigindo-se a Wladek)

O chefe índio está aí, deseja falar-te.

WLADEK

Está sozinho?

URZULA

Não, vem com duas índias. E acho que vi mais alguém distante.

WLADEK

Deve ser IACUMÃ. Teximbré não anda sozinho.

Urzula sente náuseas e tapa a boca com as mãos.

Benjamim percebe e a olha com ternura.

WLADEK

Benjamim, leves o leite até a cozinha.

66. EXT. TERREIRO - MANHÃ

Eles caminham até os índios.

BENJAMIM

Iacumã não é nome de uma cachoeira?

WLADEK

Sim, Benjamim. E a queda d'água também serve de morada para as caiporas, segundo os nativos. O nome tem vários significados, lugar onde o rio é tragado, salto grande e grande bramidor.

BENJAMIM

Interessante, mas me fale mais das caiporas.

WLADEK

Urzula te contarás, vou ter com eles.

Benjamim e Urzula ficam a uma certa distância do grupo.

POV DE BENJAMIM

Ele observa Wladek entretido com o chefe dos índios.

VOLTA À CENA

Benjamim desce o latão de cobre dos ombros.

BENJAMIM

E você, como está? O bebê está bem?

URZULA

Sim, mas estou com medo. Tu sabes bem o porquê. Não sei que rosto terá essa criança. Wladek é bom, mas não posso imaginar sua reação se descobrir a verdade.

BENJAMIM

É meu filho, não é?

URZULA

Tenho certeza que sim.

BENJAMIM

Eu a amo. Morro de saudade e também tenho medo, mas o amor me fortalece. Só de pensar que você existe, já tenho forças para tudo.

URZULA

Que faremos?

BENJAMIM

Não sei, vamos esperar uma oportunidade para falarmos disso, daremos um jeito.

URZULA

Vejas, Wladek volta.

Wladek aproxima-se com uma manta indígena.

WLADEK

(dirigindo-se a Urzula)
Contaste a ele das caiporas?

URZULA

Não, estávamos falando dos índios.

POV DE WLADEK

Ele vira e vê os índios afastarem, puxando o garrote por uma corda.

VOLTA À CENA

WLADEK

Não os culpo por não confiarem nos brancos. Afinal, eram os donos da terra até chegarmos e expulsá-los de seu território.

BENJAMIM

O presidente criou há alguns anos o Serviço de Proteção ao Índio.

WLADEK

É, criou. Mas estamos tão longe das leis e do resto do Brasil que ninguém sabe disso, ou finge não saber. É mais fácil ignorar o sofrimento alheio do que ajudar.

BENJAMIM

Isso há de acabar um dia.

URZULA

(dirigindo-se a Wladek)
O que é isso?

INSERT - MANTA

Os três olham para a manta nas mãos de Wladek.

VOLTA À CENA

WLADEK

Um presente deles para o bebê. Não é uma bonita manta?

URZULA

(apreensiva)
Linda!

Benjamim ergue o latão de leite e caminha para a

COZINHA.

67. INT. CABANA - NOITE

Benjamim, pensativo, senta na cama. Depois de um tempo, levanta-se, procura um pedaço de papel e caneta, e escreve um bilhete.

68. INT. COZINHA - MANHÃ

Benjamim chega bem cedo.

Urzula, que acende o fogo, leva um susto.

URZULA

Que fazes aqui tão cedo?

BENJAMIM

Depressa, pegue esse bilhete e o queime depois de ler. Preciso ir para o curral. Se tiver resposta, me escreva e coloque embaixo da minha porta à noite. Não se esqueça de que a amo.

Benjamim sai depressa.

Urzula lê o bilhete.

BENJAMIM (V.O.)

Urzula, pensei muito na nossa situação e cheguei a uma conclusão. Wladek é um bom homem e um grande amigo, mas meu amor por você é maior que a consideração que nutro por ele. Podemos fugir juntos da fazenda para criarmos nosso filho longe daqui. Me responda rápido para que eu possa me curar dessa ansiedade. Eu a amo, e também amo o nosso filho.

Estou disposto a viver em qualquer lugar, desde que seja junto de vocês.
Benjamim.

69. INT. SALA - DIA

O almoço de Natal é servido na sala.
Além de Wladek e Urzula, estão presentes Benjamim, Pedro, o Dr. Hanz e sua esposa ELGA.
Benjamim evita olhar para Urzula.

70. INT. SALA - DIA

Os convidados vão embora.
Urzula está cansada.

WLADEK

Vou falar com Benjamim, amanhã começaremos a cortar o mate. Por favor, cuides do nosso pimpolho.

URZULA

Claro que sim.

WLADEK

Urzula, te cuides também. Não saberia viver sem ti.

Urzula, sem dizer nada, caminha para o quarto.

71. INT. QUARTO - TARDE

Urzula procura por papel e caneta, e escreve um bilhete.

POV DE URZULA

Ela observa Wladek e Benjamim caminhando até o galpão através da fresta da janela.

72. EXT. TERREIRO - TARDE

Urzula corre até a

CABANA de Benjamim. Joga o papel dobrado pela janela entreaberta e volta para a

VARANDA, com as faces coradas.

73. INT. QUARTO - TARDE

Urzula deita e chora.

URZULA

(pensando)

Benjamim, eu te amo, muito, muito. Mas não posso magoar Wladek. Me perdoes.

74. INT. CABANA - NOITE

Benjamim lê o bilhete.

URZULA (V.O.)

Querido Benjamim.

Wladek é bom demais para mim. Sei que não o amo como a ti, mas não posso deixá-lo. Quanto ao nosso filho, espero que ele nunca descubra. Não saberia viver com essa dor.

Benjamim sai.

75. EXT. VARANDA - NOITE

Wladek está sentado.

Benjamim aproxima-se e senta na cadeira de palha ao lado do patrão.

WLADEK

Benjamim, por que nunca te casaste?

BENJAMIM

Acho que nunca pensei nisso com seriedade.

WLADEK

Agora tens um trabalho fixo e seguro, casa e um salário razoável. Podes procurar uma mulher para te fazer companhia. Eu a receberia de braços abertos e Urzula ficaria feliz em ter outra companheira para conversar além de Ainá.

BENJAMIM

Sei que assim seria, mas não encontrei ainda uma mulher com a qual queira passar a vida inteira.

Mas, me conte das caiporas, fiquei curioso.

WLADEK

Ah! As caiporas! Nunca acreditei muito, mas os velhos e os índios juram que eram reais. Contam que mandavam no Alto Uruguai, nesses vales todos e ninguém conseguia matá-las porque era preciso acertar um tiro no umbigo, o único lugar em que a bala entrava. Eram peludas e andavam com os pés virados em sentido contrário para confundir os perseguidores. Dizem, e tem gente que jura pela Bíblia Sagrada, que um dia saltaram pelas pedras do Salto do Iacumã e nunca mais voltaram. Foram para o Paraguai e Argentina. Há até quem diga que foram viver nos Andes, no meio da neve.

BENJAMIM

Isso deve ser conversa, imaginação dos índios.

WLADEK

Nunca se sabe o que se passa por essas matas, nunca se sabe.

76. EXT. ESTÂNCIA - TARDE

É inverno.

Um vento frio sopra as planícies e as copas das araucárias ao cair da tarde.

77. INT. COZINHA - TARDE

O vento faz barulho ao bater na janela.

Urzula solta um gemido, apoiando as mãos no espaldar da cadeira.

WLADEK

O que foi, Urzula? Que sentes?

URZULA

Nada demais, somente uma dor terrível nas costas.

WLADEK

Estás branca como cera. Ainá, podes ajudar?

Ainá analisa a barriga da patroa.

AINÁ

Se tá dueno assim é porque chegô a hora. É mió deitá e esperá.

WLADEK

Ficarás conosco, Ainá?

AINÁ

É claro que vô ficá. O senhor num vai chamá o doutô?

WLADEK

Vou agora mesmo.

URZULA

Wladek, não quero ficar sozinha. Estou com medo.

WLADEK

Nada tens a temer, meu amor. Ficarás aqui com Ainá e Benjamim.

WLADEK

Ainá, por favor chame Benjamim e diga para selar meu cavalo.

Ainá sai rapidamente.

WLADEK

Fiques calma, Urzula. Tudo dará certo.

URZULA

Não sei se poderei suportar, Wladek. Só espero que um dia me perdoes.

WLADEK

Não há nada a ser perdoado, querida. Ficarás bem, e nós teremos um lindo filho.

Benjamim entra, ofegante.

BENJAMIM

Wladek, o cavalo está selado.

Urzula não diz nada, apenas sente uma umidade correr por suas pernas, formando uma poça a seus pés. Olha para o chão, cheia de vergonha.

BENJAMIM

É o bebê?

WLADEK

Sim, Benjamim. Fiques aqui com Ainá. Vou à cidade chamar Hanz.

BENJAMIM

O senhor deve ficar com ela, eu vou buscar o médico.

WLADEK

Não, não aguento ficar esperando. Tu és mais paciente, preciso de ação.

Wladek coloca o poncho e sai.

AINÁ

É mió a patroa ir pro quarto.

Urzula olha para Benjamim e, com a ajuda de ambos, segue para o

QUARTO e deita-se.

Ainá olha para Benjamim que, embaraçado, sai.

78. INT. SALA - TARDE

Benjamim vê Ainá passar várias vezes com panelas de água quente. Nervoso, ele a cerca.

BENJAMIM

Pra que é toda essa água, Ainá?

AINÁ

É pra quando o bebê nascê. Precisa tomá banho e as coisa que o doutô vai usá tamém precisa passá pela água quente.

Benjamim continua parado à sua frente.

AINÁ

Sussega, Benjamim. Num vô dizê nada. Tenho visto muita coisa nesse mundo. Sou véia o suficiente pra num querê sabê o que aconteceu, mas num quero que o patrão sofra, e acho que tu tamém nada vai dizê.

Benjamim não suporta a aflição, vai para o

QUARTO e senta ao lado da cama.

URZULA

Graças a Deus estás aqui, não suportaria passar por isso sem ti.

BENJAMIM

Ficarei até Wladek voltar com o médico.

URZULA

Estou com medo de morrer.

BENJAMIM

Não morrerás.

Benjamim segura sua mão, olha para a porta e, não vendo Ainá, beija sua boca.

Urzula acaricia seus cabelos e solta um novo grito.

BENJAMIM

Senhor, o que faço?

Benjamim dá um salto ao ver Ainá entrar com mais uma panela de água.

AINÁ

É mió esperá o patrão lá fora, eu fico com ela agora.

BENJAMIM

Sim, é melhor que seja assim.

(dirigindo-se a Urzula)

Estou com você em pensamento, não se preocupe que tudo correrá bem.

Benjamim aperta suas mãos sem se importar com Ainá que, discretamente, arruma alguma coisa. Em seguida, sai.

79. EXT. VARANDA - TARDE

O frio aumenta.

Benjamim, cabisbaixo, senta no degrau da escada. Levanta-se ao ouvir o tropel dos cavalos.

O médico desce com dificuldades da charrete, arrastando a maleta.

WLADEK

Cuides dos cavalos, Benjamim. Como está ela?

BENJAMIM

Do mesmo jeito.

79. EXT. TERREIRO - TARDE

Benjamim caminha com o cavalo.

WLADEK

(gritando)

Benjamim, podes ir para a sua cabana depois.

Benjamim não responde.

80. INT. SALA - NOITE

O Dr. Hanz dispensa Wladek e Ainá com um gesto.

Wladek, impaciente, enche um copo de conhaque e toma de um gole só.

Passam-se algumas horas.

Wladek ouve os gritos de Urzula.

O Dr. Hanz entra.

WLADEK

O que se passa, Hanz. Por que demoras tanto?

O Dr. Hanz limpa as têmporas.

DR. HANZ

Estamos com dificuldades. A criança está virada, isso dificulta tudo.

WLADEK

E ela, como está?

O Dr. Hanz não responde.

WLADEK

Escutes, Hanz. Eu a quero viva. Nada no mundo me é mais precioso do que minha esposa, e eu não vou perdê-la para um bebê.

Wladek chega mais perto do médico.

WLADEK

(continuando)

Portanto, se tiveres que escolher já tens minha decisão.

DR. HANZ

Estás louco, homem! Não disse nada disso, e não posso fazer isso também.

WLADEK

Mas vieste aqui para que eu decidisse, não é?

DR. HANZ

Wladek, me escutes. Estamos com problemas lá, não sei mais o que fazer, mas isso não quer dizer que eu possa tirar o bebê a ferros. Não temos recursos, não posso sacrificar uma vida pela outra. Isso é contra tudo e qualquer ética médica.

WLADEK

Não me importa a ética! A ética que vá para o inferno! Eu quero a minha mulher viva!

O Dr. Hanz arregala os olhos.

AINÁ (O.S.)

(gritando)

Doutô, a patroa num tá boa.

O Dr. Hanz corre para o

QUARTO, acompanhado de Wladek.

Ele pressiona a barriga inchada de Urzula.

DR. HANZ

Acho que Deus está nos ajudando, sinto a criança se mover. Vamos, Urzula. Força, só mais um pouco, força!

Wladek fica impressionado ao ver o lençol branco tingido de sangue. Desesperado, caminha de um lado para outro.

81. EXT. VARANDA - NOITE

Benjamim observa a névoa fina e espessa cobrir o terreiro. Ouve um berro animal, seguido de um choro de criança, muito fraco.

82. INT. SALA - NOITE

Benjamim entra apressado com ímpetos de ir ao quarto.

Ainá passa por ele, chorando e sem dizer nada, com uma trouxinha ensanguentada que berra e esperneia.

Benjamim anda pelo

CORREDOR até a porta do

QUARTO, quase esbarrando no Dr. Hanz que sai limpando os óculos na ponta da camisa, seguido por Wladek com o olhar perdido.

POV DE BENJAMIM

Ele observa o corpo de Urzula sobre o cama através da porta entreaberta.

VOLTA À CENA

Benjamim apoia no umbral da porta. Em seguida, sai à procura de Ainá.

83. INT. QUARTO DE VISITAS - NOITE

Benjamim encontra Ainá mexendo na trouxinha, parando apenas para limpar as lágrimas com o avental.

BENJAMIM

Ela morreu, Ainá? Morreu, não é mesmo?
(gritando)

Meu Deus, o que farei agora?

AINÁ

(soluçando)

Morreu, Benjamim. Perdeu quase tudo do sangue que tinha no corpo.

Benjamim, desesperado, enterra as mãos nos cabelos.

AINÁ

Controle, controle o que sente, senão vai desgraçar a vida do menino. O patrão num deve sabê nunca, num sei o que fará se desconfiá. Ele é o único que pode dá uma vida decente pro menino.

Benjamim continua desesperado.

AINÁ

(continuando)

Sofra quando tivé suzinho, mas num sofra agora.

Ainá mostra-lhe a criança.

AINÁ

(alegrando-se)

Veja, é um menino. Tão pequeno e sem mãe. Vai precisá do cê, e dele também.

Benjamim aproxima-se da cama e olha o menino. Aos poucos controla o sofrimento e chora, em silêncio.

84. INT. SALA - NOITE

Benjamim encontra Wladek, sentado, no escuro.

BENJAMIM

Senhor, eu sinto muito. Meu Deus, como sinto.

Wladek move a cabeça e o fita com olhos desvairados, loucos.

Benjamim fica assustado com sua expressão, e sai.

Wladek, revoltado, grita. Vai caindo, dobrando o corpo até alcançar o chão, e se enrola como um feto.

85. INT. QUARTO - NOITE

O Dr. Hanz limpa carinhosamente a testa de Urzula com um pano úmido.

Benjamim entra e quase cai ao vê-la.

DR. HANZ

Não sou Deus, filho. Não pude salvá-la embora tenha feito o que estava ao meu alcance. Deus quis assim.

BENJAMIM
Mas o que houve?

DR. HANZ
Hemorragia, não aguentou o esforço de trazer o filho ao mundo. Estamos num lugar isolado, sem recursos para uma cesariana. Talvez isso lhe salvasse a vida.

BENJAMIM
O senhor precisa ver Wladek, ele está enlouquecendo. Não pode dar-lhe um remédio para que se acalme um pouco?

DR. HANZ
Não vou dar remédio algum a ele. Certas dores devem ser sentidas como um cálice de vinho amargo, que se deve beber devagar e sentindo bem o gosto. No início é terrível, mas quando chega ao fim, já se acostumou e a dor se transforma em lembrança suportável. Todos os sentimentos devem ser vividos na íntegra, e a dor é um dos mais importantes, pois nos leva a Deus.

O Dr. Hanz vai até a janela.

DR. HANZ
(continuando)
Benjamim, reconheço que Wladek não tem condições de resolver nada agora. Portanto, tudo terá que ficar por tua conta. Acho que terás de fazer um caixão. Sabes trabalhar com madeira?

BENJAMIM
(mortificado)
Sim.

DR. HANZ
Pois comece, já está amanhecendo. Vou à cidade tomar as providências do enterro e avisar os vizinhos.

86. INT. QUARTO DE VISITAS - NOITE
Ainá, ainda chorando, enrola o bebê no cobertor.
Benjamim entra.

BENJAMIM
Ainá, o doutor está chamando. Como está se virando com o pequeno?

AINÁ
Tá com fome, num sei o que fazê.

BENJAMIM
Peça a Pedro que o leve para a reserva. Deve haver alguém lá que possa amamentá-lo. Depois que tudo isso passar, veremos como ficam as coisas.

AINÁ
Viu o patrão?

BENJAMIM
Creio que está na sala com Pedro.

87. INT. SALA - NOITE

Wladek, sentado na poltrona, balança para frente e para trás.
Ainá chega com a criança.

AINÁ

Senhor, num qué conhecê seu fio? É um lindo menininho.

WLADEK

Meu filho? Esse menino é um assassino. Mantenha-o longe de mim, Ainá.
Não suporto nem saber que existe.

Ainá afasta-se depressa, protegendo a criança nos braços. Entrega-o a Pedro, cochichando em seu ouvido o que deve ser feito.

88. INT. SALA - MANHÃ

Wladek permanece na sala. Ouve as marteladas vindas do galpão, cada uma soando como uma punhalada contra seu peito.

89. INT. GALPÃO - MANHÃ

Benjamim confecciona o caixão. O suor, a dor e as lágrimas o cegam por completo, fazendo com que erre os pregos e acerte o martelo nos dedos.

90. INT. SALA - DIA

Os vizinhos e alguns amigos da cidade chegam para o velório de Urzula. Wladek permanece sentado, imóvel, olhando para o caixão da mulher. Benjamim sai.

91. EXT. VARANDA - DIA

Benjamim senta-se num canto.
Ainá senta-se ao seu lado.

BENJAMIM

Ele se parece com quem, Ainá?

AINÁ

É difícil de dizê, mas os cabelo são escuro e os zóio tamém vão ficá escuro, assim como os seu. Se parece contigo, com uns traço da mãe.

Benjamim sorri, mas logo fica sério e preocupado.

AINÁ

É um home de sorte, Benjamim. A patroa sempre dizia que o pai era moreno.

BENJAMIM

Não faço ideia de como irá terminar tudo isso, mas não tenho medo. Ficarei aqui e darei meu amor a ele, mesmo que de longe. Pedro já o trouxe de volta?

AINÁ

Já, ele tá no quarto durmino.

BENJAMIM

Deixe-me vê-lo.

AINÁ

Venha cumigo.

92. INT. QUARTO - DIA

Benjamim, emocionado, segura a criança no colo, meio desajeitado.

93. EXT. ESTRADA - MANHÃ

O cortejo do enterro segue a pé e a cavalo.

Wladek não está presente.

Os homens revezam para carregar o caixão até o

CEMITÉRIO, onde Urzula é sepultada.

Benjamim chora, em silêncio, ao ver o caixão ser coberto pela terra.

94. INT. SALA - DIA

Benjamim e Ainá encontram Wladek debruçado sobre uma garrafa de aguardente.

Benjamim, com dificuldades, carrega o patrão até o quarto.

95. INT. COZINHA - DIA

O tempo passa e, aos poucos, a vida volta à rotina normal.

Ainá serve uma caneca de café a Benjamim, que ajoelha para apreciar a criança enrolada em cobertores, numa cesta de palha sobre a cadeira.

AINÁ

Como tá o patrão? Tem falado com o cê?

BENJAMIM

Não. Sei menos que você, que agora está morando aqui.

AINÁ

Ele num come, num dorme direito, tá se destruindo aos poucos. Escuto os passos dele no quarto durante a noite inteira, tá bebendo demais também.

BENJAMIM

Eu sei. Não liga mais para a estância, e eu estou tendo que fazer o meu trabalho e o dele. Eu e Pedro já não estamos dando conta. Mal conseguimos manter as coisas em ordem aqui, quanto mais nos pastos.

AINÁ

Benjamim, ele sempre confiava na sua amizade. Converse com ele, esqueça que é o patrão, fale de home pra home. Seja duro, pois é disso que ele precisa. Tente despertá nele o amor pelo menino. Esse amor vai salvar ele de se matar, como tá tentando fazer.

BENJAMIM

(pensativo)

Está certa, Ainá. Algo precisa ser feito. Vou falar com ele, mas empreste-me o bebê.

Benjamim apanha o menino com cuidado. Nota seus cabelos escuros, e a cor castanha dos olhos. Sorri, despreocupado.

BENJAMIM

O cabelinho dele é negro como a noite.

AINÁ

Como os seus, Benjamim.

BENJAMIM

Ele vai perceber, não é ignorante. Vai me odiar e também à criança.

AINÁ

Não, tem que tê amor antes de notá a feição da criança, e o sogro dele tinha o cabelo assim tamém. E vê se esconde o que sente pelo menino, num demonstre perto dele. Vai tê que escondê isso até o fim da vida, se quisé que ele tenha um bão futuro.

BENJAMIM

Está certa de novo, Ainá. Eu não teria coragem de fazer nada que pudesse magoá-lo ainda mais.

AINÁ

Agora vá, o patrão tá na sala e num bebeu nenhuma gota até agora. É a sua chance.

Benjamim leva a criança à

SALA, e encontra Wladek encolhido dentro de um poncho colorido. Senta e o olha de esquelha.

WLADEK

Que queres?

BENJAMIM

Conversar um pouco. Veja, lhe trouxe o menino. É uma bela criança, se parece com a mãe e o avô. Não gostaria de vê-lo?

WLADEK

Não quero ver nada. Tire-o de perto de mim.

BENJAMIM

Escute, Wladek. Você não tem o direito de se alienar do mundo dessa forma. Esse garoto precisa de você. Pense que existe mais gente à sua volta que sofre, que não é o único. Não pode largar tudo por minha conta, estou trabalhando por mim e por você. A estância está largada às moscas, faz meses que não olhamos o gado nos pampas.

Acorde e volte a tratar da sua vida, por você e pelo menino. Urzula deve estar se remexendo no túmulo ao ver o filho que tanto quis largado dessa forma.

WLADEK

Perdeste o respeito? Não me chamas mais de senhor?

BENJAMIM

Não, você é meu amigo. Afinal estou criando seu filho, e só um amigo faz isso.

WLADEK

Vás para o inferno! E carregues contigo esse assassino!

Benjamim, enfurecido, deixa a criança na poltrona, agarra Wladek pelo colarinho do poncho e desfere um soco em seu queixo. Furiosos e ofegantes, eles trocam olhares.

Wladek passa a mão pelos lábios rachados. Senta-se, esconde o rosto entre as mãos e solta um lamento profundo.

WLADEK

Estou me afogando, tens razão. Talvez isso passe um dia.

Benjamim fica mais calmo.

BENJAMIM

Passará, mas precisa se esforçar. Veja o menino. Vocês precisam um do outro agora.

Benjamim coloca a criança à frente do patrão. Wladek olha o menino durante muito tempo, franze as sobrancelhas, demonstrando um lampejo de ternura. Descobre as mãozinhas e observa o movimento dos dedos lhe agarrando o polegar e tentando levá-lo à boca. Retira depressa, como se o toque lhe queimasse a mão.

WLADEK

Leve-o agora, já vi.

Wladek levanta o rosto e encara Benjamim profundamente.

WLADEK

(continuando)

Com quem achas que parece?

BENJAMIM

Não sei. Ainá diz que se parece com o pai de Urzula.

WLADEK

Realmente ele tinha os cabelos escuros, mas não tanto assim. Sempre achei que se tivesse um filho, ele seria uma réplica minha.

BENJAMIM

Se parece com ela também.

WLADEK

Não preciso dele para me lembrar dela. Na verdade, gostaria de esquecer, não suporto essa ausência.

Benjamim fica calado por um instante.

BENJAMIM

Ele ainda não tem nome.

WLADEK

Já que nos lembrará do avô, darei-lhe um nome parecido. Chame-o de RAFAEL. Irei registrá-lo amanhã. Agora, por favor, me deixes só.

Benjamim sai satisfeito.

96. INT. COZINHA - MANHÃ
Ainá tira as cinzas do fogão.
Wladek entra.

AINÁ

Já de pé, senhor?

WLADEK

Sim, vou à cidade. Precisas de algo para a casa?

AINÁ

Se preciso? Logo vô tê de cozinhá capim.

WLADEK

Então, me faças uma lista do que precisas enquanto tomo algo quente.

AINÁ

Inda num tem café, mas logo tá pronto. E eu num posso fazê lista nenhuma porque num sei lê nem escrevê.

WLADEK

Está bem, digas que eu escrevo.

Wladek pega lápis e uma folha de papel.

WLADEK

O menino fez barulho à noite, tem boa saúde?

AINÁ

Ah, ele é um anjo. Muito sossegado, basta tá limpo e com a barriga cheia que num dá travaio.

WLADEK

E o que tens dado a ele para comer?

AINÁ

Os bebê num come, senhor. Ele só toma leite.

WLADEK

Eu sei, Ainá. Quero saber que leite dás a ele.

Ainá termina de arrumar o fogo e de pôr a chaleira de água para ferver. Senta em frente a Wladek.

AINÁ

O senhor tava muito abalado, num podia tomá nenhuma decisão. Por isso eu e Benjamim tomamo liberdade em algumas coisa. Ele precisava de leite, chorava feito um condenado. Então, Benjamim disse pro Pedro levá ele na reserva, lá tem uma jove com uma menina pequena. Ela dá de mamá tamém pro Rafael, vem aqui cinco ou seis veis por dia. Durante a noite, eu dou chá na cuié.

WLADEK

(envergonhado)

Fico muito grato a todos, Ainá. Gostaria de conhecer a jovem que amamenta Rafael e recompensá-la pelo trabalho.

Ainá serve uma caneca de café ao patrão.

AINÁ

Num vai aceitá recompensa. Ela faz porque gosta, e o senhor nunca incomodô nós. Até ajuda por demai.

WLADEK

Sei que o seu povo passa por dificuldades, mas não quero que se sintam humilhados. Quando faltar mantimentos ou caça, fale comigo. Umás cabeças de gado não me farão falta.

AINÁ

Que Deus abençoe a sua bondade. Agora no inverno a plantação foi queimada pela geada, e as criança tão sempre duente.

Wladek vai até a porta e olha a planície, com a caneca na mão.

97. EXT. ESTÂNCIA - TARDE

É primavera, e os campos estão carregados de flores e pássaros.

98. EXT. VARANDA - NOITE

Benjamim e Wladek descansam.

Ainá traz Rafael no cesto de bambu.

O menino, com dois meses, sorri aos agrados e acompanha os movimentos com os olhos.

AINÁ

Trouxe Rafael pra fazê companhia. O tempo esquentô e agora ele pode ficá aqui fora um pouco.

BENJAMIM

Me dê, Ainá.

WLADEK

Gostas de crianças, Benjamim?

BENJAMIM

Quem não gosta? Acho impossível que exista alguém que não ligue para elas.

Wladek olha com atenção para Rafael.

Benjamim fica intrigado.

WLADEK

Venhas comer comigo todas as refeições, Benjamim. Não gosto de ficar sozinho à mesa.

Wladek levanta e olha o céu.

WLADEK

(continuando)

Acho que lhe devo um agradecimento. Nunca toquei no assunto, mas aquela bofetada me abriu as ideias, além dos lábios.

BENJAMIM

Irei às refeições se assim deseja, mas não me agradeça por nada. Talvez um dia você me odeie tanto que também me bata.

WLADEK

Não deixarei que me ofendas a esse ponto. Acho que te mataria antes disso.

Benjamim, calado, brinca com Rafael.

WLADEK

Vamos entrar e tomar uma bebida.

99. INT. SALA - NOITE

Benjamim e Wladek sentam-se, calados.

Wladek enche dois copos de conhaque.

Benjamim toma devagar. Em seguida, levanta, fazendo a poltrona ranger, e vai até a

COZINHA, onde Ainá lava a louça do jantar.

BENJAMIM

Precisa de ajuda, Ainá?

AINÁ

Claro que num preciso, mas memo assim agradeço. O cê precisa ajudá é o patrão.

BENJAMIM

Você precisa ver como é que ele está.

AINÁ

Ele precisa de muié.

BENJAMIM

Não devia dizer isso.

AINÁ

E num é só ele que precisa. Todo home precisa, é a lei do Criador.

BENJAMIM

Essa seria uma solução momentânea, e não creio que haja uma mulher que ele deseje.

AINÁ

Num precisa gostá, é só pra tê um poco de carinho. Agora vai que preciso dormi, o menino acorda de noite.

Benjamim sai em silêncio para a cabana.

100. EXT. ESTÂNCIA - DIA

Benjamim e Wladek caminham.

BENJAMIM

O que você acha de irmos juntos para a vila?

WLADEK

Fazer o que lá?

BENJAMIM

Ora, não suporto mais ver você, Ainá e Pedro. Acabaremos por enlouquecer aqui. Precisamos ver outras coisas além de nós mesmos.

WLADEK

(pensativo)

Tu estás certo, Benjamim. Vamos para a vila essa tarde.

Benjamim sorri, satisfeito, lançando a mão sobre o ombro do amigo.

101. EXT. CIDADE (RUA PRINCIPAL) - TARDE

Benjamim e Wladek chegam a cavalo.

MONTAGEM

A) O movimento é intenso, muitas carroças, charretes e pessoas fazendo compras.

B) Algumas olham para Wladek, fazendo comentários nas rodinhas.

C) Em frente aos portões, senhoras com vestidos até os pés, e jovens com saias mais curtas, deixando à mostra os sapatos e as canelas com meias de seda.

102. INT. ARMAZÉM - TARDE

Camponeses suados tomam cachaça.

Wladek e Benjamim encostam no balcão e tomam duas canecas de cerveja, observando o movimento intenso.

WLADEK

Não me sinto bem aqui, vamos visitar o Hanz?

BENJAMIM

Vamos, eu também não gosto de tanta gente perto de mim.

WLADEK

Vamos encarar o problema de frente, Benjamim. Somos dois caipiras acostumados com a nossa gente e o cheiro do curral.

103. EXT. ESTRADA - NOITE

Wladek e Benjamim, alegres, cavalgam de volta para a estância à claridade da lua cheia.

BENJAMIM

Vamos galopar um pouco?

Benjamim nem espera pela resposta, e sai a galope.

Wladek o acompanha.

104. EXT. VARANDA - NOITE

Wladek e Benjamim estão sentados.

Ainá chega com Rafael, que está com quase um ano.

Rafael ensaia os primeiros passos e senta aos pés dos dois homens, olhando de um para o outro.

RAFAEL

(apontando para Benjamim)

Pá.

Benjamim fica preocupado.

RAFAEL

(apontando para Wladek)

Pá.

Benjamim fica aliviado.

Wladek, sorrindo, põe o menino no colo e lhe dá alguns brinquedos.

WLADEK

Peguei o jornal na colônia hoje, Benjamim. Há notícias de que a guerra está no fim.

BENJAMIM

Como as pessoas conseguem saber o que se passa do outro lado do mundo?

WLADEK

É simples, a colônia é formada quase que só de imigrantes que têm parentes na Europa. Eles mandam os jornais de lá, ou contam por carta. Tenho fé de que logo a Polônia também estará livre do jugo alemão.

BENJAMIM

Acho isso ótimo!

WLADEK

Foi graças à intervenção dos Estados Unidos. A Alemanha está semidestruída, não tem a mínima chance.

BENJAMIM

Uma guerra não ajuda a ninguém.

Wladek senta Rafael aos seus pés.

WLADEK

Mas ajudará o Brasil. Eles não têm mais nada, e o Brasil tem condições de exportar muita coisa que temos e que foi destruída por lá. Vamos crescer com essa guerra.

BENJAMIM

E o que temos? Gado?

WLADEK

Não somente gado. São Paulo tem lã, algodão. Eles precisam disso, tudo o que tinham foi destruído pelos canhões franceses, ingleses e italianos. Serão obrigados a comprar pelo nosso preço.

BENJAMIM

Como sabe de tudo isso?

WLADEK

Eu me informo.

BENJAMIM

Sabe o que penso quando ouço falar em guerra? Só penso nos rapazes que se alistam, entusiasmados por defender a pátria, ignorando o que seja uma batalha. Vão cantando belas canções de heroísmo e chegam às trincheiras. Ouvem o som dos canhões e veem os companheiros morrendo às dúzias como gado nos matadouros, o melhor amigo com os intestinos de fora, atingido por um morteiro. Sentem a dor nas montanhas geladas. Daí eles tomam consciência do desperdício de vidas por uma briga que não provocaram. Matam pessoas que nem conhecem, as quais chamam de inimigos. Quando penso nisso, dá até vontade de cuspir na pátria e nos generais.

WLADEK

Não sabia que entendias tanto de guerras, nem que eras um pacifista tão ardoroso.

BENJAMIM

Sou mesmo e estudei um pouco sobre guerras, é um assunto de que gosto. A guerra corrompe as pessoas. Os veteranos não sentem tanto, pois têm para onde voltar: família, trabalho. Mas e quanto aos jovens? Tudo o que aprendem é matar, não lhes resta nada na vida civil, apenas lembranças amargas. Ele não sabem fazer mais nada, somente matar.

WLADEK

Estás coberto de razão, Benjamim.

Benjamim, mau-humorado, sai.

Wladek fica espantado com seu conhecimento. Olha intensamente para Rafael, prestando atenção em cada detalhe de seu rosto.

WLADEK

(gritando)

Ainá.

AINÁ

Num precisa gritá tanto, tô aqui.

WLADEK

Tome o menino, estou cansado e vou dormir.

Wladek sai apressado.

105. INT. QUARTO - NOITE

Wladek, ofegante, encosta a porta e apanha um baú no armário, com recordações da família. Encontra uma foto dos pais posando sorridentes. Espalha o monte pela cama até encontrar o pai de Urzula. Aproxima a foto do lampião, fica enfurecido e vai para a

COZINHA, onde Ainá ajeita as panelas.

AINÁ

Que fais aqui, senhor? Já ia me deitá.

WLADEK

Olhes isso, Ainá. É a fotografia do avô de Rafael. Me digas o que vês?

AINÁ

Acho que é parecido com o menino.

WLADEK

Parecidos? Estás cega, nada têm em comum. No entanto vejo em Rafael algo que me é familiar, uma semelhança que não consigo identificar.

Ainá, calada, pega Rafael e sai.

Wladek fica na cozinha, examinando a fotografia e murmurando consigo mesmo.

Ainá reaparece, preocupada.

Wladek vai para o

QUARTO, com um litro de aguardente embaixo do braço.

106. INT. COZINHA - MANHÃ

Ainá termina de coar o café.

Wladek entra com estardalhaço, batendo as cadeiras e tropeçando nas próprias pernas.

AINÁ

Bom dia, patrão. Qué café?

WLADEK

Não quero nada. E esse não será um bom dia. Será o inferno, o maior que já viste na tua vida.

AINÁ

Pra que tanta brabeza?

WLADEK

Onde está Benjamim?

Ainá, boquiaberta, não responde.

INSERT - GARRUCHA

A garrucha está presa ao cinto de Wladek.

VOLTA À CENA

WLADEK

Vamos, Ainá. Me digas onde está Benjamim.

AINÁ

Acho que num levanto. Inda um veio tomá o café. E, pelo amor de Deus, num vá fazê bestera.

WLADEK

Pois acho que está no curral. Vou vê-lo.

Wladek sai, cambaleando.

Ainá vai para o

QUARTO DE RAFAEL, senta-se na cama e reza com o menino no colo.

107. EXT. CURRAL - MANHÃ

Wladek está encostado na porteira do curral, chapéu puxado sobre a testa e mastigando uma haste de capim.

POV DE WLADEK

Ele observa Benjamim chegando lentamente.

VOLTA À CENA

BENJAMIM

Bom dia, Wladek.

WLADEK

Não será um bom dia.

(irônico)

Amigo.

Benjamim fica preocupado.

WLADEK
Arreie os cavalos, vamos sair.

BENJAMIM
Não acho prudente com essa neblina. Não se enxerga um palmo a frente do nariz.

WLADEK
Vamos sair agora, Benjamim.

Benjamim obedece.
Pedro chega, cantarolando uma canção.

BENJAMIM
Pedro, preciso sair com Wladek. Acho que terá que fazer sozinho a ordenha hoje.

PEDRO
Pode deixar comigo. Bom dia, patrão.

Wladek não responde e caminha para o

ESTÁBULO.
Benjamim o acompanha.

INSERT - AGAGA E GARRUCHA
Wladek carrega a adaga e a garrucha no cinto.

VOLTA À CENA
Eles cavalgam lado a lado pela

ESTÂNCIA, sob a névoa densa.
Bem longe de casa, Wladek para, balançando a sela.

WLADEK
Vamos desmontar.

Benjamim obedece, calado.
Eles sentam num tronco caído.

WLADEK
Agora me contes toda a história, traidor desgraçado. Quero saber todos os detalhes sórdidos para poder matar-te depois.

Benjamim baixa a cabeça.

WLADEK
(continuando)
Vamos, rapaz. Não quero te matar antes de ouvir tudo.
Não sabes do que falo? Vou refrescar tua memória, falo do menino. É teu filho, não é?

Benjamim continua em silêncio.

WLADEK

(continuando)

Sabes, estive pensando toda a noite, meditando, e o rosto do menino me lembrava alguém, porém não conseguia saber quem. A verdade caiu como um raio na minha cabeça.

(gritando)

Já sentiste um raio na cabeça te partindo os miolos? Partiu meu cérebro em vários pedaços. Quando foi? Quando saí para os campos? Me digas, cão do inferno, me digas.

Benjamim levanta e fica o mais longe possível.

BENJAMIM

Não empesteie as coisas dessa forma, Wladek. Nada foi de caso pensado.

WLADEK

Que direito tinhas de me traíres assim? Aproveitaste da minha ausência para dormir com minha mulher? Fazes ideia de como me sinto?

Wladek o segura pelos colarinhos do poncho, saca a garrucha e encosta o cano em sua frente.

WLADEK

(continuando)

Grites agora, desgraçado. Negues, digas que não me traíste!

BENJAMIM

Me mate se quiser, se acha que isso lhe trará paz. Não sei se compreenderá, mas tudo o que ela queria era lhe dar um filho. Achava que dessa forma o faria mais feliz. Sempre soube que o estéril era você, não ela. Urzula o amava, bem mais que a mim.

Wladek tem um acesso de náusea, tomba sobre o tronco e vomita.

BENJAMIM

Bebeu demais?

Wladek limpa a boca com a barra do poncho e tenta levantar.

WLADEK

Fugas enquanto podes. Aproveites da minha embriaguez se quiseres viver, porque se ficares vou matá-lo da maneira mais cruel que possa existir.

BENJAMIM

Não vou fugir. Sou seu melhor amigo, embora não creia. Está magoado e não lhe tiro a razão. Bem que você poderia compreender que agora somos só nós dois para criar o menino. O que importa quem o fez?

WLADEK

(chorando)

Por que, Benjamim? Por quê? Tu eras meu melhor amigo, meu único amigo. Eu te odeio, tanto quanto um inimigo pode odiar o outro.

Wladek levanta, ainda cambaleando, puxa o arreio e monta. Mira Benjamim e dispara a garrucha, acertando no tronco de um pinheiro. Em seguida, sai a galope, incitando o cavalo e desaparecendo na névoa. Benjamim senta-se, enterra a cabeça entre as pernas e chora.

108. EXT. ESTÂNCIA - MANHÃ

Wladek galopa pelo pasto nas proximidades da estância com o vento batendo em seu rosto.

INSERT - TRONCO DE ARAUCÁRIA

Wladek não percebe um grosso tronco de araucária.

VOLTA À CENA.

Os instintos do cavalo também falham. Ambos são lançados ao chão.

109. EXT. VARANDA - DIA

Ainá está preocupada, com Rafael pendurado na cintura. Benjamim chega.

AINÁ

(gritando)

Por Deus, home! Me diga o que aconteceu. Tô morreno de preocupação!

BENJAMIM

Nada aconteceu e aconteceu tudo, não sei dizer.

AINÁ

Ele sabe de tudo, num é memo?

BENJAMIM

Sabe sim, Ainá. Voltou para cá?

AINÁ

Inda num chego. Mas conte logo, home.

110. EXT. ESTÂNCIA - DIA

Wladek permanece no pasto, desmaiado. O cavalo também está caído, com uma das patas quebradas.

111. INT. COZINHA - DIA

Ainá serve um copo de café a Benjamim.

BENJAMIM

Isso é tudo. Foi assim que aconteceu.

AINÁ

E onde acha que ele tá agora? Que vai fazê?

BENJAMIM

Nada, vou ficar e aguentar o que vier. Não vou abandonar meu filho. Se tiver que partir terei que levá-lo comigo, e essa não é a melhor solução.

AINÁ

O patrão nunca vai deixá o menino ir embora, nunca vai dá ele pro cê.

112. EXT. TERREIRO - DIA

Ainá encontra Benjamim cortando os galhos de um pinheiro com a foice.

AINÁ

Benjamim, ele inda num vortô, tô preocupada. Por favor, vai vê se acha ele.

BENJAMIM

Não sei se devo, Ainá. O que posso lhe dizer se o encontrar?

AINÁ

Num diga nada, só traga ele pra casa.

Benjamim, pensativo, olha para o céu, larga a foice e caminha para o ESTÁBULO.

113. EXT. ESTÂNCIA - DIA

MONTAGEM

- A) Wladek acorda zozzo, passa a mão pela nuca e encharca a mão de sangue, tentando se lembrar do que faz ali deitado no meio do pasto.
- B) Tenta virar o corpo, mas não consegue. Sente um peso e um calor excessivo nas pernas, uma respiração ofegante e dolorida.
- C) Levanta a cabeça com esforço e arregala os olhos ao ver o cavalo caído sobre suas pernas, expelindo sangue a cada golfada de ar.
- D) Apoia nos cotovelos e percebe as patas dianteiras do animal viradas para frente, num ângulo anormal e grotesco.
- E) Desesperado, limpa a testa com as costas da mão, vira o rosto e vê o tronco caído.
- F) Triste com o animal agonizando de dor, procura a garrucha no cinto mas não a encontra. Percebe-a a pouca distância, e estica o braço com dificuldades para pegá-la.
- G) Apanha um cartucho no cinto, engatilha a garrucha e mira a testa do animal.
- H) Chorando, vira o rosto e dispara, jogando a arma para longe.
- I) Grita, espantando os pássaros que estão nas proximidades.

BENJAMIM (O.S.)

(gritando diversas vezes)

Wladek!

WLADEK

Estou aqui.

POV DE WLADEK

Ele vê Benjamim vindo a galope.

VOLTA À CENA

Benjamim salta do cavalo.

BENJAMIM

Por Deus, o que houve?

WLADEK

Primeiro o cavalo, depois conversamos. Desgraçado, eu gostaria de apertar tua garganta até ver-te arroxear e morrer devagar.

Benjamim, ignorando-o, retira o laço da sela do animal morto. Prende a outra ponta no cabeçote da sela de seu cavalo e o incita com o rebenque.

BENJAMIM

Vamos, amigo. Puxe.

O cavalo obedece.

Wladek fica aliviado sem o peso sobre suas pernas.

Benjamim, sem encarar o amigo, retira o laço.

BENJAMIM

Consegue se levantar?

WLADEK

Não sinto minhas pernas, não sinto nada. Talvez tenhas que me arrastar.

Wladek, engolindo em seco, pega um punhado de terra e aperta entre os dedos.

WLADEK

(continuando)

Que vais fazer?

BENJAMIM

Se não consegue se levantar, vou ter que voltar à estância e fazer uma padiola.

Benjamim puxa o cavalo, sem olhar para trás.

114. EXT. ESTÂNCIA - DIA

Benjamim aproxima-se com o cavalo arrastando uma esteira. Segura o patrão pelas axilas.

BENJAMIM

Agora vamos devagar. Primeiro o tronco, depois as pernas.

Benjamim arruma suas pernas e puxa o cavalo lentamente.

115. EXT. TERREIRO - DIA

Benjamim chega à porta da cozinha, arrastando Wladek na esteira.

Ainá e Pedro correm ao seu encontro.

AINÁ

(gritando)

Meu Deus, o que tem o patrão?

BENJAMIM

Pedro, me ajude a colocá-lo na charrete. Tenho de levá-lo ao Dr. Hanz.

AINÁ

Foi tombo de cavalo?

WLADEK

Foi, Ainá. Mas pares com essa ladainha. Ainda não estou morto.

Benjamim e Pedro colocam Wladek na charrete.
Ainá cobre o patrão com uma manta.

AINÁ
O doutô sabe o que fais, num é Benjamim?

BENJAMIM
É claro que sabe, Ainá.

AINÁ
Vô ficá rezano.

BENJAMIM
Faça isso, vamos precisar.

116. INT. CONSULTÓRIO MÉDICO - TARDE
O Dr. Hanz passa a mão pelo queixo.
Wladek não gosta da expressão do médico.

DR. HANZ
Wladek, nada posso fazer aqui. Acho que quebraste a espinha, mas
preciso de uma segunda opinião ou de uma radiografia, o que só poderá
ser feito no hospital da cidade vizinha.

WLADEK
Não vou a hospital nenhum. Se tu não podes dar um jeito, talvez seja
melhor que eu vá para casa

BENJAMIM
Você vai sim, nem que eu precise amarrá-lo.

WLADEK
Se te restas ainda alguma fé em Deus, não me dirijas a palavra.

O Dr. Hanz olha de um para o outro.

DR. HANZ
O que houve entre vocês?

BENJAMIM
Nada, doutor. Não houve nada.

117. INT. HOSPITAL (SALA DE ESPERA) - NOITE
Benjamim anda de um lado para outro.
O Dr. Hanz aparece com dois homens vestidos de branco.

DR. HANZ
Benjamim, precisamos conversar.

Eles sentam no sofá de espera.

DR. HANZ
Wladek fraturou a espinha, como eu já havia previsto. Achamos que
nunca mais andará.

BENJAMIM

Ele já sabe?

DR. HANZ

Sim. Eu achei melhor dizer logo de uma vez. Ele não seria enganado muito tempo, não é bobo.

BENJAMIM

E como reagiu?

DR. HANZ

Foi horrível. Todo aquele ódio desapareceu, tive medo do que vi.

118. EXT. TERREIRO - NOITE

Ainá corre ao ver uma grande carroça se aproximando. Tapa a boca com as mãos ao perceber a gravidade da situação. Benjamim a adverte com um olhar furioso. Eles usam a esteira e levam Wladek para a

CASA.

119. INT. COZINHA - NOITE

Benjamim e o Dr. Hanz estão com as aparências cansadas.

AINÁ

Vô preparará alguma coisa pra cumê.

BENJAMIM

Não quero nada, Ainá. O doutor quer?

DR. HANZ

Também não, estou chocado demais com tudo isso. Parece um pesadelo.

O Dr. Hanz puxa uma cadeira e senta-se, limpando os óculos com a ponta da camisa amarrotada.

DR. HANZ

(continuando)

Houve alguma briga entre vocês?

Benjamim pega uma caneca de café.

BENJAMIM

Tivemos uma discussão violenta.

DR. HANZ

Daí ele pegou o cavalo e saiu como louco?

BENJAMIM

Sim, foi isso mesmo.

DR. HANZ

Havia bebido muito?

BENJAMIM

Creio que sim, mas agora isso não importa. É muito tarde para procurar culpados.

DR. HANZ

Poderia perguntar qual o motivo da discussão?

Benjamim não responde.

DR. HANZ

(continuando)

Está bem. Se não queres dizer, não digas.

AINÁ

Acha que o patrão num vai andá mai, doutô?

DR. HANZ

Não gostaria de iludir ninguém, Ainá. Os ossos vão se soltar, é evidente, mas os nervos não receberão mais ordens do cérebro. Não recuperarão o movimento.

AINÁ

Ele ia preferi tê morrido.

120. INT. CONSULTÓRIO MÉDICO - DIA

Passa-se um mês.

O Dr. Hanz retira o gesso de Wladek.

Benjamim está encostado no batente da porta.

WLADEK

Então, Hanz. Não vou mais andar mesmo, não é?

DR. HANZ

Wladek, escutes. Veja pelo lado positivo, poderias ter morrido.

WLADEK

Achas que eu não preferiria essa alternativa? Ainá terá de continuar me ajudando a tomar banho. Vou precisar sempre de alguém que me abra as calças toda vez que quiser urinar. Ou melhor, farei tudo nas calças mesmo, e a velha índia terá que me limpar como faz com Rafael.

DR. HANZ

Não sejas cínico, Wladek. Existe cadeira de rodas, podemos dar um jeito sempre.

SEGUNDA FASE

RAFAEL

1921 - 1938

"Surge nas trevas uma luz
para o justo,
piedosa, clemente, generosa,
feliz o homem que se
compadece e empresta;
que administra seus bens
pela justiça."

Salmos 112.4-6

1. EXT. TERREIRO - DIA

Rafael, com quatro anos, caminha ao lado de Benjamim com a corda na mão, girando-a no ar.

RAFAEL

Benjamim, veja o que faço com o laço.

BENJAMIM

Grande, Rafael. Muito bom mesmo.

AINÁ (O.S.)

(gritando)

Eu já vô pô o armoço na mesa. Venham cumê logo, senão esfria.

BENJAMIM

Está na hora do almoço.

RAFAEL

Não gosto de comer.

BENJAMIM

Mas o seu estômago me disse que está vazio e quer se encher. Vamos, não seja teimoso.

RAFAEL

Está bem. Mas que eu não gosto, não gosto.

Benjamim e Rafael caminham para a

VARANDA, onde Wladek os espera, na cadeira de rodas.

Rafael pula no seu colo.

RAFAEL

Pai, não quero comer. Quero laçar os gansos.

WLADEK

Mais tarde Benjamim vai te levar para laçar os bezerros, que são muito maiores. Agora precisamos comer, deixes de teimosia que Ainá não gosta.

POV DE BENJAMIM

Ele observa Wladek deslizar a cadeira, acompanhado de Rafael que conversa com gestos alegres.

2. INT. CASA - DIA

MONTAGEM

- A) Wladek se entrega ao desleixo total, recusa-se cortar os cabelos, chora como um bebê e tenta o suicídio, quase cortando os pulsos.**
- B) Benjamim esconde a adaga e o ajuda, forçosamente, a fazê-lo tomar banho e fazer a barba.**

3. INT. COZINHA - DIA

Wladek olha para a garrucha, pendurada na parede.

AINÁ

Qué se matá, intão faça bem feito de forma que Benjamim num

Consiga sarvá o senhor. Pegue a garrucha e atire na cabeça, morra e deixe tudo que lutô tanto pra tê. Quem num tem corage pra vivê, tem que morrê memo.

Ainá deixa a garrucha ao alcance de sua mão e vai para a

SALA, onde ajoelha e reza com fervor.

4. INT. COZINHA - DIA

Wladek apanha a garrucha e mira na própria testa mas, sem coragem de puxar o gatilho, joga-a para longe. Em seguida, debruça sobre as pernas e chora.

5. INT. QUARTO - TARDE

Wladek arrisca uma tentativa de ir ao

BANHEIRO sozinho, um cômodo minúsculo construído após o acidente. Consegue com muito esforço, e sorri satisfeito.

6. EXT. ESTÂNCIA - TARDE

É final de outono.

As árvores estão quase nuas, as folhas formam um tapete sobre a relva, com tonalidade de terra, marrom com toques de vermelho queimado.

7. EXT. VARANDA - TARDE

Wladek toma sol, com um livro nas mãos.

Rafael, com sete anos, brinca ao seu lado com soldados de madeira.

WLADEK

Rafael, me ajude a ir até a cozinha.

Wladek sabe que é diversão para o menino empurrar a cadeira.

RAFAEL

Pai, quando eu for homem grande, tu me compras um cavalo de raça?

WLADEK

Compro-te um potro, o mais bonito que já viste.

RAFAEL

Um daqueles grandões?

WLADEK

Sim, filho. Qualquer um que escolheres.

8. INT. COZINHA - TARDE

Rafael encosta a cadeira ao lado da mesa e mexe nas panelas sobre o fogão.

WLADEK

Deixes disso, vais te queimar. Me aches Ainá.

RAFAEL

Está lá fora, pendurando roupa no varal.

Rafael sai.

Ainá entra, cintura molhada, cabelos seguros por um coque frouxo no alto da cabeça.

AINÁ

Já tá pronta a cumida, patrão. Vai esperá Benjamim?

WLADEK

Chame-o, Ainá. E diga a ele que quero lhe falar.

Ainá sorri, satisfeita.

9. INT. SALA - NOITE

Wladek e Benjamim estão sentados.

WLADEK

Benjamim, acho que está na hora de Rafael frequentar uma escola.

BENJAMIM

Mas a escola mais próxima fica a cinco quilômetros daqui. Nenhum de nós tem tempo para levá-lo todos os dias.

WLADEK

Tens razão, mas acho que tenho a solução. Quero que vás à cidade e aches um professor disposto a lhe dar aulas aqui por meio período. Ofereças um bom salário.

Wladek enche um copo de aguardente.

WLADEK

(continuando)

Me tragas também notícias da revolução, quero saber em que pé estão as coisas.

BENJAMIM

A coluna está escondida pelo interior, com as tropas do governo nas suas botas.

WLADEK

Não venceram mas conseguiram atrapalhar, o que já é alguma coisa. Ainda vão dar trabalho ao governo.

BENJAMIM

Não confiaria uma pessoa de que gostasse a eles.

WLADEK

Nem eu.

10. EXT. VARANDA - DIA

Wladek recebe o professor OSWALDO, homem alto, gordo e com uma aparência meio assustadora dentro de um terno fora de moda e puído, sapatos empoeirados e óculos quadrados. Apresenta-o a Rafael, que o olha de soslaio.

OSWALDO

Senhor, farei de teu filho um sábio.

WLADEK

Tenho certeza que sim.

OSWALDO

E onde posso montar uma sala para os estudos?

WLADEK

Rafael o levará até a biblioteca, é o lugar ideal. Me faça uma lista do que vais precisar.

Rafael sai à frente, a contragosto, com as mãos enfiadas nos bolsos e chapéu puxado sobre os olhos.

Oswaldo o acompanha.

11. INT. BIBLIOTECA - DIA

Rafael fica distraído de propósito, fingindo não ouvir as lições; porém as cores dos livros e os símbolos despertam sua atenção.

Oswaldo fica satisfeito com seu interesse.

12. EXT. ESTÂNCIA - DIA

Wladek, com a ajuda de Benjamim, circula pelo terreno acidentado próximo à baía e presenteia Rafael com um cavalo, vermelho de monta, com um galope maravilhoso.

WLADEK

Agora que tens um novo, podes aposentar aquele velho e manco que Benjamim te ensinaste a montar.

RAFAEL

Fico feliz, pai. Mas cuidarei do velho do mesmo jeito.

Benjamim fica orgulhoso.

13. EXT. ESTÂNCIA - MANHÃ

Rafael cavalga com seu cavalo novo.

POV DE BENJAMIM

Ele observa Rafael se aproximando.

VOLTA À CENA.

Rafael desmonta, satisfeito.

MONTAGEM

A) Rafael ajuda Benjamim a tratar dos porcos e galinhas.

B) Leva um feixe de lenha para Ainá.

c) Em seguida, leva feno para o velho cavalo doente no

ESTÁBULO, alisando seu pêlo com tristeza.

14. EXT. ESTÂNCIA - DIA

Rafael chora a morte do cavalo.

Benjamim e Ainá ajudam a enterrar o animal.

Wladek faz gestos negativos com a cabeça, achando as honrarias absurdas.

15. INT. BIBLIOTECA - TARDE

Wladek trata de alguns papéis com Benjamim.

Rafael, com 12 anos e muito interessado em política, entra abruptamente.

RAFAEL

(gritando)

Pai, o senhor não sabe o que aconteceu!

WLADEK

E o que aconteceu de tão importante assim?

RAFAEL

O homem perdeu a eleição para presidente. Só se fala nisso na cidade, o partido diz que foi... como se diz mesmo?

WLADEK

Fraude.

RAFAEL

Isso, dizem que foi fraude.

BENJAMIM

Se os ânimos estão tão exaltados assim, haverá encrenca em breve.

RAFAEL

Pai, o que pensa o candidato do Partido Liberal?

WLADEK

Como vou saber o que o homem pensa, Rafael?

RAFAEL

Tem que saber, senão como vamos confiar nele?

Wladek sorri, satisfeito.

WLADEK

Onde está Pedro? Trouxe tudo o que pedi?

RAFAEL

Trouxe, levou as compras para Ainá. Agora vou cuidar do meu cavalo.

Rafael sai.

WLADEK

Ele adora política, nunca vi uma paixão assim numa criança.

BENJAMIM

É, e entende do assunto.

Benjamim examina atentamente um papel.

BENJAMIM

(continuando)

Acha que haverá revolução?

WLADEK

A meu ver, haverá sim e das grandes. Muitos morrerão em nome dos seus ideais políticos.

BENJAMIM

Se o Sul se unir a outros estados, é capaz do governo cair. Mas não sei se o homem merece tanto, pois desconfio das suas propostas. Cada vez que me contavam o que ele pregava em seus discursos, me vinha à mente uma ideia de fascismo.

WLADEK

Vamos deixar a política para os profissionais por enquanto. Quero que leves Rafael para os campos. Ele deve aprender a trabalhar com o gado de corte também.

BENJAMIM

Será um gosto. Ele vive me pedindo isso.

16. INT. QUARTO DE RAFAEL - MANHÃ
Benjamim acorda Rafael.

BENJAMIM

Vamos, Rafael. Está na hora, acorde. Não quer ir conosco para os campos?

Rafael abre os olhos lentamente, esfregando as pálpebras. Ao ouvir os cascos dos cavalos e o falatório dos peões, desperta rapidamente.

RAFAEL

Já é manhã?

BENJAMIM

Já, ande logo, senão deixo você aqui.

RAFAEL

Não, vou de qualquer jeito.

Benjamim e Rafael encontram Wladek na

COZINHA, triste, tomando uma caneca de café.

WLADEK

Rafael, quero que sigas todas as instruções de Benjamim. Não largues dele nem um minuto e nem arrisques muito com o gado, certo?

RAFAEL

Podes deixar, pai. Não te preocupes comigo, sei me cuidar.

Wladek arruma o barbicacho de seu chapéu.

WLADEK

Claro, filho. Claro que sabes.

17. EXT. VARANDA - MANHÃ
Wladek acena para Rafael.

POV DE WLADEK

Ela observa os cavaleiros saírem, deixando para trás uma nuvem de poeira.

VOLTA À CENA

WLADEK
(pensando)

Ele é a nova geração, eu sou a velha. Essa cadeira me deixou velho, é assim que as coisas devem ser. Abençoado sejas tu, Benjamim, meu único amigo, que me salvaste da morte três vezes. Abençoado seja o teu sêmen que me deste um filho, uma esperança de vida. A mim, só resta a morte como última fronteira, é só o que existe de desconhecido. Urzula, minha Urzula, em breve estaremos juntos e dessa vez irás me amar.

FLASH BACK

MONTAGEM

- A) **Wladek recorda da casa humilde nos subúrbios de Cracóvia.**
- B) **O pai, professor primário, ensina o filho a ler e rezar.**
- C) **A mãe, economizando cada pedaço de pão.**
- D) **O trabalho de servente na escola, limpando banheiros, ajudando na cozinha, suportando os olhares e comentários maldosos dos colegas.**
- E) **O nascimento de Urzula e o apego a ela desde criança.**
- F) **Os passeios a concertos na praça pública, o primeiro beijo, com medo de alguém ver.**
- G) **O embarque para o Brasil e o casamento.**
- H) **Finalmente, a tristeza de sua morte durante o parto de Rafael.**

18. INT. SALA - MANHÃ
Wladek chama por Ainá.

WLADEK
Me ajude a sentar na poltrona e traga-me uma bebida, aquele vinho austríaco que nunca ninguém mexeu.

AINÁ
Aquele!

WLADEK
Aquele, tenho muito o que comemorar hoje.

Ainá ajuda o patrão a se acomodar na poltrona.

AINÁ
Inda é cedo, num devia de bebê. Isso inda vai matá o senhor.

WLADEK
Não espero outra coisa, Ainá. Não espero outra coisa.

Ainá, com pena, sai.

19. EXT. PAMPAS - DIA
Os olhos de Rafael ficam radiantes diante das planícies verdejantes a perder de vista.

BENJAMIM
É bonito, não é Rafael?

RAFAEL
Muito, Benjamim.

Rafael aponta para um grupo de reses.

RAFAEL
Aquele gado é do meu pai?

BENJAMIM
Aquele e muito mais, ficam agrupadas em lugares diferentes. A pastagem é grande, dividida em partes iguais, cada uma com uma finalidade.

Benjamim e Rafael cavalgam um pouco atrás dos peões, que galopam e espalham o gado.

BENJAMIM
Eles nunca aprendem, fazem barulho demais. E depois têm o dobro do trabalho.

Rafael observa a dezena de cavalos a galope atrás do rebanho.

BENJAMIM
Vamos trabalhar, Rafael.

Eles cercam o gado.

20. EXT. PAMPAS - NOITE

Benjamim, Rafael e os peões estão reunidos próximos a um fogareiro, preparando a janta e o chimarrão.

BENJAMIM
Cansado, Rafael?

RAFAEL
Não muito, só corri atrás de bezerros.

BENJAMIM
Calma, é só o primeiro dia.

Eles deitam sobre as mantas.

A noite, iluminada pela lua cheia, dá uma cor de prata às vacarias.

RAFAEL
Benjamim, está quente hoje, mas com a geada fica difícil esse tipo de trabalho, não é mesmo?

BENJAMIM
No inverno eu ou Pedro vimos aqui só uma vez por mês para verificar se tudo está a contento. Já tive que sacrificar algumas cabeças que brigam ou caem, machucando-se gravemente. Bezerros recém-nascidos têm que ser levados para lugares cobertos, senão morrem encarangados. Tudo isso você deverá aprender com o tempo. Afinal, será o dono da estância um dia.

RAFAEL
Meu pai fica triste por não poder vir mais.

Rafael vira-se de costas, meio tímido.

RAFAEL

(continuando)

Ele também não pode dormir com mulher, não é?

BENJAMIM

Que está dizendo? Onde aprendeu isso?

RAFAEL

Achei alguns livros na biblioteca, mas não entendi muita coisa.

BENJAMIM

Escute, acho que leu o que não devia. Ainda é muito jovem para essas coisas, tudo tem seu tempo certo.

RAFAEL

Está bem, mas eu já sei como se fazem os bebês. Aprendi nos livros, pois meu pai não pode me ensinar.

BENJAMIM

Certo, se sabe guarde para você a informação. Agora trate de dormir.

Rafael vira-se novamente.

RAFAEL

Benjamim, não me pareço nada com meu pai. Ele é loiro e eu moreno. Todas as vezes que tento perguntar, ele enrola e não fala nada. Por quê?

Benjamim senta-se.

BENJAMIM

Você se parece com seu avô Ranulf, herdou dele o nome e a feição.

RAFAEL

Nunca vi uma foto dele.

BENJAMIM

Mas se parece com ele e com sua mãe. Os olhos, o sorriso me lembram ela. E os cabelos são do seu avô, já disse.

Benjamim perde o sono.

21. EXT. VARANDA - DIA

Wladek aguarda a chegada dos peões, que se aproximam em fila. Sorri ao ver Rafael sujo.

WLADEK

Como foi, filho?

RAFAEL

Foi tudo bem, pai. Não houve nenhum acidente. Vou ver Ainá e contar a ela como corri atrás dos bezerras.

Rafael sai.

WLADEK
Foi tudo bem mesmo, Benjamim?

BENJAMIM
Como disse Rafael, tudo certo.

WLADEK
E ele, como se comportou?

BENJAMIM
Como um homem. É um menino muito especial, sua maturidade e responsabilidade me surpreendem. É dócil, porém inflexível nas opiniões.

WLADEK
Eu sei, acho que amará essa terra como nós.

BENJAMIM
Já ama.

WLADEK
Não há nada mais que queiras dizer?

BENJAMIM
Não, Wladek. Nada mais.

22. INT. COZINHA - MANHÃ

Wladek e Benjamim tomam o café da manhã.

Rafael, com 15 anos e mais alto do que os rapazes da sua idade, entra, embaraçado, com o rosto cheio de vergões vermelhos.

WLADEK
Tentaste se barbear?

RAFAEL
Pois é, pai. Só que me cortei um pouco.

Benjamim sorri discretamente.

WLADEK
Senta-te. Quando crescer de novo, te ensino a fazer direito.

Rafael senta-se e apanha um pedaço de pão de aipim.

RAFAEL
Algum trabalho especial para hoje?

WLADEK
Devem começar a armazenar capim e milho para a ração das vacas de leite. Não quero arriscar a não ter feno no inverno.

BENJAMIM
No ano passado não tivemos problemas com o inverno. O minuano deu uma mãozinha.

WLADEK
Não podemos contar sempre com o minuano. Temos de ter

estoque de alimentos ao menos para o gado leiteiro.

RAFAEL

Benjamim, quero falar contigo.

Benjamim e Wladek o encaram.

BENJAMIM

Está bem, vamos para o curral. Já passou da hora da ordenha e o dia será longo.

Benjamim e Rafael saem.
Wladek e Ainá ficam na cozinha.

AINÁ

O menino já é um home, vai precisá de muié.

WLADEK

O tempo passa muito depressa, não é Ainá?

AINÁ

Passa mai depressa do que deve. Só vemo a nossa idade quando oiamo as criança que vimo nascê virá gente grande. Qué ir pra varanda?

WLADEK

Não. Está frio, me ajudes a ir até a biblioteca. Acho que vou trabalhar e depois ler um pouco.

23. INT. CELEIRO - MANHÃ

Benjamim e Rafael desocupam uma área para armazenamento de feno e sorgo.

BENJAMIM

O que quer me falar?

Rafael senta-se sobre um monte de tábuas empilhadas.

RAFAEL

Não sei por onde começar. Estão acontecendo algumas coisas estranhas comigo. Não entendo bem; isto é, entendo mas não sei lidar com elas.

BENJAMIM

Coisas pessoais?

RAFAEL

Sim.

Benjamim senta-se ao seu lado.

BENJAMIM

É uma fase difícil na vida de qualquer jovem, mas tenha paciência que isso passa logo. Está se referindo a mulheres, não é?

RAFAEL

Já estive com as moças da cidade, mas na semana passada, na tribo, todas aquelas índias seminuas me perturbaram.

Benjamim passa os braços sobre seus ombros.

BENJAMIM

Elas também me perturbam, mas amei uma só mulher na vida e você achará uma a quem também amará. Faça como eu, concentre as energias no trabalho e sua hora chegará.

RAFAEL

E até lá o que faço com essa coisa que me ataca todas as manhãs?

BENJAMIM

O que todos nós fazemos às vezes.
Isso é normal, entende?

RAFAEL

(envergonhado)
Quem é a mulher que amaste?

BENJAMIM

Isso não importa agora. Já faz muito tempo e ela está morta.

RAFAEL

Sofreste muito quando ela morreu?

BENJAMIM

Muito, mais do que sofrerei por qualquer outra coisa nessa vida.

RAFAEL

Quem era?

Benjamim levanta-se.

BENJAMIM

Não a conheceu e já está tudo acabado. Esqueça esse assunto.

RAFAEL

Era bonita?

BENJAMIM

Linda!

RAFAEL

Benjamim, pares de andar e olhes para mim. Quero saber.

BENJAMIM

Esqueça disso, rapaz. Não a conheceu e estamos falando da sua vida, não da minha.

Rafael o encara, com as mãos na cintura.

RAFAEL

Benjamim, achas que sou cego? Já tenho 15 anos, não sou tão criança a ponto de não perceber as coisas. Sei que não me pareço com meu pai, e teria que parecer em algum detalhe.

Rafael toma fôlego.

RAFAEL

(continuando)

Não me pareço com esse avô que vocês dizem também, vi fotos dele. Minha semelhança é contigo, não só na cor dos cabelos e olhos, mas também no nariz, nos lábios, em tudo... Sou igual a ti.

**CLOSE UP - OS OLHOS DE BENJAMIM
brilham, e ele fica sem ação.**

RAFAEL

A mulher que amaste foi minha mãe, não é?

BENJAMIM

Rafael, me escute. Vamos conversar.

RAFAEL

Não quero conversar nada, quero que me contes a verdade.
Quero somente a verdade, Benjamim.

Rafael passa a mão pelos cabelos e estica um cacho na testa.

RAFAEL

(continuando)

Vejas isso, sou igual a ti. Devias ter a minha cara nessa idade. Me expliques, talvez eu possa entender e assim aceitar. Não sou mais criança para qualquer mentira me convencer. Quem sabe possa até perdoá-lo. Gosto imensamente de ti, tanto quanto de meu pai.

BENJAMIM

Vamos arrear os cavalos, aqui não é o melhor lugar para falarmos.

RAFAEL

Me contarás tudo? Há muito tempo que penso nisso, mas nunca tive certeza. Entretanto estás chorando e tentas disfarçar, só posso presumir que estou certo.

24. EXT. ESTÂNCIA - MANHÃ

Benjamim e Rafael cavalgam lado a lado, e param sob um grupo de árvores.

BENJAMIM

Sente-se, Rafael.

Rafael enterra a cabeça entre os joelhos enquanto ouve a narrativa.

BENJAMIM

Lembre-se de jamais mencionar esse assunto na frente do seu pai.

RAFAEL

Ele não é meu pai.

BENJAMIM

É seu pai, sempre será. Não vou admitir que o magoe. Já sofreu demais e o ama como a um filho, sabe disso?

Rafael levanta-se, vira de costas, apanha e mastiga uma haste de capim.

BENJAMIM
Me odeias agora?

RAFAEL
Não, seria incapaz de odiá-lo. Bem sabes que tu, meu pai e Ainá foram as únicas pessoas que vi na minha infância. Não convivo com mais ninguém além de vocês.

Rafael o encara.

RAFAEL
(continuando)
Não, não odeio nenhum dos dois. Apenas preciso de um tempo para pensar e me acostumar com a ideia de ter dois pais e nenhuma mãe.

BENJAMIM
Têm crianças que não têm nenhum. E não pode se queixar, Ainá sempre foi sua mãe em todos os momentos.

RAFAEL
Jamais te perdoaria por uma traição tão grande se não fosse por acreditar que houve um amor incontrollável. Houve, não é?

BENJAMIM
O maior que possa imaginar. Nunca mais amei ninguém e era jovem, tinha 26 anos quando sua mãe morreu.

RAFAEL
O amor tem formas estranhas.

BENJAMIM
Sim, filho. Tem.

Rafael vira-se bruscamente.

BENJAMIM
(continuando)
Me desculpe, foi sem querer.

RAFAEL
Não tem importância. Meu pai nunca saberá da nossa conversa, eu te prometo.

BENJAMIM
É um bom rapaz, muito bom.

25. EXT. CIDADE (RUA PRINCIPAL) - DIA
Benjamim e Pedro fazem compras para a estância.

MONTAGEM

- A) O movimento é grande na rua principal.**
- B) Pessoas discutem política nas rodinhas.**
- C) Cartazes indicam festas comemorando a chegada da primavera.**
- D) Os primeiros carros causam espanto na população, que só conhece cavalos e charretes como meio de transporte.**

26. INT. COZINHA - TARDE

Ainá lava os pratos.

Benjamim entra com um cartaz da Festa da Padroeira.

AINÁ

Que é isso, Benjamim?

BENJAMIM

É o cartaz da festa, vou levar Rafael amanhã. Ele precisa se distrair um pouco.

AINÁ

Depois que o patrão ficô desse jeito, nunca mai foi na missa, nem numa festa.

BENJAMIM

Sei disso, mas Rafael é jovem e só trabalha, dia após dia. Vai gostar de sair um pouco.

Benjamim vai até a

BIBLIOTECA, e encontra Rafael lendo um romance estrangeiro. Ele fecha imediatamente o livro. Benjamim mostra o cartaz.

BENJAMIM

Veja, Rafael. Está tendo festa na cidade.

Rafael esconde o livro sob o braço.

RAFAEL

Interessante. Será que vamos tirar o pó das botas?

BENJAMIM

Gostaria de ir?

RAFAEL

Achas que meu pai também iria?

BENJAMIM

Não, não irá. Não gosta mais do movimento. Prefere ficar sozinho, pensando sei lá o quê. Mas podemos tentar assim mesmo.

RAFAEL

Vamos falar com ele.

BENJAMIM

O que está lendo?

RAFAEL

Um romance que achei entre as coisas que foram da minha mãe.

BENJAMIM

Ela gostava de ler, dizia que a vida dos livros é melhor do que a realidade.

RAFAEL

Sentes saudade?

BENJAMIM

A mais dolorida que possa imaginar.

27. EXT. VARANDA - MANHÃ

Rafael usa suas melhores roupas: calça de brim justa, bota de couro trançado e chapéu de feltro.

Benjamim, Rafael e Ainá tentam convencer Wladek pela última vez.

WLADEK

Não e não, quero ficar aqui.

RAFAEL

Pai, vai te fazer bem sair um pouco. Vais te afogar nessas paredes. Colocamos o senhor na charrete e levamos a cadeira, daremos um jeito.

WLADEK

Filho, gosto de ficar sozinho. Acredites, a solidão não me perturba.

Rafael e Benjamim se dão por vencidos.

POV DE WLADEK

Ele observa Benjamim e Rafael partirem.

VOLTA À CENA

Ainá entra.

28. EXT. CIDADE (PRAÇA DA MATRIZ) - DIA

MONTAGEM

- A) **A praça da matriz está enfeitada com bandeiras coloridas.**
- B) **Barracas de todos os tipos, desde artesanato indígena até comidas típicas, animam a festa.**
- C) **O movimento é intenso.**

RAFAEL

Onde vamos primeiro, Benjamim?

BENJAMIM

Vamos ver a exposição de gado.

Eles caminham entre as vacas até a

EXPOSIÇÃO, e encontram uma nova raça vinda da Argentina.

Rafael, curioso, olha para os rapazes da sua idade, descendentes de europeus e alguns índios.

29. INT. BARRACA - TARDE

Benjamim e Rafael, famintos, bebem vinho e comem picanha na salmoura, de olho no movimento.

30. EXT. CIDADE (PRAÇA DA MATRIZ) - NOITE

MONTAGEM

- A) **A multidão abre espaço para a dança.**
- B) **As jovens, com vestidos longos e coloridos, formam fila à espera dos rapazes, que se colocam à frente de seus pares.**
- C) **Começa a dança.**
- D) **Os imigrantes mais velhos ficam emocionados.**

E) As crianças observam, sonolentas.

31. INT. BAR - NOITE

Benjamim e Rafael, já meio bêbados, entram, sentam ao balcão e bebem mais.

Uma PROSTITUTA os rodeia, vestida de maneira extravagante, falando e brincando com ambos.

RAFAEL

Benjamim, o que elas querem?

BENJAMIM

Não adivinha?

RAFAEL

São prostitutas?

BENJAMIM

São, todas. Quer se deitar com uma delas?

RAFAEL

Não me trouxeste aqui para isso, não é?

BENJAMIM

Não, mas pode escolher. Se quiser, vá em frente.

RAFAEL

(pensativo)

Não quero que seja assim. Devo me deitar com quem vou amar. Além do mais, quero ser o primeiro.

Benjamim coloca a mão em seu ombro.

BENJAMIM

Isso é ser homem. Agir da forma correta para si mesmo, embora os outros achem errado. Ter coragem de dizer o que pensa e proceder dessa maneira, nem que seja chamado de nomes injuriosos. Me orgulho de você, filho. Vamos embora desse lugar.

RAFAEL

Sim, vamos embora. Pai.

Eles saem levantam-se e caminham abraçados, deixando a prostituta cochichando e rindo com as amigas.

PROSTITUTA (O.S.)

Ou estão muito bêbados ou preferem a companhia um do outro.

RAFAEL

Voltaremos amanhã?

BENJAMIM

Se quiser volte, mas eu preciso dormir e trabalhar. Já me diverti muito hoje, me basta.

32. INT. SALA - DIA

Wladek toma vinho.

Rafael entra.

RAFAEL

Pai, vou à cidade agora. Terminei o serviço por hoje.

WLADEK

Benjamim não vai?

RAFAEL

Não. Ele está triste, nem conversou comigo.

WLADEK

Eu e ele sofremos do mesmo mal, um mal que não tem cura.

Rafael, com pena, sacode a cabeça.

33. EXT. CIDADE (PRAÇA DA MATRIZ) - DIA

Rafael observa cada detalhe com atenção. Retira o chapéu ao passar pelas moças, acompanhadas pelos pais.

Elas erguem os vestidos ao caminhar, mostrando pedaços dos tornozelos e sapatos brilhantes. Retribuem o cumprimento com sorrisos e olhares discretos.

34. INT. BARRACA - DIA

Rafael, com fome, entra numa barraca coberta por uma lona, que protege o balcão e as mesas.

POV DE RAFAEL

Ele observa uma moça atendendo os clientes.

VOLTA À CENA

HELENA, adolescente loira, com os cabelos meio avermelhados até a cintura, que balançam com o movimento das ancas, caminha em sua direção.

HELENA

Posso ajudar-te em alguma coisa?

RAFAEL

O que tens aí para matar a minha fome?

HELENA

Macarrão e vinho.

RAFAEL

Está bem, podes trazer.

Helena sai.

Rafael a segue com os olhos.

34. INT. BARRACA - TARDE

Rafael termina o almoço, mas não se levanta da mesa. Mantém a atenção voltada para a moça.

Helena acompanha, discretamente, seus movimentos com olhos brincalhões.

POV DE RAFAEL

Ele a observa retirar o avental, lavar as mãos e secar num guardanapo.

VOLTA À CENA

Rafael levanta e caminha até o balcão.

RAFAEL
Terminaste o serviço?

HELENA
Sim. Outras garotas farão o resto de agora em diante.

RAFAEL
Então, senta-te um pouco comigo. Ou posso convidar-te para um passeio?

HELENA
(pensativa)
Acho que não fica bem eu passear com um estranho.

RAFAEL
Meu nome é Rafael e o teu?

HELENA
Helena.

RAFAEL
(sorrindo)
Agora que já não somos mais estranhos, aceitas meu convite?

HELENA
Só por alguns momentos então, pois tenho que voltar logo para casa.

35. EXT. CIDADE (PRAÇA DA MATRIZ) - TARDE

Rafael e Helena caminham lado a lado, e passam por uma barraca repleta de tonéis de vinho.

RAFAEL
Me acompanhas num copo de vinho?

HELENA
Sim, mas vamos para uma mesa nos fundos. Não quero que me vejam tomando vinho.

RAFAEL
Por quê?

HELENA
Porque é errado uma mulher tomar vinho. Faça melhor, me peças um mate.

RAFAEL
Está bem, se assim preferes.

36. INT. BARRACA - TARDE

Rafael e Helena sentam numa mesa nos fundos. Ele pede vinho e mate com mel, que na linguagem dos gaúchos significa "quero casar contigo".

HELENA

(sorrindo)
Mate com mel? Eu sei bem o que isso significa, mas é cedo para falares
em casamento.

Rafael também sorri.

HELENA
(continuando)
Estás sozinho?

RAFAEL
Estou, mas moro a cinco quilômetros da cidade.

HELENA
Qual o nome do teu pai?

RAFAEL
Wladek Wotomak, conheces?

HELENA
Já ouvi falar. É o homem da cadeira de rodas, não?

RAFAEL
Sim, meu pai é paralítico. E o teu, como se chama?

HELENA
Frederico, é ferreiro.

RAFAEL
Eu o conheço, já prestou alguns serviços para a estância. És
descendente de alemães, não?

HELENA
Sou neta de alemães. Meus avós chegaram aqui no século passado. E tu,
de onde vens?

RAFAEL
Sou descendente de poloneses. Minha mãe morreu quando nasci. Fui
criado pelo meu pai e uma índia que mora conosco.

HELENA
Não pareces polonês. Tens o cabelo negro e cacheado, e teus traços
lembram os índios ou latinos.

RAFAEL
(aborrecido)
Pareço com meu avô Ranulf. Já terminaste teu chá?

HELENA
Sim, podemos ir. Desculpe-me, parece que ficaste chateado.

RAFAEL
Não, não fiquei.

37. EXT. CIDADE (PRAÇA DA MATRIZ) - TARDE

É o último dia de festa.

Rafael e Helena caminham em meio ao amontoado de pessoas.

RAFAEL
O dinheiro das barravas vai para a Igreja?

HELENA
Sim, a paróquia tem um fundo com o qual socorre os índios e os mais necessitados.

RAFAEL
Engraçado, todas as vezes que levei remédios para a reserva jamais vi um padre por lá.

Helena o olha, incrédula.

RAFAEL
(continuando)
Acreditas mesmo nisso?

HELENA
É claro! Para onde mais iria o dinheiro?

Eles encontram Benjamim.

RAFAEL
Não sabias que tinha vindo também.
(dirigindo-se a Helena)
Helena, quero que conheças meu amigo Benjamim.

BENJAMIM
Desculpe-me, garoto. Não sabia que estava acompanhado.

Helena olha de um para outro e franze as sobrancelhas, notando uma certa semelhança.

HELENA
Como vais, senhor?
(dirigindo-se a Rafael)
Tenho que ir. Já é tarde e meu pai deve estar me procurando.

Eles se despedem.

38. EXT. CIDADE (FRENTE DO ARMAZÉM) - DIA
É outono.
Rafael e Benjamim fazem compras.
Helena, apressada, sai do armazém.

RAFAEL
(gritando)
Helena.

HELENA
(assustada)
Rafael, há quanto tempo.

RAFAEL
Estás muito bonita. Quer que te acompanhe até tua casa?

HELENA

Não sei, talvez não fique bem para uma moça sair com um rapaz.

RAFAEL

Preocupas muito com o que dizem?

HELENA

Claro!

RAFAEL

Só peço para ajudar-te a levar as compras.

HELENA

Está bem, mas caminhemos um pouco distantes.

Rafael acena para Benjamim e a acompanha.

39. INT. GALPÃO DO FERREIRO - DIA

FREDERICO, homem de idade, com barriga notável e olhos azuis miúdos, trabalha.

Helena e Rafael entram.

Rafael o observa ferrar um cavalo, e fica interessado pelos apetrechos de montaria.

HELENA

Rafael, esse é meu pai Frederico.

Frederico o olha rapidamente e volta ao trabalho.

FREDERICO

Já conhecias minha filha?

RAFAEL

Sim, senhor. Nos conhecemos na Festa da Padroeira.

FREDERICO

Ah! Então, tu és o jovem que sequestrou Helena durante toda aquela tarde?

RAFAEL

Me perdoes se causei problemas. Não foi minha intenção.

Frederico malha uma peça de ferro incandescente.

FREDERICO

És filho do polonês Wladek, não?

Fiz alguns trabalhos para teu pai há algum tempo. Ele é muito respeitado por aqui, tem boa fama. Portanto, deves ser também um bom rapaz.

RAFAEL

Obrigado, senhor.

Eu poderia visitar tua filha quando vier à cidade?

FREDERICO

Apareças quantas vezes quiser.

Rafael sorri e olha para Helena, que está radiante.

40. INT. COZINHA - MANHÃ

Rafael, impaciente e sorridente, caminha de um lado para outro.

AINÁ

Que tem o menino, Benjamim?

BENJAMIM

É o amor.

AINÁ

Quem é a moça?

BENJAMIM

Ele a conheceu na quermesse do ano passado. Às vezes se encontram quando vamos à cidade.

AINÁ

E eu só venho sabê disso agora? Mai tá certo, ele já é home e logo vai tê 18 ano.

BENJAMIM

É verdade, Ainá. Nem parece mais aquele menininho magricela. Está cheio de músculos.

AINÁ

É home bunito, deve de tê orguio por sê seu fio.

BENJAMIM

Muito, muito mesmo. Valeu por todo o sofrimento.

AINÁ

E tu num devia ficá sortero o resto da vida. Num é nenhum véio, devia arrumá muié. Enveiecê suzinho é muito triste.

BENJAMIM

(entristecido)

Nunca haverá outra mulher, nunca.

41. EXT. CASA DE HELENA - DIA

Rafael e Helena, ansiosos, aguardam ao lado da charrete, a permissão dos pais da moça para uma visita à estância.

RAFAEL

Não há nada demais em me acompanhares, Helena.

Helena passa a mão no pescoço do animal.

HELENA

Eu sei disso, mas sabes como são os pais. Não quero que fiques aborrecido se eles não deixarem.

RAFAEL

Sim, eu vou ficar muito decepcionado. Quero muito que conheças meu pai. E também a índia Ainá.

42. INT. CASA DE HELENA - DIA

Frederico e MARGARETH, tricotando, estão preocupados com a amizade dos jovens.

MARGARETH

Que achas disso, Frederico?

FREDERICO

Estou pensando, Margareth. O garoto me parece uma boa pessoa, de boa família. Não ficaria surpreso se saísse um casamento. Daqui a alguns anos, é claro.

MARGARETH

E achas que devemos contar-lhe os problemas de Helena?

FREDERICO

(gritando)

Ela está curada!

MARGARETH

Não consigo imaginar um sogro paraplégico para nossa filha. E mais, um marido criado por uma índia. Já imaginaste que educação bárbara o rapaz deve ter recebido?

FREDERICO

Não te esqueças que é herdeiro de uma grande estância, de muitas cabeças de gado.

MARGARETH

Sim, eu sei. E também é um belo rapaz.

FREDERICO

(sussurrando)

Falsa, hipócrita. Pena que não existe divórcio no Brasil.

MARGARETH

O que disseste?

FREDERICO

Nada. Apenas que tu tens toda a razão.

43. EXT. ESTRADA - DIA

Rafael e Helena estão a caminho da estância. A cada solavanco da charrete, ele aproxima-se mais dela, que percebe.

RAFAEL

Helena, não te impressiones com meu pai. A cada dia ele fica mais esquisito. Já não fala como antes, só trata dos compromissos da estância comigo e Benjamim. E quase nunca recebe visitas.

HELENA

Isso deve ser muito triste, mas quem não seria no estado dele? Será que ele vai gostar de mim?

RAFAEL

Claro! Meu pai sofreu um acidente quando eu tinha apenas dois anos. Sempre o vi naquela cadeira e o admiro muito. Benjamim me conta que

antes era um homem muito ativo e exigente. Imagine, então, ter que ficar anos sentado. Mas acho que ele superou essa crise e acabou se acostumando.

HELENA

Rafael, preciso te perguntar uma coisa.

RAFAEL

Pois pergunte.

HELENA

Tu sabes. Nos vemos sempre e passeamos, e as pessoas perguntam se somos namorados.

Rafael afrouxa os arreios e para a charrete embaixo das árvores.

RAFAEL

Helena, eu te amo desde a primeira vez que te vi. Tenho até medo de assustar-te com a força desse amor. Já te considero minha namorada há muito tempo.

HELENA

Precisas falar com meu pai primeiro.

RAFAEL

Falarei depois. Gostas de mim, tanto quanto gosto de ti?

HELENA

Sim, gosto muito de ti. Tanto quanto gostas de mim.

Rafael a beija, com ternura.

RAFAEL

Se tinhas dúvidas, agora acho que somos namorados.

HELENA

Sim, agora somos namorados.

Rafael incita o cavalo e retoma o caminho.

44. EXT. ESTÂNCIA - DIA

Helena fica encantada quando a charrete passa pela porteira e para em frente à

VARANDA.

Rafael a ajuda a descer.

RAFAEL

Não sintas medo, estou contigo.

45. INT. SALA - DIA

Wladek e Benjamim discutem política.

Rafael e Helena entram.

RAFAEL

Pai, essa é Helena, da qual te falei outro dia. Lembra-te?

WLADEK

Helena! Como vais?

(dirigindo-se a Benjamim)

Benjamim, falemos de política mais tarde. Vamos agora conversar com os jovens, que têm coisas mais interessantes a nos contar.

BENJAMIM

É claro, mas vou cavalgar um pouco para me distrair.

(dirigindo-se a Helena)

Até mais ver, Helena.

Eles sentam-se no sofá.

WLADEK

Rafael, peças a Ainá que prepare um mate.

RAFAEL

Está bem.

CLOSEP UP - OS OLHOS DE HELENA

acompanham o rapaz pelo

CORREDOR.

WLADEK

Ele é um bom rapaz.

Mas digas-me, Helena. Teus pais são alemães?

HELENA

Não, senhor. Meus avós sim vieram no século passado para trabalhar na lavoura e acabaram ficando.

WLADEK

Traga-os aqui qualquer dia desses. Gostaria de conhecer tua mãe. Teu pai eu já conheço.

HELENA

Irei convidá-los.

46. INT. COZINHA - DIA

Ainá descasca batatas.

Rafael entra, e belisca suas bochechas.

RAFAEL

Que vais fazer de almoço hoje?

AINÁ

Carne de carnero, aquele que Benjamim matô na sexta, com legume. Temo visita, né? Quero vê a moça, quero sabê se presta pro meu menino.

RAFAEL

É claro que presta, vais ver.

Rafael volta para a

SALA, acompanhado por Ainá, que traz a bebida fumegante.

Helena arregala os olhos ao ver a índia.

Ainá serve o mate e sai.

WLADEK

Ainá está conosco há anos, e criou Rafael desde que nasceu.

HELENA

Ele me contou, mas ela é enorme!

Eles riem.

WLADEK

Rafael, mostre a Helena os arredores da estância. Ainá chamará quando o almoço estiver pronto.

47. EXT. ESTÂNCIA - DIA

Rafael e Helena caminham de mãos dadas. Depois de lhe mostrar os cavalos e carneiros, eles vão até a

CACHOEIRA, e sentam-se nas pedras sob as árvores.
Rafael a beija.

48. EXT. VARANDA - MANHÃ

Wladek, tranquilamente, fuma seu cachimbo.
Rafael, sujo, vindo da ordenha, aproxima-se.

RAFAEL

Pai, gostaria de convidar os pais de Helena para uma visita no domingo.

WLADEK

Filho, tens certeza de que gostas dessa moça? Escutes, uma aproximação de famílias tornará esse namoro um compromisso mais sério. É realmente o que queres?

Rafael senta-se ao seu lado.

RAFAEL

Eu quero me casar com ela.

WLADEK

Não achas que és jovem demais para afirmar isso?

RAFAEL

Sou, sou jovem, mas sei o que quero. Não vou me casar amanhã se é isso o que temes, mas daqui a alguns anos. Helena é a mulher que eu quero como esposa.

WALDEK

Está bem. Combine com ela, mas agora volte ao trabalho.

Rafael, assobiando, corre até o

CURRAL para contar a novidade a Benjamim.

RAFAEL

(gritando)
Benjamim.

BENJAMIM

O que foi? Por que tanta ansiedade.

RAFAEL

Vou convidar os pais de Helena para almoçarem conosco no domingo. Vou dobrar minha cota de trabalho para ficar livre o domingo inteiro.

Pedirei para Antônio ajudar-te na ordenha. Não quero que minha namorada me veja fedendo à bosta de vaca, compreendes?

BENJAMIM

Quando se casar, ela vai ver coisa bem pior, como você nu, mostrando as partes que tanto escondes.

RAFAEL

Ela eu deixo, não só ver como também pôr as mãos, seu velho besta.

Eles voltam ao trabalho.

49. EXT. VARANDA - DIA

Wladek, coberto por um poncho, espera pela visita dos pais de Helena, que chegam de charrete.

Margareth ergue a barra do vestido para não sujar, dando um sorriso torto para o marido.

Wladek estende a mão para Frederico.

WLADEK

Tenho enorme prazer em rever-te, Frederico.

FREDERICO

Eu também, Wladek. Essa é minha esposa Margareth.

Margareth, distraída olhando a casa, assusta-se com o toque do marido.

MARGARETH

Me desculpe, senhor. Tenho prazer em conhecer-te. Tudo aqui é muito bonito.

WLADEK

Obrigado. Nós fazemos o possível. Vamos entrar.

Rafael empurra o pai, seguido pelos convidados.

50. INT. SALA - DIA

Os convidados ajeitam-se no sofá.

Wladek apanha uma garrafa de vinho sobre a mesa.

WLADEK

Tomam um aperitivo? Tenho um vinho austríaco para ocasiões especiais.

FREDERICO

Seria maravilhoso. Há anos que não tomo um bom vinho, e não há nada melhor do que o da velha Áustria.

WLADEK

(dirigindo-se a Rafael)

Rafael, peças a Ainá que traga um refresco para as senhoras.

Rafael sai.

MARGARETH

Frederico, sabes que não devias beber vinho. Teu estômago dói e te dá gases.

FREDERICO

Ora, mulher. Se tenho que sentir dor, que seja com o paladar satisfeito.

Helena, sem graça, baixa os olhos.

WLADEK

E o trabalho, Frederico. Como vai?

FREDERICO

Vai bem. A cidade está crescendo. Me lembro de quando era apenas uma vila. Quase não acredito quando vejo tantos rostos diferentes, muita gente do Norte fugindo da seca e se instalando por aqui. Caboclos estranhos, de poucas palavras.

WLADEK

Faz anos que não vou à cidade. Deve ter crescido mesmo nesse tempo.

Rafael entra e serve o suco.

WLADEK

(continuando)

Mas vivo bem aqui. Gosto demais desse lugar.

MARGARETH

Deve ser horrível para o senhor, não é? Tanta terra e não pode andar.

Todos a encaram.

Helena fica vermelha e olha para Rafael.

WLADEK

Minha senhora, melhor não ter pernas do que não ter cérebro. A burrice me seria insuportável.

Ainá entra com estardalhaço.

AINÁ

Eu já vô servi o armoço.

Margareth fica espantada ao vê-la.

Frederico a cutuca, discretamente.

51. EXT. VARANDA - TARDE

Rafael despede-se da namorada com um beijo nas mãos.

Wladek os observa, fumando seu cachimbo.

POV DE RAFAEL

Ele olha a charrete distanciando.

VOLTA À CENA

RAFAEL
Que achaste, pai?

WLADEK
A mulher é burra como uma porta. Nem me senti ofendido com seus comentários, apenas penalizado. Já o pai é inteligente e tem bom humor. Me agradam as pessoas assim.

RAFAEL
Pretendo pedir Helena em casamento em breve.

WLADEK
Mas só se casar quando tiver 21 anos, e ainda vais fazer 18. Antes, não.

RAFAEL
Está certo, só com 21. Mas estou preocupado com os rumores que andei ouvindo na cidade. Estão dizendo que, em breve, haverá outra guerra. Li no jornal que um homem chamado Hitler assumiu o poder na Alemanha.

WLADEK
Deixas é largar de se preocupar com a política do mundo e se concentrar na tua vida. Se quiseres mesmo casar, tens que ter dinheiro. Posso-te ajudar com isso.

RAFAEL
Mas me preocupo, ou melhor, gosto do assunto. Não posso evitar de pensar. Queria é ter mais informação, pois não suporto saber que milhares de coisas acontecem todos os dias pelo mundo e eu estou aqui, sem saber de nada.

WLADEK
Se é assim, talvez eu possa te ajudar a ter maiores informações. Ouviste falar na nova invenção? Chamam-na de rádio e já vendem no Rio de Janeiro e em São Paulo. Podemos comprar um, apesar de demorar um pouco para chegar. Assim vais se divertir com as notícias.

RAFAEL
Farias isso por mim?

WLADEK
Farias qualquer coisa para ver-te feliz, filho.

Rafael abraça Wladek e sai.
Ainá entra.

POV DE AINÁ
Ela observa o rapaz caminhando pelo

TERREIRO.

VOLTA À CENA

AINÁ
Nosso menino tá crescendo, oia só o tamanho dele.

WLADEK

É, Ainá. Esses músculos são graças ao serviço pesado, mas me alegra também por ser inteligente. Não é burro de carroça.

Ainá senta-se ao lado do patrão.

AINÁ

É um menino que vale oro.

WLADEK

Ainá, fiz uma carta e quero que Benjamim registre amanhã no cartório da cidade.

AINÁ

Uma carta? Como um testamento? Isso é uma grande bobage, o senhor inda vai vivê muito tempo.

WLADEK

Pode ser, mas quero deixar tudo preparado. É claro que tudo o que tenho ficará para Rafael, mas quero assegurar a tua vida e a de Benjamim, que são minha única família aqui.

Wladek reacende o cachimbo.

WLADEK

(continuando)

Às vezes sinto que vou morrer logo. Não que esteja doente, minha maior doença está no espírito. Já fiz tudo o que podia por aqui, lutei como um louco, trabalhei como um camelo, um animal de carga para fazer dessa estância o que é hoje. Não tenho mais ilusões, Ainá. Me digas, o que resta a um homem que perdeu toda a vaidade e os sonhos individuais?

Ainá enxuga as lágrimas com a ponta do avental.

AINÁ

Num gosto quando o senhor fala assim. Inda é novo, vai vivê muito tempo.

WLADEK

Ainá, sei que gostas de mim mais do que deverias. Te apegaste a mim e a Rafael, o criou melhor do que faria uma mãe de verdade. Eu te respeito por isso, mas a morte é só uma continuação da vida. Sinto-me em paz e preparado para o momento final. Odiei muito, senti a ira do inferno quando soube da traição de Benjamim e Urzula. Odiei ainda mais quando me vi dependente dele. Esse foi o pior castigo, precisar de um homem que me despertava uma fúria incomum, quase animal. Ter que agradecer a ele a continuidade do meu trabalho, agradecer por ter salvado minha vida três vezes. Entendes o que isso significa? Não podia mandá-lo embora, tinha que reconhecer que era o melhor homem de que dispunha e ele também ficou, apesar de tudo. Quanto motivo de gratidão. Tive minhas recompensas, comecei a amar Rafael, perdoei Benjamim e hoje ele me é tão valioso quanto um pai ou um irmão. É meu amigo, na verdadeira concepção da palavra.

AINÁ

O tempo é um santo remédio pra todas as dor.

WLADEK

Tens razão, Ainá. E graças ao tempo me sinto em paz. Não feliz, mas me basta a leveza que trago no peito. Fico satisfeito diante da perspectiva de ver o que existe além da vida, porque tem que haver algo, senão a vida perde todo o sentido.

Wladek segura as mãos da empregada.

WLADEK

(continuando)

Tenho muito o que agradecer. Só conheci pessoas boas. Deus me abençoou com um filho que não pude gerar, um menino sábio e justo.

Ainá seca as lágrimas no avental e sai.

52. EXT. CASA DE JEREMIAS (FRENTE) - TARDE

Benjamim e Rafael batem palmas.

JEREMIAS, vizinho pobre, desdentado e com muitos filhos, sai.

RAFAEL

Jeremias, como vais?

JEREMIAS

Como Deus permite, senhor Rafael. Entrem e tomem uma caneca de café.

RAFAEL

Estamos com pressa. Só viemos para ver se tens uma filha em idade de trabalhar. Estou precisando de uma moça para ajudar Ainá na cozinha.

Três crianças e um bebê arrastando pelo chão de terra saem da casa.

JEREMIAS

Minha filha Jurema tem 15 anos e seria muito bom se arranjasse trabalho. Sabe, as coisas estão difíceis.

RAFAEL

Pois então, mande-a à estância. Falarei com ela lá.

Diversos cães sujos chegam do pasto.

Jeremias os acaricia.

JEREMIAS

Ela irá amanhã bem cedo, senhor.

RAFAEL

Até logo, Jeremias.

53. EXT. ESTÂNCIA - TARDE

Rafael e Benjamim voltam da casa de Jeremias.

RAFAEL

Nunca vi tanta miséria junta. E ainda por cima um monte de cães. Eles não têm comida nem para os filhos.

BENJAMIM

Você se esquece de que os pobres têm bom coração. Não podem ver um cão magro e logo tomam para si. Se um dia precisar de um prato de comida, nunca peça a um rico.

RAFAEL

Tens razão, Benjamim. Tens toda a razão.

54. INT. COZINHA - MANHÃ

Ainá prepara o café, olhando pela janela a geada que cobre o gramado. Benjamim entra, soprando as mãos.

BENJAMIM

Bom dia, Ainá.

AINÁ

Benjamim, o patrão inda num levantô. Num acha esquisito?

BENJAMIM

É estanho, sim. Sempre que chego, ele já está aqui. E tenho percebido que Wladek está diferente. Outro dia o flagrei fitando as paredes nuas, sorrindo como se visse algo invisível.

Benjamim serve-se de uma caneca de café e se aproxima do fogão para se aquecer.

BENJAMIM

(continuando)

Chame-o, Ainá. Talvez não esteja bem.

Ainá sai.

Benjamim ouve um grito, larga o café e corre para o

QUARTO.

Ainá segura a mão do patrão.

AINÁ

(chorando)

Ele tá morto, Benjamim. Duro e frio. Espie o sorriso dele, ele ri de nós.

BENJAMIM

Por favor, Ainá. Tenha calma.

AINÁ

Eu bati na porta e ele num respondeu. Bati de novo, daí experimentei o trinco e tava aberta. Entrei e vi ele assim.

Benjamim toma seu pulso e cola o ouvido no seu peito.

BENJAMIM

Corra, vá chamar Rafael. Depressa.

Ainá sai.

BENJAMIM

(pensando)

Wladek, meu amigo. Você irá encontrá-la antes de mim.

Benjamim chora, em silêncio.

Rafael entra abruptamente, abotoando as calças. Aturdido, segura suas mãos e bate de leve em suas faces, segurando as lágrimas.

RAFAEL

Meus Deus, Benjamim. Meu pai morreu!

BENJAMIM

Vou chamar o Dr. Hanz. Está velho, mas precisamos de um médico. Nem que seja só para constatar a morte.

RAFAEL

Faças isso.

Benjamim sai.

Rafael, sozinho, chora.

55. INT. SALA - TARDE

A sala está cheia de amigos para o velório de Wladek. Teximbré conversa com Benjamim.

TEXIMBRÉ

Um guerreiro deve ser enterrado com seus pertences: sua garrucha, seu cinto e sua faca, e também as boleadeiras. Enfrentará lutas no outro mundo e deve se preparar. Ele foi um guerreiro, apesar de ter a pele branca.

BENJAMIM

Assim será.

Rafael, com os olhos lacrimejando, fica o tempo todo ao lado de Helena.

Surgem comentários do sorriso do defunto e da diferença entre pai e filho.

Rafael olha para Benjamim, que se aproxima e passa os braços em seu ombro.

BENJAMIM

Quer descansar um pouco?

RAFAEL

Não, Benjamim. Vamos até o fim, nós dois. Agora só tenho um pai. Fiques comigo.

56. EXT. CEMITÉRIO - DIA

MONTAGEM

- A) O frio intenso deixa o cemitério com aspecto sombrio.**
- B) O PADRE encomenda o corpo de Wladek.**
- C) As pessoas saem apressadas.**
- D) Ainá está inconsolável.**
- E) Rafael chora.**
- F) Helena o espera, à distância.**

Benjamim o abraça.

BENJAMIM

Vamos, filho. Vamos voltar para casa.

RAFAEL
Vamos para casa.

57. EXT. VARANDA - DIA
Passam-se alguns dias.
Rafael está sentado, perdido em pensamentos.
Pedro e ANTÔNIO, o novo empregado, param à sua frente, esperando alguma ordem.
Rafael levanta-se.

RAFAEL
Vamos, pessoal. A vida aqui tem que voltar ao normal.
Há muito trabalho a ser feito, e temos que continuar o que meu pai começou.

Ainá ouve a conversa.

AINÁ
Vô arrumá alguma coisa pra cumê.

Ainá sai.
Rafael senta-se novamente.
Benjamim chega e se acomoda ao seu lado.

RAFAEL
Que horas o tabelião ficou de aparecer, Benjamim?

BENJAMIM
Ele deve chegar a qualquer momento.

RAFAEL
Tu podes cuidar disso pra mim?

BENJAMIM
Não, Rafael. Não posso. Você é a parte mais interessada. Não pode agir dessa maneira. Todos sofremos com a morte de Wladek, mas a vida continua.

RAFAEL
Tens razão.

Uma charrete se aproxima, trazendo o TABELIÃO.

58. INT. SALA - DIA
Benjamim, Rafael e o tabelião estão sentados.
Ainá serve chimarrão.

TABELIÃO
Vamos ler o que Wladek escreveu de próprio punho e eu registrei como sendo tua última vontade.

RAFAEL
Trata-se de um testamento?

TABELIÃO

Não, Rafael. Não é um testamento segundo as normas legais, mas já que teu pai se preocupou em deixar por escrito as vontades e as registrou em cartório, vocês devem cumpri-la em sua memória.

Rafael chora em silêncio durante a leitura.

59. INT. QUARTO DE RAFAEL - TARDE

Rafael prepara-se para ver a noiva.

Benjamim entra.

BENJAMIM

Rafael, você não pode ir à cidade todos os dias. Precisamos de você aqui. Agora, tem duas funções, a sua e a de seu pai.

RAFAEL

Eu sei, Benjamim. Mas me sinto um tanto perdido. De repente, minha vida virou de cabeça pra baixo.

BENJAMIM

Então, peça-a em casamento. Apresse as coisas. Tem 19 anos e sabe muito bem o que quer, sempre soube. Não acho que Frederico irá se opor a isso.

RAFAEL

(pensativo)

Estás certo. Já não aguento mais esperar por aquele momento.

Benjamim senta-se.

BENJAMIM

(sorrindo)

Quer dizer que nunca esteve com uma mulher? É virgem ainda?

RAFAEL

Não, nunca estive. Estou me guardando para Helena.

BENJAMIM

È pior do que eu pensei. Case-se amanhã, pois isso pode lhe fazer mal.

RAFAEL

Benjamim, não sou assim tão ignorante. Li tudo a respeito de sexo nos livros da biblioteca.

BENJAMIM

Leu?

RAFAEL

Seu velho besta. Eu estou me guardando para ela. Logo vou desfrutar dos prazeres da vida, e tu? Acho que nem saber mais como fazer, deves estar impotente.

BENJAMIM

Não sou assim tão santo como imagina. Às vezes visito aquele lugar em que estivemos na quermesse, lembra?

RAFAEL

Mas não é a mesma coisa. Só o prazer físico não me interessa. Só conseguiria se amasse a mulher, caso contrário acho que sentiria nojo depois de fazer.

BENJAMIM

E como acha que me sinto? Chego a tomar uns quatro banhos, mas é uma forma de provar a mim mesmo que ainda estou vivo, se é que me entende.

60. INT. CASA DE HELENA - TARDE

Rafael acaba de pedir Helena em casamento.
Margareth está encantada.

RAFAEL

Que tal marcarmos para daqui a um mês. Se não se opuserem, pode ser aqui mesmo, uma cerimônia discreta somente para os padrinhos.

MARGARETH

Não foi isso o que sonhei para minha única filha.

HELENA

Mãe, não queremos nada de ostentação. O momento não é propício.
Afinal, o pai de Rafael morreu há apenas um mês.

MARGARETH

Mas é pouco tempo para arrumar o enxoval, querida. Eu queria fazer todos os lençóis bordados. Queria que fosses a mais linda das noivas.

HELENA

Mãe, eu quero apenas ser feliz. Me caso com qualquer roupa, e até de chinelos.

MARGARETH

Isso é que não! Eu mesma farei teu vestido. Sabes que sei costurar.
Bordarei como minha mãe me ensinou.

Rafael e Frederico trocam olhares.

HELENA

Faças como quiseres.

Rafael e Helena saem, deixando Frederico e Margareth sozinhos.

MARGARETH

Helena é nossa única filha. Sabes bem que nunca mais pude ter outros.
Aquele problema nas trompas. Não posso permitir que ela se case como uma qualquer.

Frederico, sentado, faz as contas dos gastos.

FREDERICO

Margareth, não somos ricos. Nunca fomos, mas fazes questão de, não sei porque, aparentar posses que não possuímos. Por favor, cales a boca que essa conversa me deixa irritado. Tu me deixas louco.

MARGARETH

Estás vendo como és? Não ligas para tua filha, muito menos para mim.
Não te importas que ela se case vestida aos trapos.

FREDERICO
(gritando)
Cale-te.

Frederico sai.

61. INT. QUARTO DE RAFAEL - DIA
Rafael faz a barba.
Benjamim o observa.

RAFAEL
Benjamim, estou nervoso.

BENJAMIM
Se ficar nervoso, tudo fica pior. Nem aquilo sobe.

RAFAEL
Não faças troças de mim. Aquilo levanta todos os dias, tanto que nem sei o que fazer com ele.

Rafael vai para a
COZINHA, trocado para o casamento.

AINÁ
Tá lindo!

Ainá arruma um cacho negro enroscado no colarinho.

AINÁ
(continuando)
Acho que nunca vi home mai bunito.

RAFAEL
Nunca usei terno na minha vida, Ainá. Me sinto preso e desconfortável.

AINÁ
Devia de tê cortado os cabelo.

RAFAEL
Gosto deles assim, mais compridos.

BENJAMIM
Apreste-se, Rafael. A charrete está pronta. Eu e Ainá iremos em seguida.

Rafael beija a testa da empregada.

RAFAEL
Está bem, Benjamim. Estou indo.

Rafael dá um forte abraço em Benjamim, que disfarça as lágrimas.

BENJAMIM
Pedro e Antônio estão esperando. Não vai querer que eu amasse sua roupa.

Rafael sai.

AINÁ

Senhor! Como ele parece com o cê, Benjamim! Lembro do dia que chegô aqui procurano trabaio. Era iguarzinho. É estranho que ninguém percebe. Até um asno ia sabê se oiasse direito.

BENJAMIM

Talvez até notem, mas quem teria coragem de formular um pensamento assim em viva-voz? Vamos, Ainá, não queremos chegar atrasados.

62. INT. CASA DE HELENA - DIA

MONTAGEM

- A) O altar é montado na sala.
- B) São poucos os convidados, apenas os padrinhos e amigos mais próximos.
- C) Helena usa um vestido até os tornozelos, sem grandes enfeites.
- D) O padre abençoa os noivos.
- E) Margareth tenta esconder a decepção.

63. INT. CASA DE HELENA - TARDE

A festa se transforma num baile.

Os rapazes, meio embriagados, rodopiam as moças pelo ar.

Rafael, cansado, despede-se dos sogros.

Margareth abraça Helena e chora.

64. INT. QUARTO - NOITE

Ainá prepara o quarto de Wladek para Rafael e Helena.

Benjamim, com o olhar perdido, troca os lençóis.

AINÁ

Esqueça o passado, home.

BENJAMIM

Será que eles estão juntos em algum lugar?

AINÁ

Pode sê e digo mai. Eles tão esperano o cê. Viveram junto aqui, e agora que já tão no otro mundo, entendem mió os sentimento que leva as pessoa a fazê tanta locura.

Benjamim senta-se na cama.

BENJAMIM

Sei que parece coisa de louco, Ainá. Mas sinto ciúmes, queria ter morrido antes dele. Queria apenas alguns momentos, apenas uns poucos momentos.

Ainá estica o lençol de linho branco.

AINÁ

Devia é ficá alegre. O que deu pra ela numa noite, ela num conheceu com ele em muitos ano.

BENJAMIM

E eu, como fico?

AINÁ

Fica do memo jeito que tá, porque num tem força pra cortá os laço com o passado. Nasceu pra amá só uma muié, e teve azá de chegá com atraso.

65. INT. COZINHA - NOITE
Rafael e Helena estão sozinhos.

RAFAEL

Queres comer alguma coisa? Ainá preparou nosso jantar.

HELENA

Não. Acho que estou com dor de barriga. Sinto algo remexendo aqui dentro.

Rafael desata o nó da gravata e tira o paletó.

RAFAEL

Calma, meu amor. Estás nervosa. Há muito tempo espero por isso. Lembra dos nossos passeios? Não será diferente, só que não precisamos mais segurar nossas emoções.

Rafael senta-se e segura suas mãos.

RAFAEL

(continuando)

Todas as vezes que saíamos, minha vontade era jogá-la sobre o capim e fazer amor ali mesmo.

HELENA

Não será pecado?

RAFAEL

Não, agora não. Estamos casados e abençoados pela Santa Igreja.

Rafael a carrega até o

QUARTO e a coloca na cama.

RAFAEL

Eu te amo, Helena.

Rafael a despe carinhosamente, e deita sobre seu corpo.

HELENA

Pares, dói muito.

RAFAEL

Calma, não vai doer mais. É só no primeiro momento.

Helena fica assustada e insatisfeita.

RAFAEL

Me perdoes. Deve ter sido horrível para ti. Sou inexperiente ainda. Prometo-te que será melhor da próxima vez.

Helena esboça um sorriso.

66. INT. QUARTO - MANHÃ

Helena acorda com a claridade. Descobre Rafael, que ainda dorme, passa a mão nos pelos encaracolados do tórax e chega até seu membro.

RAFAEL

Amo-te mais do que a minha vida.

Helena, envergonhada, retira rapidamente a mão.

RAFAEL

Continues.

Eles fazem amor.

Helena não fica plenamente satisfeita.

RAFAEL

Foi melhor agora.

HELENA

Foi.

És bonito assim, nu.

RAFAEL

Achas que teremos um filho logo?

HELENA

Se tivéssemos, gostaria que fosse uma menina. Acho muito mais engraçadinhas do que os garotos.

Rafael levanta-se bem disposto e estica os músculos.

RAFAEL

Vamos, sua preguiçosa. O trabalho me espera, e não posso passar o dia inteiro na cama. Ainá já está na cozinha.

67. INT. COZINHA - MANHÃ

Ainá, com a ajuda de Benjamim, prepara a mesa do café.

Rafael e Helena entram.

BENJAMIM

Bom dia, Rafael. Bom dia, Helena.

HELENA

Vou ajudar-te, Ainá.

AINÁ

Num precisa agora. Antes tome o café, depoi nós combinamo. Se qué ajudá nas tarefa, vô achá o que pode fazê. Jurema passa e lava a roupa, e eu faço o resto.

Rafael e Helena estão envergonhados.

RAFAEL

Tens quantos anos, Ainá?

AINÁ

Tanto que já num sei mai contá, fio.

HELENA

Gostaria de cozinhar também. Posso não saber tão bem como ti, mas assim descansarias um pouco.

AINÁ

Num sô véia, nem duente.

Rafael levanta-se e abraça a índia.

RAFAEL

Ela não quis dizer isso, Ainá. És minha única mãe, mas há um momento para aproveitar o tempo que resta, fazer as coisas que gostamos, descansar e viver para nós mesmos, ao menos na velhice. Entendes? Nunca a vi fazer nada para ti. Dedicaste a vida a me criar, a cuidar de meu pai e dessa casa. Só ajudaste aos outros.

Ainá limpa as mãos no avental e senta-se.

AINÁ

Meus fio, me escute. O que tive de mió na vida foi essa casa, seu pai, Benjamim e o céu. Enquanto vivi na reserva, vi meu povo perdê a própria identidade, se torná capacho de home branco. Num é por falta de orgulho e altivez. A história do povo Kaikang mistura cá história do Rio Grande, dizem que meu povo veio de São Paulo pra essas terra em busca das floresta que no nosso meio foi destruída. Aqui tamém veio os branco e a necessidade. As nova lei tiraram quase tudo dos Kaikang, até as crença. Fizeram a gente acreditá num único Deus, vingativo e crué. Tamém fomo obrigado a aprendê que dependemo da boa vontade e do dinheiro dos branco. Quem tem dinheiro, tem liberdade. Com o dinheiro que ganhei aqui pude fazê muitas coisa pelo meu povo. Quem deve gratidão sô eu, a o céu e a seu pai, que nunca me insurtô por pertencê a outra raça. Quando nasceu, eu sabia que ia precisá de uma mãe. Quem podia criá o céu? Me mudei pra cá, num tinha mai meu marido e num quis escoliê otro home. Já num era moça e nunca fui bunita. Quando a patroa morreu, eu sube que o nosso Deus, num importa o nome, me havia mandado um fio. Portanto, me deixe fazê o que sei e o que gosto, cuidá de tudo os céuis. Essa é a mió paga que pode me dá.

Todos ficam emocionados.

RAFAEL

Não sabia que pensavas assim. Se essa é a tua vontade, faça como quiseres.

AINÁ

Se me ama e qué me vê feliz, me deixe trabaiá até o dia em que Deus me levá. Se eu paro, num vivo nem mai um meis.

BENJAMIM

Então, faça uma comida bem gostosa.

Rafael, emocionado, abraça a índia.

AINÁ

Brigada, fio.

68. EXT. ESTÂNCIA - DIA

Benjamim, Rafael e Antônio caminham pela estância, em silêncio.

Rafael está envergonhado.

Benjamim e Antônio sorriem discretamente.

BENJAMIM

Como foi a noite, Rafael?

RAFAEL

Vamos trabalhar e deixar esses detalhes pra lá. Tem muita coisa a ser feita na estância.

Benjamim e Antônio deixam escapar uma gargalhada.

RAFAEL

Seu velho tolo.

69. INT. SALA - NOITE

Rafael e Benjamim ouvem uma música de Green Miller no rádio, que eles chamam de "máquina", mas o que interessa ao rapaz é o noticiário que vem em seguida.

BENJAMIM

Muitas mudanças estão acontecendo.

RAFAEL

O Sul ainda será um grande produtor de arroz, Benjamim. Tão grande que alimentará todo o país. Ainda vou mandar muito arroz para os gringos.

BENJAMIM

Os olhos de todos estão voltados para o Sudeste. Fábricas estrangeiras estão se instalando por lá, principalmente em São Paulo.

RAFAEL

Mas em breve eles também enxergarão o Sul.

BENJAMIM

Quem dera, filho. Quem dera.

RAFAEL

Escutes, vai começar o noticiário.

BENJAMIM

Então, aumenta o volume da máquina.

70. INT. COZINHA - DIA

Ainá, sentada, escolhe arroz para o almoço. De repente, sente uma dor aguda e leva as mãos ao peito. Os lábios contorcem ao tentar sorrir para a luz que invade a porta. Esparrama as mãos em cima da mesa, os dedos crivam na madeira e ela cai com o rosto em cima da cuia.

Helena entra.

HELENA

Ainá. Respostas.

Helena sai correndo.

71. EXT. TERREIRO - DIA

Helena atravessa a lama com o vestido arregaçado, e encontra Benjamim no

CHIQUEIRO, consertando a cerca.

HELENA

Benjamim, a Ainá. Ela...

BENJAMIM

Calma, Helena. Fala devagar senão eu não entendo nada. Comece de novo. O que aconteceu com Ainá?

HELENA

Morreu.

Benjamim larga o martelo e os pregos que traz no canto da boca.

BENJAMIM

Não é possível, Helena. Deve estar enganada.

72. INT. COZINHA - DIA

Benjamim passa a mão na testa de Ainá.

BENJAMIM

Está gelada.

Vá depressa chamar Rafael na plantação. Precisamos tirá-la daqui, mas não aguento sozinho.

Helena, em choque, não move um passo.

BENJAMIM

Ande logo, mulher.

Helena tapa a boca com as mãos e sai aos tropeços.

Benjamim senta-se ao lado da empregada e, carinhosamente, fecha seus olhos.

AINÁ

Pobre Ainá. Se encontrar com Urzula e Wladek, diga-lhes que logo os alcançarei.

Rafael entra abruptamente, com os olhos vermelhos. Acaricia os cabelos brancos com delicadeza e chora em silêncio.

BENJAMIM

Ela está em paz, Rafael. Não chore.

RAFAEL

Precisamos levá-la para o quarto. Depois, devo ir até a reserva avisar o chefe.

Eles a carregam até o quarto, com dificuldades.

73. EXT. RESERVA - DIA

Rafael, entristecido, dá a notícia ao velho cacique.

RAFAEL

Ainá fazia parte da minha família. Assim, eu gostaria muito que ela fosse enterrada ao lado do meu pai e da minha mãe.

TEXIMBRÉ

Precisamos, nós da mesma raça, estar unidos na morte, já que não conseguimos em vida. A cada dia meu povo se espalha e adquire novos costumes, mas na morte ainda são Kailang, da grande etnia Gê, que migrou para essas florestas há mais de duzentos anos. Portanto, Ainá deve ser sepultada segundo os nossos costumes.

Rafael pensa em protestar, mas é detido por um olhar demorado do pajé. Iacumã e um grupo de índios enfeitados de penas coloridas e faixas amarradas abaixo dos joelhos, deixa a reserva com uma padiola.

74. INT. QUARTO - NOITE

O fim do ano se aproxima.

Rafael e Helena estão na cama.

HELENA

Estou com quase dois meses de atraso. Acho que estou grávida de novo.

RAFAEL

Dois meses? Por que não me disseste antes?

HELENA

Queria ter certeza primeiro. Tenho medo só de pensar. Temo perdê-lo de novo, como das outras vezes.

Rafael abraça a esposa pela cintura.

RAFAEL

Não, não dessa vez. Chamaremos o Dr. Hanz amanhã mesmo. Faremos tudo o que ele disser e teremos o nosso filho.

HELENA

Hanz está muito velho. Não enxerga nem mesmo o nariz.

RAFAEL

Está velho sim, mas é nosso amigo e confio nele. Acho que devemos confiar em sua experiência.

HELENA

Meu marido sempre a apoiar os velhos. Mas se achas melhor dessa forma, que assim seja.

RAFAEL

Preciso contar a Benjamim. Ele ficará muito feliz.

HELENA

Gostas muito dele, não?

RAFAEL

Mais do que imaginas, muito mais.

HELENA

A semelhança entre tu e ele é espantosa. Se fossem pai e filho não seriam tão parecidos. Sempre notei, mas nunca disse nada.

Rafael fica nervoso.

HELENA

Estás nervoso, Rafael. Por quê?

RAFAEL

(pensativo)

Helena, consegues guardar um segredo?

Rafael segura suas mãos.

RAFAEL

(continuando)

Um segredo muito grande.

HELENA

Um segredo? Que segredo?

RAFAEL

Consegues guardá-lo?

HELENA

Claro que sim, Rafael. Mas me contes logo, estou curiosa.

Rafael conta sobre sua origem e do acidente de Wladek.
Helena senta-se, espantada.

RAFAEL

O que foi, Helena? Por que te assustaste tanto?

HELENA

O que foi? Como pôde perdoar tamanho pecado?

RAFAEL

Helena, deixes disso. É claro que perdoei, não poderia julgá-los. Como julgar algo que não senti?

HELENA

Sentir? Isso é pecado, traição. Nada tem de sentimento e de amor. Só libertinagem.

RAFAEL

Cale-te. Não admito que sujes a memória de minha mãe e de meu pai. Gosto de Benjamim tanto quanto gostei de Wladek. Jamais te esqueças disso.

Helena fica calada.

RAFAEL

Contei-te esse segredo porque confio em ti. Peço que entendas. Se eu perdoei, tu também deves fazer o mesmo.

HELENA

Não sei. Tudo agora tem um aspecto diferente, alguma coisa mudou dentro de mim.

RAFAEL

Helena, o que poderia mudar? Eu sou o mesmo homem.

HELENA

Mas foste concebido em pecado, não és puro.

RAFAEL

Achas que sou um cavalo? Que devo pertencer a uma linhagem de puro sangue? Sou um homem e julguei que me amavas pelo que sou.

Rafael deita-se, magoado e arrependido.

Helena fica acordada, sentada na cama com os olhos fixos no chão.

RAFAEL

Helena, deita-te. Não vamos discutir por besteiras. Amanhã vou à cidade buscar o Dr. Hanz para te ver.

Helena fica encolhida no canto, evitando encostar no marido.

75. INT. COZINHA - MANHÃ

O Dr. Hanz chega cedo, acompanhado de Rafael, cabisbaixo.

JUREMA, sorridente com as ancas mexendo por baixo do vestido, serve o café.

JUREMA

Tome um café, doutor.

DR. HANZ

Obrigado, Jurema.

(dirigindo-se a Rafael)

Rafael, que há contigo hoje? Não falaste meia dúzia de palavras durante todo o caminho.

Rafael levanta-se.

RAFAEL

Não dormi bem, só isso. Helena logo virá para que o senhor a examine.

O médico o olha, espantado.

76. INT. SALA - MANHÃ

Helena recebe o médico.

DR. HANZ

Queres dizer que esperas um filho?

HELENA

Acho que sim, doutor. Mas talvez morra como os outros.

Helena senta-se e o convida a fazer o mesmo.

HELENA

(continuando)

Agora sei porque perdi meus filhos. Foi castigo. Nunca terei o gosto

de ser mãe. Deus castiga Rafael.

DR. HANZ

Me desculpe, Helena. Estou velho e acho que não ouvi muito bem o que disseste. Poderias repetir?

HELENA

O senhor ouviu. Deus está castigando Rafael.

O Dr. Hanz levanta-se com dificuldades.

DR. HANZ

Mas porque Deus faria uma coisa dessas? Rafael é o melhor homem que pode existir, leal, trabalhador e bom gênio. Mesmo que, porventura, Deus castigasse alguns de seus filhos, coisa que não creio, não seria Rafael.

HELENA

Ele não é puro. O castigo vem dos erros do pai.

DR. HANZ

Helena, paremos de falar bobagens. Vamos, quero examinar-te.

Eles vão para o

QUARTO.

77. EXT. CHIQUEIRO - MANHÃ

Benjamim sai com um saco vazio nas mãos.
Rafael aproxima-se.

RAFAEL

Benjamim, largues o que está fazendo. Preciso falar-te.

Eles caminham pelo

TERREIRO, enquanto Rafael relata o acontecido na noite anterior.
Benjamim apenas escuta, com as mãos enfiadas nos bolsos e olhando para o céu claro.

BENJAMIM

Filho, nem todas as pessoas são como nós. Algumas dão muita importância a coisas pequenas, como quem gerou quem, qual esperma que fecundou esse ou aquele óvulo. Preocupam-se tanto com isso que se esquecem de que cada pessoa deve ser respeitada ou odiada por aquilo que é.

RAFAEL

E o que eu posso fazer para mudar essa situação?

BENJAMIM

Por enquanto nada. Quando ela se acostumar com a ideia de que o sogro ainda está vivo, e sou eu, vai melhorar. Tenha paciência.

RAFAEL

Vou tentar, mas queria que visse seus olhos, o horror que se estampou em suas faces. Que Deus me perdoe, mas tive vontade de socá-la.

BENJAMIM

Deve dar tempo a ela para digerir essa história toda. Lembre-se de que também ficou confuso quando soube. Agora vá lá para falar com o médico e saber como está a gravidez.

Rafael obedece.

POV DE BENJAMIM

Ele observa Rafael afastando.

78. EXT. VARANDA - DIA
O Dr. Hanz está de saída.
Rafael chega.

RAFAEL

Fiques para o almoço, doutor. E me contes como está minha esposa.

DR. HANZ

Ela está bem, e o bebê também. Passei alguns remédios que vão segurar a gravidez no período de três meses, que são os mais críticos.

Helena mexe os dedos, e evita olhar para o marido.
O Dr. Hanz percebe.

RAFAEL

Vamos entrar. Tomas uma bebida ou uma cuia de mate antes que Jurema sirva o almoço.

DR. HANZ

Uma bebida, é claro.

Rafael e o médico entram.
Helena fica na varanda.

POV DE HELENA

Ela vê Benjamim com o machado.

VOLTA À CENA
Helena vira as costas com desprezo.

79. INT. COZINHA - DIA
Jurema serve o almoço.

RAFAEL

Jurema, chames Benjamim.

Jurema sai.
Helena levanta a cabeça e encara o marido.
Benjamim entra e joga o chapéu num canto. Lava as mãos, senta-se em frente à nora e serve.
Helena demonstra desprezo.

DR. HANZ

Não estás com fome, Helena? A comida está ótima e é importante para o bebê que alimentes bem.

Helena, calada, levanta-se, lança um último olhar a Benjamim e sai.

DR. HANZ

O que aconteceu com essa mulher, Benjamim?

BENJAMIM

Não sei, doutor. Juro que não sei.

DR. HANZ

Ela me disse coisas estranhas antes de ser examinada, algo sobre Deus estar castigando Rafael, fazendo com que perca os bebês.

Rafael olha para Benjamim, e depois para o médico.

RAFAEL

Achas, com teu estudo e sabedoria, que alguém pode ficar louco de uma hora para outra? Perder a razão de repente?

DR. HANZ

Não posso dizer isso, assim de repente, mas as reações humanas são imprevisíveis diante de certas circunstâncias. Se te referes a Helena, não creio que tenha enlouquecido. Só está nervosa com a gravidez, procurando razões imaginárias para os outros abortos. Teme que perca essa criança também. Essas coisas mexem com a sensibilidade das mulheres.

RAFAEL

Por favor, venhas vê-la sempre.

DR. HANZ

Claro, virei todo mês. Quero acompanhar de perto a gravidez. Ela vai melhorar ao ver que dessa vez correrá tudo bem. Tenhamos fé.

80. INT. SALA - NOITE

Rafael toma uma bebida.

Helena, grávida de três meses, passa escondendo a barriga.

Rafael segue-a até o

QUARTO, cambaleando, com o copo na mão.

Helena fica assustada com sua entrada e seu sorriso de escárnio.

RAFAEL

Então, não me queres mais. Sou impuro, não é?

Helena protege-se no canto, segurando o decote do vestido.

HELENA

Estás bêbado. Saias e me deixes em paz.

RAFAEL

Claro que estou bêbado, como querias que estivesse? Não me olhas mais e desprezas Benjamim, meu pai. Não me permite encostar um só dedo em ti, afasta-te ao menor gesto como se o próprio Satanás quisesse te possuir.

Rafael anda pelo quarto, tentando se aproximar.

RAFAEL

(continuando)

Eu te amo, e sei que também me amas. Como podes me tratar assim?

HELENA

Não gosto mais de ti. Nascestes de um relacionamento impuro, da traição. Como ainda admites que esse homem viva aqui? Mande-o embora.

RAFAEL

(gritando)

Esse homem a quem tanto desprezas é meu pai, e ficará aqui até morrer. Eu quero que seja assim.

HELENA

E tua mãe foi uma prostituta.

Rafael desfere uma bofetada em seu rosto, arrependendo-se em seguida e recuando.

Helena leva a mão à boca, e sente as gostas de sangue escorrerem pelos lábios.

Eles trocam olhares, assustados.

RAFAEL

Nunca mais fales assim da minha mãe.

HELENA

E tu, não me toques mais. Nunca mais.

RAFAEL

Pois vou te dar mais um motivo para que me odeies. És minha mulher e eu a quero agora, nesse minuto.

Rafael aproxima-se e toca em seus cabelos.

RAFAEL

(continuando)

Não me amas mais, não é? Usou como desculpa a minha origem, a infidelidade de minha mãe para me desprezares. Agora vais me odiar, e dessa forma também me libertarás.

Rafael segura seu queixo com força e a beija, deslizando os lábios por seu corpo e carregando-a até a cama.

Helena vira o rosto.

Rafael tira sua roupa e beija seu corpo.

Helena permanece imóvel, sem soltar nenhum suspiro.

Rafael a penetra com violência. Ao finalizar, vira-se e olha fixamente para o teto. Em seguida, levanta e sai.

81. EXT. TERREIRO - MANHA

Rafael arreia o cavalo e toma a

ESTRADA, em direção à cidade.

82. EXT. CASA DE FREDERICO (FRENTE) - MANHÃ

Rafael bate várias vezes à porta. Ouve, com alívio, o barulho da chave.

FREDERICO

Rafael, o que houve? O que te trás aqui tão cedo?

RAFAEL

Desculpe-me por te incomodar, mas preciso falar-te.

FREDERICO

Claro. Entre e tome um café. Margareth está na cozinha.

83. INT. CASA DE FREDERICO - MANHÃ

Frederico e Rafael sentam-se na sala.

Margareth entra com uma bandeja e duas xícaras de café.

RAFAEL

Se não viesse ver-te, acho que enlouqueceria.

Frederico e Margareth ficam preocupados.

Rafael conta o que se passa com Helena.

RAFAEL

Frederico, se existe algo de que não sei, peço-te que me contes. Preciso compreender o que está acontecendo para aceitar essa situação.

Margareth não consegue esconder o nervosismo.

Frederico, hesitante, roda a aliança grossa no anular.

FREDERICO

Rafael.

MARGARETH

Nada há com Helena. Só está nervosa com a gravidez. Quando o bebê nascer tudo volta ao normal.

FREDERICO

Cale-te, Margareth. Já está na hora de sermos justos, ao menos uma vez na vida.

Rafael fica aflito.

FREDERICO

Rafael, não sei por onde começar mas vou tentar ser sincero contigo. Devíamos ter tido essa conversa antes do casamento, mas acredite, se não o fiz não foi por maldade. Eu realmente acreditava que Helena estivesse curada. Ela teve uma crise de loucura quando tinha uns sete ou oito anos, não sei te explicar com termos médicos. Sou ignorante, mas posso te dizer que sofremos muito. Foi nos explicado que era hereditário, temos parentes internados em hospitais de loucos até hoje.

MARGARETH

(chorando)

Por favor, não continues.

FREDERICO

A crise manifestou quando a colocamos na escola. Começamos a receber cartas da professora que reclamavam do mal comportamento da nossa filha. A princípio era violenta com as colegas, e depois sua mudança surpreendia e ela tratava a todos com sarcasmo. Nós a levamos a um médico, que nos disse ser apenas uma fase da idade e que logo passaria. Levamos a outro e mais outro, mas nenhum soube nos dizer exatamente o que acontecia com Helena, até que perdemos a vergonha e falamos dos outros parentes com os mesmos sintomas. O doutor nos disse ser coisa de genes, não entendo disso. Só sei que ela se acalmou depois que te conheceu, não teve mais crises de violência e se tornou prestativa. Achamos que estava curada e agradecemos aos céus. Eu devia ter-lhe dito, mas tínhamos fé de que nada mais de ruim aconteceria com ela.

Margareth limpa os olhos com um lenço.

RAFAEL

Mas não se pode fazer nada? Um tratamento com outro médico? Tem que haver uma solução.

FREDERICO

Não acredito que se possa fazer muito. Na época a tratamos com calmantes, mas ela não poderá tomar durante com a gravidez.

RAFAEL

Não podiam ter-me escondido isso, não podiam.

FREDERICO

Sinto muito, filho. Nós erramos, mas fizemos o que julgamos ser o melhor.

RAFAEL

O que acharam ser o melhor transformou minha vida num inferno.

FREDERICO

Teria sido diferente se soubesse? Não terias se casado?

RAFAEL

Não sei dizer, mas agora não importa mais.

FREDERICO

Rafael, sei que és jovem e cheio de vigor. Vou entender se procurar outra mulher. Se achares uma amante, não haverá censura da nossa parte. Só te peço que sejas discreto, não a faça sofrer mais ainda.

Rafael, comovido, anda pela sala.

FREDERICO

Que vais fazer?

RAFAEL

Que posso fazer? Vou sobreviver. É preciso, não? Vou sobreviver pelo bebê que ela traz na barriga. Vou suportar tudo pelo meu filho.

84. EXT. TERREIRO - DIA

Benjamim joga milho para as galinhas, e sorri com a disputa pelos grãos.

Rafael aproxima a cavalo.

BENJAMIM
Notícias ruins.

RAFAEL
Piores do que imaginas.

Rafael tira os arreios do cavalo e caminha em direção ao

CURRAL.
Benjamim o acompanha.

BENJAMIM
O que descobriu com os velhos?

Eles sentam-se num banco.
Rafael conta sobre a conversa com o sogro.

RAFAEL
É isso, ela é neurótica.
Não é justo, mas tenho que me conformar. Não sei o que fiz para
merecer tamanho castigo. Estou condenado a um casamento com uma louca,
e o pior é que amo essa mulher e nada posso fazer para mudar a
situação.

BENJAMIM
Talvez fosse melhor eu ir embora daqui. Quem sabe ela esquece essa
história de origem e volte ao normal.

RAFAEL
O quê? Ires embora? Isso nunca! Enquanto eu viver, tu vives aqui
comigo. Nunca mais menciones essa possibilidade.

Rafael ajoelha, espalmando as mãos nas coxas do pai.

RAFAEL
(continuando)
Se eu te perder também, nada mais me restará. Não me abandones, nunca.
Benjamim o abraça.

RAFAEL
Benjamim, preciso de ti. Ajude-me a lidar com isso. Logo terei um
filho, e tu serás avô. Preciso de ti para me ajudar a criar essa
criança.

BENJAMIM
Filho, sabe que ficarei. Se não o abandonei no momento mais difícil,
não será agora que o farei.

85. INT. COZINHA - NOITE
Jurema serve o jantar.

HELENA
(recitando)

Não cobiçarás a casa do teu próximo; não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu boi, nem o teu jumento, nem coisa alguma do teu próximo.

Benjamim e Rafael não dizem nada.

Jurema lança sorrisos e olhares insinuantes para o patrão. Ao servir, abaixa-se mais do que o necessário, mostrando o sulco entre os seios. Rafael, excitado, finge ignorá-la.

86. INT. QUARTO - MANHÃ

Helena sente as dores do parto.

JUREMA

(eufórica)

O bebê vai nascer, o bebê vai nascer.

Helena cerra os punhos.

HELENA

Cale-te, Jurema. Ninguém precisa saber disso.

Jurema sai correndo.

87. EXT. VARANDA - DIA

O Dr. Hanz chega, suado com o sol do meio-dia, acompanhado de Rafael. Benjamim os aguarda.

DR. HANZ

Então, o bebê vai nascer?

BENJAMIM

Creio que sim.

Rafael está nervoso.

O Dr. Hanz limpa o suor da testa com o lenço.

DR. HANZ

Rafael, não te preocupes. Dessa vez tudo correrá bem.

88. INT. SALA - DIA

Rafael e Benjamim aguardam.

O Dr. Hanz aparece, limpando os óculos grossos na ponta da camisa.

RAFAEL

E então, doutor. Por que demoraste tanto?

DR. HANZ

(sorrindo)

Se continuares assim, vou mandá-lo para fora. Até parece que és tu que terás o filho. Ela está bem e o bebê também, é só ter paciência e esperar. Ela não me deixa examiná-la direito, acho que quer fazer tudo sozinha.

Rafael e Benjamim trocam olhares.

O Dr. Hanz percebe.

DR. HANZ

Não vai acontecer de novo, Rafael. A tua mãe era fraca e doente, ao contrário de Helena que é forte e tem boa saúde.

RAFAEL

Mas já aconteceu antes, Hanz. Isso é o que me preocupa.

DR. HANZ

Dessa vez é diferente. A gravidez já está na fase final.

Benjamim os interrompe.

BENJAMIM

Urzula não era fraca nem doente. Nunca vi obstinação maior em uma mulher, doutor.

O Dr. Hanz, sorrindo simpaticamente, olha de um para o outro.

DR. HANZ

Pareces dizer isso com muita certeza.

BENJAMIM

Foi só um comentário. Nada pessoal.

89. INT. QUARTO - DIA

Jurema observa o trabalho do médico e fica contente quando ele pede para ela limpar a teste da patroa.

Helena não grita com as contrações. Trinca os dentes, retesando os músculos com resignação.

DR. HANZ

Podes gritar, Helena. Todas gritam.

HELENA

Não eu, não vou gritar, mas como dói. Jamais terei outro filho. Por Deus, nunca mais.

Os lábios de Helena ficam inchados com a pressão produzida pelos dentes.

HELENA

Pares de mexer em mim, doutor. Não suporto mais.

DR. HANZ

Logo virá, Helena. Faça mais força quando vir a dor, certo?

Helena faz força.

DR. HANZ

(continuando)

Agora, mais força. Está vindo.

O bebê chora.

Helena sorri, aliviada.

O Dr. Hanz mostra a criança, toda ensanguentada.

HELENA

(sonolenta)
É menino ou menina?

JUREMA
É uma menina!

DR. HANZ
Isso mesmo, uma linda menina. Agora deves descansar. Vou cuidar dela e te mostrarei em seguida.

Helena dorme.
Rafael entra, emocionado.

RAFAEL
Posso ver, doutor?

DR. HANZ
Claro! É uma menina muito teimosa e chorona.

Rafael sorri, orgulhoso.

RAFAEL
Meu Deus, como chora! E está vermelha!

DR. HANZ
Vais ter trabalho com ela. Nunca tive que lutar tanto para dar banho em uma criança.

Rafael senta-se na cama e toca suavemente a testa da esposa.

RAFAEL
Tentes acordar, Helena. É bom que a criança tenha contato com a mãe logo após o nascimento. E ela também precisa mamar.

Helena acorda e encara o marido.

RAFAEL
Nossa filha precisa mamar.

Helena senta-se, apressada.

HELENA
Sim, que o doutor a traga.

Rafael a observa amamentar a filha, sem emoção.

HELENA
Querias uma menina, pois tens uma agora.

RAFAEL
Vou levá-la para Benjamim ver. Posso tirá-la do quarto, Hanz?

DR. HANZ
Claro, mas agasalhe-a bem.

Rafael, sem olhar para a esposa, pega a trouxinha com cuidado e vai para a

SALA, com um sorriso bobo.

BENJAMIM

Vamos comemorar, Rafael. Hoje é um dia especial.

RAFAEL

Muito, Benjamim, muito. Quero que conheças tua neta.

BENJAMIM

Linda agora, e ainda mais linda quando crescer.

Frederico e Margareth entram.

MARGARETH

Não devias tê-la trazido para fora do quarto. Então, não sabes do mal de sete dias? Ela deve ficar no escuro até que se complete essa data.

FREDERICO

Isso é besteira, Margareth. Não passa de falação do povo que vê maldição em tudo.

(dirigindo-se a Rafael)

Vamos, Rafael. Me dê minha neta. Quero segurá-la.

MARGARETH

Deixem-a comigo. Vocês, homens, não sabem como segurar uma criança direito.

90. EXT. TERREIRO - DIA

Passam-se alguns dias.

Rafael está de saída para fazer o registro de CATARINA.

O cacique e o velho pajé da tribo Kailang aproximam-se.

Iacumã faz uma reverência com a cabeça, e entrega um colar de couro trançado, com uma ametista azul.

IACUMÃ

Trazemos uma presente para a guria. Ela nasceu há cinco dias, não é certo?

RAFAEL

Sim.

IACUMÃ

Não foi um bom dia para nascer. Os espíritos maus estavam soltos.

Rafael fica apreensivo.

IACUMÃ

Mas havia também espíritos bons. Eles lutaram e a menina irá escolher um dos lados. Saberá a hora certa de agir.

INSERT - COLAR

A ametista do colar brilha.

VOLTA À CENA

Rafael, cético, olha para o amuleto e sacode a cabeça.

TERCEIRA FASE

CATARINA

1939 - 1959

"Sou semelhante ao pelicano do
deserto;
sou como a coruja entre as ruínas.
Não durmo e suspiro
como pássaro solitário no
telhado."

Salmos 102.6-7

1. EXT. VARANDA - TARDE

Catarina, prestes a completar três anos, está na varanda. olha em direção à porteira, na esperança de ver o pai chegando dos pampas.

POV DE CATARINA

Seus olhos se fixam na porteira, com a estrada a perder de vista e o crepúsculo do fim de tarde.

VOLTA À CENA

Ela faz cara de choro e entra.

2. EXT. PAMPAS - DIA

Rafael e Benjamim, com a ajuda dos peões, separam o gado. Em seguida, cavalgam lado a lado.

RAFAEL

Benjamim, não imaginas o quanto sinto falta de Catarina.

BENJAMIM

Eu compreendo, filho. Sentia o mesmo quando você era pequeno.

RAFAEL

E eu me lembro da primeira vez que te acompanhei no trabalho. Quanta felicidade ao laçar os bezerros.

BENJAMIM

Quando crescer, Catarina se interessará muito pela estância. Não me surpreende que ela se torne uma amazona.

RAFAEL

A guria já se interessa. Mas quem não gosta nada disso é Helena.

BENJAMIM

Ela se acostumará.

3. EXT. VARANDA - TARDE

Helena sai para o

TERREIRO ao ouvir o tropel dos cavalos e a algazarra dos peões, que voltam dos pampas.

Catarina corre atrás da mãe, com os cachos de cabelo balançando sobre os ombros.

Rafael e Benjamim se aproximam.

RAFAEL

Lá está a guria, Benjamim. Helena não pode com ela.

BENJAMIM

Acho que ninguém pode. Ela só fará aquilo que quiser na vida.

Benjamim espanta as moscas das orelhas.

BENJAMIM

Estou louco por um banho. Veja isso, nem as moscas me largam.

Catarina, usando o colar de couro presenteado por Iacumã, corre e abraça o pai. Em seguida, vai até Benjamim, que a coloca nos ombros e

brinca de cavalgar.

Rafael sorri.

Jurema observa, lançando olhares atrevidos para o patrão, que fica envergonhado.

RAFAEL
(dirigindo-se a Helena)
Tudo bem, Helena?

HELENA
(apreensiva)
Meu pai esteve aqui de manhã. Ouvíamos a máquina quando veio a notícia de que começou a guerra, mas a transmissão estava ruim. Talvez tu consigas melhorá-la.

RAFAEL
Isso é muito triste. Também quero mais notícias.
(dirigindo-se a Benjamim)
Benjamim, faça o pagamento dos peões.

4. INT. SALA - NOITE

Benjamim segura Catarina no colo, ignorando os olhares de Helena.
Rafael, com dificuldades, consegue sintonizar o rádio.

FLASH BACK

Imagens alusivas à narrativa.

LOCUTOR (V.O.)
No dia 1º de setembro, as tropas de Hitler cruzaram as fronteiras da Polônia. Foi uma batalha relâmpago e, em menos de um mês os alemães, que têm um poder de fogo infinitamente superior, dominaram todas as forças polonesas. O heroísmo e o sacrifício dos poloneses foram em vão. Varsóvia e outras cidades foram bombardeadas, e já começou o aprisionamento da população judaica nos guetos. Há boatos de que serão mandados para os campos de extermínio.

VOLTA À CENA

RAFAEL
Fico feliz por meu pai não estar mais aqui, Benjamim. Seria triste que visse sua pátria sendo arrasada por um bando de alemães que se julgam os donos do mundo.

Helena o encara.

RAFAEL
Desculpe me, Helena. Esqueci que és neta de alemães. Mas isso não muda a minha opinião.
(dirigindo-se a Benjamim)
Que achas disso, Benjamim?

BENJAMIM
Acho que não são só um bando de alemães, Rafael. Depois da última guerra, o homem teve tempo de se armar. Isso só está começando.

RAFAEL
Talvez outros países entrem para combater a Alemanha. Então, seria uma

guerra mundial.

BENJAMIM

Sinto ódio desse homem, que nem alemão é. Só em pensar, fico arrepiado.

HELENA

Eu também, apesar de descender de alemães.

Rafael fica feliz por eles conversarem.
Catarina dorme no colo de Benjamim.
Helena pega a filha e sai.

RAFAEL

Achas que o Brasil entraria nessa guerra, Benjamim?

BENJAMIM

Não sei, mas ouvi há uns três anos que um chefe de policia, se não me engano de nome Felinto, entregou uma moça brasileira à Gestapo. O nome dela é Olga Benário, acusada de ser comunista judia. Associaram o comunismo ao fascismo.

RAFAEL

Mas será que o presidente tomou conhecimento disso?

BENJAMIM

Não sei. Na época, ele jurou que não.

RAFAEL

É, a ditadura faz coisas que nem imaginamos.

Benjamim sai.
Rafael levanta-se e vai para o

QUARTO.
Helena está deitada.
Rafael a abraça devagar.

HELENA

Rafael, sabes que não quero mais ter filhos. Por que insistes?
Poderias ir até a aldeia e pedir para que uma das índias lhe faça um chá. Elas conhecem as ervas que causam esterilidade. Não te recusariam se lhes pedisse.

RAFAEL

Não tem jeito mesmo, não é?

Rafael olha para o teto, pensando em Jurema. Espera que a esposa durma, e sai.

5. EXT. ESTÂNCIA - NOITE
Rafael caminha até à frente da

CASA DE JEREMIAS.

POV DE RAFAEL

Ele vê o lampião aceso, e Jurema penteando os cabelos.

VOLTA À CENA

Jurema para com o movimento do pente.

JUREMA

O que o patrão faz aqui a essa hora?

RAFAEL

E o que tu fazes aqui fora?

Jurema, timidamente, baixa os olhos e levanta-se em seguida, atrevida.

JUREMA

Esperava pelo patrão como faço todas as noites. Eu sabia que viria um dia.

Rafael aproxima-se, pega uma mecha de seu cabelo e passa o indicador pelo seu rosto.

RAFAEL

Nada posso te prometer, bem sabes. Jurei que não tocaria em ti, mas o desejo é forte. Jamais te forçaria, mas te quero.

JUREMA

E eu nada cobraria do patrão. Sei que tem esposa e filha.

Rafael pega em sua mão, e eles caminham até o

CELEIRO e deitam sobre a palha.

Rafael a penetra delicadamente, sem palavras, apenas com beijos e carícias.

6. INT. COZINHA - MANHÃ

Jurema serve o café.

RAFAEL

Andes logo, Jurema. Benjamim me espera no estábulo. Prometi a Catarina o potro que está nascendo, como presente de aniversário.

HELENA

Onde já se viu uma menina ter um potro. Cavalgar é coisa para homens.

RAFAEL

Não há nada demais de mulher aprender a cavalgar, Helena.

HELENA

Mas logo ela vai querer montar como homem. Quase não consigo que use vestidos, só quer calças e camisas. Agora quer um chapéu como o teu, e aprender a laçar e usar as boleadeiras.

Jurema cantarola uma canção, sorrindo discretamente para Rafael.

RAFAEL

Talvez eu a ensine a fazer todas essas coisas. Vou criá-la para um dia assumir meu lugar aqui, já que não terei outro herdeiro.

Catarina entra, correndo.

CATARINA

Vamos logo, pai. Quero ver o meu potro. Quando posso montar nele? Já compraste uma sela pequena, uma que eu não caia?

RAFAEL

Fales mais devagar, menina. Assim ninguém entende.

RAFAEL

Mas eu falo devagar. Tu que és lerdo e não sabes como falo.

HELENA

Se vais mesmo ver esse animal fedido, agasalha-te, pois o dia está frio.

CATARINA

Ele não é fedido, gosto do cheiro dos cavalos. E do cheiro da bosta de vaca também.

Rafael e Catarina saem.
Helena fica furiosa.
Jurema sorri.

7. INT. ESTÁBULO - MANHÃ

O inverno está rigoroso.
Benjamim recolhe os cavalos, sem desprezar o olho da égua.
O potro nasce.
Rafael e Catarina chegam.

BENJAMIM

Venha ver seu potro, Catarina. Ele já está limpinho e de pé.

Catarina desvia-se das tábuas empilhadas e corre para a

BAIA.

CATARINA

Vou chamá-lo de Nino. É um bonito nome, não achas pai?

RAFAEL

Por que Nino?

CATARINA

Porque sempre escuto o senhor chamar os bezerros de meninos, e ele também é um filhote. Então, será Nino. Menino não é nome.

Rafael e Benjamim trocam olhares, satisfeitos.

CATARINA

É lindo! Posso levá-lo para dormir comigo?

RAFAEL

Não, filha. Só cachorrinhos dormem com os donos.

CATARINA

Então, eu também quero um cachorrinho.

RAFAEL

Tua mãe me mataria. Agora vamos, ele ainda é muito novinho e precisa descansar e mamar sossegado. Mais tarde voltamos.

CATARINA

Está bem, mas quero que ele cresça logo. Quero montar.

RAFAEL

Crescerá.

8. INT. COZINHA - DIA
Jurema serve o almoço.

HELENA

Estão estragando a menina, ela está crescendo como um moleque. Vive com os cabelos desgrenhados, presos num rabo de cavalo. As mãos e as unhas estão sempre imundas, isso quando não rola pelo gramado se enchendo de folhas. Além disso, nem gosta de tomar banho. E nem adianta colocar vestido, mostra as calcinhas o tempo inteiro.

RAFAEL

Helena, estás igualzinha à tua mãe. Eu deveria ter adivinhado, deve ser de família. Sempre tive pena do teu pai, mas agora vejo é que devo ter pena de mim mesmo.

Rafael levanta-se.

RAFAEL

Vou torcer para que o Brasil entre na guerra. Vou implorar para combater, as trincheiras são um paraíso em comparação com essa casa.

Rafael sai.

Benjamim o acompanha, levando um pedaço de carneiro.

9. EXT. ESTÂNCIA - DIA

Rafael e Benjamim chegam com a carroça carregada com mourões, arame e cavadeiras para consertar a cerca de divisa com as terras de Jeremias.

RAFAEL

Tenho pena da família de Jeremias, Benjamim. Tantos filhos e pouca terra.

BENJAMIM

É verdade. O que eles produzem mal dá para mantê-los alimentados.

RAFAEL

Acho que vou aumentar o salário de Jurema.

BENJAMIM

Gosta daquela menina, não é?

RAFAEL

Velho bobo.

BENJAMIM

Não estava falando sério no almoço, não é?

RAFAEL
Sobre combater?

BENJAMIM
Sim.

Eles sentam-se num tronco de árvore.

RAFAEL
Falei a sério sim, e se o Brasil entrar na guerra vou me apresentar para os serviços militares. Essa guerra está mexendo com o meu sangue, acredito nela. A Alemanha invadiu a Inglaterra, ouviste na máquina. Londres está arrasada e a Rússia também, milhares de prisioneiros e mortos. Os alemães dominarão o mundo se os países não se unirem. A dimensão dessa guerra me assusta. A tendência é piorar. Hitler quer o domínio de todos os povos germânicos.

BENJAMIM
Tudo isso me parece irreal. Nós aqui cuidando da nossa vida enquanto milhares de pessoas podem estar morrendo nesse minuto, sendo torturados ou sofrendo atrocidades que nem imaginamos.

RAFAEL
Os alemães estão ganhando terreno. Não devem estar sofrendo tanto assim.

BENJAMIM
Acho que na guerra não importa o lado, todos perdem. As trincheiras alemãs são iguais a qualquer outra. Os soldados sofrem dos mesmos males: frio, fome e toda sorte de loucuras. Os aliados são aplaudidos em todos os lugares, enquanto que os alemães são cuspidos. Filho, não são eles que fazem a guerra, mas os poderosos que jamais carregaram um fuzil na vida.

Rafael levanta-se, pensativo.

RAFAEL
Vamos trabalhar, pai. Todos temos nosso inferno, e é necessário que sobrevivamos a ele.

10. EXT. ESTÂNCIA - DIA
É dezembro e o clima está agradável.
As pastagens dão um espetáculo à parte, com vários tons de verde, ondulantes com a brisa suave.
Benjamim corta um pinheiro para a árvore de Natal.
Catarina está toda alegre, acompanhando-o.

11. INT. SALA - TARDE
A árvore está enfeitada.
Rafael, ao lado de Benjamim, tenta sintonizar o rádio.

RAFAEL
Consegui.

FLASH BACK

Imagens alusivas à narrativa.

LOCUTOR (V.O.)

Depois dos Estados Unidos declararem guerra à Alemanha, o Japão invadiu a base americana de Pearl Harbour no oceano Pacífico.

VOLTA À CENA

RAFAEL

Ouviste, Benjamim?

BENJAMIM

(brincando, com a voz trêmula)

Ouvi sim. Pode se preparar para se apresentar. Logo o Brasil também mandará seus bravos soldados para combater os alemães.

RAFAEL

Ainda pode demorar um pouco. O Brasil tem seus próprios problemas, a ditadura por exemplo. Isso tem que acabar um dia, e se fosse preciso eu começaria lutando contra ela. Não sei o que faz lá em cima aquele homem, é motivo de riso do país inteiro. E nós é que sofremos as consequências.

BENJAMIM

Nunca deixe um militar ouvi-lo dizer isso, pois arrancaria suas unhas, uma a uma.

RAFAEL

Achas que fariam uma coisa dessa?

BENJAMIM

Arrancar as unhas? Não tenha dúvida.

Helena entra com Catarina aos berros, enlameada e desesperada.

CATARINA

Pai, não quero tomar banho. Já tomei um hoje, digas a ela.

RAFAEL

Onde se sujaste tanto?

CATARINA

Fui lá fora, está quente aqui.

RAFAEL

Pois saibas que o Papai Noel não dá presentes a meninas que não tomam banho.

CATARINA

É mentira.

BENJAMIM

O que pediu mesmo, Catarina?

CATARINA

Um chapéu, um cinto e um par de botas de couro trançado de cano alto para montar meu potro.

Helena a leva, resignada.
Rafael e Benjamim riem.

RAFAEL

Será que é normal uma menina se comportar assim? Às vezes acho que Helena tem razão. Catarina é teimosa e travessa, vive como um moleque.

BENJAMIM

Quando começar a estudar e ficar mocinha, seu comportamento vai mudar. Ela fica muito sozinha, tem de criar suas fantasias. Como vive em um ambiente rústico, é natural que procure diversão nas coisas à sua volta.

RAFAEL

Eu comprei o presente que ela pediu, mas não quero nem ver o desagrado de Helena.

BENJAMIM

Ficará furiosa.

12. INT. SALA - MANHÃ

É manhã de Natal.

Catarina levanta antes de todos, corre para a sala e apanha o pacote de presente embaixo do pinheiro. Impaciente, rasga o papel colorido. Chora e grita ao ver uma boneca vestida em estilo alemão. Rafael entra, pega a boneca e vai para o

QUARTO.

Ele sacode Helena pelos ombros.

HELENA

O que aconteceu com essa menina?

RAFAEL

Eu faço as perguntas, Helena. O que fizeste com as roupas que comprei?

Helena vira-se para o lado.

HELENA

Aquilo não é presente de mulher. Eu troquei enquanto ela dormia.

Benjamim ajoelha-se ao lado da cama e segura seus braços com força.

BENJAMIM

O que fizeste não tem nome. Tu não entendes nada de crianças, de pessoas. Não consegues assimilar um ato de amor, de compreensão. Não serves para seres mãe, esposa. Acho que não serves nem mesmo para ser gente.

HELENA

Eu estou fazendo o que é certo. Um dia vais me agradecer.

RAFAEL

Posso começar já, então? Obrigado pelo imenso sofrimento que causaste à minha filha.

Rafael sai e volta para a

SALA, onde senta-se com a filha no colo.

CATARINA

(soluçando)

Papai Noel não gosta de mim. Sou muito má, como diz a mãe. Ela tem razão, pois nem ele, que gosta de todas as crianças, me trouxe o que pedi.

Rafael tira um lenço do bolso e a faz assoar o nariz.

RAFAEL

Acho que o Papai Noel se enganou. Vamos fazer o seguinte, tu ficas aqui um minuto com tua boneca nova enquanto eu vou dar uma olhada por aí. Acho que ele colocou em outro lugar, está bem?

Rafael deixa a filha na poltrona e vai para a

COZINHA, onde encontra Helena preparando o café ao lado de Jurema.

RAFAEL

Onde está o presente, Helena?

HELENA

Achas que vou deixar que dês aquilo a ela?

Rafael segura-a pelos ombros.

RAFAEL

(gritando)

Onde está?

HELENA

Solte-me.

RAFAEL

Não, não vou soltá-la até que digas onde o escondeu.

HELENA

Pois não direi, nem que me mates.

RAFAEL

Não me tentes. Vamos, diga-me.

Helena não diz nada.

Rafael sacode-a com violência.

Jurema arregala os olhos.

HELENA

Está debaixo da cama.

Rafael a solta bruscamente, fazendo-a cambalear.

13. INT. SALA - MANHÃ

Catarina está na mesma posição, estática, olhando para a boneca.

Rafael entra com um pacote nas mãos.

RAFAEL

Vejas, filha. Não te disse. O Papai Noel se enganou e guardou em outro lugar, mas está aqui.

Catarina, animada, abre o pacote.

CATARINA

Pai, acho que não sou tão ruim assim. Ele trouxe o que eu pedi. Por que gritaste com a mãe?

RAFAEL

Não gritei. E tu não és ruim, és linda e muito boa filha.

CATARINA

A mãe faz o senhor ficar bravo, não é?

Rafael abraça a filha.

RAFAEL

Não falemos mais disso. Agora o dia já está bom de novo e é isso o que importa.

14. EXT. TERREIRO - DIA

Catarina brinca, girando as cordas sobre a cabeça e lançando as boleadeiras nos pés das galinhas.

Helena observa.

HELENA

(gritando)

Catarina.

Catarina vira-se, lentamente.

A galinha bate as asas e levanta poeira ao tentar se libertar das tiras de couro.

Helena toma a arma, e pega a menina pelas orelhas.

HELENA

Quantas vezes já te disse para parar de brincar com isso? Deves aprender a cozinhar e lavar, passar a ferro as roupas. Isso é tarefa de mulher, não essas coisas que fazes.

CATARINA

(gritando)

Não gosto de cozinhar, nem de lavar, nem de passar roupas com aquele ferro cheio de brasas que me queimam as mãos.

HELENA

Não grites comigo, menina. Sou tua mãe e deves me obedecer sempre.

CATARINA

Não. Obedeço só ao meu pai e a Benjamim, que sabem do que gosto e não me obrigam a fazer essas coisas horrorosas.

Helena bate na filha.

Catarina fecha os olhos, protegendo a cabeça e virando o traseiro para os tapas.

HELENA

E se disseres uma palavra a teu pai, levas outra surra pior ainda.

**CLOSEP UP - AS PERNAS DE CATARINA
ficam com manchas roxas.**

HELENA

(continuando)

Hoje vistas calças, como gostas.

15. EXT. VARANDA - TARDE

A janela da sala está aberta, e o rádio ligado.
Rafael, pensativo, segura a filha no colo.

FLASH BACK

Imagens alusivas à narrativa.

LOCUTOR (V.O.)

**O Brasil rompeu relações diplomáticas com a Alemanha, Itália e o
Japão, declarando guerra aos países do Eixo expansionista.**

VOLTA À CENA

RAFAEL

Por Deus, eu quero ser convocado. Quero lutar ao lado dos brasileiros
e derrotar esses malditos alemães.

CATARINA

O que foi, paizinho?

RAFAEL

Nada, filha. Eu só estou pensando.

Uma charrete aproxima-se, trazendo ELVIRA, uma mulher alta, de porte aristocrático, usando um vestido justo de mangas largas e decote casto, com os cabelos avermelhados presos num coque à nuca e olhos de avelã escondidos por óculos de aro fino.
Catarina pula e se esconde entre as pernas do pai.
Rafael levanta-se e a puxa pelo braço.

RAFAEL

Catarina, essa é a senhora Elvira, que vai te ensinar a ler, escrever
e também a fazer contas.

CATARINA

Não preciso saber nada disso pra cuidar dos cavalos e das vacas.

RAFAEL

Não te importes, senhora. Ela é meio chucra e teimosa, mas com o tempo
se acostuma

(dirigindo-se a Catarina)

Precisas sim. Precisas fazer contas para vender o gado pelo melhor
preço. Precisas ler e escrever para estar por dentro dos negócios da
estância. Precisas e muito de estudo. Portanto, sejam uma boa menina e

aprenda o que a professora te ensinar.

Catarina encara o pai, com as mãos nas costas.

CATARINA

Isso te faz feliz, paizinho?

RAFAEL

Faz. Já tenho uma filha linda, mas também desejo uma guria sabida e esperta.

CATARINA

Está bem, então.

Catarina cumprimenta a professora, que sorri. Lembra-se das unhas sujas de terra e esconde as mãos, envergonhada.

16. EXT. CURRAL - MANHÃ
O dia amanhece nublado.

POV DE RAFAEL

Ele observa o CARTEIRO se aproximando, com um envelope.

VOLTA À CENA

Rafael larga os baldes de leite e vai até a

PORTEIRA. Agradece e abre o envelope. Fica um tempo parado com os olhos fixos no papel e volta para o

CURRAL.

RAFAEL

Benjamim, pares o que está fazendo e venhas aqui.

BENJAMIM

Só um momento, filho.

Benjamim retira as cordas das patas traseiras da vaca e dá uma batida nas ancas do animal.

BENJAMIM

(continuando)

O que foi?

Rafael mostra-lhe a carta.

RAFAEL

Leias.

BENJAMIM

Então, aconteceu. Você quis tanto que acabou por atrair essa desgraça para nossa vida.

RAFAEL

Recebi a convocação. Tenho que ir, querendo ou não. Mas não posso dizer que estou triste por isso. Sabes que há muito tempo estou preocupado com a guerra.

BENJAMIM

Essa maldita guerra não é nossa. Não posso concordar, mas nada posso fazer. Ao menos me deixe sofrer por saber que meu filho vai combater numa batalha sangrenta.

RAFAEL

(pensativo)

Voltemos ao trabalho por enquanto. Depois falarei com Helena e Catarina.

17. INT. COZINHA - MANHÃ

Helena está pondo o leite para coalhar.

Jurema cuida de outros afazeres.

Rafael entra, acompanhado de Benjamim.

HELENA

Que fazes aqui? Devias estar na lida.

RAFAEL

Recebi a convocação, vou para a guerra.

Jurema o encara, com olhos lacrimosos.

Helena segura-se no espaldar na cadeira para não cair.

HELENA

Deves estar feliz. Falaste tanto dessa guerra que a oportunidade te caiu nas mãos. Serás mais um a morrer por uma causa perdida.

RAFAEL

Causa perdida? A Alemanha perde a guerra, Helena. Só vou ajudar um pouco no golpe de misericórdia.

HELENA

Essa guerra nada tem a ver conosco. Vais morrer por lá. Terás sorte se encontrarem teu corpo para ser enterrado na tua terra.

RAFAEL

Não vou morrer, nem todos morrem. Que queres que eu faça? Tenho que ir.

Helena baixa a cabeça.

BENJAMIM

Por favor, tenhamos calma. Se Rafael tem que ir, facilitaremos as coisas. Sem discussões.

HELENA

Quando partirás?

RAFAEL

Tenho que me apresentar daqui a cinco dias em Minas Gerais.

BENJAMIM

Minas Gerais?

RAFAEL

Sim, Benjamim. Vou fazer um treinamento por lá. Espero que haja outros gaúchos, ao menos servirão de companhia.

BENJAMIM

Então, precisa pegar o trem na capital amanhã. É um longo trajeto.

18. INT. SALA - NOITE

Todos, inclusive Jurema, estão na sala.

RAFAEL

Senta-te, Benjamim. Precisamos conversar.

Benjamim obedece.

RAFAEL

Benjamim, sempre confiei em ti. Acho que não vais me desapontar agora.

Quero que tomes conta de tudo por aqui até que eu volte. Cuides da estância como se fosse tua e também de Catarina e Helena. Ao retornar, quero ver tudo isso florescendo.

CATARINA

Para onde vais, paizinho?

Rafael pega a filha no colo e a abraça.

RAFAEL

Filha, o papai fará uma viagem mas volta logo. Quero que aprendas tudo o que a senhora Elvira te ensinar, para me mostrar depois.

BENJAMIM

Vou levá-lo até a capital amanhã e esperarei até que embarque.
Aprontou suas coisas?

RAFAEL

Sim, está tudo pronto.

Benjamim levanta-se, cabisbaixo.

BENJAMIM

Boa noite. Vá dormir agora, seus dias serão longos daqui pra frente.

HELENA

(dirigindo-se a Jurema)

Jurema, coloque Catarina na cama. Estamos cansados demais e precisamos dormir.

Jurema sai com Catarina.

Helena puxa o marido pelas mãos em direção ao

QUARTO. Alisa seus cabelos e espera pelo beijo, que não vem.

HELENA

Me beijes, como há muito tempo não fazemos.

Rafael obedece, e a leva para a cama.

Eles fazem amor.

RAFAEL

Ainda me amas, não é? Mostraste isso agora. Não negues, Helena. Tu me amas como sempre te amei.

HELENA

Se essa é uma despedida e nunca mais te verei, confesso que sempre te amei de um modo muito especial. Somente no espírito, entendes? E dessa forma te amarei sempre.

RAFAEL

Então, me deste teu corpo como prêmio a um condenado? Tens muita certeza de que vou morrer, mas sinto te decepcionar. Voltarei inteiro, e só em pensar nas tuas palavras me recuperarei de qualquer ferimento que porventura venha sofrer.

Helena vira-se para o lado, encolhe-se em posição fetal e fecha os olhos.

Rafael levanta-se, sem fazer ruído e vai até o

QUARTO DE JUREMA, que está acordada.

RAFAEL

Esperavas por mim, Jurema?

JUREMA

Eu sabia que o patrão viria.

Eles deitam-se e se beijam.

19. INT. ESTAÇÃO - MANHÃ

O movimento é grande: jovens sorridentes e entusiasmados, reunidos em grupos, carregando pequenas malas.

BENJAMIM

Aqui nos separamos, filho.

RAFAEL

Cuides de tudo, pai. Confio em ti, cuides principalmente de Catarina. Sabes como é Helena.

O trem apita.

Benjamim o abraça.

BENJAMIM

Trate de ficar vivo. Quero que volte inteiro.

RAFAEL

Vou até lá, mato alguns alemães e volto. É só o que desejo.

Rafael entra.

POV DE BENJAMIM

Ele observa o trem partir.

20. INT. TREM - MANHÃ

Rafael anda pelo corredor, passando por rapazes com espinhas e pouca barba.

POV DE RAFAEL

Ele olha através da janela e vê Benjamim acenando.

VOLTA À CENA

Rafael senta-se ao lado de um jovem, que enumera nos dedos quantos alemães pretende matar.

21. INT. SALA - TARDE

Passam-se algumas semanas.

Chega a primeira carta de Rafael.

Benjamim, com lágrimas nos olhos, reúne a todos.

FLASH BACK

Imagens alusivas à narrativa, fundindo com ações de Rafael.

RAFAEL (V.O.)

Querido Benjamim, querida Helena e Catarina.

Estamos nas Minas Gerais e tudo me é muito estranho. A terra é cheia de montanhas, muito lindas e verdes. Pequenas cidades surgem e somem no caminho, sem deixar vestígios.

Tive sorte ou azar, ainda não sei dizer, de encontrar um amigo. Seu nome é FRANCISCO e ele veio do Mato Grosso para integrar as valentes forças brasileiras. É um menino, talvez 18 ou 20 anos, conserva as cicatrizes das espinhas da puberdade e sua voz ainda não chegou ao timbre definitivo. Francisco tem medo, um medo que às vezes repercute em mim, mas tento animá-lo como posso. Sinto-me mais maduro e de repente me vejo responsável por ele, já que se apegou a mim.

*Os homens vivem rindo, dizendo o que farão com o inimigo. Penso que será duro quando as ilusões lhe forem arrebatadas. Não sou tão ingênuo a ponto de pensar que estou indo a uma festa, mas acredito no propósito de lutar pelos meus ideais. Me despeço, prometo escrever logo. Com amor e saudades,
Rafael.*

VOLTA À CENA

BENJAMIM

Rafael. Ele está bem.

Helena força um sorriso.
Jurema sai.

CATARINA

Quando o paizinho vai voltar, Benjamim.

BENJAMIM

Logo, Catarina. Espero que logo.

22. EXT. VARANDA - DIA

Benjamim lê mais uma carta de Rafael.

FLASH BACK

Imagens alusivas à narrativa, fundindo com ações de Rafael.

RAFAEL (V.O.)

Benjamim, Catarina e Helena.

As Minas Gerais são lindas. A arquitetura muito se diferencia da nossa, e a linguagem me é quase estrangeira.

Estamos em treinamento, uma rotina que não é fácil.

O exército é rígido, mas pelo que ouço é ainda mais difícil para os comandantes e para o nosso país.

Recrutar homens, treiná-los para uma condição acima da nossa realidade, discipliná-los a diferentes organizações com padrões superiores, como o americano, torna-se a maior dificuldade.

Nossa força terrestre é constituída de três regimentos de infantaria, que formam três batalhões, composto de três companhias de fuzileiros.

Eu estou na engenharia.

Me é difícil receber ordens, como a hora que devo me levantar, comer, dormir ou ir ao banheiro. Meu inseparável amigo Francisco também se queixa, mas nada podemos fazer. Treinamos com fuzis Springfield, de repetição, armas velhas vindas da Itália. Somente na Europa vamos conhecer armas mais sofisticadas.

Tenho pena do pessoal da infantaria, e agradeço a Deus por não estar na linha de frente. Na engenharia, aprendemos a desmontar bombas, minas terrestres como chamam aqui.

O que me fascina mesmo são as minas, um mecanismo fantástico. As antitanque têm uma espoleta no centro que fica abaixo de uma porca com um parafuso. Ao destarrachar, retira-se a espoleta, e a bomba não explode. Penso no dinheiro que foi gasto para fabricá-las e quantos pagarão para morrer sobre seus estilhaços. Daria para alimentar milhares de pessoas. Algumas minas detonam com o peso, outras por tração, mas todas são igualmente destruidoras, capazes de fazer um homem em pedaços.

Estou aprendendo a matar, de todas as formas. É outro mundo. Meu Deus! Só penso na minha terra, no meu gado, em vocês. Me mande retratos.

Estou morto de saudades, saudades desesperadas.

Rafael.

VOLTA À CENA

Benjamim enxuga as lágrimas, dobra a carta, coloca-a no bolso e sai para o

TERREIRO.

23. EXT. ESTÂNCIA - TARDE

É final de outono.

As árvores estão praticamente despidas de folhas, e o sol baixa timidamente no horizonte.

24. INT. COZINHA - MANHÃ

Benjamim, pensativo, toma o café.

JUREMA

Faz tempo que o patrão não escreve.

BENJAMIM

Você também sente muita falta dele, não é mesmo?

JUREMA

Sabe que sinto, Benjamim.

Benjamim segura suas mãos.

BENJAMIM

Agradeço-lhe por isso, mas guarde somente para você esse sentimento.
Não deixe que Helena desconfie de nada.

Jurema assente com a cabeça.

25. EXT. CURRAL - MANHÃ
Benjamim acaba a ordenha.

POV DE BENJAMIM

Ele vê Jurema correndo em sua direção.

VOLTA À CENA

JUREMA

(gritando)

Benjamim, chegou uma carta do patrão.

Benjamim tropeça no latão e derrama um pouco do leite.

JUREMA

O carteiro acabou de entregar. Eu mesma fui buscar lá na porteira.

Benjamim senta-se num toco de madeira com a carta nas mãos.

JUREMA

O que ele diz, Benjamim? Está vivo, né?

BENJAMIM

(sorrindo)

Claro, Jurema. Como iria escrever a carta se estivesse morto?

BENJAMIM

Querido Benjamim, Catarina, Helena.

Jurema baixa os olhos.

BENJAMIM

Jurema e empregados.

Jurema sorri.

FLASH BACK

Imagens alusivas à narrativa, fundindo com ações de Rafael.

RAFAEL (V.O.)

Me desculpem a demora, mas muita coisa aconteceu. Vou tentar resumir. Depois de quase um ano de treinamento e desânimo, finalmente a notícia chegou e embarcamos, eufóricos e revigorados. Primeiro fomos de trem para o Rio de Janeiro, onde um navio americano estava atracado para nos levar à Itália. A tropa subiu em fila indiana. Parei um pouco para ver os rostos, o medo estampado em todas as faces, disfarçado por sorrisos frios e amarelos, um bando de jovens inseguros e inexperientes. Ainda restam muitos e muitos já foram. No total, são mais de 25 mil soldados.

Me perdoe se digo a verdade, mas não penso mais na estância. Me parece que a vida que levei aí faz parte de um passado distante, quase

irreal.

O oceano é o mesmo em que meu pai veio, infinito e assustador, esse Atlântico de tantas travessias.

As botas pesam, os fuzis também e o meu escorrega do ombro. Tenho que erguê-lo a todo instante antes que o comandante veja.

Francisco reclama o tempo todo, de enjoo, medo, diz que não gosta de violência. Outro dia perdi a paciência e fui duro com ele.

Penso nos parentes que devo ter na Polônia, pois só se fala nos campos de concentração, coisas horríveis sobre Dachau, Auschwitz, Treblinka.

Talvez estejam presos ou mortos, e rezo pela última alternativa.

Quando o porto de Nápoles surgiu no horizonte róseo da Itália, senti um arrepio na pele e tive a ideia exata do que uma guerra causa. Nunca vi tamanha pobreza, prédios semidestruídos, ruas sujas e escombros por toda parte. Ratos enormes passeiam em plena luz do dia. Faminta, a população se aglomera pelas calçadas e em frente ao porto, pedindo cigarros, comida e dinheiro aos soldados aliados. Comenta-se que meninas de 10, 12 anos se prostituem por um pedaço de presunto ou um naco de carne.

Não me reconheço mais. Às vezes tenho piedade, outras asco. Outro dia, no convés, um colega jogou o toco do cigarro no porto, numa disputa para ver quem atirava mais longe. Acredites que mais de dez homens pularam sobre aquela migalha e chegaram a brigar, entre socos e pontapés? Acabariam se matando se não fossem apartados. Uma guimba de cigarro, por aqui, vale mais do que uma vida. Isso é a guerra.

Depois de alguns dias, embarcamos numa barça, cerca de 500 homens, rumo a Livorno, onde recebemos instruções por mais quinze dias.

A exemplo de Nápoles, a destruição também está em todos os lugares. Acho que nunca mais serei o garoto doce que todos diziam, nunca mais serei o mesmo homem. As cartas que te escrevo e recebo são a única ligação com esse universo que deixei para trás, que me vem como um sonho vago e distante.

Não sei quando volto a escrever.

Saudades evasivas.

Rafael.

VOLTA À CENA

Jurema seca os olhos com a ponta do avental.

BENJAMIM

Vamos, Jurema. Precisamos mostrar a carta a Helena.

26. EXT. TERREIRO - DIA

Benjamim caminha sozinho, relembando a última carta de Rafael.

FLASH BACK

Imagens alusivas à narrativa, fundindo com ações de Rafael.

RAFAEL (V.O.)

Perdi a noção de tudo, já não coloco data nas cartas porque não sei me situar no tempo. Perdi também a noção do que é certo ou errado, perdi as emoções. Meu espírito está angustiado, reajo como um animal. Assim como os outros, só contamos com nossos instintos mais primitivos e neles buscamos a esperança de continuarmos vivos. É só o que importa, sobreviver.

Quando nossas tropas defrontaram Monte Castelo, os alemães contra-atacaram e expulsaram os americanos de Monte Belvedere, que fica na mesma região. Ao que parece, fizeram muitos prisioneiros. O barulho da

artilharia inimiga nos feria os ouvidos. Francisco tremia a cada disparo dos canhões germânicos.

Logo pela manhã, os batalhões ultrapassaram a base de partida. Fomos colhidos logo pela barragem dos morteiros inimigos e colamos ao chão. Nosso comandante, vendo a difícil situação do outro batalhão, pôs em ação a reserva de ataque, soldados descansados e bem alimentados, se é que se pode chamar aquela ração animal de alimento.

De onde estávamos, vimos de olhos esbugalhados eles se lançarem para a parte mais alta do morro, tomando as posições do inimigo. Alguns soldados conseguiram se aproximar da encosta, mas não os vimos voltar. A resposta foi brutal e instantânea, os alemães abriram fogo e fomos obrigados a recuar. Não tivemos nem como recolher nossos mortos.

Ficaram caídos, ensanguentados no topo do morro.

Tremi, meu coração disparou ao ver, impotente, a horrenda face da morte. Agarrei meu fuzil com mais força, numa tentativa inútil de lhes mandar minha energia, meu ódio. Francisco vomitou.

No início da tarde, já escurecia e a neve começava a cair. O general deu a operação por encerrada, ordenando que os batalhões voltassem às posições de partida. Regressamos cansados e famintos, mas em completa ordem, marchando valentemente, apesar do fogo inimigo estourando nos nossos ouvidos.

Além dos nossos, vi alemães feridos, gritando por socorro, mãos se levantando no solo e colorindo a neve com o sangue rubro. A dor é igual para qualquer homem, alemão ou não.

Fomos derrotados nessa primeira batalha porque agimos de modo isolado. Precisamos atacar juntos toda a região que cerca Monte Castelo.

Quando puder, volto a escrever.

Rafael.

VOLTA À CENA

BENJAMIM
(pensando)

Ele vai voltar logo. Eu sei que vai.

27. INT. SALA - NOITE
Benjamim e Helena estão sentados.

HELENA
Benjamim, há quanto tempo ele não escreve?

BENJAMIM
Muitos meses, Helena. Muitos meses.

28. INT. VARANDA - TARDE
Benjamim, sentado e sozinho, lê novamente a carta de Rafael.

FLASH BACK
Imagens alusivas à narrativa, fundindo com ações de Rafael.

RAFAEL (V.O.)
Meu querido pai.

O Natal foi triste, sentimos todos saudades desse lugar fantástico que chamamos de lar. Francisco recebeu uma carta no mesmo dia em que recebi a tua. Agradeço pelas fotos que me mandaste. Catarina está linda e Helena me parece bem. Tu envelheceste um pouco, mas eu também não sou mais o mesmo, nem no rosto e nem na alma.

Francisco me mostrou uma foto da namorada, uma bonita morena de olhos claros. Diz que pretende se casar quando esse inferno acabar.

Inferno, essa é a palavra certa para o que vivemos. O que vi nessa última batalha ficará impresso com letras de fogo na minha alma. Vou te contar como tomamos Monte Castelo, embora as lembranças me cheguem vagas e nebulosas. Acho que a mente do ser humano não está preparada para ver tantas atrocidades. Por isso Deus, se é que existe um, estou duvidando disso ultimamente, me presenteie com lapsos de memória. Os inimigos estavam na montanha. Cavamos nossas trincheiras sob o fogo dos morteiros. Os alemães miram as bombas, do tamanho de uma garrafa, nas trincheiras. Eles têm até o requinte de pôr o melhor atirador, que as lançam em curva, fazendo um bonito arco antes de arrancarem as cabeças dos nossos brasileiros.

Foi ordenado à linha de frente que cortassem as linhas de comunicação do inimigo. Degolamos vários rapazes louros, bonitos e jovens. Os germânicos ficaram cercados pelas nossas forças, sem água, comida e o mais importante, sem munição. Nós esperávamos. Não sei o que senti naquela espera crucial, sabendo que havia gente lá em cima passando fome, sede, suportando os gritos dos seus feridos. Às vezes nada me passava pela cabeça, outras me desesperava de tal forma que Francisco precisava me acalmar. Éramos inseparáveis, tínhamos fé que se ficássemos juntos não morreríamos.

Quando vamos à "terra de ninguém", que é o nome que damos à linha de frente, para desativar ou localizar as minas, trabalhamos juntos, um pondo toda a confiança no outro. É uma boa forma de não enlouquecer.

FRANCISCO

Rafael, me sinto um covarde. A maioria das minas que desativei foi graças a você, que estava comigo. Se estivesse sozinho, não conseguiria.

RAFAEL

É claro que não. Farias sozinho da mesma forma. Todos fazemos quando a coisa está ali nos ameaçando, aquele monte de TNT pronto para arrancar nossas cabeças.

VOLTA À CENA

Benjamim levanta e encosta-se na grade.

FLASH BACK

Imagens alusivas à narrativa, fundindo com ações de Rafael.

RAFAEL (V.O.)

(continuando)

Francisco é extremamente tímido, quase não se integra com o resto da tropa. Me sinto como um irmão mais velho, gosto de protegê-lo. Tu, Benjamim, não imaginas o valor que tem um amigo numa guerra.

Cercamos o inimigo. Vou resumir essa parte, nem que quisesse não conseguiria me lembrar de todos os detalhes. Não sei quantos matei, mas o sangue que derramei não há de pesar na minha alma, e sim na alma dos que começaram essa guerra terrível e irracional. Homens que nunca carregaram um fuzil ou explodiram uma bomba na cabeça de outro, homens que ficam em seus escritórios ventilados no verão e aquecidos no inverno, com a barriga cheia, contando as baixas do exército inimigo ou encaminhando os mortos a seus parentes, achando que fazem um grande serviço. Aqui vai um herói, que perdeu sua vida lutando bravamente pela liberdade do mundo.

Não odeio mais os alemães, são como nós, sofrendo os mesmos tormentos. São uns pobres diabos que perderam, que sofreram ainda mais para tentar reconstruir seu país e sua gente. Voltando à batalha, quando tomamos o monte definitivamente encontramos os corpos dos brasileiros que sucumbiram naquele dia em que recuamos. Todos insepultos, mutilados pelos animais, em avançado estado de putrefação, irreconhecíveis. Eles não podem mais ser enviados para casa, com honras militares. Chega por hoje, Benjamim. Não posso mais escrever, me perdoe.
Rafael.

VOLTA À CENA
Benjamim fica triste.

29. EXT. TERREIRO - DIA
Benjamim corre para a

VARANDA, com um pedaço de papel nas mãos.
Helena e Jurema saem.

BENJAMIM

Helena, ele está voltando para casa. Eu li a última linha.

Helena apanha a carta de suas mãos.

RAFAEL (V.O.)
Benjamim.

HELENA

Por que ele endereçou a carta somente a ti, Benjamim.

BENJAMIM

Leia, Helena. Leia.

FLASH BACK

Imagens alusivas à narrativa, fundindo com ações de Rafael.

RAFAEL (V.O.)

É a última carta que te escrevo dessa terra. Voltarei para casa em breve, talvez um pouco diferente. Nunca mais andarei sem coxear, mas estou vivo, o que, infelizmente, não posso dizer do meu bravo e querido amigo Francisco. O que restou dele embarcou para o Brasil há poucos dias.

Vi morrerem centenas de homens, porém a morte do meu amigo me doeu nas entranhas, no mais fundo do meu ser. Já faz um mês e só agora saí do estado de choque, recuperando-me lentamente dos ferimentos, não sem lágrimas que escorrem e borram o papel.

Depois da conquista de Monte Castelo, passamos um tempo relativamente calmo. A primavera deu sinais de vida nos campos, indiferente aos homens que lutam e derramam seu sangue sobre as hastes de capim, tímidas depois do rigoroso inverno europeu.

Outras tropas da Força Expedicionária Brasileira tomaram Santa Maria Villiana, Castelnuevo. Nossa última batalha foi Montese, a mais sangrenta, a pior de todas, considerado um dos mais fortes bastiões da linha de defesa alemã: a Gengis Kan. Combatemos quatro dias e quatro noites, com movimentos sincronizados em terreno minado e sob bombardeios violentos. Vi meus companheiros morrendo às dúzias,

tombando sob as metralhadoras alemãs. Francisco estava comigo, nós não morreríamos.

Naquele em que seria o último dia da batalha, estávamos profundamente estressados. Apesar dos reforços, sofremos muitas baixas. O soldado não é um homem, Benjamim, é só um número, e quando tomba é uma baixa.

O que vou te contar agora me é difícil, mas vou fazê-lo. Quem sabe assim consigo amenizar minha dor. Os alemães descobriram como desativávamos suas antitanques e as armaram com um dispositivo que detonava a bomba ao ser destarrachada a porca. Francisco não sabia do novo invento, e eu só fiquei sabendo aqui no hospital.

FRANCISCO

Afasta, Rafael. Ao menos dessa vez, me deixe fazer o serviço sozinho.

RAFAEL

Não precisas provar nada a ninguém.

FRANCISCO

Estou cansado dos soldados me chamarem de covarde e afeminado.

VOLTA À CENA

HELENA

Continues a ler, Benjamim.

Benjamim apanha a carta de suas mãos.

FLASH BACK

Imagens alusivas à narrativa, fundindo com ações de Rafael.

RAFAEL (V.O.)

Compreendi que tinha de deixá-lo viver aquele momento muito particular. Me afastei, rastejando em direção aos outros e fiquei olhando, com um nó nas tripas. O corpo magro do quase menino balançava ao destarrachar a "garota". Ele me olhou, ainda ajoelhado, e eu lhe acenei, mantendo os olhos fixos nele sem nem mesmo ouvir o troar dos canhões.

De repente, num segundo Francisco estava ali, no outro não estava mais. Meu próprio grito me despertou, abafado pelo barulho da explosão. Uma massa vermelha foi jogada para o ar, misturada a pedaços de carne que caíram como chuva, um dedo, uma mecha de cabelo louro e um braço que parou ao meu lado, com os dedos em forma de garra.

Não sei o que senti. Mergulhei num redemoinho de náusea. Meu estômago se contorceu. Não chorei meu amigo naquele dia, pois não havia tempo.

O fogo cruzava sobre as nossas cabeças.

Ergui meu fuzil, a baioneta brilhou e disparei sem nada ver. Não sei quantos matei, nem se realmente matei. Minhas lágrimas me confundiam a vista. Tudo o que sentia era dor, que se transformou em ódio, um ódio cego que me amortecia os nervos, transformando-me num animal irracional com sede de sangue.

Quando amanheceu estava caído, mas consciente. Virei o rosto e vi os corpos. Os padioleiros conduziam os feridos aos hospitais e os mortos aos necrotérios, onde seriam identificados e enviados para a terra natal, com medalhas de honra pelo excelente desempenho no campo.

Dois deles se aproximaram de mim e me carregaram. Eu quis dizer que estava bem, mas ao sentir o movimento a perna esquerda doeu terrivelmente.

A dor fez com que me lembrasse de algo ruim. Um SOLDADO ALEMÃO caiu perto de mim e me encarou com olhos súplices, como que implorando para não ser morto. A dúvida naquela hora, numa fração de segundos: matar à queimarroupa, ou deixá-lo que me matasse. O rosto me veio claro na mente, os olhos cinzentos, cabelos grudados pelo suor, a cara de menino perdido. Não queria matá-lo. Ficamos nos encarando por alguns segundos, até que eu fiz menção de me mexer. Ia me virar para carregar o fuzil. Queria simplesmente deixá-lo ali, ao meu lado, e mais tarde pensaria no que faria com ele. Talvez o levasse como prisioneiro, ou talvez o deixasse ir.

Benjamim, as mentes se confundem numa batalha. O soldado vê inimigos em todos os rostos, e ele confundiu o meu gesto, achando que eu sacava da arma para matá-lo. No desespero sacou de um revólver que trazia no cinto e atirou na minha perna. Acho que também não queria me matar, senão o teria feito. Mirou no meu joelho. Ouvi o som, mas nada senti, apenas o impacto do projétil penetrando na rótula.

Um pedaço de cartilagem muito branco saltou para fora, acompanhado por uma lasca de osso pontiagudo. Minha perna assumiu uma posição grotesca. Virei-me a fim de me arrastar para longe dali, quando vi que o soldadinho mirava outra vez o alto da minha coxa. Então, me lembrei de Francisco e disparei na testa dele, um tiro certeiro que o fez contorcer e cair imediatamente. Permaneci quieto, respirando fundo. É só do que me lembro. Entrei num branco profundo, e despertei no hospital. Para surpresa, ainda conservava minha perna, só que reta e sem a rótula. Não sei o que fizeram, mas foi um bom trabalho, diante das circunstâncias.

Estou voltando para casa.

Rafael.

VOLTA À CENA

BENJAMIM

Ele está voltando, Helena.

HELENA

Sim, Benjamim. Ele está voltando.

30. INT. TREM - DIA

Rafael acorda com o apito do trem chegando à

ESTAÇÃO.

POV DE RAFAEL

Ele olha pela janela e vê Benjamim, mãos enfiadas nos bolsos das calças, e um pouco mais grisalho.

VOLTA À CENA

Rafael espera todos os passageiros desembarcarem.

31. INT. ESTAÇÃO - DIA

Rafael, com o apoio da bengala, desce e para junto aos trilhos. Benjamim não sabe se joga nos braços do filho ou lhe estende a mão. Rafael caminha até o pai, que o abraça.

BENJAMIM

Não me diga nada, filho. Só fique quieto aqui, junto de mim.

RAFAEL

Tudo acabou, pai. Graças a Deus.

BENJAMIM

Sim, tudo acabou. Está de volta e é isso que interessa.

Benjamim o ajuda a subir na charrete.

BENJAMIM

Levará um tempo para que se acostume novamente com a vida. Mas tenha paciência, eu estou aqui para ajudá-lo.

Rafael fica em silêncio.

32. EXT. ESTÂNCIA - DIA

O dia está ensolarado.

Rafael observa, com estranheza, a madeira brilhando e a alameda de ciprestes.

A charrete aproxima-se do

TERREIRO, onde Helena e Catarina, com nove anos e longas tranças avermelhadas, esperam.

Catarina pula em seu pescoço e o beija.

CATARINA

Pai!

RAFAEL

Minha filha!

CATARINA

Pai, precisas ver o que sei fazer. Quero te mostrar tudo o que eu e Benjamim temos feito para a estância.

RAFAEL

Sim, filha. Mas primeiro deixe-me te ver bem.

Rafael alisa as tranças da filha, e retira alguns fios de cabelo do seu rosto.

RAFAEL

(continuando)

Meu Deus, como estás crescida e linda!

Rafael, com a ajuda de Benjamim, desce da charrete, segurando a bengala com força.

CATARINA

Te machucaram a perna?

RAFAEL

Sim, mas agora está tudo bem.

(dirigindo-se a Helena)

Como vais, Helena?

HELENA

(nervosa)

Estou bem, e tu?

RAFAEL
Também.

33. INT. SALA - NOITE
Todos estão reunidos.
O rádio está ligado.

FLASH BACK

Imagens alusivas à narrativa.

LOCUTOR (V.0.)

Nos dias 6 e 9 de agosto de 1945, aviões norte-americanos lançaram duas bombas atômicas sobre Hiroxima e Nagasaki. O efeito foi devastador. As cidades japonesas foram destruídas, e milhares de pessoas foram mortas, incineradas pelo calor da explosão. Os Estados Unidos estavam em guerra contra o Japão desde 1941, quando a base de Pearl Harbor, no Havai, foi atacada e destruída por aviões torpedeiros japoneses.

VOLTA À CENA

Rafael, calado, sai.

34. EXT. TERREIRO - DIA
Rafael, com 34 anos, anda a esmo. Encontra-se com Benjamim.

RAFAEL
Tudo ainda me parece estranho, Benjamim. Estou preso ao passado.

Benjamim sai, sem dizer nada. Em seguida, reaparece com várias cartas, faz um amontoado no chão e põe fogo.

BENJAMIM
O passado está morto, filho. Eu vou ajudá-lo a esquecer.

RAFAEL
Obrigado, pai.

35. INT. QUARTO DE JUREMA - NOITE
Rafael faz amor com Jurema. Em seguida, acalenta a moça com carinho, olhando para o teto.
Jurema adormece em seu peito.

36. EXT. VARANDA - DIA
É outono.
Catarina aprecia as árvores nuas e o chão forrado de folhas. As roupas masculinas não escondem as formas de seu corpo. Com quase 15 anos, já possui a altura de uma mulher adulta, e os cabelos longos e cacheados adornam um rosto sem espinhas.

37. INT. SALA - DIA
Rafael e Helena fazem companhia a Frederico e Margareth.
Catarina entra.

RAFAEL

Senta-te aqui ao meu lado, filha.

FREDERICO

Essa minha neta está cada dia mais bonita.

HELENA

Caminha como uma dama e senta como uma rainha, mas cavalga e laça como um peão. E mais, tira leite e trata de porcos e galinhas.

Margareth balança a cabeça, aprovando o comentário da filha.
Catarina finge não ouvir.

HELENA

Os vestidos são artigos raros no armário. Ela só os usa para ir à missa. Isso porque eu exijo, senão era capaz de ir de boleadeiras, uma arma perigosa em mãos tão delicadas e miúdas.

CATARINA

Eu não sou delicada.

HELENA

Pois saibas que no teu aniversário, quero que portes como uma dama.

Catarina fica irritada.

38. INT. TERREIRO - NOITE

MONTAGEM

- A) A noite está enluarada.**
- B) Os convidados chegam para o aniversário de Catarina.**
- C) Há churrasco, chimarrão, barris de cerveja e aguardente.**
- D) Os músicos animam a festa com canções típicas da região.**

39. INT. QUARTO DE CATARINA - NOITE

Catarina e Helena, com um vestido nas mãos, discutem.

HELENA

Não vais sair daqui assim. Até tolero que te vistas como homem nos dias comuns, mas essa é uma data especial.

CATARINA

Mas mãe, não gosto de vestidos. O corpete me aperta e os saltos dos sapatos me incomodam.

Helena estende o vestido sobre a cama.

HELENA

Catarina, só dessa vez coliques o vestido que mandei fazer pra ti.
Ficarás linda.

Catarina olha com mais atenção para o vestido verde oliva, de mangas justas até os cotovelos, acompanhado de um chapéu e meias de seda.

CATARINA

Está bem, mas só dessa vez.

Catarina o veste e olha-se no espelho. Prende os cabelos num coque no alto da cabeça, deixando à mostra o sulco entre os seios, de onde pende uma fina corrente de ouro, presente de Benjamim, e o cordão de couro que usa desde a infância.

HELENA

Por favor, tires esse cordão. Fica horrível, não combina.

Catarina, satisfeita, anda diante do espelho, observando o balanço dos quadris.

CATARINA

Não. Eu sempre o usei em todo aniversário, e não vou tirá-lo agora.

Margareth entra.

MARGARETH

Catarina, estás linda! Lembra tua mãe quando mocinha.

Catarina ajeita mais uma vez o cabelo.

HELENA

É melhor que fiques na sala até que todos os convidados tenham chegado, filha.

CATARINA

Por quê?

MARGARETH

Tua mãe tem razão, querida. A demora deixa os convidados curiosos e tua entrada será mais fascinante.

CATARINA

Acho isso uma grande bobagem, mas já que querem assim.

40. INT. SALA - NOITE

Catarina, sozinha e impaciente, caminha até a prateleira de bebidas do pai e coloca uma dose generosa de vodka num copo, bebendo de um gole só e tapando a boca com as mãos ao sentir a garganta queimando.

41. EXT. TERREIRO - NOITE

Catarina, sorridente, sai e encara a multidão que conversa e bebe, reunida em pequenos grupos.

Rafael estende o braço para a filha.

RAFAEL

Filha, estás muito bonita. Pareces até uma mulher.

Catarina sorri.

Eles caminham entre os convidados, atraindo olhares de admiração. Param junto a Benjamim e Helena, vestidos em trajes sociais e ainda meio emburrados um com o outro.

GIOVANI, filho de um casal de italianos, com o chapéu na mão e vestido com elegância num terno de risca de giz, caminha até eles num andar gingado.

RAFAEL

Como vais, Giovani?

GIOVANI

Muito bem, senhor Rafael. Desejo cumprimentar tua filha.

Giovani beija as mãos de Catarina, sem tirar os olhos de seu rosto. Catarina fica arrepiada.

42. EXT. TERREIRO - NOITE

MONTAGEM

- A) Os músicos tocam uma valsa.
- B) Os convidados abrem espaço para que Rafael dance com Catarina.
- C) Em seguida, o som calmo e romântico é substituído pelo ritmo intenso da música alemã.
- D) Os rapazes, frente a frente, formam uma fileira de seis e, acompanhando a pequena orquestra, batem as botas no chão e dão voltas entre si, arrancando aplausos.
- E) Catarina, encantada, bate palmas.

43. EXT. TERREIRO - NOITE

Alguns convidados estão ligeiramente bêbados.

Os músicos tocam uma música romântica.

Giovani caminha até Catarina.

GIOVANI

Danças comigo, Catarina.

Catarina olha para o pai, satisfeito.

CATARINA

Claro!

Giovani pega em sua mão e a leva para perto do palco, quase vazio. Enlaça sua cintura e cola seu rosto ao dela.

Catarina fecha os olhos e sente os músculos do rapaz de encontro aos seus seios.

A música termina.

GIOVANI

Foi a melhor dança da minha vida, Catarina. És a moça mais linda de toda a festa.

POV DE CATARINA

Ela observa o rapaz se afastando.

VOLTA À CENA

Giovani dá-lhe uma discreta piscadela.

44. INT. COZINHA - MANHÃ

Rafael e Helena discutem.

HELENA

Devias ter visto como tua filha se comportaste ontem.

RAFAEL

E como Catarina se comportou, Helena?

HELENA

Não viste como dançava colada demais com o italianinho?

RAFAEL

Eu não vi nada. No mais, todos os casais dançaram colados.

HELENA

Tu és condescendente demais com tua filha.

Catarina entra.

CATARINA

Bom dia, pai. Bom dia, mãe.

RAFAEL

Bom dia, filha.

Helena não responde.

Rafael serve café para a filha.

RAFAEL

Gostaste da festa, Catarina?

CATARINA

Muito. Adorei cada instante.

RAFAEL

Fico feliz por ti. Estamos de folga hoje e minha perna está doendo um pouco. Não devia ter dançado, mas até que não fui tão mal para um pernetá.

CATARINA

Oras, estavas ótimo. Ninguém notou a tua perna reta, pai.

RAFAEL

Que pretendes fazer hoje?

CATARINA

Vou arrumar o meu quarto e depois cavalgar um pouco. Nino está ficando gordo por falta de exercício.

HELENA

Devias é aprender a cozinhar e a bordar. Isso vai te ser útil algum dia. Ficar montada num cavalo o dia inteiro de nada vai te adiantar.

CATARINA

Isso é o que a senhora gosta de fazer. Eu prefiro os cavalos.

Helena levanta-se e leva as canecas para a pia.

HELENA

Ainda vais te dar muito mal na vida.

Rafael, irritado, sai.

44. EXT. CURRAL - MANHÃ

Benjamim ordenha.

Rafael debruça-se na cerca, que começa a apodrecer.

RAFAEL
O que achaste da festa, Benjamim?

BENJAMIM
Não gosto muito de festas. Estou velho demais.

RAFAEL
Catarina estava bonita, não?

BENJAMIM
Muito, mas não gostei da cara do carcamano que dançou com ela.

RAFAEL
Giovani? É filho do Lázaro, mora na cidade e o pai planta uvas numa
estância próxima. Conheço-o há bastante tempo.

BENJAMIM
Conhecemos o pai, mas o filho nunca vimos por aqui.

RAFAEL
É porque estuda em São Paulo, e só vem de vez em quando.

Benjamim, mal-humorado, levanta-se e desamarra a corda das pernas da
vaca.

BENJAMIM
E o que faz aqui, então? As férias escolares ainda estão longe.

RAFAEL
Tens razão. Não havia pensado nisso.

BENJAMIM
Pois pense, filho. Posso apostar que daqui a alguns dias estará de
volta, igual a um lobo espreitando a presa.

RAFAEL
Não exageres. O rapaz me pareceu muito educado.

BENJAMIM
Mesmo assim, não deixa de ser um carcamano

45. INT. ESTÂNCIA - TARDE
Catarina caminha, pensando em Giovani.

FLASH BACK

Catarina recorda-se de quando Giovani a chamou para a dança.

GIOVANI
Danças comigo, Catarina.

VOLTA À CENA
Sorrindo, ela dança sozinha até cair cansada sobre o capim.

FLASH BACK

Catarina recorda-se das palavras de Giovani.

GIOVANI

Foi a melhor dança da minha vida, Catarina. És a moça mais linda de toda a festa.

46. EXT. ESTÂNCIA - MANHÃ
É sábado, início de inverno.

MONTAGEM

A) O sol derrete, aos poucos, a geada dos campos.
B) O moinho movido à água tritura o milho.

47. EXT. CURRAL - MANHÃ
Catarina sai com um copo de leite recém-tirado, e vai até a VARANDA.

POV DE CATARINA

Ela vê Giovanni conversando com Helena.

VOLTA À CENA

Catarina respira fundo, passa os dedos pelos cabelos e se aproxima. Giovanni levanta-se.

GIOVANI
Catarina, vais bem?

CATARINA
Bem, e tu?

GIOVANI
Bem melhor agora.

Helena olha fixamente para o decote da filha.

HELENA
Giovani quer falar com teu pai, Catarina. Ele está com Benjamim?

CATARINA
Está, mas vem logo.

HELENA
(dirigindo-se a Giovanni)
Podes esperar um pouco?

GIOVANI
Sim, senhora. Não quero atrapalhar. Catarina pode me fazer companhia, pois tenho certeza de que tens coisas mais importantes para cuidar

Helena sai, com olhar desaprovador.
Eles sentam-se.

GIOVANI
A estância é ainda mais bonita pela manhã, apesar do inverno.

CATARINA
Vens sempre visitar teu pai?

GIOVANI

Sempre que posso. Estou na faculdade em São Paulo. Faço Direito.

Eles trocam olhares.

GIOVANI

Por que não usas vestidos, como toda moça da tua idade?

CATARINA

E tu? Não te vestes como um gaúcho, pareces mais um doutor com essas calças. Meu pai só as usaria para um casamento.

GIOVANI

(sorrindo)

Catarina, além de bonita és também ácida. Uma combinação perfeita. Agora, quanto à pergunta, não me sinto um gaúcho. Gosto mesmo é da cidade, do movimento das pessoas, do teatro, do cinema, coisas que não há por aqui.

CATARINA

Jamais morarias num lugar como esse?

GIOVANI

Jamais, é um lugar esquecido de Deus. Estava entediado na casa de meu pai, e a melhor coisa que aconteceu nesses dias foi a tua festa. E conhecer-te, claro.

Catarina fica corada.

Rafael aproxima-se.

CATARINA

Vejas, meu pai está chegando.

Giovani levanta-se e o cumprimenta.

GIOVANI

Como vais, senhor Rafael?

RAFAEL

Vou bem, e tu? Querias falar comigo?

GIOVANI

Nada de especial. Estava passando e resolvi parar para cumprimentá-los pela excelente festa.

Catarina olha de um para outro.

RAFAEL

Obrigado. Não quer entrar e tomar uma bebida?

GIOVANI

Aceito com prazer.

48. INT. SALA - MANHÃ

Rafael e Giovani sentam-se no sofá.

Catarina tem vontade de ficar, mas sai.

49. INT. COZINHA - MANHÃ
Rafael entra.

HELENA
Convidaste o rapaz para o almoço?

RAFAEL
Não, mas ele se convidou para vir aqui amanhã. Faz questão de conhecer a estância.

Catarina descasca batatas, atenta ao diálogo.

HELENA
Conhecer a estância? O que há por aqui que possa interessar a um moço fino como ele?

Eles olham para Catarina, que larga as batatas e sai.

HELENA
(continuando)
Achas que o moço pode estar interessado em Catarina?

RAFAEL
Ora, Helena. Não me perturbes com bobagens. Tenho mais o que fazer.
Rafael sai.

HELENA
(pensando)
Talvez não seja tão ruim assim, um genro rico morando com ela na capital.

50. EXT. TERREIRO - TARDE
Catarina, impaciente, arreia o cavalo.

CATARINA
Vamos dar uma volta, companheiro.

Catarina cavalga pela

ESTÂNCIA. Esporeia o animal até atingir a velocidade desejada. Arranca o laço que prende os cabelos, que voam ao ritmo do vento. Sorri. Diminui o passo e apeia no

PASTO, solta as rédeas do animal. Em seguida, deita-se e sente as pedrinhas machucando suas costas.

FLASH BACK
Catarina lembra-se da primeira menstruação.

CATARINA
(chorando)
Estou doente, pai. Vou morrer logo.

Rafael pega a filha no colo e explica o que está acontecendo.

CATARINA

(sorrindo)

Já posso ter bebês, então? Isso quer dizer que já sou uma moça?

RAFAEL

Isso mesmo.

VOLTA À CENA

Catarina sorri.

FLASH BACK

Catarina lembra-se de quando viu o garanhão cobrindo a égua. Fica assunstada com a chegada de Benjamim.

BENJAMIM

É um fato da natureza, Catarina. Mas não fica bem uma criança ficar olhando.

Catarina afasta-se, virando de vez em quando para espiar.

VOLTA À CENA

Catarina levanta-se com um pulo, bate nas calças para tirar a terra e o capim.

CATARINA

Vamos, Nino. Acho que preciso rezar um pouco.

51. EXT. TERREIRO - DIA

Giovani chega numa bela égua preta e desmonta com a elegância de um lorde, calças pretas, sapatos engraxados, camisa listrada e gravata ao estilo europeu.

52. INT. SALA - DIA

Catarina usa um vestido simples, de bom corte.

POV DE CATARINA

Ela observa o pai cumprimentar Giovani através da fresta da janela.

VOLTA À CENA

Rafael e Giovani entram.

GIOVANI

Como vais, Catarina?

CATARINA

Bem, e tu?

GIOVANI

Melhor agora que te vejo. Estás muito bonita.

RAFAEL

Senta-te, Giovani. E tu Catarina, vais até a cozinha ajudar tua mãe.

Catarina sai.

53. INT. COZINHA - DIA

O almoço é servido.

RAFAEL

Giovani, temos por hábito fazer as refeições na cozinha. Espero que não te incomodes.

GIOVANI

Por favor, senhor Rafael. Não queiras mudar os hábitos familiares por minha causa.

O almoço corre num clima tenso.
Catarina, nervosa, come pouco.

GIOVANI

O vinho está ótimo, senhor.

RAFAEL

Obrigado.

GIOVANI

(dirigindo-se a Helena)
E a comida também, dona Helena.

HELENA

Aos domingos, damos folga para Jurema. Foi Catarina quem escolheu o cardápio.

Catarina pensa em contradizer a mãe, mas fica calada.
Giovani, sob olhares cruzados de Rafael e Benjamim, sorri para a moça.

54. SALA - INT - DIA

Os homens acomodam-se no sofá.

GIOVANI

Senhor Rafael, se permites eu gostaria de levar Catarina para um passeio. Assim ela me mostra a estância.

RAFAEL

Tens interesse por gado? Pensei que estudasses para ser advogado.

GIOVANI

Realmente serei advogado, mas isso não me impede de aprender alguma coisa sobre gado e vida rural. Posso querer uma fazenda um dia.

RAFAEL

E gostas do Sul, da vida de estancieiro?

GIOVANI

Até uns poucos dias achava que não, mas ultimamente tenho ajudado meu pai e descobri que a vida aqui é mais saudável.

RAFAEL

Não estás ainda em período de aulas? Que fazes aqui?

GIOVANI

Consegui boas notas no semestre, o que me possibilitou entrar em férias antes dos outros.

Rafael olha para Benjamim, atento na conversa.

RAFAEL

Se a Catarina agradar o passeio, não tenho nada contra.

Catarina entra.

55. EXT. ESTÂNCIA - TARDE

Catarina e Giovani caminham pela estância sob um sol tímido. Eles sentam-se na relva, próximo a um conjunto de araucárias. Giovani segura suas mãos.

GIOVANI

Catarina, não posso mais esconder o que sinto. Quero-te como nunca quis coisa alguma em minha vida.

Catarina baixa os olhos timidamente.
Giovani segura seu queixo.

CATARINA

Também te quero.

Giovani a beija, tentando aos poucos carícias mais ousadas. Levanta e a arrasta, pressionando o peso do seu corpo de encontro ao dela. Catarina sente as pernas tremerem. Giovani, tentando controlar a ansiedade, levanta a cabeça e olha o céu.

GIOVANI

Acho melhor irmos embora, senão daqui a pouco não vou conseguir me segurar mais. Acabo fazendo o que não devo.

CATARINA

(envergonhada)

Fazer o quê? Aquilo que os cavalos fazem.
Sim, é melhor voltarmos.

Eles voltam silenciosos para casa.
Rafael, preocupado, espera na

VARANDA.

RAFAEL

O passeio foi agradável?

Giovani olha para Catarina.

GIOVANI

Muito bom, senhor Rafael.

Catarina despede-se rapidamente do rapaz e entra.

56. INT. QUARTO DE CATARINA - TARDE

Catarina, deitada e olhando para teto, recorda-se das palavras de Giovani.

FLASH BACK

Catarina lembra-se de quando viu o garanhão cobrindo a égua. Fica assunstada com a chegada de Benjamim.

GIOVANI

Catarina, não posso mais esconder o que sinto. Quero-te como nunca quis coisa alguma em minha vida.

VOLTA À CENA

CATARINA

(pensando)

Acho que o amo.

57. EXT. TERREIRO - NOITE

Rafael, irritado por ter discutido com Helena, encontra Jurema, sorridente.

Eles caminham para o

CELEIRO.

58. INT. COZINHA - MANHÃ

Catarina e Jurema estão na cozinha.

Helena entra.

HELENA

Levantaste cedo, Catarina.

CATARINA

Sim, quero tomar leite no curral.

HELENA

Não sei como não tens nojo. Só em pensar sinto o estômago embrulhar.

CATARINA

O que houve com o pai essa noite? Ouvi gritos.

HELENA

Os velhos pesadelos da Itália. Depois saiu e não vi a hora em que chegou.

Jurema cantarola uma canção enquanto retira a chaleira de água quente do fogão.

CATARINA

Estás feliz, Jurema. Aconteceu algo de especial?

JUREMA

Nada não, patroinha. Só acho que a vida é bonita.

HELENA

Só se for pra ti, porque pra mim não é tão agradável assim.

Catarina sai, sob os protestos da mãe.

59. EXT. CURRAL - MANHÃ

Benjamim carrega às costas o latão de cobre cheio de leite, que

derrama com seus movimentos.
Catarina chega e fica observando.

BENJAMIM
O que está olhando, Catarina?

CATARINA
Tu, que deves ter sido muito bonito. Ainda conservas traços interessantes. Podes até se casar, se quiseres.

Benjamim desce o latão das costas.

BENJAMIM
Meu tempo já se foi. Agora só espero a morte, e sou feliz assim.

CATARINA
Vamos ver o gado nas pradarias hoje?

BENJAMIM
Fizemos isso na semana passada. Não há necessidade de repetirmos.
Benjamim recoloca o latão nas costas e caminha pelo

TERREIRO.
Catarina o acompanha.

CATARINA
Benjamim, quero sair um pouco. Preciso te falar.

Benjamim para.

BENJAMIM
Está bem, vamos ver o gado. Arreie os cavalos enquanto levo o leite para Antônio.

60. EXT. ESTÂNCIA - MANHÃ
Catarina e Benjamim cavalgam lentamente, com o som das patas dos animais na terra batida.

BENJAMIM
Que quer comigo? Vamos, desembucha menina. Eu a conheço desde que nasceu e sei quando alguma coisa a perturba.

CATARINA
Acho que estou apaixonada.

Catarina respira fundo.

CATARINA
(continuando)
Não sei o que sinto, só sei que quero ficar sempre ao lado de Giovani.

BENJAMIM
Não gosto dele.

CATARINA
Por quê? Acho-o um rapaz educado e inteligente, e me parece sincero

também.

BENJAMIM

Por isso mesmo. Ele é muito educado, muito gentil, muito encantador e acho que a falsidade também consta em sua personalidade.

Catarina abre a boca para protestar.
Benjamim a interrompe com um gesto de mão.

BENJAMIM

(continuando)

Espere que eu termine. Sei que está encantada com ele, o que é até natural. Mas vá devagar com os sentimentos, principalmente com as atitudes. Não o conhece, é o primeiro rapaz com quem tem um contato mais íntimo. Não se deixe enganar por belas palavras e um rosto bonito.

CATARINA

Estás implicando muito. Queres que me relacione com esses mocosongos daqui? Eles fedem a gado, nem sabem falar direito.

BENJAMIM

Pensei que gostasse do cheiro do gado. Além do mais, eles podem não saber falar direito, mas são honestos e isso conta é muito.

CATARINA

Eu sei, mas Giovani é diferente. Se não gostasse de mim, não viria aqui com tanta frequência.

BENJAMIM

Não posso argumentar com você, Catarina. Sei o que sentes, pois também já tive minha cota de ilusões. Só peço que tenha cautela.

Benjamim a encara, carinhosamente.

BENJAMIM

(continuando)

Você é muito bonita, e eu a amo como um pai ama uma filha, ou um avô ama uma neta se assim preferir. Não quero que sofra.

CATARINA

Mas não estou sofrendo. Pelo contrário, estou muito feliz.

Benjamim desiste.

61. EXT. VARANDA - MANHÃ

Passam-se dois meses.

É sábado.

Catarina, impaciente, com os cabelos soltos nos ombros, caminha de um lado para outro, olhando para a estrada.

62. EXT. ESTRADA - MANHÃ

Giovani aproxima-se.

POV DE GIOVANI

Ele avista Catarina de longe.

VOLTA À CENA

GIOVANI

(pensando)

É hoje, é hoje que realizo meus desejos e amanhã parto para São Paulo.
Hoje te pego de qualquer jeito, tu queiras ou não.

Giovani entra pelo

TERREIRO.

Benjamim percebe seu sorriso de luxúria.

63. EXT. CURRAL - DIA

Benjamim troca umas tábuas soltas.

POV DE BENJAMIM

Ele vê Catarina e Giovani caminhando lado a lado.

VOLTA À CENA

Benjamim pensa em segui-los, mas desiste.

Catarina e Giovani caminham pela

ESTÂNCIA, procuram por uma sombra e sentam-se na relva
Giovani nada diz, apenas a beija. Em seguida, deita-a no capim,
percorre seu corpo com as mãos e seu pescoço e seios com a boca.

GIOVANI

Vamos para mais longe, andar um pouco. Não conheces um lugar onde
possamos ficar sós?

CATARINA

Estamos sozinhos aqui.

GIOVANI

(sussurrando)

Catarina, quero te dar o que queres e aqui não pode ser.

CATARINA

O quê? Um presente?

GIOVANI

Sim, minha querida. Um lindo presente.

(pensando)

Ora, ela deve saber o que eu estou falando. Não pode ser tão inocente
assim. Está apenas fazendo um joguinho de sedução.

CATARINA

Tem uma cabana, mas fica longe. Era usada por um empregado do meu avô,
mas ele se mudou para mais perto da estância. Agora só tem cordas e
sacaria.

GIOVANI

Não importa a distância. Quero te namorar sem correr o risco de alguém
nos interromper.

Eu te amo.

CATARINA

Tu me amas mesmo?

Giovani beija sua testa.

GIOVANI

Sim, acima de qualquer coisa na vida.

Catarina levanta-se.

CATARINA

Então, vamos.

64. INT. CABANA NA FLORESTA - DIA

A cabana, localizada num pequeno descampado no meio da floresta, está suja e cheia de teias de aranha. Construída com troncos inteiros, tem uma sala com uma lareira pequena e duas portas, uma para a cozinha e outra para o quarto. Em frente à lareira um tapete de lã, puído e poeirento.

CATARINA

Isso está muito sujo. Melhor irmos embora.

GIOVANI

Não tem problema, o que importa é que estamos sozinhos.

CATARINA

Por favor, vamos embora. Não gosto desse lugar.

GIOVANI

Não, quero-te muito para deixar-te sair.

Giovani a beija com grosseira, enfia as mãos pelo decote da camisa e toca seus seios.

Catarina fica apavorada.

Giovani luta com os botões da blusa e, na dificuldade de desabotoá-la, arranca com um puxão.

CATARINA

(gritando)

Pares, pares! Quero sair, quero ir embora, me largues. Tu disseste que me amas. Se me amas realmente, deixe-me ir.

Giovani sorri.

Catarina fecha os olhos e grita, cerrando os punhos e batendo no peito nu à sua frente.

Giovani arranca suas roupas e a deita no chão duro.

Catarina chora.

GIOVANI

Vamos, nada de chorar agora. Tu me provocaste durante todo esse tempo, me mandando sorrisos e olhares velados. Ou achas que não notei a forma como mordias os lábios em minha presença? Agora chegou o momento de pagares o que me deves, o que me prometeste.

Giovani, ao retirar a última peça de roupa, distrai com a barra da calça.

Catarina levanta-se e corre.

Giovani a derruba, e pressiona suas pernas.

GIOVANI

Só estou dando o que me pediste, só isso.

Catarina contorce-se de dor ao ser penetrada. Num impulso, reúne todas as forças, ergue o pé e o golpeia.

Giovani, furioso, espanca seu rosto.

GIOVANI

Sua cadela nojenta! Agora vai ser do meu jeito. Não vou ser gentil contigo.

Giovani a estupra. Ao terminar, geme e fica quieto.

Catarina vira o rosto. Tem vontade de chorar, mas não consegue.

Giovani levanta-se, veste as roupas e dá-lhe as costas.

GIOVANI

Acho que perdi o juízo.

Catarina permanece calada, apenas soluçando.

GIOVANI

Não fiz nada que tu também não querias. Esse tempo todo vi como me olhavas, suspiravas ao me ver chegando. Também querias.

Giovani anda de um lado para outro.

GIOVANI

(continuando)

Tu me pediste o tempo todo.

Catarina continua calada.

Giovani sai, batendo a porta.

Catarina, soluçando, vira-se de lado e vomita.

65. EXT. TERREIRO - TARDE

Começa a escurecer.

Rafael, aflito, encontra Benjamim fechando as porteiras do

CURRAL.

RAFAEL

Catarina ainda não voltou, Benjamim. Estou muito preocupado.

BENJAMIM

Eu a vi saindo com o carcamano?

RAFAEL

Saiu, e não estou gostando dessa demora.

Benjamim caminha apressado para o

ESTÁBULO.

RAFAEL

Esperes, vou contigo.

BENJAMIM

Não, Rafael. Você fica. Eu vou procurá-la e a trago de volta, já.

RAFAEL

Ela é minha filha. Vou contigo.

BENJAMIM

E também minha neta. Eu vou, volte e acalme Helena.

RAFAEL

Não queres que eu vá?

BENJAMIM

Não, filho. Estou dizendo que sei dos lugares que Catarina gosta de frequentar. Acho que terei mais sucesso, só isso.

RAFAEL

Está bem, pai. Mas não volte sem ela. Vou falar com Helena.

66. EXT. ESTÂNCIA - NOITE

A noite está clara.

Benjamim, a cavalo, procura por Catarina, sem sucesso. Já está quase voltando quando se lembra de algo. Incita o cavalo a galopar e vai até a

CABANA NA FLORESTA.

POV DE BENJAMIM

Ele vê a porta da cabana aberta.

67. INT. CABANA NA FLORESTA - NOITE

Benjamim encontra Catarina nua, deitada de costas. Ilumina seu rosto e a cobre com a camisa rasgada.

BENJAMIM

Catarina, por Deus, o que aconteceu?

Catarina vira-se devagar, com o maxilar roxo e um filete de sangue seco no canto da boca.

CATARINA

Benjamim, és tu?

CLOSE UP - AS PERNAS DE CATARINA
também estão manchadas de sangue.

BENJAMIM

Sim, Catarina. Sou eu.

Benjamim a veste, sob protestos.

BENJAMIM

Precisamos ir para casa. Consegue montar?

CATARINA

Não posso voltar. O que direi aos outros?

BENJAMIM

Deixe que eu cuido dos outros.

Benjamim a carrega nos braços.

68. EXT. CABANA NA FLORESTA - NOITE

Benjamim coloca Catarina na sela e caminha na frente, puxando o cavalo.

69. INT. SALA - NOITE

Benjamim chega com Catarina nos braços e vai para o

QUARTO, acompanhado de Jurema.

Helena fica furiosa.

70. INT. SALA - NOITE

Rafael está com os punhos cerrados.

Benjamim entra.

RAFAEL

Minha filha foi violada. Quanta dor deve ter sentido enquanto eu me encontrava aqui, sentado e lendo.

Rafael bate o punho fechado contra a palma da mão.

RAFAEL

(continuando)

Que merda de pai sou eu?

HELENA

(gritando)

Sim, já não é mais virgem. Nunca arrumará um casamento.

Rafael levanta-se, esbravejando e sacudindo os punhos no rosto da esposa.

RAFAEL

Essa é tua única preocupação? Não imaginas a dor que ela passou? Os momentos horríveis? Tu és pior do que imaginei.

BENJAMIM

Rafael, estamos todos nervosos. Deixe-a descansar e amanhã falaremos sobre isso.

HELENA

(dirigindo-se a Benjamim)

Tu, Benjamim. Ela é igual a ti, ou melhor.

(dirigindo-se a Rafael)

É igual à tua mãe, uma prostituta.

Rafael avança para cima da esposa.

Benjamim o segura.

RAFAEL

Não tenho mais raiva de ti, Helena, e nem desprezo. Acho que só sinto pena. Tu com teu senso distorcido de justiça, nada sabes da vida, de

amor ou ternura. Acho que te achas perfeita, e se pudesses empunharia uma espada e julgaria a todos. Não sabes, na tua insanidade que a primeira que deveria ser destruída és tu.

BENJAMIM

Rafael, por favor cale-se. Sabe como é Helena.

Rafael sai.
Benjamim o acompanha.

71. EXT. TERREIRO - NOITE

Rafael e Benjamim caminham pelo escuro.

BENJAMIM

Tenha calma, filho. Amanhã resolveremos.

RAFAEL

Não vou conseguir dormir.

BENJAMIM

Eu também não, mas precisamos descansar. Você tem onde repousar o corpo cansado.

RAFAEL

Helena?

BENJAMIM

Falo de Jurema. Ela deve estar esperando por você.

Rafael vê Jurema na porteira. Caminha até ela e é recebido de braços abertos.

72. INT. COZINHA - MANHÃ

Rafael toma o café.

Benjamim chega.

RAFAEL

Senta-te, Benjamim. Eu te sirvo o café.

Benjamim obedece.

BENJAMIM

Tudo bem com ela?

RAFAEL

Muito deprimida pelo que Jurema me contou. Não quis ver nenhum de nós e achei melhor respeitar. Achas que devo chamar um médico?

BENJAMIM

Seria ainda mais constrangedor para ela. Acho que logo se recuperará de saúde, mas resta a mente. Precisamos tratá-la com carinho, mostrando que não a culpamos pelo que aconteceu.

RAFAEL

É claro, o difícil é manter Helena calada. Meu Deus, como pude me enganar tanto com ela? Como pude me enganar com Giovanni. Me sinto o maior dos idiotas.

BENJAMIM

Você não é um idiota. Quem podia imaginar que o carcamano fizesse isso?

RAFAEL

Vou matá-lo, Benjamim. Vou matá-lo ainda hoje.

BENJAMIM

Não faça isso.

Catarina, vestida e penteada, chega e ouve a conversa do umbral da porta.

RAFAEL

Estás bem, filha?

CATARINA

Não, mas vou ficar. Por favor esqueça essa ideia absurda. Não podes matá-lo.

Rafael leva a filha para a

SALA.

Catarina senta-se entre Rafael e Benjamim.

RAFAEL

Filha, como pode defender esse criminoso?

CATARINA

Pai, não o estou defendendo. Estou defendendo o senhor. Achas que podes viver com um peso desses nas costas? Tens pesadelos com a guerra, e se matou lá foi por receber ordens. Eu te conheço, meu pai. Não viveria com essa carga por muito tempo.

Helena entra.

HELENA

(chorosa, dirigindo-se a Catarina)

Catarina, fales com o moço. Quem sabe ele quer se casar contigo. Fariamos tudo rápido, ninguém precisaria ficar sabendo dessa desgraça e tudo ficaria bem.

Todos a encaram, mas ninguém fala nada.

HELENA

Tu, Rafael, és o pai dela. Deves exigir uma retratação. Ele tem obrigação de se casar com ela. Não negará um pedido teu.

RAFAEL

Cale-te, Helena. Não tem lógica essa tua conversa.

BENJAMIM

Vamos até a casa dele, Rafael. Quero ao menos ter o prazer de lhe arrebentar a cara.

Catarina sai correndo.

73. INT. CASA DE LÁZARO - DIA

LÁZARO, pai de Giovani, recebe Rafael e Benjamim.
Eles sentam-se no sofá.

LÁZARO

Rafael, filho de Wladek. Conheci muito teu pai, bom homem, muito bom.
Tomam uma cuia de mate?

RAFAEL

Não, obrigado.

LÁZARO

Mas então, o que os trazem em minha casa tão de repente? Nenhuma
morte, espero.

Rafael e Benjamim trocam olhares.

RAFAEL

Queríamos falar com teu filho.

LÁZARO

Giovani? Bom menino, vai ser advogado, sabiam? Estuda em São Paulo.

RAFAEL

Sei disso, senhor. Ele está?

LÁZARO

Oh não! Mal o dia clareou e ele partiu para a capital para tomar o
trem para São Paulo. Deve levar dias para chegar. Nosso transporte é
precário, como devem saber.

Rafael levanta-se.

RAFAEL

Vamos embora, Benjamim.

LÁZARO

Mas mal chegaram, nem conversamos. A propósito, o assunto só pode ser
tratado com ele?

RAFAEL

Sim, senhor. É só com ele. Poderias me avisar quando teu filho
retornar? É muito importante.

LÁZARO

É claro que avisarei. Irei pessoalmente à estância.

Rafael e Benjamim saem.

74. EXT. CASA DE LÁZARO - DIA

Lázaro acena da porta com um sorriso bondoso.

BENJAMIM

Fez bem em não revelar nada ao homem. Não merece esse sofrimento no
final da vida.

75. EXT. TERREIRO - DIA

Passam-se dois meses, e é início de inverno.

Catarina, com uma expressão séria, caminha até a porta do

CELERIO, onde encontra Benjamim.

BENJAMIM

Faz quase dois meses que não chove e agora vai ficar ainda mais difícil, com o inverno chegando. Estou preocupado.

CATARINA

Está tudo muito seco mesmo. E era para o capim ainda estar verde. Imagines como será até o final do inverno.

Catarina sente uma pontada no ventre.

BENJAMIM

O que houve, Catarina?

CATARINA

Não sei, uma dor aguda.

Catarina arregala os olhos ao ver sangue manchando suas calças e botas.

BENJAMIM

Vamos, vou levá-la para casa.

CATARINA

O que está acontecendo comigo?

BENJAMIM

Uma hemorragia, vamos depressa.

76. INT. SALA - DIA

Benjamim entra com Catarina e a leva para o

QUARTO.

O rastro vermelho de sangue mancha o tapete da sala.

Helena e Jurema entram.

HELENA

Oh meu Deus! O que houve agora? E o tapete vai ficar manchado.

BENJAMIM

Fique com ela, Helena. Onde está Rafael?

HELENA

Nos campos.

BENJAMIM

Vou chamar um médico.

77. EXT. ESTRADA - DIA

Benjamim galopa em direção à cidade.

Rafael o alcança.

78. INT. CONSULTÓRIO MÉDICO - DIA

Rafael e Benjamim entram no consultório do DR. AUGUSTO, um jovem médico, magro de cabelos ruivos, substituto do Dr. Hanz desde sua morte.

BENJAMIM

Pode nos acompanhar, doutor. É urgente.

DR. AUGUSTO

Atendimento domiciliar é mais caro.

RAFAEL

Alguém te perguntaste o preço?

O Dr. Augusto baixa os olhos, envergonhado.

RAFAEL

Minha filha não está bem. Pagarei o que for preciso.

79. INT. SALA - TARDE

Todos aguardam a consulta médica.

HELENA

Jurema, volte para a cozinha. Está na hora de começar a janta. Não quer que eu a faça, não é?

Jurema olha para Rafael, que retribui com um sorriso.

JUREMA

Sim, senhora.

RAFAEL

Quando vamos ter um pouco de paz nessa casa?

HELENA

Nunca, Rafael. Nunca teremos paz aqui porque essa casa é suja e Deus não gosta disso. Ele está nos punindo de todas as formas possíveis.

RAFAEL

Se tu não te calares num segundo, eu te calarei, nem que seja à força.

O Dr. Augusto entra, olhando e procurando algo.

DR. AUGUSTO

Onde está o marido da jovem? Gostaria de lhe falar.

Helena rói as unhas.

Rafael e Benjamim trocam olhares.

RAFAEL

Minha filha é solteira, doutor. Podes falar comigo.

DR. AUGUSTO

Então, ela não tem marido?

Bem, é que a moça acaba de sofrer um aborto espontâneo. Estava grávida de dois meses, aproximadamente.

(pensando)

Eu deveria ter sido qualquer coisa na vida, menos médico. Tenho a maldição de ser portador de más notícias.

O Dr. Augusto analisa a expressão de todos.

DR. AUGUSTO
(continuando)

Sinto muito, mas precisava dizer.

Helena fica pálida e encara o marido.
Rafael cerra os lábios.

DR. AUGUSTO

Ela está bem, mas precisa de repouso, pelo menos de uma semana. Não deve se levantar e tem que se alimentar bem. E ter paz.

Rafael aproxima-se.

RAFAEL

Doutor, quero te pedir um favor em especial. Não comentes esse fato com ninguém. Isso causaria muitos problemas a Catarina, e ela já os têm em demasia.

DR. AUGUSTO

É claro, não burlaria a ética médica. O médico é como um padre, não fala o que vê e nem o que ouve.

RAFAEL

Muito bem. Vamos à biblioteca acertar as contas.

O Dr. Augusto disfarça um sorriso malicioso.

80. EXT. TERREIRO - DIA

Benjamim caminha apressado. Avista Catarina na janela, entregue ao desleixo total, com os cabelos emaranhados, sem qualquer interesse pelo trabalho e pela aparência.

BENJAMIM
(gritando)

Catarina, o seu cavalo está com uma ferida enorme no flanco. Não sei como se machucou, mas preciso ir à cidade comprar remédios. Quero que venha comigo.

CATARINA

Não vou, Benjamim. Tu cuidas disso.

BENJAMIM

Sua mãe também está reclamando que precisa de compras. A despensa está vazia e não entendo nada disso.

CATARINA

Ela te faz uma lista.

BENJAMIM

Eu devia saber. Você é uma covarde mesmo. Me iludi, achando que tinha sangue nas veias, mas vejo que o que lhe corre é água, e água suja.

Catarina fica furiosa.

BENJAMIM

(continuando)

Admirava-lhe quando colocava o chapéu e saía, montando seu belo cavalo. Parecia-me que nada no mundo a faria estremecer. Achava que coisa alguma, criada por Deus ou Satanás, faria com que perdesse a coragem. Sempre achei que podia conhecer as pessoas com um simples olhar, mas vejo que me enganei com você.

Benjamim vira-se de costas.

CATARINA

Cale-te, Benjamim.

BENJAMIM

Quer saber de uma coisa? Eu não vou à cidade. Vá você e cuide do seu cavalo sozinha. Ele é sua responsabilidade, por mim pode morrer.

Catarina pula do patamar e o segura pelo cotovelo.

CATARINA

Não tens o direito de me dizer isso tudo e sair sem troco. Não preciso te respeitar. E te digo que se eu quiser morrer assim, sem fazer nada, morro. É problema meu.

BENJAMIM

Engana-se, e muito. Acha que é a única pessoa no mundo que sofre? O que sabe você da minha vida? Ou da vida do seu pai. Tem ideia do quanto já sofremos? No entanto estou vivo e preciso continuar. Tenho 60 anos de idade, um bom motivo para me respeitar. Me largue e me deixe cuidar da vida. E seu cavalo vai morrer.

CATARINA

(pensativa)

Vamos à cidade. Quero cuidar do meu cavalo.

BENJAMIM

Então, vá se aprontar e penteie esses cabelos, que mais parecem um ninho de ratos.

Catarina entra.

Benjamim sorri.

81. EXT. ESTRADA - DIA

Benjamim e Catarina conduzem a charrete lentamente, prestando atenção nos campos que se estendem ao lado da estrada.

O capim, atingido pela seca, está com cor de trigo maduro.

BENJAMIM

Se não houver chuva até o inverno, a coisa vai se complicar.

Catarina não diz nada.

82. EXT. CIDADE (FRENTE DO ARMAZÉM) - DIA

Benjamim para a charrete.

Catarina desce.

BENJAMIM

Compre o que quiser para a casa, e me espere que não demoro.

83. INT. ARMAZÉM - DIA

As prateleiras e o chão estão cheios de produtos. Catarina dirige-se a BERNARDO, um velho gordo que fede a alho e cebola.

BERNARDO

Não és filha de Rafael, neta do polonês Wladek?

CATARINA

Sou, sim senhor. Por favor preciso de tudo o que está nessa lista.

Bernardo, extremamente gentil, explora o corpo de Catarina com um olhar depravado.

CATARINA

Preciso do que está nessa lista. O senhor pode providenciar, por favor?

BERNARDO

Tudo o que quiseres. Sabias que és a moça mais bonita da região?

Catarina arregala os olhos, nauseada diante de sua testa suarenta. Afasta-se devagar, de costas, mantendo os olhos fixos no velho, que sorri.

84. EXT. CIDADE (FRENTE DO ARMAZÉM) - DIA

Catarina aguarda na calçada. Algumas pessoas passam e apontam, acusadoramente, tecendo comentários. Uma mulher idosa, com desprezo, vira-lhe o rosto. Benjamim chega e a leva para a charrete.

BENJAMIM

Estão olhando o quê? Nunca viram uma mulher na vida?

HOMEM (O.S.)

(gritando)
Uma assim não.

Benjamim procura, com os olhos, o autor do comentário.

BENJAMIM

Vocês são um bando de hipócritas e nojentos.

CATARINA

Vamos embora, Benjamim. Por favor.

85. EXT. ESTRADA - DIA

Benjamim e Catarina tomam o caminho de volta.

CATARINA

(chorando)

Eles sabem, Benjamim. Todos sabem o que aconteceu. Como posso conviver com isso?

BENJAMIM

Tenha paciência, Catarina.

CATARINA

Tu foste corajoso ao dizer aquilo. És o melhor homem do mundo, depois de meu pai.

BENJAMIM

Sou duas vezes seu pai, e juntos vamos vencer essa gente. Não precisamos deles para viver. Eu juro, prefiro você a qualquer um deles. Será ainda muito feliz, vai ver.

Catarina, abatida e enjoada, tapa a boca com as mãos.

BENJAMIM

Sinto muito por minha insistência. Você se expôs, e eu não esperava que alguém mais soubesse.

CATARINA

Não tens culpa. De qualquer modo isso iria acontecer, mais cedo ou mais tarde. Foi bom que aconteceu mais cedo, agora sei em que pé estão as coisas.

Benjamim conduz a charrete até a

CASA DE JEREMIAS.

CATARINA

Por que paramos?

BENJAMIM

Tenho uma surpresa pra você. Espere um momento.

Benjamim abre o velho portão de madeira e some de vista. Em seguida, volta com uma caixa.

CATARINA

O que tens aí?

RAFAEL

Veja, é um presente. Espero que goste.

Catarina olha, maravilhada, dois cãozinhos negros como a noite, com os focinhos da cor de canela.

CATARINA

São lindos, de que raça?

BENJAMIM

São pastores, ótimos cães para serem treinados, inteligentes e dóceis. Achei que precisava ter alguma coisa com que se preocupar, já que não quer mais trabalhar na estância. Eles são pequenos e precisam de alguém, precisam de você.

Catarina não resiste e pega os animais no colo que, alegres, lambem sua face.

CATARINA

Benjamim, se não fosses meu melhor amigo, terias que ser meu avô.

Benjamim sorri.

86. EXT. ESTÂNCIA - DIA

É final do outono e a seca persiste. As folhas, amareladas, caem lentamente, formando um tapete na grama, também seca.

87. EXT. VARANDA - NOITE

Rafael e Benjamim conversam.

Catarina brinca com os cães, ouvindo atentamente o diálogo.

RAFAEL

Tive que vender muitas cabeças de gado por um preço irrisório para poupar as pastagens. E quando começarem as geadas, vai ficar pior. O Sul terá que se alimentar dos outros estados esse ano.

BENJAMIM

A plantação de uvas de Lázaro está secando. Acho que terá prejuízo, não consegue irrigar tudo. Ele está velho e sozinho, e a mão de obra está cara.

CATARINA

Quero que ele perca tudo. Acho que não merece nem mesmo viver.

RAFAEL

Filha, ele não tem culpa de nada. Deves tirar esse ódio do coração. Esse sentimento só fará mal a ti mesma. Não deves culpar o pai pelos erros do filho.

CATARINA

O pai o educou, portanto tem também uma parcela de culpa. E esse meu sentimento, como o chamas, meu pai, vai permanecer sempre. Só consigo ficar perto do senhor e Benjamim. Qualquer outro homem me causa nojo.

BENJAMIM

Está generalizando, Catarina. Nem todos os homens são animais.

CATARINA

Tens razão, Benjamim. São piores, os animais ao menos respeitam a vontade das fêmeas.

BENJAMIM

Um dia pensará diferente. Haverá um homem que vai amá-la como merece. Encontrará alguém decente, com quem possa refazer sua vida.

CATARINA

Mato o primeiro desgraçado que encostar um dedo em mim.

Catarina levanta-se e sai, levando os cães.

BENJAMIM

O tempo há de curar suas feridas, como curou as nossas. O amor é inevitável na vida e vem de onde não se espera. De nada adianta lutar contra o mais forte e bonito dos sentimentos.

RAFAEL

Espero que tenhas razão, Benjamim. Me preocupo muito com ela.

BENJAMIM

Vou embora, filho. Quero dormir.

RAFAEL

Vou acompanhá-lo até a cabana. Estou com vontade de andar.

Eles caminham pelo

TERREIRO, iluminado pela lua cheia.

Rafael vê Jurema na porteira, sorrindo, com o vestido e os cabelos agitando no ar.

BENJAMIM

Ela o espera, filho. Fico contente que seja feliz ao menos por alguns momentos.

Rafael, sem se importar se alguém está vendo, abraça a moça, enterrando o nariz em seus cabelos.

RAFAEL

Vamos, está frio aqui.

JUREMA

Sim, quero muito que o patrão me esquente.

JUREMA

Sim, Jurema. Só que não precisas me chamar de patrão. Apenas Rafael.

Jurema sorri, satisfeita, e eles caminham abraçados.

88. INT. SALA - NOITE

Passam-se cinco anos.

Catarina, com 20 anos, tem os cabelos pela cintura.

Rafael está com precoces fios brancos.

Benjamim já não tem qualquer fio preto.

Todos estão na sala ouvindo as últimas notícias.

FLASH BACK

Imagens alusivas à narrativa.

LOCUTOR (V.O.)

Um atentado a um grande opositor do presidente desecandeu uma forte oposição ao regime militar. Foi levantado um inquérito para averiguar o crime e descobriu-se que alguns elementos da guarda do presidente estavam envolvidos. O fato causou oposição ao presidente por parte da imprensa, das forças armadas e do congresso. Foi pedida sua renúncia, mas ele recusou, alegando inocência. Então, as forças armadas exigiram seu afastamento. Diante de tal pressão, a fraqueza do homem se revelou por meio de suicídio, um tiro no peito para quem já não tinha mais saída e em aliados.

VOLTA À CENA

89. EXT. ESTÂNCIA - TARDE

A tarde quente de janeiro colore o céu num tom róseo, pontilhado de nuvens redondas.

Benjamim verifica a porteira, o estábulo, o barracão de ferramentas e caminha até a

VARANDA, onde encontra Catarina.

BENJAMIM

Onde está Helena?

CATARINA

E tu achas que ela se juntaria aos pobres mortais? Está ocupada em ler a Bíblia e imaginar os grandes castigos que teremos, nós, os párias da humanidade.

BENJAMIM

Oras, Catarina. Não seja maldosa. Ela não foi sempre assim. Houve uma época em que era a mais delicada das criaturas, linda, na plenitude da idade. Me lembro muito bem.

CATARINA

O que aconteceu para ela ficar assim? Sempre me pergunto, pois desde que me conheço por gente ela se comporta dessa maneira. No entanto tu e meu pai dizem sempre a mesma coisa, que devo ter paciência, paciência com os olhares furtivos que me lança, com as acusações que me faz.

Catarina vira-se e o encara.

CATARINA

(continuando)

Me digas o que aconteceu com a bela e delicada jovem. O que a transformou nessa megera?

BENJAMIM

Talvez um dia possamos compreender o que aconteceu à sua mãe, além da doença, é claro. Deixe-a por enquanto. Ela acredita no que faz. Quer converter-nos ao cristianismo. Não podemos culpá-la por isso, não é mesmo?

CATARINA

Em que acreditas, Benjamim? Em que religião?

BENJAMIM

Não tenho culto algum, não sigo nenhuma religião, apenas acredito em Deus e em Jesus Cristo. Acredito que nascemos muitas vezes para consertarmos nossos erros. Procuro aceitar as coisas ruins que acontecem, acho que tudo nessa vida tem um propósito, infelizmente incompreensível para nós, mas não para o Criador. Acho que não cairia nem mesmo uma folha sem um propósito definido e calculado.

CATARINA

Achas, então, que Deus programa nossa vida? Cada acontecimento?

BENJAMIM

Somos inteligentes e escolhemos nosso próprio caminho. Ao menos assim temos a ilusão, mas nunca saberemos. Às vezes acho que sim, mas depois percebo, estarecido, que aquele era o único caminho a seguir, tirando qualquer chance de escolha. Acredito, acima de tudo, numa força superior que nos guia para o melhor caminho. Os sofrimentos da vida são causados por nós mesmo, por nossa teimosia. Estamos apenas consertando erros de uma outra vida. Não sei se isso é correto e se as coisas realmente acontecem como imagino, mas preciso dessa minha fé como preciso do alimento que consumo todos os dias.

90. EXT. TERREIRO - DIA

Rafael chega a cavalo, desmonta, retira a sela e alisa o pescoço suado do animal. Em seguida, caminha até a

VARANDA, retira o chapéu e a garrucha do cinto, pendura o rebenque nas grades e senta-se na cadeira, cansado.

BENJAMIM

O dia foi duro?

RAFAEL

Bastante, Benjamim. Sabes aquele pedaço de terra, aquele perto da cachoeira?

BENJAMIM

Sei, o que é que tem?

RAFAEL

Acho que vou queimá-lo amanhã. Está infestado de pragas. Se queirmos agora que está seco, depois da primeira chuva posso semear capim e fazer um pasto para os cavalos.

CATARINA

Faz semanas que não chove. Acho até que dá para queimar, mas é tão próximo da casa. Não tens medo de perder o controle do fogo?

RAFAEL

Não tem perigo, o terreno é um corredor. No fundo tem a cachoeira e, nas laterais, terra batida. O único perigo é o lado que chega até a casa, mas isso se resolve com um pequeno aterro.

CATARINA

O mato está alto e seco. Esperes que chova, assim a terra molhada oferece mais segurança.

RAFAEL

Não tem perigo, filha. Amanhã, depois da ordenha faremos o aterro e à tarde queimamos.

91. EXT. ESTÂNCIA - TARDE

MONTAGEM

- A) Rafael, Benjamim e Pedro ateam fogo no mato, que se transforma em labareda, com as chamas rasteiras correndo com rapidez assombrosa rumo ao aterro feito próximo à casa.**
- B) A fumaça deixa o ar sufocante.**

- C) Benjamim vê nuvens no céu e fica mais tranquilo.
- D) Começa a ventar.
- E) Os homens, preocupados, correm em direção ao aterro, aparelhando-se com as chamas altas.
- F) Uma rajada de vento mais forte sopra labaredas e brasas além da terra batida.
- G) O fogo lambe a terra nua e chega às folhas secas do outro lado.

RAFAEL

(gritando)

Pedro, peças ajuda aos vizinhos. Precisamos conter o fogo.

MONTAGEM

- A) As rosetas dos pinheiros incendeiam, seguidas pelo capim alto.
- B) Pedro desvia-se das labaredas.
- C) O vento sopra com força a favor do fogo, que vai incendiando tudo pela frente.

92. EXT. TERREIRO - TARDE

Rafael corre até a

VARANDA e encontra Catarina, com os olhos arregalados para o fogo. Jurema corre de um lado para outro, sem saber o que fazer.

RAFAEL

Catarina, onde está tua mãe?

CATARINA

No quarto. Ela tomou alguns calmantes e foi se deitar.

RAFAEL

Pois não a chame, senão é capaz de morrer só de ver essas labaredas.

Vamos, peguem sacos vazios de aninhagem. Precisamos correr para controlar o fogo. Logo virá ajuda.

Benjamim separa os sacos na porta do

CELEIRO. Em seguida, junta-se a Rafael, Catarina e Jurema, que batem os sacos nas chamas rasteiras.

Uma fina linha de fogo chega à cozinha e sobe pela parede.

O fogo se alastra, formando uma fumaça preta.

Todos correm e contornam a casa, tossindo. Ninguém consegue entrar.

RAFAEL

(pensando)

Calmantes! Catarina disse calmantes.

Os ruídos da madeira e o crepitar do fogo é intenso.

RAFAEL

(gritando)

Catarina, tua mãe. Tenho que entrar.

Rafael tenta entrar na casa.

Benjamim o segura pelo braço.

BENJAMIM

(gritando)
Não vai entrar, nada pode fazer agora. O teto vai ruir.

RAFAEL
Helena está lá dentro. Tenho que tirá-la.

BENJAMIM
Isso é suicídio. Filho, eu o proíbo de entrar.

Rafael escapa e entra.
Pedro chega com mais quatro homens.

BENJAMIM
(gritando)
Abram o estábulo e soltem os cavalos.

Os caibros ruem e derrubam a varanda.

93. INT. CASA - TARDE

MONTAGEM

- A) Rafael, tossindo, abre a porta do quarto e sente uma lufada de ar quente.
- B) Helena está imóvel, com os olhos arregalados e o crucifixo preso entre os dedos.
- C) Rafael a carrega e tenta sair.
- D) Uma viga desaba à sua frente, mas ele consegue saltar para trás.
- E) Corre sobre o tapete da sala, onde o fogo está mais rasteiro.

POV DE RAFAEL

Ele vê Benjamim gesticulando do lado de fora, correndo ao seu encontro.

VOLTA À CENA

- F) Ao atravessar a porta com o fogo queimando seus pés, uma viga grossa de tronco inteiro cai e atinge sua cabeça.
- G) Rafael tomba sobre o corpo da mulher.
- H) Benjamim grita e corre.
- I) Catarina, desesperada, também grita.

94. EXT. TERREIRO - TARDE

Benjamim os arrasta. Flexiona o peito do filho, cola seus lábios nos dele e sopra forte.
Catarina desmaia.

PEDRO
Não adianta mais, Benjamim. Não adianta, está morto.

Benjamim o encara com olhos marejados.

PEDRO
(continuando)
Não adianta, meu amigo. Eles estão mortos.

Um filete de sangue brota dos lábios de Rafael e escorre pelo solo.
Jurema, soluçando e recusando-SE a olhar para o amante morto, derrama água na face de Catarina.

95. EXT. TERREIRO - NOITE

O primeiro trovão clareia a noite.

Começa a chover.

Benjamim permanece ajoelhado ao lado do filho e da nora, chorando, até ficar totalmente encharcado.

96. INT. IGREJA - NOITE

A chuva fina ainda cai.

O funeral de Rafael e Helena é realizado na igreja da cidade.

Catarina recebe os cumprimentos.

Jurema permanece ao seu lado.

97. EXT. CEMITÉRIO - DIA

Os caixões são cobertos pela terra molhada.

Todos estão presentes: Catarina, Benjamim, Jurema, Teximbré, vizinhos, amigos e curiosos.

BENJAMIM

(pensando)

Até quando vou enterrar as pessoas que amo? Até quando vou ver os mesmos anjos e os mesmos túmulos?

Benjamim olha para Catarina.

98. EXT. ESTÂNCIA - TARDE

O fogo deixa ruínas enegrecidas, paredes pela metade, telhas chamuscadas, caibros e vigas queimadas e rachadas, pedaços de carvão espalhados.

Jurema segue para sua casa.

Benjamim leva Catarina para sua

CABANA.

99. INT. CABANA - TARDE

A chuva aumenta.

Catarina senta na cama com as mãos juntas ao colo.

Benjamim senta-se na poltrona.

BENJAMIM

Construí um pequeno fogão aqui. Vou fazer uma sopa, não comemos durante todo o dia.

CATARINA

Não quero comer nada.

Benjamim ajoelha-se à sua frente e segura suas mãos.

BENJAMIM

Catarina, você sabe o que está acontecendo?

CATARINA

Eu gostaria de tomar alguma coisa bem forte, que me arda a garganta. Tens aguardente aí?

BENJAMIM

Tenho.

Benjamim levanta-se e pega dois copos no armário.

BENJAMIM
(continuando)
Eu também estou precisando.

Catarina toma de um gole só. Enche mais uma vez o copo e repete o gesto, fazendo careta. Morde os lábios para conter as lágrimas, até sentir o gosto de sangue.

100. EXT. TERREIRO - NOITE
Catarina sai pela chuva.

CATARINA
(gritando)
Deus, eu te odeio! Tu és o demônio!

POV DE BENJAMIM

Ele a observa, sentado na porta da cabana, soluçando alto.

VOLTA À CENA

Catarina, ensopada, anda de um lado para outro, gritando. Cai lentamente na lama quando a voz começa a falhar, e enrola sobre si mesma.

Benjamim a carrega para dentro.

101. EXT. ESTÂNCIA - DIA
Passam-se alguns dias.

MONTAGEM

- A) O sol brilha.
- B) Catarina caminha pela estância destruída, usando um vestido e sapatos emprestados por Jurema.
- C) Benjamim e Pedro, com a ajuda dos cães, recolhem os animais refugiados na mata.
- D) As vacas mugem, incomodadas pelo leite acumulado.
- E) Os bezerros sofrem com diarreia.

102. EXT. TERREIRO - DIA
Catarina e Benjamim recebem a visita do tabelião, que chega montando num cavalo manco.

TABELIÃO
Sei que a hora é imprópria, Catarina. Mas temos que regularizar a situação. A estância agora te pertence. Preciso que assines alguns papéis.

CATARINA
Que estância? Um monte de escombros enegrecidos?

TABELIÃO
Por favor, não sejas tão mórbida. Olhes toda essa terra, os rebanhos, os pastos. Isso tudo te pertence agora. Deves cuidar da terra, como teu pai e teu avô.

CATARINA
(pensando)

Cuidar da terra. Talvez tenhas razão, mas preciso pensar, me ajustar, encontrar as respostas que procuro. Necessito de paz e solidão.

TABELIÃO

Então, deves passar uma procuração para alguém de tua inteira confiança. Quando sentires que estás preparada, retomas as rédeas dos negócios.

Catarina olha para Benjamim, que ouve, de braços cruzados.

CATARINA

Talvez seja uma boa ideia. Que achas Benjamim? Não quero me preocupar com nada agora.

BENJAMIM

Pensaremos um pouco, senhor. Amanhã iremos até o cartório e lhe daremos uma resposta.

TABELIÃO

Muito bem, eu os estarei esperando.

O tabelião retira o chapéu numa saudação, monta no cavalo manco e vai embora.

BENJAMIM

Acha que pode tomar conta da estância?

CATARINA

Não nesse momento, Benjamim. Talvez mais tarde. Também preciso te dizer uma coisa que venho pensando de uns dias para cá. Preciso ir embora por uns tempos, me encontrar de novo. Não sei explicar, mas necessito ficar sozinha.

BENJAMIM

(entristecido)
Vai para onde?

CATARINA

Para a cabana na floresta. Sabe, ainda não entendi o que aconteceu. Preciso reconstituir os fatos na minha cabeça, repensar minha vida. Necessito com urgência recuperar a fé na vida e em Deus. Só depois que compreender as coisas é que poderei aceitá-las.

Benjamim fica triste.

CATARINA

(continuando)

Amanhã passarei uma procuração em teu nome. Quero que cuides da estância, tu e Pedro. Contrates mais empregados, farás isso melhor do que eu.

BENJAMIM

Vai precisar fazer algumas reformas na cabana. Aquilo está um lixo. A propósito, você tem algum dinheiro em seu nome que possa dispor?

CATARINA

Sim, eu tenho. Meu pai sempre se preocupou com isso. Dizia que os

imprevistos acontecem. Com o dinheiro farei a reforma que a cabana precisa.

Benjamim assente com a cabeça.

103. INT. ARMAZÉM - DIA

Catarina, de cabeça erguida, bate o salto das botas no chão e joga a lista de compras no balcão encardido.

CATARINA

Sabes ler? Se sabes, carregue tudo o que está escrito na carroça lá fora.

Bernardo a encara, com um sorriso sem graça.

Catarina encosta-se no balcão, sem desviar os olhos do rosto do velho gordo. Em seguida, joga o dinheiro no balcão e sai.

104. EXT. CIDADE (RUA PRINCIPAL) - DIA

MONTAGEM

A) As moças desfilam com seus vestidos e chapéus, paquerando os rapazes.

B) As matronas observam a rua das janelas.

Catarina encontra Benjamim em frente à carroça.

Lázaro e sua esposa FILOMENA se aproximam.

LÁZARO

Sentimos muitíssimo o ocorrido, Catarina. Muitíssimo mesmo. Nunca houve melhor homem que seu falecido pai, nunca houve.

Catarina olha atentamente para o casal.

CATARINA

Eu também, senhor. Não imaginas o quanto.

LÁZARO

Se precisares de alguma coisa, por favor não hesite em nos chamar. Teremos muito prazer em te servir, muito mesmo.

CATARINA

Obrigada.

Benjamim sorri, satisfeito.

105. INT. TERRENO - MANHÃ

O dia amanhece ensolarado.

Catarina, com a ajuda de Benjamim, prepara-se para mudar para a cabana na floresta.

CATARINA

Vou levar as compras na carroça, Benjamim. Levarei também meu cavalo e meus cães, mais nada. Vais se sentir muito só?

BENJAMIM

Já estou acostumado à solidão há muito tempo. É a minha melhor companhia.

CATARINA
Irás me ver sempre?

BENJAMIM
Jantarei todos os dias com você.

Catarina beija seu rosto e alisa seus cabelos brancos.

CATARINA
Venhas para o almoço também. Sabes que detesto comer sozinha.

Catarina chama os cães.

POV DE BENJAMIM
Ele a observa partir lentamente.

106. EXT. CABANA NA FLORESTA - MANHÃ
A vegetação rasteira amortece os passos do cavalo e o ranger das rodas da carroça.

Ipês e cedros fazem sombra à cabana.
Catarina, desolada, solta o animal no quintal e vai até a pequena

VARANDA, que dá para uma trilha.

107. INT. CABANA NA FLORESTA (SALA) - MANHÃ
Catarina observa as teias de aranha pelos cantos, o velho tapete esburacado, e a lareira com uma grossa camada de pó cobrindo o aparador. Sobe a escada íngreme ao lado da lareira, e vai até o

QUARTO, que tem uma cama de solteiro e uma cômoda. Abre a porta do

BANHEIRO, com uma privada e uma banheira enferrujada com torneira. Em seguida, desce novamente, passa pela

SALA e vai até a

COZINHA, pequena com armários presos à parede.
A chapa do fogão está coberta de ferrugem, e a mesa com duas banquetas fica de frente para a porta, emperrada.
Catarina, com esforço, consegue abrir e fica feliz ao ver a grama alta e a floresta ao fundo, e um poço artesiano, numa casinha, de onde a água é bombeada para a casa. Volta e olha dentro do fogão, por onde passa uma grossa serpentina.

CATARINA
Água aquecida. Que ótimo!

Os cães correm de um lado para outro.

CATARINA
Tim e Nino, venham cá. Agora, esse é o nosso lar. Aqui não haverá ninguém para nos perturbar.

Catarina amarra os cabelos e começa a limpeza.

108. EXT. CABANA NA FLORESTA - TARDE
Catarina apanha lenha para o fogo.

Benjamim aproxima-se a cavalo e desmonta.

BENJAMIM

Achei que estaria com fome e trouxe um jantar para nós. Se conseguir comer minha comida, vai sobreviver a tudo nesse mundo.

CATARINA

És o melhor homem do mundo.

BENJAMIM

Sou o melhor avô que poderia ter.

CATARINA

Não és meu avô, mas se tivesse um gostaria que fosse como tu.

BENJAMIM

E o Frederico?

CATARINA

Não o considero, bem sabes disso.

Catarina o puxa pelas mãos.

CATARINA

(continuando)

Vamos comer, senão esfria.

109. INT. CABANA NA FLORESTA (COZINHA) - NOITE

Catarina lambe os dedos ao comer o ensopado.

BENJAMIM

Fez um bom trabalho. Sente-se melhor?

CATARINA

Acho que sim. Não sinto felicidade, mas isso já é pedir demais diante das circunstâncias. Só quero ter paz, e para isso preciso entender o que aconteceu. Estou gostando de cuidar de mim sozinha. Benjamim, as pessoas precisam saber conviver com a solidão e aprender a se deparar com seu próprio "eu". Vou aprender a fazer isso, vou me completar comigo mesma.

BENJAMIM

Isso faz muito bem à alma, mas terá fortes provações pela frente. Terá que domar seus demônios, controlar a exaltação e conviver com seu gênio. Lembre-se de que não terá ninguém para ouvir suas reclamações, ou para louvá-la quando fizer algo fora do comum. Vai encarar a derrota e o triunfo sozinha, e encontrar um meio de tratar da mesma forma esses impostores da alma.

Catarina fica em silêncio.

BENJAMIM

(continuando)

Trouxe também alguns mantimentos que você esqueceu.

Eles riem e guardam os mantimentos.

Catarina pendura a carne de charque sobre o fogão.

BENJAMIM

Viu? Já está com cara de casa, tem até comida.

CATARINA

Obrigado, Benjamim.

Os olhos de Catarina se enchem de lágrimas.
Benjamim a abraça.

BENJAMIM

Tudo isso vai passar. O mundo lhe deve muita coisa boa. Dê tempo e abra seu coração para o que vier a acontecer.

CATARINA

Onde encontras tanta bondade, Benjamim?

BENJAMIM

Não se iluda a meu respeito. Já fui mal. Estou velho, e isso traz alguma experiência.

CATARINA

Não posso acreditar nisso. Tu nunca poderias ser mal.

BENJAMIM

Um dia conversaremos a respeito. Agora preciso ir. Você ficará bem?

CATARINA

Claro.

BENJAMIM

Volto amanhã. Durma bem e não faça nenhuma besteira.

Benjamim sai.

Catarina o observa partir, com a cabeça encostada no umbral da porta. Em seguida, fecha a porta e senta-se, olhando os cães comerem. Retira a garrafa de aguardente escondida na roupa, abre e toma de um gole só.

110. EXT. CABANA NA FLORESTA - DIA

MONTAGEM

- A) Catarina constrói uma baia para seu cavalo e um pequeno galinheiro, onde armazena milho num canto.**
- B) Pega na enxada e começa uma horta nos fundos.**

Catarina olha os calos na mão, orgulhosa com o resultado do trabalho.

111. INT. CABANA NA FLORESTA (SALA) - TARDE

FLASH BACK

Catarina, deitada no sofá, vê imagens do pai, como o hábito dele mexer nos cabelos quando nervoso. Em seguida, lembra-se do incêndio e ele entrando na casa, desesperado.

BENJAMIM

(gritando)

Não vai entrar, nada pode fazer agora. O teto vai ruir.

RAFAEL

Helena está lá dentro. Tenho que tirá-la.

BENJAMIM

Isso é suicídio. Filho, eu o proíbo de entrar.

BENJAMIM

Sou o melhor avô que poderia ter.
Não se iluda a meu respeito. Já fui mal. Um dia conversaremos a respeito.

VOLTA À CENA

Catarina, pensativa, levanta-se depressa.

CATARINA

Meu Deus! Como pude ser tão cega durante tanto tempo.

112. INT. CABANA NA FLORESTA (COZINHA) - TARDE

Catarina termina o jantar, envolvida na fumaça do fogão.
Benjamim, limpo e barbeado, entra e senta-se na banquetta, acariciando os cães.

BENJAMIM

Aprendeu a cozinhar? O cheiro está bom.

Catarina o encara.

CATARINA

Me senti mal de matar o frango.

BENJAMIM

Somos gente da terra, Catarina. Não matamos por prazer, apenas para a alimentação.

CATARINA

Nem todos são assim.

BENJAMIM

Então, podemos nos orgulhar do que somos.

Catarina o analisa enquanto comem.

BENJAMIM

O que está olhando? Estou lambuzado de gordura?

CATARINA

Não, tu comes como um cavalheiro. Sabes disso.

BENJAMIM

Então, por que me olha tanto?

CATARINA

Me contes tudo.

BENJAMIM

Tudo o quê?

CATARINA

O que houve entre tu e minha avó Urzula.

Benjamim, incomodado, baixa os olhos.

BENJAMIM
Como soube?

CATARINA
O que me espanta é o fato de eu demorar tanto tempo para perceber as
semelhanças entre tu e meu pai. Agora que sei, ou ao menos imagino,
noto que são idênticos. Não só fisicamente, como também na
personalidade. Me contes. Não te condenarei, se é isso que temes.

Benjamim levanta-se, lava as mãos e senta novamente.

BENJAMIM
Talvez já esteja madura o suficiente para saber e compreender.

Benjamim conta a verdade.
Catarina fica emocionada.

BENJAMIM
Isso é tudo. Todos esses anos eu espero pelo encontro que terei com
ela. Sei disso, sinto que ela me espera em algum lugar além dessa
vida. Durante muito tempo pensei em Wladek, mas sempre aceitei que
esses fatos foram necessários para que ele também compreendesse muita
coisa. Quando morreu, éramos os melhores amigos que já se viu na
terra. Eu morreria por ele, de bom grado, a qualquer instante. Porém,
a providência divina achou que ele deveria ir primeiro.

CATARINA
Acho que não vou conseguir te chamar de avô.

BENJAMIM
Nunca lhe pediria isso, mas não me condene e nem a Urzula. Não há nada
de vergonhoso no que fizemos. Sei que o amor para você aconteceu de
uma maneira violenta e brutal, mas nunca foi assim conosco.

CATARINA
Não sou a melhor pessoa para falar de amor. Não acredito no amor e
acho que nunca o conhecerei, se porventura exista mesmo.

Benjamim levanta-se para ir embora. Para perto da porta e vira-se.

BENJAMIM
Você é jovem e linda, e esteja certa de que haverá um homem para amá-
la. E será um homem bom e honesto, que compreenderá o que houve e
nunca irá culpá-la por isso.

113. EXT. CURRAL - MANHÃ
É inverno.
Benjamim termina a ordena.
Catarina chega.

BENJAMIM
A noite foi fria, Catarina.

CATARINA

Fui obrigada a me agasalhar com todos os cobertores e deixar o fogo aceso. Só assim consegui dormir. E tu, dormiste bem?

Benjamim serve-lhe um copo de leite tirado na hora.

BENJAMIM

Não muito. Tive alguns pesadelos.

CATARINA

Vou falar com os funcionários. Vens comigo?

BENJAMIM

Claro.

Catarina segura no braço de Benjamim.
Eles caminham para o

ESTÁBULO.

114. INT. CABANA NA FLORESTA (COZINHA) - MANHÃ

Catarina reaviva o fogo e toma uma caneca de mate quente. Em seguida, veste o poncho colorido e chama os cães.

CATARINA

Vamos sair um pouco, senão vão ficar preguiçosos.

Os cães farejam o ar, olham para a brisa gelada e voltam correndo para o tapete da

SALA.

Catarina os acaricia.

CATARINA

Estão com medo do frio? Fiquem e tomem conta da casa, então.

115. EXT. FLORESTA - MANHÃ

Catarina, ao notar pegadas no chão úmido, embrenha-se entre as árvores e percebe pequenas manchas de sangue. Passa a mão no sinto para sentir a garrucha, e corre entre os galhos, que arranham seu rosto e suas mãos. Para em frente a uma vala, onde o gelo está acumulado.

POV DE CATARINA

Ela vê um homem, SAMUEL, com os lábios rachados e roxos, sem agasalho, apenas com uma camisa de lã grosseira sem botão, trespassada na cintura por um cinto de couro.

VOLTA À CENA

CATARINA

Meu Deus!

Catarina toca a veia do pescoço do rapaz, que ainda pulsa.

CATARINA

Ele está vivo! Moço, moço.

O rapaz não responde.

CLOSE UP - A TESTA DO RAPAZ

tem um corte profundo, e seu ombro direito está empapado de sangue congelado.

Catarina volta correndo para buscar o cavalo.

116. EXT. FLORESTA - MANHÃ

Catarina, ofegante, coloca o cavalo ao lado da vala, forma uma prancha com três tábuas. Com esforço, coloca o rapaz na prancha e, depois de cobrir seu rosto com o poncho, prende no cabeçote da sela.

CATARINA

Vamos, amigo. Agora és tu quem comanda.

O cavalo puxa a prancha.

117. INT. CABANA NA FLORESTA (SALA) - MANHÃ

Os cães rosnam quando Catarina entra com o estranho.

CATARINA

Quietos.

Catarina puxa a prancha para perto do fogo, desamarra as cordas e tenta acordar o rapaz com um pouco de água sobre sua face. O rapaz abre e torna a fechar os olhos.

CATARINA

Vamos, tente se levantar.

Catarina, com muito esforço, leva o rapaz até o

QUARTO, mergulha seu corpo na banheira cheia de água, mantendo a cabeça de fora. Em seguida, desce para a

COZINHA para preparar um ensopado.

118. INT. CABANA NA FLORESTA (QUARTO) - DIA

Catarina observa os traços do rapaz: testa alta com pequenas entradas laterais, queixo angular, lábios finos.

Ele solta um gemido de dor, abre os olhos e a encara.

Catarina desperta de sua inspeção, e percebe que os ferimentos estão tingindo a água.

BENJAMIM (O.S.)

Catarina.

CATARINA

(dirigindo-se ao rapaz)

Fiques aqui e não faças barulho.

Catarina desce para a

COZINHA.

BENJAMIM

Que é que há com os cães? Estão muito agitados hoje.

CATARINA

Não sei, Benjamim. Eles estão assim desde cedo. Acho que farejaram algum bicho lá em cima.

BENJAMIM

Quer que eu dê uma olhada?

CATARINA

Não precisa. Depois eu mesma olho, vamos almoçar?

BENJAMIM

Vou à cidade hoje. Não precisa de nada?

CATARINA.

Não.

Catarina tenta disfarçar a ansiedade.

Benjamim almoça e sai.

119. INT. CABANA NA FLORESTA (QUARTO) - DIA

Catarina retorna ao quarto e encontra o rapaz de pé, com a roupa encharcada, limpando o filete de sangue que escorre de sua testa.

CATARINA

Vou chamar um médico. Tu precisas de cuidados.

SAMUEL

Não, nada de médico.

CATARINA

Mas tu perdeste sangue e ficaste exposto ao frio durante muito tempo.

SAMUEL

Estou bem.

CATARINA

Bem mal. Ao menos tires as roupas molhadas e deites. Vou trazer uma manta.

SAMUEL

Preciso ir.

CATARINA

Se saíres assim, vais morrer.

SAMUEL

Escute, moça. Eu preciso ir. Agradeço pelo banho, mas agora vou embora.

CATARINA

Tu é quem deves me escutar. Tive um trabalho do inferno para trazer-te aqui, estavas quase morto. Ao menos me deixes fazer um curativo.

Samuel, espantado, turva a vista e tosse, segurando-se para não cair.

CATARINA
Viste como estás ruim.

Catarina sai.
Samuel tira a roupa devagar, olha para o buraco ensanguentado no ombro, que arde como brasa, e deita-se.
Catarina traz água quente e bandagens.

CATARINA
Que foi isso, tiro?

SAMUEL
Sim, e sinto muito em lhe dizer, mas tem uma bala aí. Se quiser mesmo me ajudar, vai ter de tirá-la.

CATARINA
Estás louco? Só um médico poderia fazê-lo.

SAMUEL
Nada de médico, ou tira a bala ou eu mesmo o faço. É só me arrumar uma faca pontuda e bem afiada.

Catarina, enjoada, não diz nada.

SAMUEL
Decida-se.

CATARINA
Sinto muito, não posso fazer isso.

SAMUEL
(pensativo)
Conhece alguém que possa?

CATARINA
Um médico.

SAMUEL
Moça, tenho todos os motivos para não querer um médico. Se demorar muito, isso aqui vai infeccionar, Daí vem a febre e tudo se complica.
Samuel a encara, pensativo.

SAMUEL
(continuando)
Conhece alguém que faria, alguém em que se possa confiar?

CATARINA
Tenho um amigo, meu avô. Já o vi fazer coisas bem piores em animais, mas não sei se concordaria.

SAMUEL
Pois tente.

CATARINA
Então, fiques aqui e não faças barulho. Volto logo.

Catarina sai apressada.

120. INT. CABANA NA FLORESTA (QUARTO) - DIA
Benjamim encontra Samuel deitado.

CATARINA
Podes fazê-lo, Benjamim?

BENJAMIM
Posso tentar. Mas vai sentir uma dor do inferno, rapaz. Sabe disso?

SAMUEL
Já passei por coisas piores.

BENJAMIM
Tem aguardente aí, Catarina.

Catarina fica envergonhada diante do olhar cínico do rapaz.

CATARINA
Tenho.

BENJAMIM
Então, traga. E também água fervente, aquela adaga que lhe dei e um pedaço de madeira limpo.

Catarina sai e volta em seguida.
Samuel bebe o aguardente, entre ânsias e espasmos.

BENJAMIM
O álcool vai amortecê-lo um pouco. Agora morda a madeira e grite se quiser. Não tem ninguém para ouvi-lo além de nós e dos animais.

CLOSEP UP - O FERIMENTO
verte sangue a cada estocada da faca procurando a bala.

Catarina vira o rosto.
Samuel se contorce, gemendo e contendo os gritos.
Benjamim exhibe a bala entre os dedos.

BENJAMIM
Teve sorte, meu amigo. Bala de baixo calibre e não estava muito funda.
Samuel encosta-se na cadeira e esboça um sorriso.

SAMUEL
Obrigado.

BENJAMIM
Limpe isso agora, Catarina. Vou tomar um pouco de ar e uma boa dose de aguardente. Acho que mereço.

Catarina limpa o sangue e o suor da testa do rapaz com água morna, desinfeta o ferimento e passa bandagens no seu ombro e testa.

CATARINA

Agora tomes esses comprimidos, vão aliviar a dor.

Samuel agradece com um sorriso.
Catarina o cobre.

121. INT. CABANA NA FLORESTA (SALA) - DIA
Catarina encontra Benjamim sentado em frente à lareira.

BENJAMIM
Um bicho lá em cima, hein?

Catarina senta-se ao seu lado.

CATARINA
Não queria que soubesses, e não me perguntes porque não saberia responder.

BENJAMIM
Me conte tudo, se é que pode.

Catarina conta a história.

BENJAMIM
Estou impressionado com sua humanidade. Sabe alguma coisa a respeito dele?

CATARINA
Não mais do que tu, ou seja, nada. Achas que é perigoso ele ficar aqui até se recuperar? Achas que pode me fazer mal? Ser um ladrão ou coisa parecida?

BENJAMIM
Você é inteligente, Catarina. Se for um bandido ou ladrão, saberá pelas suas atitudes. Fique atenta e vamos esperar para julgar. Talvez ele lhe faça mais bem do que mal.

CATARINA
O que estás insinuando?

Benjamim afaga seus cabelos.

BENJAMIM
Nada. Faça uma bela sopa e leve ao seu hóspede, e amanhã de manhã vá até a cidade e compre antibióticos e remédio contra febre. Ele vai precisar.

122. EXT. CABANA NA FLORESTA - TARDE
A tarde está fria, e o vento balança as janelas.
Catarina trata das galinhas, recolhe o cavalo à baia e apanha um feixe de lenhas.

123. INT. CABANA NA FLORESTA (COZINHA) - TARDE
Catarina prepara uma sopa com carne e legumes.
Os cães estão na

SALA, diante da lareira.

CATARINA

Podem dormir aqui, mas a sujeira deve ser feita no cantinho.

Os cães abanam a calda, contentes.
Catarina vai até o

QUARTO, com uma terrina do sopa quente.
Samuel dorme, com uma mancha vermelha nas bandagens do ombro.

CATARINA

Moço, acordes um instante.

Samuel abre os olhos e a olha com desconfiança.

CATARINA

Consegues comer?

SAMUEL

O que me deram para beber? Estou com uma dor de cabeça horrível.

Catarina o ajuda a sentar e coloca a bandeja à sua frente.

CATARINA

Depois de meio litro de aguardente, eu também estaria. Tentes comer um pouco.

Samuel toma a sopa com apetite, com a mão esquerda.

CATARINA

Sentes melhor?

SAMUEL

Acho que com um pouco de febre, mas acho que é normal.

Catarina entrega-lhe um comprimido.

CATARINA

Tomes um analgésico. Amanhã pela manhã irei até a cidade. Tu precisas de antibióticos.

SAMUEL

Tem uma cidade aqui por perto?

CATARINA

Tem sim, fica a uns cinco quilômetros. Não sabes onde está?

SAMUEL

Não, estou viajando a vários dias. Onde estou?

CATARINA

No Rio Grande do Sul, no Alto Uruguai.

Samuel fica mais tranquilo.

CATARINA

De onde vens?

SAMUEL

De longe. Estou no seu quarto?

CATARINA

Está. Não se lembra de nada?

SAMUEL

Muito pouco, um banho quente e depois seu amigo tirando a bala. Onde vai dormir?

CATARINA

Lá embaixo.

SAMUEL

Sinto muito se estou tirando sua privacidade. Assim que melhorar um pouco, vou embora.

CATARINA

Não te incomodes com isso.

124. INT. FARMÁCIA - MANHÃ

Catarina encontra uma MULHER GORDA, que a reconhece.

MULHER GORDA

Catarina, como vais?

CATARINA

Bem, obrigada.

Catarina aproxima-se do FARMACÊUTICO, um senhor de meia idade.

FARMACÊUTICO

Pois não. Em que posso te ajudar.

CATARINA

Preciso de comprimidos de penicilina.

FARMACÊUTICO

Tens uma receita?

CATARINA

Não, mas preciso.

FARMACÊUTICO

A penicilina não pode ser vendida sem receita. Sinto muito.

Catarina respira fundo, tentando controlar a raiva.

CATARINA

Senhor, tenho um amigo na tribo que foi ferido gravemente. O ferimento está infeccionado, e preciso da droga para lhe salvar a vida.

MULHER GORDA

A vida de um índio vale tanto assim?

Catarina a ignora e chega mais perto do farmacêutico.

CATARINA
Pago o dobro do preço.

FARMACÊUTICO
(pensativo)
O índio deve ser mesmo muito importante, não?

CATARINA
É uma criança de dez anos, e muito importante sim.

FARMACÊUTICO
Está bem, mas esse segredo fica entre nós, certo?

A mulher gorda sai.
O farmacêutico embrulha duas caixas de comprimido e outros medicamentos.

FARMACÊUTICO
(continuando)
Soube que moras sozinha agora, no meio do mato. Não tens medo?

CATARINA
Não.

FARMACÊUTICO
Gostaria de te fazer uma visita qualquer dia desses. Sempre passo pela estância. Uma conversa agradável na certa te fará bem.

Catarina apanha o embrulho e joga o dinheiro sobre o balcão, sem esperar pelo troco. Vira-se ao atravessar a porta.

CATARINA
Acho que deves mesmo ir. Assim me poupa o trabalho de matar um garrote a cada quinzena. Meus cães só comem carne.

125. INT. CABANA NA FLORESTA (QUARTO) - MANHÃ
Catarina encontra Samuel acordado, com os lábios crispados pela dor.

CATARINA
Trouxe antibiótico. Agora vou trocar o curativo.

Catarina procura não tocar no rapaz mais do que o necessário. Samuel, calado, apenas observa os movimentos suaves de sua mão, e as caretas que faz ao limpar o ferimento.

CATARINA
O que estás olhando? Nunca viste uma mulher na tua vida?

SAMUEL
(sorrindo)
Já vi muitas mulheres.

CATARINA
Então, não devias estar tão espantado assim.

Catarina termina de fazer o curativo.

CATARINA
(continuando)
Vou fazer o almoço.

Catarina desce para a

COZINHA.
Benjamim chega.

BENJAMIM
Como está o rapaz?

CATARINA
Muita febre. Comprei penicilina e estou dando a ele de oito em oito horas. É assim, não?

BENJAMIM
Dê de seis em seis. Ele precisa de um banho também, pois é bom para baixar a febre.

CATARINA
Dê-lhe então, por mim pode feder como um porco.

BENJAMIM
Calma, menina. Por que essa irritação toda?

Catarina senta-se e alisa os cabelos.

CATARINA
Não sei, Benjamim. Minha vida estava boa antes, e agora tudo virou. Perdi minha cama, meu banheiro. Tive que me lavar aqui na cozinha ontem, numa tina.

BENJAMIM
Soube de alguma coisa a respeito dele?

CATARINA
Nada, o homem não fala uma única palavra. Acho que não quer ser encontrado. Talvez esteja fugindo de alguma coisa.

BENJAMIM
Quando melhorar, vamos saber. Vou subir e ver se ele quer tomar um banho. Acho que posso fazer isso.

Benjamim vai até o

QUARTO.

BENJAMIM
Gostaria de tomar um banho? Há dias que está nessa cama cheirando a éter e sangue. Posso ajudá-lo.

SAMUEL
Gostaria muito, mas posso fazer isso sozinho.

Samuel toma banho enquanto conversa com Benjamim.

BENJAMIM
O almoço logo estará pronto. Estou faminto.

SAMUEL
Não me alimentava bem há dias.

BENJAMIM
Aliás, como se chama.

SAMUEL
Samuel Ubiratã.

BENJAMIM
Eu sou Benjamim. Ela é Catarina.

SAMUEL
Catarina. Devo muito a ela, não?

BENJAMIM
Deve sua vida.
Vou ver se o almoço está pronto.

Benjamim sai, satisfeito.
Catarina entra com a comida, e o encontra barbeado e limpo.

CATARINA
Trouxe teu almoço. Consegues comer sozinho? É claro que consegues,
comes muito bem com a mão esquerda.

SAMUEL
Sou canhoto.

Samuel come e a observa com olhos desconfiados.

SAMUEL
Catarina é um bonito nome.

CATARINA
E Samuel é um nome católico, mas Ubiratã é indígena.

Samuel devolve o prato vazio.

SAMUEL
Sou mestiço, se é isso que quer saber.

CATARINA
Quero saber muitas coisas.

SAMUEL
Não queira saber de nada, Catarina. Isso só lhe complicaria a vida.

CATARINA
Tomes o remédio, então. À noite trocarei o curativo.

Catarina sai.

POV DE SAMUEL

Ela a observa afastando.

126. INT. CABANA NA FLORESTA (SALA) - TARDE

A tarde está muito fria.

Catarina, pensativa, senta-se no sofá com os cães a seus pés, dorme e sonha.

MONTAGEM

- A) Catarina anda pela floresta gelada, escorrega e cai num buraco, com os galhos secos arranhando seu rosto.
- B) Desesperada, procura por algo.
- C) Atravessa os troncos e sai para o descampado.
- D) Vê, de longe um belo cavalo negro, montado por um homem com longos cabelos também negros, de peito nu e com colares que balançam com o galope.
- E) Arrasta-se pelo pasto tentando alcançar o rapaz, mas cai a todo momento.
- F) Ergue a cabeça e o vê se afastar com seu belo cavalo.

Catarina acorda assustada, com dores no corpo. Olha para as cinzas da lareira e se enrola no poncho. Lembra-se de Samuel e sobe para o

QUARTO, onde o encontra delirando e tossindo.

CATARINA

(preocupada)

Não estás nada bem, não é?

SAMUEL

Estou me sentindo cozido.

CATARINA

Ainda deve levar umas vinte e quatro horas para a febre ceder e não voltar.

SAMUEL

Por que faz isso?

CATARINA

Isso o quê?

SAMUEL

Por que me trouxe aqui e está se preocupando comigo? Sou um estranho pra você.

CATARINA

Não podia te deixar morrer congelado na mata.

SAMUEL

Estava exausto. Já fazia muitos dias que estava viajando. Na última noite fui baleado, mas continuei. Quando não aguentei mais a dor e o cansaço, caí naquela vala. Já não me importava mais morrer ou viver. Se estivesse morto, não lhe daria tanto trabalho.

CATARINA

Do que estás fugindo?

SAMUEL

O que a faz pensar que estou fugindo?

CATARINA

Não nasci ontem, nem sou burra. Mas não precisas falar nada.

SAMUEL

Quanto menos souber melhor, acredite.

127. INT. CABANA NA FLORESTA (QUARTO) - DIA

Passam-se alguns dias.

Catarina entra com o almoço e encontra Samuel olhando pela janela.

SAMUEL

Obrigado por ter lavado minhas roupas.

CATARINA

Não foi trabalho algum. Estás muito melhor hoje.

SAMUEL

Me sinto ótimo.

CATARINA

Não me pareces feliz por estar bem. Ao contrário, estás desanimado.

SAMUEL

Impressão sua. Gostaria de almoçar com você lá embaixo, não aguento mais ficar preso aqui.

CATARINA

Tu és quem sabes, mas já comi com Benjamim.

SAMUEL

Seu avô?

CATARINA

Sim.

Samuel observa a cabana.

SAMUEL

Só agora estou podendo observar sua casa. Muito bonita, por sinal.
Estou muito longe da fronteira?

CATARINA

Estás sim. À oeste, na Argentina nem tanto, mas do Uruguai estás a muitos quilômetros. Escute, por que não me contas tudo. Talvez eu possa te ajudar.

SAMUEL

Já fez muito por mim.

CATARINA

Preciso ir à cidade comprar mantimentos. Queres alguma coisa em especial?

SAMUEL

Não tenho dinheiro algum comigo, mas agradeço muito se me trouxer uma adaga.

Catarina não diz nada e sai.

128. INT. CABANA NA FLORESTA (SALA) - DIA
O vento sopra com força, anunciando chuva.
Samuel anda pela cabana, tocando nos objetos. Resolve acender a lareira.

SAMUEL

(pensando)

Farei com ela uma troca justa. Ela me conta sua história e eu conto a minha. Espero que compreenda.

129. EXT. ESTRADA - TARDE

Catarina bate com o rebenque, apressando o cavalo a puxar a carroça ao ver nuvens pesadas e relâmpagos riscando o céu.

130. INT. CABANA NA FLORESTA (COZINHA) - TARDE

Catarina entra e sente um calor agradável.
Samuel a ajuda com as compras.

CATARINA

Não debes forçar muito o ombro que pode abrir. Deixes que eu faça isso.

SAMUEL

Você está me mimando muito.

CATARINA

Não é isso, é que...é que pode realmente abrir.

Samuel, muito próximo, retira um pacote de suas mãos.
Catarina fica trêmula.

SAMUEL

Por favor, pode deixar isso por um instante? Não suporto os cabelos no rosto e não consigo trançá-los sozinho.

Catarina, sem responder, faz com que ele se sente e separa os fios em três partes iguais, lentamente, aprofundando os dedos nas raízes.

CATARINA

Pronto.

Samuel levanta-se devagar, segura seu queijo e, sem tocar em qualquer outra parte do seu corpo, beija carinhosamente seus lábios e a abraça. Catarina também o abraça.
Samuel afasta-se.

SAMUEL

Me perdoe, não devia ter feito isso.

CATARINA

Não precisas pedir desculpas. Me fizeste mais bem do que mal.

Samuel sorri, e toca seu rosto com as pontas dos dedos.

CATARINA

Me contes o que houve contigo.

SAMUEL

Será que não me odiará depois?

CATARINA

Não sei, mas acredito que compreenderei. Deves querer saber alguma coisa de mim também. Assim, será uma troca justa.

Samuel sorri, satisfeito.

QUARTA FASE
SAMUEL UBIRATÃ
1944 - 1959

"O insulto despedaçou-me o coração e tornou-o incurável;
esperei com paixão, mas em vão
alguém que me consolasse, mas não encontrei."

Salmos 69.20

1. EXT. RIO NA FLORESTA - DIA

Samuel, com oito anos, sai do rio, nu, sacudindo os cabelos negros. Treme com a brisa fresca e deita-se na areia da margem para se aquecer.

EMMI (O.S.)
(gritando)
Samuel.

Samuel levanta-se.

EMMI, mulher branca de olhos azuis como o céu e cabelo da cor de palha de milho, chega.

EMMI
Menino, já disse para não te afastares de casa? Nem vou contar ao teu pai, sabes como ele é.

Samuel segue atrás da mãe pela trilha estreita da

FLORESTA, atravessa o pequeno campo cultivado com milho e mandioca, e chega a uma choupana de pau a pique coberta com sapé.

2. INT. CHOUPANA - DIA

A choupana tem apenas um cômodo, grande e sem divisões, com fogão e panelas empilhadas, uma rede e uma esteira.

EMMI
Não vou contar ao teu pai que estavas no rio, senão serás castigado. Mas tens que me obedecer, menino.

Samuel fica calado.

EMMI
Vamos, está na hora da aula.

Samuel, contra a vontade, estuda as letras e os números. Em seguida, tem lições de alemão. Emmi aponta para uma cadeira.

EMMI
Repitas comigo: stuhl.

SAMUEL
Stuhl.

EMMI
De novo.

SAMUEL
Stuhl.

EMMI
Muito bem, filho.

Em seguida, Emmi aponta para a mesa.

EMMI
(continuando)
Agora: tisch.

SAMUEL
Tisch.

Samuel a encara.

SAMUEL
Mãe, por que tenho que aprender essas palavras estranhas?

EMMI
Isso é alemão, Samuel. Um dia vai ser muito útil para ti.

3. EXT. CHOUPANA - TARDE
Emmi, penteada e perfumada, espera pelo marido, que chega e a beija.
KOTIRI, moreno, de pele avermelhada e cabelo negro como a noite,
levanta o embornal cheio de caça e frutas silvestres.
Samuel sorri e corre ao encontro do pai.

KOTIRI
Comportou-se bem hoje, Ubiratã?

Samuel troca olhares com o mãe, abre o embornal e pega algumas frutinhas.

SAMUEL
Sim, pai.

KOTIRI
Muito bem, nunca se esqueça de que não quero que atravesse o riacho.
Nunca faça isso, certo?

SAMUEL
O que tem lá, pai?

KOTIRI
Pessoas ruins, que não gostam da gente e podem fazer mal a você. Não quero que isso aconteça.

4. INT. CHOUPANA - DIA
Passam-se alguns meses.
O milho está maduro, no ponto de ser colhido.
Emmi, de saída para ajudar o marido na colheita, deixa o filho com o caderno, livros e alguns lápis.

EMMI
Eu e teu pai temos trabalho. Fiques em casa, e nada de sair por aí.

5. EXT. FLORESTA - DIA
Samuel some por entre a trilha e vai até o

RIO NA FLORESTA, onde mergulha e atravessa pelos trechos mais fundos. Anda pelo capim alto, sem se importar com os gravetos que machucam suas pernas e pés descalços, e chega a uma pequena elevação.

POV DE SAMUEL

Ele vê uma casa enorme, com dois andares ligados por escadas, inúmeras janelas e uma imensa varanda.

VOLTA À CENA

Samuel, espantado, aproxima-se devagar, observando o gado, os carneiros, os cavalos e os pomares cheios de árvores frutíferas. JOHANNES, homem alto com uma barriga enorme, aproxima-se e o sacode pelos ombros.

JOHANNES

Que queres aqui, indiozinho?

Samuel ergue os olhos e se depara com um rosto feio e gordo.

JOHANNES

(continuando)

Que fazes aqui, indiozinho?

SAMUEL

Nada, senhor. Só estava olhando.

JOHANNES

Vais embora. Odeio índios, odeio. Ouviste bem?

Samuel sai correndo.

6. INT. ARMAZÉM - DIA

Kotiri entra no armazém, altivo e calmo, para trocar o resto do milho por mantimentos.

Samuel o acompanha.

Johannes está encostado no balcão.

KOTIRI

Vamos embora, filho. Voltamos outro dia.

Samuel observa os dois homens trocando olhares com raiva.

Kotiri vira-se e sai.

Samuel permanece onde está, numa fúria precoce.

BENTO, o dono do armazém, fica tenso.

BENTO

Tome filho alguns doces.

Johannes arrebatava os doces de sua mão.

JOHANNES

Doces para índios? Eles estão acostumados a comer carne de caça crua, com sangue e tudo. Não sabem apreciar o sabor do açúcar.

Samuel cerra os dentes.

Johannes o reconhece, olha fundo em seus olhos e chuta seu traseiro, fazendo o menino ir de encontro à parede.

SAMUEL

Du verfluchter hund.

Samuel cospe no rosto do homem e sai correndo.

7. EXT. CIDADE (FRENTE DO ARMAZÉM) - DIA

Samuel encontra o pai, que ajeita as sacas de milho na carroça.

SAMUEL

Quem era aquele homem, pai?

KOTIRI

Alguém que não gosta de nós, filho. Melhor ficarmos longe de gente assim.

SAMUEL

Eu cuspi no rosto dele.

Kotiri sorri.

Samuel respira aliviado.

8. INT. CHOUPANA - DIA

Passam-se alguns anos.

Samuel, com 15 anos, não se parece com os índios nem com os brancos. Suspeita que há algo de errado com sua família.

KOTIRI

Samuel, já é um homem. Caça e contribui para o sustento da família. Chegou a hora de conhecer a sua história, e também a nossa.

Samuel senta-se com as costas na parede.

KOTIRI

Filho, sabe que é diferente dos outros, tanto no semblante como na educação. Aprendeu a falar o alemão e a língua indígena. E sempre teve o bom senso de não fazer perguntas, mas eu sei que há muitas dúvidas aí na sua cabeça.

Emmi senta-se ao lado do marido.

Kotiri começa a narrativa.

KOTIRI

Nasci aqui na selva, não sei ao certo há quantas luas. Quando tinha a sua idade, chegou aqui um homem e comprou grandes extensões de terra para se estabelecer. Descobri mais tarde que ele veio da Alemanha, fugindo da grande guerra. Foi um desertor do exército alemão. Como veio parar aqui eu nunca soube. Havia boatos que traiu sua pátria, acumulando muito dinheiro por vender informações aos inimigos. Era ainda jovem, com esposa e uma filha de 12 anos.

Samuel fica atento.

FLASH BACK

Imagens alusivas à narrativa, fundindo com ações de Kotiri.

KOTIRI

Ele invadiu nosso território com armas, e muitos índios foram mortos em defesa da terra. Os poucos que ficaram trabalharam pra ele, que em troca permitiu que continuassem morando onde estavam. Os mais fortes

fugiram para a floresta, levando as mulheres e crianças. Eu fui um dos que fugiram. Conheci o ódio ainda muito jovem, recusei-me a aceitar a situação e comecei a juntar de novo o nosso povo. Falava a crianças, velhos e mulheres, convencendo a todos que devíamos lutar contra esse homem perverso.

Kotiri aguarda uma posição dos índios da aldeia.
Um INDIO o questiona.

INDIO

Como lutar? Temos flechas e lanças, mas eles têm armas e muitos homens.

VOLTA À CENA

KOTIRI

Eu não sabia como responder, só o ódio me movia naquele tempo. Meu nome foi ficando conhecido, e um dia chegou aos ouvidos do homem que um índio pregava a subversão, espalhando que ele mantinha num trabalho quase escravo. A ideia de liberdade se espalhava como folhas em dia de vento forte. Então, ele contratou mercenários, que me caçaram como a um animal.

Samuel olha para a mãe.

FLASH BACK

Imagens alusivas à narrativa, fundindo com ações de Kotiri.

KOTIRI

Precisei fugir, me embrenhar na mata para não ser morto pelas winchesters dos capangas. O que eu não sabia era que a filha do fazendeiro também já tinha ouvido falar de mim. E me disseram que era uma moça linda, com os cabelos da cor da palha do milho quando amadurece, muito tímida e vivendo sob o jugo do pai.

VOLTA À CENA

Emmillevanta-se para preparar chá.

SAMUEL

Minha mãe.

FLASH BACK

Imagens alusivas à narrativa, fundindo com ações de Kotiri.

KOTIRI

O verão chegou e trouxe muitas tempestades, aquelas que vêm de repente. Numa tarde eu estava me aproximando sorrateiramente da casa do fazendeiro para matá-lo de emboscada. Imaginava que se morresse, tudo voltaria ao normal. Aí veio o aguaceiro, uma chuva tão forte e quente que trouxe pedaços de granizo. Eu já estava encharcado no meu esconderijo quando vi a moça correndo, procurando um abrigo. Ela estava linda, com o vestido molhado grudado no corpo, modelando os seios e a cintura. Dos seus cabelos escorriam gotas d'água, e seus olhos, tão azuis que me impressionaram, se destacavam como brasas na escuridão. Fiquei olhando seu desespero na chuva. Corri, arrastando-a pelas mãos até chegarmos embaixo de uma pedra grande e curvada, onde nos escondemos. Sorri com seu embaraço ao me ver quase despido.

EMMI
Tu és Kotiri?

KOTIRI
Sim.

EMMI
O que fazes aqui tão perto da fazenda? Não sabes que meu pai quer matá-lo?

Kotiri exhibe seu arco e flecha, com coragem.

KOTIRI
Sim, e vim aqui para matá-lo primeiro.

EMMI
Não te arrisques tanto, pois não conheces a crueldade dele. Te faria em pedaços só para dar exemplo aos outros.

KOTIRI
Não vai me deletar?

EMMI
Nunca faria isso, não me confundas com ele. Não aprovo o que faz, detesto a ele e aos empregados.

Kotiri segura suas mãos.
Emmi o abraça e beija sua face.

EMMI
Kotiri, fuja. Se o pegarem aqui vão te matar.

VOLTA À CENA

KOTIRI
Saí correndo em meio ao temporal levando comigo o sabor do seu beijo. Nunca mais esqueci aquela linda mulher, e continuei pregando minhas ideias, sem ter mais tanta certeza do que dizia. Fiquei tão encantado que me arrisquei uma segunda vez nas proximidades da fazenda só para vê-la.

FLASH BACK
Imagens alusivas à narrativa, fundindo com ações de Kotiri.

KOTIRI
Depois de muitas luas de espera, escondido numa pequena elevação, eu a vi armar a sombrinha e descer as escadas como uma rainha, muito majestosa, e caminhar em direção à margem do riacho. Corri, cortando caminho e me machucando para chegar antes. Pulei na água e a surpreendi, submergindo bem a seus pés.

Emmi segura suas mãos molhadas.

EMMI
Graças a Deus estás vivo, correu um boato que os capangas do meu pai haviam te matado. Rezei muito para que fosse mentira.

VOLTA À CENA

KOTIRI

Fizemos daqueles encontros um ritual, até que uma tarde não respeitamos mais o desejo e nos amamos à beira do riacho.

FLASH BACK

Imagens alusivas à narrativa, fundindo com ações de Kotiri.

KOTIRI

Eu a despi por inteira, apreciando cada pedaço daquela pele branca e macia, afundei meu rosto nos seus seios leitosos até me fartar.
Naquela tarde lhe fiz um filho que perpetuava nosso amor.

VOLTA À CENA

Samuel chora, em silêncio.

KOTIRI

Como em toda história existe um vilão, também tivemos o nosso. Nunca descobrimos quem nos deletou, mas o pai dela ficou sabendo.

Emmi aproxima-se e abraça o filho.

FLASH BACK

Imagens alusivas à narrativa, fundindo com ações de Kotiri.

KOTIRI

Num ódio sem precedentes, amarrou a jovem com as mãos para cima e lhe bateu com o rebenque que usava em cavalos até cortar o tecido da roupa e a carne aparecer. Ela caiu, gritando e chorando pela dor alucinante.
Ao ficar sabendo daquela atrocidade, fiquei louco como um animal selvagem. Alguns índios me amarraram na floresta para me impedir de fazer uma besteira.

KOTIRI

(pensando)

Não, não posso aceitar isso. Ou a tiro dele ou morreremos juntos. Ela espera um filho meu.

VOLTA À CENA

Samuel, emocionado, olha para os pais.

FLASH BACK

Imagens alusivas à narrativa, fundindo com ações de Kotiri.

KOTIRI

Ao anoitecer, consegui me livrar. Então, juntei três dos meus mais fiéis amigos, carregamos algumas armas que conseguimos por contrabando e partimos para a fazenda. Eu sabia qual janela era a do seu quarto, pois ela havia me dito durante nossos encontros. Três capangas guardavam a entrada da casa, estáticos com suas armas que brilhavam à luz da lua. O homem era respeitado por sua fortuna e avareza, mas não era o mais esperto. Sem nenhum ruído, escalei a janela do segundo andar e a vi dormindo de costas. Entrei e lhe tapei a boca. Ela relutou um pouco até me conhecer.

Emmi chora e o abraça.

EMMI

Já sabes o que aconteceu?

KOTIRI

Sei sim, por isso estou aqui. Vim buscar você.

Emmi apanha alguns vestidos na cômoda.

VOLTA À CENA

KOTIRI

Fomos caçados, obrigados a nos esconder na mata por algum tempo. Não nos importamos com o desconforto, o simples prazer de estarmos juntos compensava o sacrifício. A decepção veio quando fomos recebidos na tribo. Não nos permitiram viver na comunidade indígena. Nenhum índio aceitava sua mãe por ela ser alemã, e filha do homem que quase destruiu a aldeia. Em função do meu amor, renunciei ao meu povo e a todos os costumes. Construí uma choupana, distante dos dois lugares, do dela e do meu. Começamos a cultivar legumes e assim vivemos até hoje, no meio desses dois mundos tão distantes.

Kotiri olha para o filho, esperando por uma reação.
Samuel remexe-se no chão, com dores nas costas.

SAMUEL

Aquele homem do armazém era meu avô?

KOTIRI

Era, aquele mesmo homem. Está mais velho agora, é claro, embora a idade não lhe tenha trazido compreensão e nem sabedoria.

EMMI

Depois de muito me procurar, desistiu e me deserdou. Apesar dos protestos e um rio de lágrimas choradas pela minha mãe, seu coração não amoleceu, e ele continua nos odiando e há de odiar você também, filho. Não te iludas ao pensar que ele possa se arrepender do que fez comigo, com teu pai e contigo. Me dói dizer isso, mas nunca vi crueldade numa única pessoa. Meu próprio pai.

SAMUEL

E minha avó?

EMMI

Morreu há alguns anos, talvez de sofrimento. Nunca pude vê-la novamente.

Samuel fica pensativo.
Kotiri levanta-se.

KOTIRI

Amanhã iremos falar com o cacique da tribo. Quero que seja iniciado como guerreiro.

SAMUEL

Meu pai, preciso pensar um pouco sobre tudo isso. Me dê apenas dois

dias para os rituais.

KOTIRI

Dois dias, filho. Apenas dois.

9. EXT. FLORESTA - TARDE

Samuel, com o arco e flechas, encosta-se no tronco de um enorme ipê florido. Em seguida, desamarra a tanga, tira os adornos e colares e deita, nu, sentindo o calor da terra.

10. EXT. FLORESTA - DIA

Passam-se dois dias.

Samuel, mais tranquilo, olha para sua imagem refletida nas águas do rio.

SAMUEL

Estou pronto.

11. EXT. TRIBO - DIA

O CACIQUE recebe Kotiri friamente.

Samuel fica à distância, ouvindo a conversa.

CACIQUE

Ele não pertence ao nosso povo. Kotiri se revoltou e se banuiu, não pode agora querer se reintegrar.

KOTIRI

Não peço por mim, mas pelo meu filho. Já tem 15 anos e precisa se iniciar. É mais índio do que branco.

O cacique fica pensativo, mas concorda.

Kotiri despede-se do filho, que junta a um grupo de jovens.

12. TRIBO - EXT - TARDE

Tem início o ritual de iniciação de Samuel.

MONTAGEM

A) Samuel é banhado no rio.

B) Em seguida, os índios mais velhos untam seu corpo com um óleo que deixa a pele pegajosa.

C) Entre sorrisos e comentários lascivos, as moças também são preparadas para os primeiros contatos sexuais.

Os jovens, instruídos, saem para a

FLORESTA.

Eles se separam.

13. EXT. FLORESTA - NOITE

Samuel ouve passos.

POV DE SAMUEL

Ele vê uma ÍNDIA, com cerca de 14 anos, com o corpo adornado de enfeites.

VOLTA À CENA

A índia o acaricia.

Samuel, sem saber muito o que fazer, deita-se e toca seus seios com a ponta dos dedos.

A índia oferece os lábios.

Samuel a beija com sofreguidão, deslizando as mãos pelo seu corpo lambuzado de óleo. Arqueja de prazer.

14. EXT. RIO NA FLORESTA - DIA

Passam-se alguns anos.

Samuel, feição europeia com traços indígenas, cabelos longos enfeitados com algumas penas coloridas, toma banho nu.

15. INT. CHOUPANA - MANHÃ

É inverno.

Emmi, pálida e doente, tosse e escarra sangue.

Samuel, assustado, cozinha e cuida da casa.

Kotiri dá remédios preparados pelo PAJÉ para a esposa, que não surtem efeito.

O pajé sai, cabisbaixo.

PAJÉ

É doença de branco, nada mais posso fazer.

Samuel fica pensativo.

16. EXT. CASA DO MÉDICO (FRENTE) - DIA

Samuel, impaciente, bate à porta.

O MÉDICO o atende.

MÉDICO

Pois não?

SAMUEL

Minha mãe passa muito mal, precisa do senhor.

MÉDICO

Como ela se chama?

SAMUEL

Emmi.

MÉDICO

Emmi, filha do fazendeiro Johannes, aquela que se juntou com um índio?

Sinto muito, filho. Nada posso fazer.

SAMUEL

Como não pode fazer nada? Eu lhe pago os serviços.

MÉDICO

Se te prestar meus serviços, amanhã serei um homem morto. Tenho esposa e filhos, e preciso pensar neles.

O médico fecha a porta.

Samuel fica irritado.

17. EXT. FAZENDA - DIA

Samuel é detido por dois homens armados.

SAMUEL

Quero falar com o seu patrão.

Um dos CAPANGAS o segura pelo braço.

CAPANGA

E quem é você para querer falar com alguém, mestiço?

SAMUEL

Seu patrão é meu avô e desejo lhe falar.

Os capangas ficam atrapalhados. Um deles sobe as escadas e volta logo em seguida, acompanhado pelo fazendeiro. Johannes limpa os óculos na manga da camisa.

JOHANNES

O que queres aqui, índio?

SAMUEL

Chamo-me Samuel, me trate por meu nome, seu branco descarado.

Samuel arrepende-se das palavras.

Johannes desce as escadas devagar, e para de frente para o rapaz.

SAMUEL

Minha mãe está à beira da morte e precisa de alguém que conheça as doenças dos brancos. Só vim lhe pedir para dizer ao médico do povoado para atendê-la.

Johannes sorri, cinicamente.

SAMUEL

Vai falar com o médico?

JOHANNES

Ora, finalmente justiça. Então, a vagabunda está à morte. Pois que morras. Não a conheço, não tive filhos, muito menos uma filha.

Samuel avança para cima do velho, e é imediatamente seguro pelos capangas. Um terceiro homem esmurra seu estômago várias vezes seguidas.

18. EXT. RIO NA FLORESTA - TARDE

Samuel acorda com um gosto de terra na boca. Levanta-se meio zozzo e cospe sangue. Toca no rosto e sente os olhos inchados. Lava com cuidado as equimoses e os lábios cortados.

19. EXT. CHOUPANA - TARDE

Samuel, chega, com passos lentos e doloridos. Kotiri vai ao seu encontro.

KOTIRI

Foi até lá, não?

SAMUEL

Fui. Achei que ele poderia ajudar. Me enganei, aquilo não é um homem, é um monstro. Como está ela?

KOTIRI
(chorando)
Ela morreu.

20. INT. CHOUPANA - TARDE

MONTAGEM

- A) Samuel, com a ajuda de Kotiri, banha o corpo da mãe e a perfuma com ervas aromáticas.
- B) Em seguida, reza algumas preces.
- C) Kotiri pinta o corpo, seguindo os costumes do seu povo.

21. INT. CHOUPANA - DIA

Samuel enfia comida na boca do pai. Desiste ao ver os olhos vazios e perdidos. Com um gesto brusco, pega os apetrechos de caça e sai.

22. EXT. TRIBO - MANHÃ

Samuel conversa com o pajé sobre o estado do pai.

PAJÉ
Só tenho remédios para o corpo. O mal de Kotiri está na alma.

SAMUEL
O que devo fazer?

PAJÉ
O tempo é o melhor remédio.

23. INT. CHOUPANA - NOITE

Samuel entra e acende o lampião, cuja luz provoca sombras nas paredes. Olha para cima e vê o pai balançando, suspenso por uma corda presa ao pescoço amarrada à viga do teto.

**CLOSE UP - OS OLHOS DE SAMUEL
ficam cheios de lágrimas.**

24. EXT. FLORESTA - DIA

Samuel, com ódio, passa alguns dias perambulando como animal ferido e solitário.
O cacique o encontra.

CACIQUE
Ubiratã é um grande guerreiro. Deve ficar na tribo, posso lhe arranjar uma esposa. Todo homem precisa de mulher.

SAMUEL
Agradeço sua boa intenção, mas não desejo mulher.

25. EXT. CHOUPANA - DIA

Samuel circula, observando o campo de cultivo perdido no meio do mato, um ou outro pé de milho podre caído.

26. INT. CHOUPANA - DIA

Samuel joga a mochila num canto qualquer, deita na esteira e fica olhando para o teto.

FLASH BACK

Samuel recorda-se da conversa com os pais.

SAMUEL

Aquele homem do armazém era meu avô?

KOTIRI

Era, aquele mesmo homem. Está mais velho agora, é claro, embora a idade não lhe tenha trazido compreensão e nem sabedoria.

EMMI

Depois de muito me procurar, desistiu e me deserdou. Apesar dos protestos e um rio de lágrimas choradas pela minha mãe, seu coração não amoleceu, e ele continua nos odiando e há de odiar você também, filho. Não te iludas ao pensar que ele possa se arrepender do que fez comigo, com teu pai e contigo. Me dói dizer isso, mas nunca vi crueldade numa única pessoa. Meu próprio pai.

SAMUEL

E minha avó?

EMMI

Morreu há alguns anos, talvez de sofrimento. Nunca pude vê-la novamente.

VOLTA À CENA

SAMUEL

(pensando)

Um dia ele vai pagar por tudo que fez à minha família.

27. EXT. CHOUPANA - MANHÃ

É primavera.

Samuel, satisfeito com a carroça cheia de milho, atrela a velha mula e comemora sozinho, tomando um copo de aguardente. Coloca o revólver de baixo calibre dentro das calças, e o cabo de madrepérola junto com a camisa.

A mula puxa a carroça, incomodada pelo peso.

28. INT. ARMAZÉM - DIA

Samuel sente o forte odor de aguardente, que se desprende dos tonéis de madeira. Aproxima-se do balcão e percebe que alguém o olha por trás.

JOHANNES

Os índios agora negociam como homens. Não é incrível o que o progresso faz, Bento?

BENTO

Não tem nada de mais, senhor. Faço negócios com os índios a todo tempo.

JOHANNES

Pois então, fazes muito mal. São uns vagabundos. Quando não estão

roubando, estão caçando por preguiça de trabalhar.

Samuel, calado, sente o hálito quente próximo às suas costas.
Johannes bate em seu ombro.

JOHANNES
Estou falando com você, índio.

Samuel vira-se e o encara.

JOHANNES
(continuando)
Pela sua cara deves ser mestiço, metade índio. E a outra metade, de onde veio? Quem foi a vagabunda que te geraste?

Samuel agarra seu colarinho e aperta devagar, causando espasmos de tosse e fazendo com que seu rosto adquira uma tonalidade rósea, depois púrpura.

BENTO
Pares rapaz, vai matá-lo.

SAMUEL
Não devia chamar sua filha de vagabunda, seu saco podre. Emmi foi a melhor mulher do mundo. Não sei como pode ter um pai assim.

Bento tapa a boca com as mãos.

JOHANNES
(com voz sufocante)
Vou matá-lo, mestiço imundo.

Samuel solta seu colarinho e o empurra.

SAMUEL
Me deixe em paz, velho. Senão um dia teremos um sério desentendimento.

Samuel caminha até a porta.

JOHANNES
(gritando)
Samuel.

INSERT - ADAGA
A adaga brilha ao ser arremessada.

VOLTA À CENA

Samuel, entorpecido com a pressão na coxa, toca a perna e ergue a mão molhada de sangue. Em seguida, saca o revólver.
Johannes sai, correndo.

29. EXT. CIDADE (FRENTE DO ARMAZÉM) - DIA
Samuel, mesmo ferido, corre e o derruba na poeira, encostando o cano na sua testa e engatilhando.
Uma pequena multidão se aglomera.

HOMEM (O.S.)

Não, não faças isso. Pares.

Samuel, com a arma em punho, sacode várias vezes a cabeça e baixa o revólver. Levanta, afirma a perna devagar e caminha em direção à

CALÇADA.

HOMEM (O.S.)
Cuidado, atrás.

INSERT - ADAGA

A adaga é lançada de novo, ficando na sua virilha, acima do primeiro ferimento.

VOLTA À CENA

Samuel sente o sangue escorrendo pela perna, olha para o velho que sorri, saca a arma e dispara, acertando o tiro na sua testa.

Johannes cai.

Samuel continua atirando. Em seguida, joga a arma.

NICOLAU, o chefe da polícia, e um GUARDA, abrem cominho na multidão.

GUARDA
Estás preso.

NICOLAU
Sinto muito, filho. Tenho que cumprir o meu dever. Me acompanharás por bem?

SAMUEL
Sim, senhor.

NICOLAU
Antes precisas de um médico. Vou te levar ao hospital da cidade vizinha.

A multidão se dispersa, entre murmúrios e espanto.
Samuel é levado pelo chefe de polícia.

30. INT. HOSPITAL (ENFERMARIA) - TARDE

Duas ENFERMEIRAS dão banho e trocam os curativos de Samuel.
Ele não consegue evitar e disfarçar a ereção.

ENFERMEIRA
(sorrindo)
Não te preocupes. Isso é normal.

Samuel fica envergonhado.
As enfermeiras sorriem, amigavelmente.

31. INT. HOSPITAL (QUARTO) - TARDE

Samuel recebe a visita de Nicolau, que traz uma porção a mais de comida.

NICOLAU
Amanhã terás alta, filho.

SAMUEL

Serei preso de imediato?

NICOLAU

Terás que aguardar o julgamento na cadeia. Fostes preso em flagrante e o promotor provavelmente vai alegar resquícios de crueldade. Continuaste atirando no homem mesmo depois de morto, com dezenas de testemunhas.

SAMUEL

Isso me prejudicará?

NICOLAU

Bastante. Mas acredites, se pudesse te ajudar eu o faria com prazer.

SAMUEL

Por quê?

FLASH BACK

Nicolau, pensativo, recorda a morte do FILHO.

MONTAGEM

- A) O cavalo desfere um coice violento, atingindo sua cabeça.
- B) Nicolau, chorando, abraça o filho, com a cabeça encharcada de sangue.
- C) Em seguida, apanha a garrucha e desfere um tiro na cabeça do animal, que tomba.
- D) Com a adaga, ele começa a esfaquear o cavalo morto.

VOLTA À CENA

NICOLAU

Por nada, mas sempre terás em mim um amigo.

32. INT. TRIBUNAL - DIA

A sala está lotada durante o julgamento de Samuel. O JUIZ entra, e todos ficam de pé.

JUIZ

(dirigindo-se aos jurados)
Já chegaram a um veredicto?

Um JURADO levanta-se.

JURADO

Sim, meritíssimo.

JUIZ

Que o acusado se levante.

Samuel obedece.

JUÍZ

De acordo com a decisão dos jurados, eu, juiz de direito dessa comarca, declaro o senhor Samuel Ubiratã, para o qual não consta qualquer outro sobrenome nos autos, culpado por homicídio doloso. Eu o condeno a 16 anos de reclusão a serem cumpridos em regime fechado, em prisão que será indicada por essa corte.

INSERT - MARTELO

O juiz bate o martelo, encerrando a sessão.

VOLTA À CENA

Samuel leva um choque.

Nicolau o abraça.

NICOLAU

Vou te ajudar, filho. Podes contar comigo sempre. A justiça não é desse mundo.

Samuel chora no ombro do amigo.

33. INT. CADEIA (CELA) - TARDE

Samuel ouve o barulho do ferrolho se fechando, nota as paredes sujas e um colchão sobre um catre estreito. Vira-se e olha novamente para as grades. Fica desesperado, com vontade de gritar.

JOÃO BOIADEIRO ocupa o outro catre, o rosto fino apoiado entre as mãos.

JOAO BOIADEIRO

O primeiro dia é assim mesmo. Logo vais se acostumar.

Samuel olha para o companheiro.

JOÃO BOIADEIRO

Meu nome é João, João Boiadeiro. E o teu?

SAMUEL

Samuel.

JOÃO BOIADEIRO

Senta-te. Fico nervoso ao conversar com alguém que esteja em pé enquanto eu estou sentado.

Samuel, sem disposição para conversar, senta-se.

JOÃO BOIADEIRO

A vida aqui até que não é tão ruim. Comida razoável, banho de sol uma vez por semana. Se comportares bem, eles te deixam em paz.

SAMUEL

E as visitas?

JOÃO BOIADEIRO

Uma hora todos os domingos.

(sorrindo)

Alguma mulher? Namorada?

SAMUEL

Nada disso, só um amigo.

JOÃO BOIADEIRO

Um amigo!

SAMUEL

Por que está aqui?

JOÃO BOIADEIRO

Uma injustiça. Só porque roubei umas cabeças de gado de dois homens ricos. Achei que não lhes fariam falta. Afinal, eles tinham centenas de reses.

Samuel sorri, timidamente.

JOÃO BOIADEIRO

Foram só alguns boizinhos. Um eu ia comer num bom churrasco, e os outros me renderiam algum dinheiro. Dinheiro significa bebida e mulheres, não é?

SAMUEL
É.

JOÃO BOIADEIRO
Lindas mulheres!

João Boiadeiro deita-se, olhando para o teto e usando as mãos como travesseiro.

Samuel faz o mesmo.

34. INT. CADEIA (CELA) - NOITE

Samuel vira-se de um lado para outro, tentando achar uma posição confortável para dormir.

O CARCEREIRO chega.

CARCEREIRO
(gritando)
Banheiro.

Samuel acorda assustado.

35. INT. CADEIA (BANHEIRO) - MANHÃ

Os cinco presos ficam enfileirados diante do único banheiro, com o carcereiro armado ao lado.

Samuel examina tudo à sua volta.

Um a um, eles tomam banho.

36. INT. CADEIA (CELA) - DIA

Samuel recebe a visita de Nicolau.

NICOLAU
Como tens passado, filho?

SAMUEL
Bem, na medida do possível.

Nicolau entrega-lhe alguns livros e um pacote enrolado num guardanapo.

NICOLAU
Trouxe alguns livros para que teus dias não sejam tão monótonos. E minha esposa te mandou um bolo de milho.

SAMUEL

Não precisava se incomodar. É muita gentileza da sua esposa. Agradeça a ela, por mim.

NICOLAU

Precisas de mais alguma coisa? Sabes que podes contar comigo.

SAMUEL

Não, não preciso de nada. Mas, agradeço pelos livros, pelo bolo e, principalmente, pela visita.

Nicolau distribui maços de cigarros para os outros presos, e sai.

37. INT. CADEIA (CELA) - NOITE

Passam-se algumas semanas.

O carcereiro joga cartas com João Boiadeiro, um do lado de dentro da cela e o outro do lado de fora, separados pelas grades.

Samuel aproxima-se.

SAMUEL

Posso assistir ao jogo? Gostaria de aprender para me distrair um pouco.

CARCEREIRO

já tens os livros.

SAMUEL

Estou cansado de ler, quero aprender a jogar.

CARCEREIRO

Está bem.

Eles embaralham as cartas.

INSERT - MOLHO DE CHAVES

O molho de chaves balança no cinto do carcereiro.

VOLTA À CENA

SAMUEL

(pensando)

Deve ter umas 20 chaves. Se faltar uma, ele nunca notará até que precise dela. Mas qual?

Samuel olha detalhadamente as grades, protegidas por apenas um cadeado, a janela minúscula e o corredor aberto.

O jogo termina.

João Boiadeiro deita-se no seu catre.

JOÃO BOIADEIRO

E aí, companheiro? Já te acostumaste com a nossa rotina.

SAMUEL

Já nem me importo mais.

JOÃO BOIADEIRO

É assim mesmo, eu estou conformado.

Samuel também se deita.

JOÃO BOIADEIRO
(continuando)

Quando sair daqui, não sei o que vou fazer para comer.

SAMUEL
Por que não trabalha?

JOÃO BOIADEIRO
Trabalhar? Meus músculos doem muito. Sou um pouco doente, não vês como sou magro?

Samuel o olha com simpatia e solta uma gargalhada.

JOÃO BOIADEIRO
Talvez eu volte a roubar uns boizinhos. Tenho dupla vantagem. Se conseguir terei dinheiro, e se for preso terei a boia garantida todos os dias. Sim, é isso que vou fazer, p que achas?

Samuel, sorrindo, balança a cabeça.

38. INT. CADEIA (CELA) - NOITE
Passam-se mais alguns dias.
O carcereiro joga cartas com João Boiadeiro.
Samuel senta-se ao lado do companheiro.

CARCEREIRO
Já aprendeste, índio?

SAMUEL
Ainda não.

CARCEREIRO
(sorrindo)
Tu és mesmo muito burro.

O jogo termina e o carcereiro sai.
Samuel apanha um livro.

SAMUEL
O que fazem aqui se alguém ficar doente?

JOÃO BOIADEIRO
Chamam o doutor, mas isso quase nunca acontece. Eles tratam da gente na cadeia mesmo.

SAMUEL
Quer dizer, então, que o médico vem até aqui?

JOÃO BOIADEIRO
É isso mesmo. Agora, se for um caso muito grave, levam a gente para o hospital. Mas isso só se for muito grave mesmo ou contagioso.

SAMUEL
(pensativo)
Há alguma tribo indígena por perto?

JOÃO BOIADEIRO

Só aquela de onde tu vieste, perto do povoado. Mas por que perguntas?
Sentes saudades?

SAMUEL

Um pouco. Gostaria de conversar com alguém do meu povo. Será que é possível?

JOÃO BOIADEIRO

Terás que pedir para o chefe. Amanhã ele vem.
E como vocês parecem tão amigos, é possível que ele autorize.

SAMUEL

Vou falar com ele.

Samuel, animado, demora para dormir.

39. INT. CADEIA (SALA) - MANHÃ

Nicolau mexe em alguns papéis sobre a mesa. Em seguida vai até a

CELA e senta-se no catre, ao lado de Samuel.

NICOLAU

Como estás, filho?

SAMUEL

Não estou muito bem, acho que um pouco doente.

NICOLAU

O que sentes?

SAMUEL

Dores pelo corpo, talvez por falta de exercícios. Problemas no intestino.

NICOLAU

O que costumam tomar nesses casos?

SAMUEL

Remédios do meu povo. Algumas ervas que conhecemos são ótimas.

NICOLAU

Isso não posso te arranjar. Queres ver o médico?

SAMUEL

Não. Não confio no remédio dos brancos.

NICOLAU

Gostaria de ajudar.

SAMUEL

Poderia trazer alguém do meu povo aqui. Assim posso convencê-lo a me trazer as ervas.

NICOLAU

A sua reserva fica um pouco longe, e o acesso é difícil. Não sei se

poderia fazer isso. Além disso, é contra o regulamento, filho.

SAMUEL
Regulamentos. Compreendo.

Nicolau sai, com remorso.

40. INT. CASA DE NICOLAU - NOITE
Nicolau conversa com a esposa MADALENA.

NICOLAU
(pensativo)
Regulamentos. Que droga!

MADALENA
Oras, meu bem. Se és tão afeiçoado ao rapaz, bem que poderias lhe fazer esse favor. Por que não vais até a reserva no teu dia de folga? Assim não estarás infringindo os regulamentos e farás um favor ao teu amigo, apenas isso.

NICOLAU
Sabe que tens razão, Madalena. É isso mesmo o que vou fazer.

41. INT. CADEIA (CELA) - NOITE
É domingo.
Samuel acaba de jantar.

POV DE SAMUEL
Ele vê o pajé sendo trazido pelo carcereiro.

VOLTA À CENA
O pajé entra, sorrindo amigavelmente com a boca desdentada.

PAJÉ
Como vai, Samuel?

SAMUEL
Sobrevivendo.

PAJÉ
O chefe branco foi até a reserva, disse que está doente e precisa dos meus remédios.

Samuel olha para o carcereiro prostrado do lado de fora.
João Boiadeiro fica de olhos arregalados.

SAMUEL
Preciso que me faça um chá com algumas plantas que vai encontrar próximo à choupana que foi de meu pai. Aquelas que usam nas crianças quando comem demais, compreende?

PAJÉ
Mas aquelas?

SAMUEL
Sim, aquelas mesmo.

O pajé compreende, arregala os olhos e sai.
Samuel, satisfeito, deita-se no seu catre.

42. INT. CADEIA (CELA) - DIA
Samuel, deitado, finge estar doente.

JOÃO BOIADEIRO
Precisas logo do remédio. Teu feiticeiro vem hoje, não é?

SAMUEL
É. Ele vem hoje.

O carcereiro chega com as marmitas, e o olha com apreensão.

SAMUEL
(dirigindo-se a João Boiadeiro)
Pode ficar com meu almoço, se quiser.

JOÃO BOIADEIRO
Claro! O que eu não faço por um amigo.

João Boiadeiro, depois de um arrotto satisfeito, deita-se e dorme.
O pajé entra com um chá grosso, escuro.
Samuel bebe em pequenos goles na frente do carcereiro, que faz uma careta de nojo ao ver a tigela.
O pajé diz algumas palavras em seu dialeto e sai, virando-se para dar uma rápida olhada no rapaz.

43. INT. CADEIA (CELA) - DIA
Samuel, com fortes cólicas e testa banhada em suor, contorce-se no catre.

SAMUEL
João, chame o carcereiro.

JOÃO BOIADEIRO
Estás mau, hein. O remédio do feiticeiro não adiantou nada.
(gritando)
Carcereiro.

O carcereiro chega.

CARCEREIRO
Que foi?

JOÃO BOIADEIRO
Samuel está ruim. Dor de barriga.

CARCEREIRO
Um banheiro?

SAMUEL
Quero.

O carcereiro abre a porta.
Samuel corre para o

BANHEIRO.

João Boiadeiro e o carcereiro aguardam.

JOÃO BOIADEIRO

Melhor chamar o doutor. O homem vai morrer de tanto vomitar e cagar.

44. INT. CADEIA (CELA) - DIA

O DOUTOR chega, acompanhado de Nicolau, e encontra Samuel pálido com a roupa suja de vômito.

DOUTOR

Alguma coisa deve ter feito muito mal a ele. Está se desidratando, precisa ser levado ao hospital.

NICOLAU

Hospital?

DOUTOR

Pelo menos por uns dois dias.

CLOSE UP - OS OLHOS DE SAMUEL

brilham de felicidade, mas ele não consegue sorrir.

45. INT. HOSPITAL (QUARTO) - TARDE

Samuel acorda com um tubo suspenso num suporte, com caninhos finos ligados no seu braço.

ENFERMEIRA

(sorridente)

Como se sentes, Samuel?

SAMUEL

Bem. Há quanto tempo estou aqui?

ENFERMEIRA

Desde ontem à tarde. Dormiste a noite e a manhã toda.

Felizmente não temos nada que costurar em ti, mas mesmo assim te trouxe uma tigela de sopa que sobrou na cozinha. Precisas ficar forte logo.

SAMUEL

Quando vou sair?

ENFERMEIRA

Só o médico pode dizer, mas acho que ficará alguns dias. Tens desidratação. Estás com os olhos ainda muito fundos.

Samuel toma a sopa com prazer, saboreando cada colherada. Em seguida, deita-se e dorme.

46. INT. HOSPITAL (QUARTO) - NOITE

Passam-se dois dias.

MONTAGEM

A) Samuel finge que dorme.

B) O hospital está em silêncio. Apenas as duas enfermeiras falam baixo na

SALA.

Samuel, descalço e com um camisolão branco, levanta-se sem fazer barulho, abre a porta, sai pelo

CORREDOR e caminha até a

RECEPÇÃO.

47. EXT. RUA - NOITE

O frio da madrugada é intenso.

Samuel, ainda meio zozzo, trança os cabelos e corre pelo escuro, com as pedras machucando seus pés.

POV DE SAMUEL

Ele olha as luzes da cidade ao longe.

VOLTA À CENA

Samuel para um pouco e descansa.

48. EXT. ESTRADA - MANHÃ

Com a claridade, Samuel sai da estrada e caminha pelo

PASTO.

POV DE SAMUEL

Ele avista um casebre, no meio da pastagem, com um curral primitivo e um varal.

VOLTA À CENA

Samuel, silenciosamente, arrasta-se pelo capim alto e seco, com as hastes ferindo a sola de seus pés e pernas. Chega ao

TERREIRO, apanha uma calça e uma camisa de flanela no varal, e foge para a

FLORESTA, onde cava um buraco e enterra o camisolão. Em seguida, respira fundo e corre em direção à

TRIBO.

49. INT. HOSPITAL (QUARTO) - MANHÃ

A enfermeira, com uma bandeja, leva um choque ao ver a cama de Samuel vazia. Observa a porta do banheiro aberta, deixa a bandeja na mesinha de cabeceira e sai pelo

CORREDOR, onde encontra a ENFERMEIRA 2.

ENFERMEIRA 2

Como não está no quarto?

ENFERMEIRA

Não está.

Elas trocam olhares.

ENFERMEIRA 2
Será que fugiu?

ENFERMEIRA
Acho que sim. Seu Nicolau disse que não era preciso colocar guarda.
Garantiu que ele não fugiria, que não se arriscaria tanto.

ENFERMEIRA 2
Mas se arriscou. E agora? Que vamos fazer?

ENFERMEIRA
Pois acho que ele fez é muito bem. Tantas pessoas matam e nunca são
presas. E ele não matou por maldade, o fez só para se defender.

ENFERMEIRA 2
Nós poderíamos ajudá-lo.

ENFERMEIRA
Mas como?

ENFERMEIRA 2
Não daremos o alarme agora. Vamos juntas aos outros quartos primeiro,
e bem devagar. Assim ele terá mais tempo para se distanciar. Vamos
demorar o máximo possível, entendes?

50. INT. CASA DE NICOLAU - MANHÃ
Nicolau recebe a visita do doutor.

NICOLAU
Fugiu? Mas como?

DOUTOR
Não sei, senhor. Só sei que quando as enfermeiras chegaram, o quarto
estava vazio. Vim te comunicar pessoalmente porque é uma situação
constrangedora para o hospital. Isso nunca aconteceu antes.

NICOLAU
(nervoso)
Está bem, vou providenciar uma busca.

O doutor sai.
Nicolau esfrega os olhos.
Madalena entra e senta-se ao seu lado.

MADALENA
Quem era tão cedo?

NICOLAU
Samuel fugiu do hospital essa noite.

A esposa sorri.

NICOLAU
Do que estás rindo?

MADALENA

Meu bem, achas que um rapaz com a determinação dele ficaria preso por muito tempo? Acho até que fez muito bem em fugir.

NICOLAU

Ele fez é muito mal, agora é que está encrencado de verdade.

MADALENA

O rapaz é esperto, não vai se deixar pegar facilmente.

NICOLAU

Tu estás do lado dele ou do meu?

MADALENA

Do teu, sei o quanto sofreste por ele. Sei que te apegaste ao rapaz profundamente, assim como eras apegado ao nosso filho.

Madalena acaricia seus cabelos.

MADALENA

(continuando)

Dê-lhe uma chance, retardes o mais que puder essa busca. Ele não é mal, sabes disso.

NICOLAU

Não posso fazê-lo. É minha obrigação organizar um grupo de busca, tenho que capturá-lo.

MADALENA

E ir contra o teu coração? Se quiseres, podes retardar a busca sem colocar em jogo teu emprego. És esperto o suficiente para isso. Dê-lhe apenas um pouco de tempo para estar longe daqui quando começar a procurá-lo.

Nicolau fica pensativo.

51. EXT. TRIBO - DIA

Samuel, cansado e com as mãos e pés feridos, encontra o pajé e o cacique, aguardando-o com um embornal.

CACIQUE

Deve partir depressa, aí tem o que precisa.

Samuel os abraça.

PAJÉ

Que os deuses o acompanhe. Vá para o Sul e atravesse a fronteira.

Samuel calça rapidamente as botas, amarra o cinto na camisa de flanela e prende a adaga e as boleadeiras ao lado do corpo.

PAJÉ

(gritando)

Vá depressa. Que os deuses o acompanhe.

Ele vira-se, e com um gesto de adeus corre para a

FLORESTA, onde caminha sob um sol forte.

Samuel encontra uma pequena queda d'água e mergulha o corpo com prazer. Senta-se na pedra, nu, com os cabelos grudados às costas e come um pedaço de pão com charque. Em seguida, deita-se e adormece.

52. INT. CADEIA (SALA) - TARDE
Nicolau reúne cinco guardas.

GUARDA
Por que não vamos direto para a tribo, senhor?

NICOLAU
Lá seria o último lugar onde ele se esconderia. Não é tão bobo, sabe que iríamos procurá-lo na tribo primeiro.

O guarda fica calado.
Eles iniciam a busca pela

ESTRADA, pedindo informações para passantes, mulheres e crianças.

53. EXT. FLORESTA - TARDE
Samuel acorda assustado e veste as roupas, rapidamente.

54. INT. CADEIA (SALA) - TARDE
Nicolau finge estar com raiva.

NICOLAU
(pensando)
Fugas mesmo, filho. E nunca mais volte a esse lugar.

GUARDA
Que faremos agora, senhor?

NICOLAU
Vou pedir alguns reforços amanhã.

GUARDA
Amanhã?

NICOLAU
(dissimulado)
Claro! Não podemos perder muito tempo. Achas que conseguiremos averiguar toda a região e as matas com apenas cinco homens?

55. EXT. FLORESTA - NOITE
A noite está fria.
Samuel encontra uma bifurcação entre duas pedras, prepara uma fogueira, forra o chão com uma manta, come o resto do alimento e descansa, olhando para o céu estrelado.

56. EXT. FLORESTA - MANHÃ
Samuel acorda com frio e fome. Junta as coisas e desce o RIO, prestando atenção nos pequenos movimentos nas folhagens.

MONTAGEM

- A) Samuel vê duas orelhas entre as folhagens.**
- B) Leva a mão ao cinto, tira as boleadeiras e arremessa.**

- C) O coelho tenta soltar as pernas traseiras presas na tira de couro.
- D) Samuel aproxima-se e estranha a falta de pelos no animal.
- E) Afasta a folhagem e encontra um buraco forrado de pelos.
- F) Enfia a mão no ninho e retira dois filhotes.
- G) Com pena, solta o animal, que some pelas folhagens.

Samuel anda com cuidado sobre as pedras do rio, lisas pelo limo verde.

MONTAGEM

- A) Ouve conversas e passos, quebrando galhos secos.
- B) Procura um lugar para esconder, mas só há árvores altas e arbustos entrelaçados por cipós.
- C) As vozes parecem mais perto.
- D) Samuel, em silêncio, entra no rio e esconde atrás das pedras somente com a cabeça submersa.
- E) Ouve risadas.

POV DE SAMUEL

Ele vê dois CAÇADORES, com espingardas e embornais, que param para tomar água e lavar o rosto.

VOLTA À CENA

CAÇADOR

Eu te digo, não há nada melhor do que carne de caça. Jacus, então, são ótimos, principalmente do jeito que minha mulher prepara.

CAÇADOR 2

Eu gosto dos veados. Uma vez matei um e quando abri sua barriga, encontrei dois filhotes. Como poderia saber que era fêmea?

CAÇADOR

Isso acontece. Vamos.

CAÇADOR 2

Vamos.

Samuel sente o corpo dormente.

A correnteza aumenta e o puxa para baixo, devido ao peso da mochila. Um fluxo mais forte faz com que a solte para não ser levado pelas águas.

Ele perde também as boleadeiras e sai da água, com ódio.

57. EXT. FLORESTA - TARDE

Samuel chega a uma cachoeira, com as águas lançando espumas brancas ao bater nas pedras.

INSERT - FIOS ENCAMPADOS

Fios presos em postes de madeira seguem em direção a uma casinha.

VOLTA À CENA

Samuel segue os fios até a casinha. Encontra um gerador enferrujado, teias de aranha pendendo do teto, sujeira acumulada e um ninho de ratos num canto. Curioso, segue olhando para o alto até chegar a um

TERREIRO, onde encontra uma casa em ruínas, cheia de escombros, toras de madeira queimadas e pedaços de telhas enegrecidas espalhadas pelo chão.

SAMUEL

(pensando)

Devia ser uma bela casa antes do incêndio. O que foi feito da família que morava aqui?

Samuel caminha até o

ESTÁBULO, ainda em boas condições, e em seguida até o

CURRAL, cheio de esterco fresco.

POV DE SAMUEL

Ele avista duas cabanas de madeira, fechadas.

VOLTA À CENA

Samuel assusta-se com o mugido das vacas e faz a volta para ir embora.

POV DE SAMUEL

Ele vê um velho vindo da cachoeira, olhando as ruínas com tristeza.

VOLTA À CENA

Samuel esconde-se e rasteja pelo capim alto até a

FLORESTA, escondendo-se atrás de um aglomerado de araucárias. Cansado, deita-se sobre as folhas secas.

58. EXT. FLORESTA - NOITE

MONTAGEM

- A) Samuel acorda assustado com os sons da mata.
- B) Uma coruja o encara com olhos brilhantes.
- C) Gira sobre si mesmo, olhando ao redor e esfregando as mãos nos braços para aquecer.
- D) Engatinha pela escuridão ao ver uma luz movimentando pelos troncos.
- E) Ouve passos vindo em sua direção.
- F) As palmas das mãos ardem pelos espinhos que penetram em sua carne.
- G) O chão some e ele cai numa vala, quebrando galhos secos com o corpo e rasgando o rosto ao tocar no chão.
- H) Vê a luz iluminando a vala.
- I) Ouve um disparo e sente um ardor no ombro.
- J) Morde um graveto para suportar a dor e ficar em silêncio.
- K) Observa o caçador procurando a presa.
- L) Vê a luz afastando.
- M) Fecha os olhos.

FASE FINAL

SAMUEL E CATARINA

A PARTIR DE 1960

"O coração do seu marido nela confia
e jamais precisa de coisa alguma.
Ela proporciona-lhe o bem e não o mal
em todos os dias da sua vida."

Provérbios 31.11-12

1. INT. CABANA NA FLORESTA (SALA) - NOITE

Samuel termina de contar sua história.

Catarina, com os olhos fixos nas brasas e ouvindo a chuva fina sobre o telhado, vira-se e toca seu rosto, com carinho.

SAMUEL

Entende agora porque preciso ir embora?

CATARINA

Entendo.

Catarina o encara.

CATARINA

(continuando)

Queres ir embora?

SAMUEL

Não.

Catarina levanta-se e anda pela sala, olhando as paredes.

SAMUEL

Já é muito tarde.

Catarina senta-se ao seu lado.

CATARINA

Melhor dormirmos, a noite já vai longe.

SAMUEL

Durma na sua cama. Já lhe tirei demais a liberdade. Eu fico aqui embaixo.

CATARINA

Vou te trazer uma manta, então.

Catarina levanta-se e sai.

Samuel a observa, pensativo.

Catarina volta com um cobertor de lã em cores vivas.

CATARINA

Não dói mais?

SAMUEL

O ferimento?

CATARINA

Tudo.

Samuel sorri.

SAMUEL

Nesse momento nada me dói, nada.

CATARINA

Boa noite.

Samuel nao responde, apenas a observa subir as escadas.

SAMUEL
(pensando)
Boa noite, Catarina.

Catarina para no patamar da escada para olhar mais uma vez para o rapaz.

Eles se encaram durante algum tempo.

Catarina entra no quarto.

2. INT. CABANA NA FLORESTA (QUARTO) - NOITE

Catarina está deitada, pensativa, olhando a escuridão. Ouve a vibração de passos na sala. Remexe-se na cama, cobre a cabeça e dorme.

3. INT. CABANA NA FLORESTA (QUARTO) - MANHÃ

Catarina levanta-se, com olhos avermelhados. Desce as escadas sem fazer barulho até a

SALA.

Os cães sacodem as caudas em alvoroço.

Catarina abre a porta para que saiam.

POV DE CATARINA

Ela observa Samuel dormindo, meio sentado e meio deitado, encoberto pela manta.

VOLTA À CENA

Catarina aproxima-se e passa os dedos pelos seus lábios, descendo devagar até o umbigo.

Samuel segura seu pulso.

SAMUEL
Pare com isso.

Catarina leva um susto e fica envergonhada.

Samuel, excitado, vira-se de costas.

SAMUEL
Me desculpe se a assustei, mas pode imaginar o que fez comigo? Sabe o que acontece a um homem quando é tocado assim?

CATARINA
Posso sim, e quem te deve desculpas sou eu. Não tinha o direito de fazer isso.

Samuel estende-lhe a mão, arrependendo-se a tempo.

SAMUEL
Catarina, Catarina.

Catarina o encara.

SAMUEL
Não me deixe fazer o que não posso, pois não quero estragar sua vida. Daria um olho para tocar em você uma única vez, tê-la num abraço por

alguns segundos apenas. Até morreria feliz.

Samuel levanta-se e anda pela sala.

SAMUEL

(continuando)

Quem não tem esse direito sou eu. Não posso ficar aqui, pois colocaria sua reputação em risco. Quem sabe até sua vida.

CATARINA

Minha reputação? Você conhece minha reputação?

SAMUEL

Não, também não me importaria se fosse boa ou má, até mesmo se fosse uma mulher da vida. Só que não posso ficar aqui, sabe disso.

CATARINA

Sei.

SAMUEL

Sinto que se tocar em você, não vou parar mais. Sei que também me quer, que também anseia por mim, embora vista essa máscara de altivez. Se se fizer o que mais quero nessa vida, não poderei mais ir embora. Pois, seria como se deixasse para trás um pedaço meu, talvez a melhor parte de mim.

CATARINA

Vais atravessar a fronteira?

SAMUEL

Sim, eu preciso. É mais seguro.

Catarina fica com os olhos lacrimosos.

SAMUEL

(continuando)

Por Deus! Entenda!

CATARINA

Eu entendo.

Catarina abre a porta e vira-se, enxugando os olhos.

CATARINA

Gosto de andar um pouco pela manhã. Queres ir também depois do café? Não terá risco algum. Ninguém passa por aqui, só Benjamim que vem para o almoço.

SAMUEL

Sim, eu gostaria.

4. EXT. ESTÂNCIA - MANHÃ

Uma névoa fina cobre as pastagens.

Samuel e Catarina caminham lado a lado, contornando as poças de lama e molhando as calças no capim encharcado.

Os cães acompanham, mordendo seus calcanhares.

SAMUEL

É surpreendente como tudo aqui é bonito, toda essa vastidão, esse espaço aberto.

CATARINA

Darias tudo por tua liberdade, não é?

SAMUEL

Sem pensar duas vezes, daria sim.

Eles chegam ao

TERREIRO, e observam as ruínas da velha casa.

SAMUEL

Passei por aqui antes de entrar na mata. Me causa tristeza e mau agouro essas ruínas todas. O que houve aqui?

As vacas saem do curral.

Benjamim aproxima-se a passos lentos com o latão de cobre nos ombros, parando para descansar.

BENJAMIM

Passeando?

CATARINA

Só uma volta, Benjamim.

Benjamim retira uma caneca de alumínio do cinto, enfia no latão e a entrega para Catarina.

BENJAMIM

Tome, você sempre gostou de leite tirado na hora.

CLOSE UP - O LEITE

escorre pelo canto da sua boca.

Catarina, com um sorriso envergonhado, limpa a boca com as costas da mão e passa a língua pelos lábios.

BENJAMIM

Vejo que está muito melhor, Samuel.

SAMUEL

Sim, Benjamim. Graças à sua ajuda e a de Catarina, estou em plena saúde.

BENJAMIM

Fico contente em saber.

(dirigindo-se a Catarina)

Já me vou, Catarina. Tenho ainda muita coisa para fazer. Aliás, irei à cidade hoje. Precisa de alguma coisa?

CATARINA

Não, Benjamim. Obrigada.

Benjamim sai, carregando o latão com dificuldades.

SAMUEL

Já está muito velho para o que faz.

CATARINA

Mas ele se sente melhor assim.

SAMUEL

Estou curioso para saber o que mantém unidos você a ele, e os dois a essas ruínas. Pertencem à sua família, não?

CATARINA

Sim, aqui passei minha infância, meus anos felizes. Nessas ruínas eu nasci e cresci.

SAMUEL

E o que houve com seus pais?

Catarina cobre as orelhas com o poncho.

CATARINA

Morreram aqui.

SAMUEL

Me conte como aconteceu. Quero saber o que houve em sua vida para torná-la tão arredia e assustada.

Catarina fica emburrada.

CATARINA

Não sou arredia e nem assustada.

Samuel sorri, carinhosamente.

SAMUEL

E também o que a ameaçou tanto a ponto de achar que tem sempre que se defender de qualquer pergunta.

Ela conta sua história, entre sorrisos e lágrimas, enquanto eles caminham ao redor da casa. Faz uma pausa e vira-se de costas.

Samuel a encara.

SAMUEL

Continue. O que houve então?

CATARINA

Sinto muito. Não posso, seria indecoroso demais.

SAMUEL

Eu lhe contei todos os feitos indecorosos que pratiquei, e nem por isso você me censurou. Por que acha que eu, que lhe devo a vida, me injuriaria diante de seus atos?

CATARINA

Se o ato fosse meu por cento não me arrependeria, mas veio dele a violência, o insulto, o pior que pode ser cometido contra uma mulher. E eu era apenas uma adolescente.

Eles ficam em silêncio.

CATARINA
(continuando)
Podes imaginar o que houve?

SAMUEL
O canalha foi capaz de forçar você? De fazer amor contra a sua vontade?

CATARINA
Foi isso mesmo, mas não chamaria de amor. Cada vez que me lembro, ainda sinto ganas de matá-lo.

SAMUEL
Esse é mais um que eu mataria de boa vontade. Agora compreendo muitas coisas.

Catarina chora.
Samuel a abraça.

SAMUEL
Pronto, tudo isso já acabou. Já se foi há muito tempo, nunca mais vai acontecer coisa igual. Acalme-se.

CATARINA
Ainda não terminei. Espero que me desculpe pela fraqueza, mas engoli todas as lágrimas durante anos.

Samuel apara com o dedo uma lágrima que escorre pelo queixo e leva aos seus lábios.

CATARINA
Por que fizeste isso?

SAMUEL
Queria ter sofrido essas dores do seu lado.

CATARINA
Acho que se estivesses do meu lado, eu não teria sofrido.

SAMUEL
Juro que não sofreria por dor alguma. Mas talvez, em seus 15 anos, não teria dado valor a uma mameluco anônimo.

Catarina fica calada.

SAMUEL
Continue.

Eles voltam a caminhar.
Catarina continua contando sua história.

SAMUEL
Daí você se isolou, tendo como única companhia seu avô secreto?

CATARINA
E meus cães.

POV DE SAMUEL

Ele olha as ruínas da casa, o capim que cresce nos vãos dos destroços.

VOLTA À CENA

SAMUEL
Que havemos de fazer dessa vida?

CATARINA
Nada, tudo está além do nosso alcance. Tu irás embora, perseguindo a liberdade que tanto almejas, e eu continuarei a dirigir a estância e a viver como sempre vivi.

Samuel a segura pelos ombros.

SAMUEL
Como pode aceitar esse destino? Como suas forças se acabaram?

CATARINA
Força tenho muita, mas sou só uma. Nada posso contra um batalhão de preconceituosos.

SAMUEL
Talvez a prisão esteja dentro de nós mesmos. Num outro lugar sei que vou me sentir melhor, sem temer a soldados que me perseguem. Serei livre para viver minha vida.

CATARINA
Sorte tua. Eu nada posso fazer, a prisão moral que me prende é muito forte.

SAMUEL
Benjamim está velho. Quase não aguenta mais o peso do latão às costas. Quando ele morrer, o que fará?

CATARINA
Não sei, ele sempre foi meu braço forte. Sinceramente, não saberia o que fazer se o perdesse também.

Catarina olha para o sol.

CATARINA
(continuando)
Já é meio-dia, vamos voltar. Precisamos comer alguma coisa.

5. INT. ARMAZÉM - DIA

Alguns HOMENS estão reunidos ao redor de um GUARDA GORDO com ares de fanfarrão.

Benjamim chega.

GUARDA GORDO
É isso mesmo. O chefe de polícia recebeu uma carta que diz que virão uns dez policiais de Santa Catarina para cá, e pede também a nossa ajuda para caçar o assassino.

HOMEM

Então, há mesmo um assassino nessas paragens?

GUARDA GORDO

Sim. E é um mameluco, mestiço de índio, muito perigoso. Diz a carta que matou o próprio avô, um rico fazendeiro.

HOMEM

Há! Se eu o pegasse, o mataria lentamente.

HOMEM 2

Eu também, o caçaria como a um animal selvagem.

HOMEM 3

Eu faria diferente, amarraria as mãos a um cavalo bravo e cutucaria o animal com um ferro em brasa.

Os homens riem.

HOMEM

E quando chegam os reforços?

GUARDA GORDO

Daqui a uns três dias, no mais tardar quatro.

Benjamim sai, em silêncio.

6. EXT. CABANA NA FLORESTA - DIA

Benjamim desce da charrete, e encontra Catarina e Samuel no pequeno

ESTÁBULO.

BENJAMIM

(dirigindo-se a Samuel)

Você é o mestiço que está sendo procurado por assassinato?

SAMUEL

Sou, Benjamim. É uma longa história, Catarina já sabe de tudo.

BENJAMIM

Não o condeno, rapaz. Acredito na sua inocência. Sei que se cometeu esse ato, teve fortes motivos para isso. Mas corre perigo se ficar aqui. Eu o aconselho a partir o mais rápido possível.

CATARINA

Mas por quê? O que houve?

BENJAMIM

Ouvi uma conversa no armazém. Os homens estão se mobilizando para caçar o que julgam ser um assassino, e estão vindo reforços de Santa Catarina para ajudá-los.

SAMUEL

Eles estão com sede de sangue, e eu sou o alvo perfeito para descontarem essa agressividade. Tenho que partir.

BEMJAMIM

Sim, mas deve esperar até a noite, é mais seguro. Se partir hoje terá uns três dias de vantagem sobre eles. Talvez chegue à fronteira antes de ser alcançado. Se conseguir, estará livre. Ninguém nunca mais colocará as mãos em você.

Eles olham para Catarina, debruçada no pescoço do cavalo.
Samuel segura seu ombro.
Ela vira-se e o abraça, sem importar com o avô.
Benjamim sai.

SAMUEL

Catarina, o que farei?

CATARINA

Deves ir, deves salvar-te.

SAMUEL

Daria dez anos da minha vida para que pudéssemos ficar juntos. Tenho duas alternativas. Se fico e os recebo a balas, na certa serei preso de novo e punido também pela fuga. Se fujo e consigo minha liberdade, fico longe de você, o que significa uma prisão talvez ainda pior.

7. INT. CABANA NA FLORESTA (SALA) - NOITE

Samuel, agitado, limpa a adaga e a prende ao cinto.
Catarina entrega-lhe um embornal com charque, pães e frutas.

CATARINA

Leves esse poncho, as noites ainda estão frias.

Catarina apanha a garrucha.

CATARINA

(continuando)

E isso também, pois podes precisar.

Samuel, agradecido, carrega a arma.
Catarina encosta-se no aparador da lareira.

SAMUEL

Eu tenho que ir. Já está escuro o suficiente.

Catarina assente com a cabeça.
Samuel toca seu rosto, aperta a carne do pescoço entre os dedos, fazendo com que abra os lábios.

SAMUEL

(continuando)

Não posso beijá-la, Catarina. Se o fizer, perco o pouco de coragem que tenho. Não é justo mostrar um banquete a um homem faminto, quando ele não pode provar. É melhor que permaneça com fome até poder me saciar à vontade.

Samuel sai.
Catarina encolhe-se no sofá. Em seguida, corre para a janela.

POV DE CATARINA

Ela o observa esmurrar um pinheiro e sair em disparada pela névoa.

VOLTA À CENA

Catarina chora. Em seguida, pega a garrafa e toma um grande gole de aguardente.

8. EXT. FLORESTA - NOITE

Samuel corre num ritmo cadenciado. Esconde-se ao ouvir um assobio agudo.

BENJAMIM (O.S.)

Samuel, sou eu, Benjamim. Quero lhe falar.

Samuel aparece.

Benjamim aproxima-se, com a ajuda de um cajado.

BENJAMIM

Sente-se um instante. Corri feito louco para alcançá-lo.

SAMUEL

Fale, meu amigo.

BENJAMIM

Pensei muito a tarde toda. Talvez tenha encontrado uma solução.

SAMUEL

Solução?

Benjamim conta-lhe o seu plano.

Samuel assente com a cabeça.

9. EXT. CABANA NA FLORESTA - NOITE

A porta está aberta.

Samuel entra.

10. INT. CABANA NA FLORESTA (SALA) - NOITE

Samuel não encontra Catarina na escuridão e sobe para o

QUARTO.

Catarina, deitada, vira-se ao ver o rapaz.

Samuel tira o embornal dos ombros e o joga ao chão.

SAMUEL

Não pude ir.

Catarina não diz nada, apenas levanta-se e caminha até o rapaz.

Samuel a abraça, enterrando o rosto em seus cabelos.

SAMUEL

Eu a amo, Catarina. Nós haveremos de dar um jeito nessa situação. O que não posso é me separar de você.

CATARINA

Me beijes.

Samuel a beija, libertando e contornando seus seios com os dedos.

CATARINA
Eu também te amo, Samuel. Faça amor comigo agora, o amanhã não importa.

SAMUEL
Tem certeza do que me pediu?

CATARINA
Tenho.

Samuel a leva para a cama.
Eles fazem amor e permanecem abraçados.

CATARINA
Nunca imaginei coisas assim.

SAMUEL
Nem aquele dia em que se aproveitou do meu sono e enfiou a mão pela minha roupa?

CATARINA
Estavas acordado o tempo todo?

SAMUEL
Estava sim.

CATARINA
E por que não me impediste?

SAMUEL
Estava muito bom o seu toque. As coisas se complicaram quando baixou demais as mãos. Naquele momento, se não a impedisse eu a amaria no tapete da sala. Não imagina os tormentos que me causou.

Samuel acaricia seus cabelos.

SAMUEL
(continuando)
Consegui fazer você feliz?

CATARINA
Viveria de novo toda a minha vida, todos os sofrimentos por esse único momento.

SAMUEL
Eu também. Todos os meus tormentos estão sepultados agora.

CATARINA
Mas o que farás? Ouviste Benjamim dizer que logo estarão no teu encalço.

SAMUEL
Amanhã falaremos disso. Ainda não estou saciado, e a quero de novo, com loucura.

CATARINA

Sem pressa agora. Hoje o tempo nos pertence, e nos pertencemos um ao outro.

11. INT. CABANA NA FLORESTA (QUARTO) - MANHÃ
Catarina acorda com as primeiras luzes da manhã penetrando pelas frestas da janela.
Samuel abre os olhos e a abraça.

SAMUEL
Fique mais um pouco.

CATARINA
Já está claro, e preciso alimentar as galinhas.

SAMUEL
Deixe que eu faço isso. Gostaria de, uma vez na vida, encontrar um café quente à minha espera depois das primeiras tarefas. Me prepara um?

Catarina sorri.

SAMUEL
Você é linda, minha Catarina. Casaria com um mestiço assassino?

CATARINA
Casar? Nós dois nos casarmos?

SAMUEL
Sim, nos casarmos.

CATARINA
Por Deus, nada no mundo me deixaria mais feliz. Casaria contigo agora. Mas bem sabes que seria impossível. Precisas ir embora, senão voltará novamente para a prisão. Eu não desejo isso. Te quero livre, mesmo que isso signifique nunca mais te ver.

SAMUEL
Só o que importa é que aceite o meu pedido. Benjamim me barrou o caminho ontem e conversamos muito. Temos um plano que tem tudo para dar certo.

CATARINA
Me contes, então.

SAMUEL
Não ainda, vamos cuidar das galinhas. Seu avô e protetor virá pela manhã, vamos esperá-lo.

Catarina faz uma prece de agradecimento.

12. INT. CABANA NA FLORESTA (COZINHA) - MANHÃ
Catarina acende o fogo e coloca água para ferver. Em seguida, arruma a mesa, corta fatias de charque e joga na banha que ferve na panela de ferro.

POV DE CATARINA

Da porta ela observa Samuel tratando das galinhas e Benjamim se aproximando a passo lento, auxiliado pelo cajado.

VOLTA À CENA

CATARINA
(pensando)

Graças a Deus ele vem, meu querido velho, meu amado avô.

13. EXT. CABANA NA FLORESTA - MANHÃ
Catarina vai ao encontro de Benjamim e o abraça.

CATARINA
Benjamim, que bom que veio. Estou curiosa para ouvir o plano que tens.
Samuel me disse que encontraram uma solução.

BENJAMIM
Paciência, Catarina. Mas não me lembro de a ver tão feliz nos últimos anos.

Catarina vira o rosto, embaraçada.

BENJAMIM
(continuando)
Não se envergonhe, minha neta. O amor é motivo de contentamento, nunca de vergonha.

Samuel chega.

SAMUEL
Bom dia, Benjamim.

BENJAMIM
Bom dia.

SAMUEL
Catarina está nervosa. Eu a pedi em casamento agora há pouco.

BANJAMIM
Fez muito bem, meu filho.

CATARINA
Vamos entrar e tomar um café fresco.

14. INT. CABANA NA FLORESTA (COZINHA) - MANHÃ
Eles sentam-se.

BENJAMIM
Catarina, me escute. Pensei muito a respeito dessa situação. Desde que vi Samuel, percebi que haveria entre vocês um relacionamento bastante íntimo devido às circunstâncias em que se conheceram. Dessa intimidade esperei que nasceria amor e não estava errado. Valeu a pena viver para ver chegar o dia em que você seria feliz.

Benjamim olha para o rapaz.

BENJAMIM

(continuando)

Quando fiquei sabendo dos problemas de Samuel, quase perdi as esperanças. A única solução é que ele saia do país rapidamente. Porém, ele me confessou o seu amor, e eu não dormi até chegar a uma conclusão.

CATARINA

E o que faremos, Benjamim?

BENJAMIM

Acontece que tenho um amigo que mora num sitio nos arredores da fronteira, e ele não me negará um favor. Quando nos separamos, ainda na juventude, eu vim para o Sul e ele se aventurou pelo Norte. Ficamos muito tempo sem qualquer contato, até que recebi uma carta com notícias dele. Joaquim possui terras em vários lugares, e eu tenho certeza de que dará trabalho a Samuel.

(dirigindo-se a Samuel)

Você entrará ilegalmente no país, é claro, mas nós poderemos segui-lo depois e entraremos conforme as leis da imigração. Nos tornaremos cidadãos argentinos.

(dirigindo-se a Catarina)

Samuel deve mudar de nome, conseguir documentos falsos e só aí procurará as autoridades para se legalizar.

CATARINA

Você faz tudo parecer tão simples, Benjamim. E como se consegue documentos falsos?

BENJAMIM

Isso é fácil quando se tem dinheiro. Joaquim conhece tanto o lado limpo como o sujo das autoridades. Samuel, sendo mestiço e criado em reservas indígenas, não possui nenhum documento além da certidão de nascimento. Mesmo que as autoridades brasileiras tenham o trabalho de o procurar na Argentina, coisa que não acredito que façam, ele apresentará os documentos falsos. O único meio de chegarem à sua verdadeira identidade seria por impressões digitais, mas ele não as tem registradas em lugar algum do mundo.

CATARINA

Parece um plano perfeito.

BENJAMIM

Sim, Catarina. Mas temos que vender a estância.

CATARINA

Não havia pensado nisso.

SAMUEL

Catarina, essa é uma sugestão. A estância lhe pertence, e você só fará o que achar que deve. Apenas pense que não haverá ninguém aqui para cuidar dela. Eu garanto nosso sustento.

BENJAMIM

Precisamos cortar todos os laços com o passado, começar uma nova vida em outro lugar e em outro país. Se vocês realmente se amam, essa é a única solução.

Catarina levanta-se e anda pela cozinha. Em seguida, volta e segura a mão de ambos.

CATARINA

Se essa é a única maneira de segurar junto de mim os únicos homens que amo no mundo, que assim seja.

Samuel sorri, satisfeito.

BENJAMIM

Muito bem. Então, Samuel deve partir ainda hoje. O tempo passa depressa, e quanto mais demorar, mais risco poderá correr.

15. INT. CABANA NA FLORESTA (COZINHA) - TARDE

Samuel, ao lado de Catarina e Benjamim, estuda os mapas expostos sobre a mesa.

CATARINA

Quanto tempo achas que levará para resolvermos tudo isso?

BENJAMIM

Alguns meses, Catarina. Tenham paciência, aguentem firme a distância. Se realmente se amam, saberão esperar e suportar a ausência um do outro. O amor e a distância lhes darão força e coragem para prosseguir.

CATARINA

Benjamim, vivo contigo desde que nasci e às vezes acho que nunca vou te conhecer.

BENJAMIM

Me conhece melhor do que ninguém, porque amo você como amei seu pai e sua avó.

Samuel dobra os mapas, veste o poncho de lã, pega o embornal, enfia a adaga num lado do cinto e a garrucha no outro.

BENJAMIM

Não se esqueça, Samuel. Permaneça na casa de Joaquim até nos encontrarmos. Não saia de lá, caso contrário o perderemos.

SAMUEL

Espero por uns dois meses. Se não tiver notícias, volto para ver o que aconteceu.

BENJAMIM

Creio que esse tempo será suficiente para a venda da estância, mas não se deixe levar pelo desespero e não cometa nenhuma loucura que possa estragar nossos planos.

SAMUEL

Nada farei para isso.

Benjamim sai.

SAMUEL

Já vou, Catarina.

Catarina analisa as unhas, tentando esconder as lágrimas.

CATARINA

Sim, não gosto de despedidas.

SAMUEL

Catarina, nunca se esqueça de que a amo. Na noite passada plantei um piá no seu ventre, para que ele faça companhia até que estejamos juntos de novo.

CATARINA

Um piá?

Samuel levanta seu queijo, beija seus lábios e a abraça.

SAMUEL

Sim, um filho do meu coração.

Samuel sai.

POV DE CATARINA

Ela o observa se distanciando.

VOLTA À CENA

Catarina, sorrindo, leva a mão ao ventre.

16. EXT. ESTÂNCIA - DIA

Catarina caminha, sozinha, pela estância até chegar à

VARANDA, ainda em ruínas, com as marcas provocadas pelo incêndio.

CATARINA

(pensando)

Paizinho, me perdoes. Sei que compreenderás minha necessidade de partir.

Catarina ajoelha-se e chora copiosamente, até que o choro se confunda com lágrimas de alegria.

Benjamim se aproxima e abraça a neta.

BENJAMIM

Vamos, minha neta. Temos que ir.

17. EXT. CASINHA DE TIJOLOS (VARANDA) - TARDE

Passam-se oito meses.

É início de inverno.

Catarina, sentada, observa o pequeno jardim, e os parreirais que circundam a propriedade. Recorda os acontecimentos desde a tarde fria da despedida de Samuel.

18. INT. ARMAZÉM - DIA

FLASH BACK

Diversos guardas estão reunidos.

Benjamim aproxima-se de Nicolau, que parece meio preguiçoso.

BENJAMIM

Alguma pista do assassino?

NICOLAU

Nada. Irei arquivar os autos e dar a busca como encerrada.

BENJAMIM

Como ele é mesmo?

Nicolau o encara.

NICOLAU

O mestiço não é nem baixo nem alto, nem gordo nem magro. É moreno, os cabelos são longos, e os olhos, não me lembro muito bem mas acho que negros. Até tínhamos uma foto dele, mas infelizmente a perdemos. Qualquer notícia de um homem assim por essas bandas, comuniquem ao chefe daqui, que ele entrará em contato comigo.

GUARDA

Ele tem os olhos azuis, senhor. Eu o conheço.

NICOLAU

Azuis? Nunca vi índio de olhos azuis.

GUARDA

Mas ele é mestiço.

NICOLAU

Que seja, soldado. Não me lembro a cor dos olhos.

Nicolau encara Benjamim e, sorrindo, afasta-se com os guardas.

19. INT. CABANA NA FLORESTA (SALA) - TARDE

FLASH BACK

Catarina recorda-se de Samuel.

SAMUEL

Catarina, nunca se esqueça de que a amo. Na noite passada plantei um piá no seu ventre, para que ele faça companhia até que estejamos juntos de novo.

CATARINA

Um piá?

Samuel levanta seu queijo, beija seus lábios e a abraça.

SAMUEL

Sim, um filho do meu coração.

20. EXT. CASA DE JOAQUIM - TARDE

FLASH BACK

Catarina e Benjamim chegam a cavalo, numa tarde quente e úmida.

POV DE BENJAMIM

Ele observa a casa, com um belo jardim e varandas em arco.

VOLTA À CENA

BENJAMIM

Deve ser essa a casa de Joaquim.

Um empregado aproxima-se e os convida para entrar.

21. INT. CASA DE JOAQUIM (SALA) - TARDE

FLASH BACK

Joaquim, senhor de cabeleira branca e bem vestido, estende os braços para o amigo.

JOAQUIM

Que bom vê-lo, meu amigo. Depois de tanto tempo.

BENJAMIM

Você está ótimo!

(dirigindo-se a Catarina)

Essa é minha neta, Catarina.

Joaquim beija sua mão.

JOAQUIM

Muito prazer.

Catarina, ansiosa, sorri com simpatia.

BENJAMIM

Onde está nosso amigo?

JOAQUIM

Meu empregado irá chamá-lo. O rapaz vive perambulando por aí como alma penada, sempre a mirar a estrada e contando os dias nos dedos.

Samuel entra e para em frente a Catarina.

SAMUEL

(gritando)

Catarina.

Catarina chora, silenciosamente.

Samuel a abraça e a beija como louco, sem se importar com os outros.

SAMUEL

Oh Deus! Achei que iria morrer.

CATARINA

Eu quase morri.

Joaquim leva o amigo para fora.

22. EXT. CASA DE JOAQUIM (VARANDA) - TARDE

FLASH BACK

Joaquim e Benjamim sentam-se.

JOAQUIM

Nunca vi amor maior, Benjamim. Deu-me até inveja. Samuel me contou como foi sua vida até se encontrarem nesse mundo de Deus.

BENJAMIM
Nunca se casou, Joaquim?

JOAQUIM
(sorrindo)
Não, prefiro as avulsas.

BENJAMIM
Pelo visto, está bem de vida.

JOAQUIM
Consegui juntar algumas coisinhas.

BENJAMIM
E entre essas coisinhas, por acaso tem um sitiozinho que possamos comprar?

JOAQUIM
Sim, tenho o lugar ideal onde o casal poderá viver em paz. Vendo-lhes por uma bagatela. Em vez de cuidar de gado, poderão cultivar uva e produzir um bom vinho. Quanto a você, será bem-vindo se quiser morar aqui.

BENJAMIM
Agradeço muito, meu amigo. Mas gostaria de morrer ao lado de minha neta e meu futuro bisneto.

JOAQUIM
Entendo.

BENJAMIM
E quanto aos documentos de Samuel?

JOAQUIM
Estarão prontos logo. Eu os levarei pessoalmente, porém não ficaram baratos. Esses homens são perigosos, só respeitam a lei do dinheiro.

BENJAMIM
São de confiança?

JOAQUIM
Se pagarem pelo serviço, podem confiar cegamente. Eles vivem disso e sabem que a discricão é a alma dos negócios.

Joaquim serve-lhe um copo de vinho.

JOAQUI
(continuando)
Aliás, Benjamim, você tinha razão. O Sul é uma região cheia de oportunidades.

Eles riem, satisfeitos.
Benjamim o abraça.

23. INT. CASA DE JOAQUIM (SALA) - TARDE
FLASH BACK
Samuel toca o ventre de Catarina.

SAMUEL

E o meu piá, como vai?

CATARINA

Como sabias? Logo no primeiro dia?

SAMUEL

**Eu sabia que faria um filho em você naquela noite. Senti lá dentro
minha semente.**

CATARINA

Eu te amo.

Eles se beijam.

24. EXT. CASINHA DE TIJOLOS (VARANDA) - TARDE

Catarina desperta com um chute do bebê.

Benjamim e Samuel aproximam-se, suados e felizes.

Catarina levanta com dificuldades, apoiando a mão na barriga, e caminha até o

TERREIRO.

Samuel a abraça.

Uma tênue neve começa a cair, branqueando a paisagem.

O jantar está quase pronto.

FIM

